

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

ELOI DOS SANTOS MAGALHÃES



Campina Grande
2013



“Balanços de Luz”:

devoção e experiência a bordo do *Barquinho Santa Cruz*

ELOI DOS SANTOS MAGALHÃES

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal de Campina Grande, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo de Azeredo Grünewald

Campina Grande

2013

“BALANÇOS DE LUZ”:
DEVOÇÃO E EXPERIÊNCIA A BORDO DO *BARQUINHO SANTA CRUZ*

Eloi dos Santos Magalhães

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo de Azeredo Grünewald

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal de Campina Grande, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Ciências Sociais.

Aprovada em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Rodrigo de Azeredo Grünewald
(Presidente/UFCG)

Examinadores:

Prof. Dr. Lemuel Dourado Guerra Sobrinho (UFCG)

Prof^a. Dr^a. Magnólia Gibson Cabral da Silva (UFCG)

Prof. Dr. Sergio Figueiredo Ferretti (UFMA)

Prof. Dr. Raymundo Heraldo Maués (UFPA)

Suplentes:

Prof. Dr. Ronaldo Laurentino de Sales Júnior (UFCG)

Prof. Dr. Estevão Martins Palitot (UFPB)

Para
Rozângela,
Marcela
e Bianca

AGRADECIMENTOS

Ao longo da travessia deste trabalho muitas pessoas contribuíram para a sua realização. Primeiro, é necessário afirmar que a concessão de bolsa REUNI/CAPES foi fundamental para as condições materiais de existência, possibilitando os primordiais deslocamentos para a capital do Acre. Agradeço ao orientador da tese, além de fonte de inspiração nos caminhos da antropologia é também um amigo e iniciador ayahuasqueiro. A todos da Igrejinha de São Francisco, minha família espiritual, desde o seu presidente, padrinho Chico, até o pequenino Miguel. Muito agradecido eu sou pelo carinho recebido da minha família do coração: Edmundo, Maria e Aninha. Em Rio Branco fiquei hospedado na casa de um amigo. Flávio, eu sou muito grato a você, meu amigão. Sou grato a Maciel Cover pela amizade e parceiro de caronas. Sou imensamente grato ao amigo de longa data Mário Rasec, seguimos firmes desde a monografia com muito rock 'n roll e poesia. Agradeço imensamente ao velho amigo Marcelo, parceiro pra toda hora. Recebi e recebo muito carinho da minha cachorrinha Liv, companheira das madrugadas no pé da cadeira, afinal, dezoito anos não são dezoito dias. Minha mãe, Rozângela, e minha irmã, Marcela, foram muito especiais durante todo esse percurso. Obrigado por tudo. Amo vocês. E para minha Pequena, Bianca, todo o meu amor e agradecimento pelo apoio, compreensão e dedicação.



Mestre Daniel, o fundador da Capelinha de São Francisco.

Assim no barco assentados
Cana do leme sacudida em vento
Então com vela tensa, pelo mar
Fomos até o término do dia.

Ezra Pound

RESUMO

Esta pesquisa enfoca a forma de religiosidade de devoção praticada no “Centro Espírita e Culto de Oração ‘Casa de Jesus – Fonte de Luz’”, localizado na cidade amazônica de Rio Branco (Acre), examinando seu significado associado ao fluxo das experiências de seus adeptos, desde o fundador do culto. Assim, a abordagem do fenômeno religioso situa a trajetória social do “líder carismático” em conexão com o processo histórico de formação do estado do Acre, culminando com a análise da “revelação” de sua “Missão”. O processo de institucionalização do culto é investigado à medida que se apresentam as relações associativas desenvolvidas e os aspectos de redes de relações articuladas. A parte final do trabalho consiste numa etnografia das cerimônias religiosas e dos atos de devoção pertinentes.

Palavras-chave: religiosidade, devoção, catolicismo popular, ayahuasca, Amazônia.

ABSTRACT

This research focuses the form of religious devotion practiced in the Centro Espírita e Culto de Oração “Casa De Jesus – Fonte de luz”, situated in the amazonian town of Rio Branco (Acre), examining its meaning associated to the flow of experiences by its followers, including the cult leader. Thus, the approach of the religious phenomenon shows the social trajectory of the “charismatic leader” in connection to the historic process of Acre state settlement, culminating with the analysis of the “revelation” of his Mission. The process of the cult institutionalization is investigated following the relations developed and web aspects for articulated relationships. The final part consists of religious ceremonies ethnography and relevant devotion acts.

Key words: religiosity; devotion; popular catholicism; ayahuasca; Amazônia.

RESUMÉ

Cette recherche montre la forme de religiosité de dévotion pratiquée dans Le Centro Espírita e Culto de Oração “Casa De Jesus – Fonte de luz”, localisé à Rio Branco, Acre, une ville dans l’Amazonie au Brésil, et examine ses significations associées au flux des expériences par ses adeptes, le fondateur du culte y compris. Ainsi, l’approche du phénomène religieux situe le trajet social du “leader charismatique” en connexion avec le procès historique de formation de l’état du Acre, culminant avec l’analyse de “révélation” de sa Mission. Le procès d’intitucionalization du culte est investigué à mesure que se présentent les relations associatives développées et les aspects de réseau des relations articulées. La partie finale du travail consiste d’une ethnographie des cérémonies religieuses et des acts de dévotion pertinentes.

Mots clefs: religiosité; dévotion; catholicism populaire; ayahuasca; Amazonie.

LISTA DE FOTOS

Foto 1: Mapa dos limites do Brasil com a Bolívia, 1903.	39
Foto 2: Irmandade surgida em torno de Raimundo Irineu Serra no início da doutrina na Vila Ivonete, início da década de 1940.	70
Foto 3: Audiência de colonos e seringueiros com Guiomard dos Santos, Governador do Território.....	74
Foto 4: San Francisco abraçando a Cristo em La cruz, Bartolomé Esteban Murillo.	79
Foto 5: “Página musical” do Livro Azul.	88
Foto 6: Nota de material para construção da Capela de São Francisco.....	100
Foto 7: Fachada da primeira capela em alvenaria, 1958.	101
Foto 8: Fachada da Igrejinha em construção, 1959.	113
Foto 9: Movimento das despesas para a construção da Capela de São Francisco despesas gerais feitas nas ordens dos trabalhos, 1959.....	114
Foto 10: Irmandade em frente à Igrejinha de São Francisco, início da década de 1960.	118
Foto 11: Trabalho do dia 04 de Outubro de 1972, entrega da Romaria de São Francisco. Ao fundo o Governador Francisco Wanderley Dantas ladeado por correligionários.	120
Fotos 12: Casas geminadas no formato de cruz com a Irmandade reunida, década de 1960.	121
Foto 13: Detalhe da foto anterior focalizando os músicos da Casa.....	121
Foto 14: Os músicos do Centro Espírita e Culto de Oração “Casa de Jesus – Fonte de Luz” no coreto do Salão do Bailado, década de 1970.	122
Foto 15: Panorama do complexo arquitetônico do C. E. C. O. “Casa de Jesus – Fonte de Luz, segunda metade da década de 1970.	123
Foto 16: Coreto no Parque.....	129
Foto 17: Irmãos aos pés do Santo Cruzeiro realizando atos devocionais.....	130
Foto 18: Visão frontal da Igrejinha de São Francisco.	132
Foto 19: Interior da Igrejinha.....	133
Foto 20: Mesa de formato de cruz diante do Altar.	135
Foto 21: Irmão diante da Mesa em ato de devoção.	136
Foto 22: Irmão Aldo (in memorian) distribuindo a Santa Luz, ou seja, o Daime.	137
Foto 23: Irmão Aladim em ato de continência devocional diante	

do túmulo dos Freis.	138
Foto 24: Oratório na sala do túmulo.	138
Foto 25: Irmãos da Casa diante do Altar realizando suas preces.	140
Foto 26: Visão geral do Altar.	141
Foto 27: Salão de Obras de Caridade.	142
Foto 28: Gabinete n.6º do Caboclo Boiadeiro.	143
Foto 29: Conceição fardada com sua filha.	148
Foto 30: Conceição atendendo o irmão Evandro no gabinete.	149
Foto 31: Conceição cantando pontos no coreto da Colônia São Francisco durante o retiro espiritual, 2010.	150
Foto 32: O oficial fardado Adílson cantando Salmo, tendo o presidente Francisco ao pé da Mesa.	153
Foto 33: Adílson cantando e tocando violão no Coreto, junto de Mikael no acordeom e Bastião no contrabaixo.	153
Foto 34: O etnógrafo em frente ao Altar.	154
Foto 35: Irmã Fanca realizando a defumação antes da sessão.	161
Foto 36: Irmão Nelson diante do Cruzeiro.	162
Foto 37: Irmãos diante do Altar realizando seus atos de devoção, cabendo notar o toque do irmão Campanaro em uma das mãos da imagem de São Francisco das Chagas.	162
Foto 38: A(s) filas para receber a Santa Luz.	163
Foto 39: Visão da(s) fila(s) do interior da sala de distribuição da Santa Luz.	164
Foto 40: Vista do etnógrafo no decurso das sessões.	164
Foto 41: Músicos em atividade durante um trabalho oficial.	165
Foto 42: Músicos em atividade no Coreto no decorrer de um bailado.	166
Foto 43: Batismo de eguns no Altar.	172
Foto 44: Irmão Jaime Neto (in memorian) com fardamento azul.	174
Foto 45: Cortinas Azuis.	174
Foto 46: Aparelhos recebendo seus respectivos guias diante do Altar.	177
Foto 47: Clientes aguardando na antessala do Salão de Obras de Caridade.	179
Foto 48: Panorama do Salão de Obras de Caridade.	179
Foto 49: Atendimento no gabinete do Pai Joaquim.	183
Foto 50: Grupo de irmãos junto ao presidente diante de sua residência, o Castelo Azulado. Todos com fardamento branco.	184
Foto 51: Cortinas brancas.	185

Foto 52: Capelinha de São Francisco no cemitério São João Batista.....	189
Foto 53: Cruzeiro e Parque do Bailado existentes na Colônia São Francisco.....	190
Foto 54: Vista da Capela na Colônia São Francisco.....	191
Foto 55: Irmão Adilson num instante particular de devotamento em frente ao Altar.....	191
Foto 56: Grupo de irmãs momentos antes da concentração.....	192
Foto 57: Caminhada com as crianças e seus pais.....	193
Foto 58: Detalhe de corte transversal do cipó utilizado no feitio do Daime.....	195
Foto 59: Irmão Nemo carregando seu feixe de cipó.....	196
Foto 60: Turma do cipó após a busca.....	197
Foto61: Folhas colhidas pela turma das mulheres pra o feitio.....	198
Foto 62: Panelão com Daime durante o seu feitio.....	198
Foto 63: Arranjo de imagem, crucifixo, castiçal com velas e um pequeno cálice com Daime representando a mesa da Eucaristia.....	201
Foto 64: Irmandade reunida para a ceia.....	202
Foto 65: De joelhos os irmãos e irmãs agradecem o pão de cada dia após a ceia.....	203
Foto 66: Apresentação das crianças em homenagem ao nascimento do menino de Jesus...203	
Foto 67: Cortinas roxas.....	204
Foto 68: Andor de São Francisco sobre a Mesa.....	207
Foto 69: Início de caminhada da Romaria de São Sebastião.....	207
Foto 70: Caminhada da Romaria de São Sebastião.....	208
Foto 71: Caminhada da Romaria de São Sebastião. Presidente de mãos dadas com crianças à Frente das filas de homens e mulheres.....	208
Foto 72: Momento em que os irmãos depositam as velas numa caixa antes de embarcarem na igreja para a sessão.....	209
Foto 73: O embarque dos soldados dos exércitos de Jesus.....	209
Foto 74: Presidente de pé no momento da entrega do trabalho.....	212
Foto 75: Forma de devoção significativa dos irmãos que para o Altar dirigem-se depois da sessão.....	212
Foto 76: Caminha da Romaria com o andor de São Sebastião.....	215
Foto 77: Detalhe dos três estandartes.....	215
Foto 78: Andor de São Sebastião sobre a Mesa.....	215
Foto 79: Página musical do Livro Azul.....	217
Foto 80: Irmandade saindo em fila a caminho do Salão do Bailado.....	218
Foto 81: Irmandade em fila. Vista da igreja para o Salão do Bailado.....	219

Foto 82: A Irmandade adentrando no Salão do Bailando. À frente está a madrinha Maria Leopoldina e o irmão João de Deus, o mais antigo Oficial Fardado da Casa.....	220
Foto 83: Ponto de erê.....	222
Foto 84: Irmãos bailando com as entidades de luz.....	223
Foto 85: Ponto de preto-velho.....	224
Foto 86: Pontos de caboclo.....	225
Foto 87: Ponto de caboclo.....	225

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: LEVANTAR ÂNCORA	16
1- O fenômeno observado e investimentos teóricos	18
2- Um “argonauta” no Barquinho: instrumentos de bordo	25
3- A “carta náutica” da pesquisa.....	30
CAPÍTULO I: “EU VI O ACRE NASCER”	32
1. As primeiras paredes	33
2. A Rio Branco de Daniel.....	42
2.1 De maranhense a acreano	45
CAPÍTULO II: DO LIVRO AZUL	66
1. O poeta boêmio toca seu violino com fé	66
2. A Missão de Luz.....	76
CAPÍTULO III: ESTA CASINHA É UM CULTO DE ORAÇÃO	90
1. A bordo do Barquinho Santa Cruz.....	90
2. Firmes no Barquinho	115
CAPÍTULO IV: A IGREJINHA DE SÃO FRANCISCO	127
1. A Casa de Mestre Daniel	127
2. Meu fardamento é a fé: os devotos de São Francisco das Chagas	144
2.1. “Deus me deu uma casinha”: Conceição	147
2.2. “O trabalho flui com música”: Adílson	150
2.3. “Em cima daquela coroa de cristal contemplando o mar”: Antônio Faustino.....	154
CAPÍTULO V: SEGUIMOS TODOS NO BARQUINHO	158
1. Os trabalhos no mês ritual	166
1.1 Quarta-feira.....	166
1.2 Sábado.....	173

1.3 Quinta-feira.....	183
1.4 O dia “27”.....	184
2. Outros trabalhos.....	189
2.1 In memorian.....	189
2.2 Retiro Espiritual.....	190
2.3 A Busca do Daime para o feitio da Santa Luz.....	193
3. Um calendário de devoções.....	198
3.1 Feliz natal, meus irmãos.....	199
3.2 Dias Grandes de Semana Santa.....	203
3.3 Em Santas Romarias.....	205
3.3.1 “Cumprindo a Romaria de Mártir São Sebastião”.....	206
CONSIDERAÇÕES FINAIS: APORTANDO O BARCO.....	227
BIBLIOGRAFIA.....	230
ANEXOS.....	247

Introdução

Levantar âncora

Em uma variedade de contextos sociais e históricos específicos, notamos que inúmeras capelas e suas respectivas irmandades surgiram no Brasil em virtude da devoção a um determinado santo. A Capelinha de São Francisco, erigida por Daniel Pereira de Mattos, no ano de 1945, em Rio Branco, capital do Acre, caracterizou-se pela utilização do chá denominado de Daime no desenvolvimento de uma forma de religiosidade particular. De fato, sua própria constituição deriva da experiência ritual do seu fundador com essa bebida.

Trata-se, assim, de uma tradição religiosa referenciada no âmbito das “religiões ayahuasqueiras¹” (Goulart, 2004), definidas desse modo por conta do uso ritual do chá “ayahuasca”, denominação corrente entre seus adeptos e pesquisadores. Refiro-me em especial às formas de religiosidade organizadas historicamente no contexto urbano de cidades amazônicas brasileiras que investem na preparação desse chá², obtido a partir da decocção³ que reúne partes maceradas do cipó *Banisteriopsis caapi* com folhas do arbusto *Psychotria viridis*, resultando numa bebida de propriedade psicoativa⁴.

¹ Conforme Goulart, esse termo “expressa o modo como estes cultos religiosos são reconhecidos, seja por eles mesmos ou por outros. A noção aparece ainda nos primeiros trabalhos sobre estas religiões, mesmo que definida ou utilizada de forma tênue e indiretamente, para depois se consolidar como uma referência conceitual neste campo de estudos” (2004: 8).

² Além do grupo de seguidores de Daniel Pereira de Mattos (Mestre Daniel), faço alusão à “Doutrina do Santo Daime”, iniciada na década de 1930, em Rio Branco, Acre, pelo maranhense Raimundo Irineu Serra (Mestre Irineu) (Goulart, 1996); e ao grupo de discípulos do baiano Jose Gabriel da Costa (Mestre Gabriel), que, criou a “União do Vegetal”, em 1961, num seringal boliviano limítrofe com o Brasil, próximo do estado de Rondônia (Brissac, 1999).

³ No processo de preparo de chás a partir da decocção as partes das plantas são fervidas junto com a água por alguns minutos para extrair os seus princípios ativos.

⁴ Mercante (2012) faz uma análise profunda acerca da “neurofisiologia da ayahuasca”.

Traduzido como “cipó dos espíritos”, ayahuasca é o nome quíchua dessa bebida, também chamada, por exemplo, de *natem*, *caapi*, *raminó*, *kamarampi*, *pildé*, *yagé*, *nixi pae*, de acordo, enfim, com os lugares e grupos que a utilizam. Vale mencionar que, desde tempos imemoriais, este preparado tem sido produzido de diversas maneiras, com diferentes plantas e para diversas finalidades, por populações indígenas habitantes do ecúmeno amazônico, tanto no Brasil quanto no Peru, Bolívia, Colômbia, Equador e Venezuela⁵. É importante ainda salientar a presença nessa extensa região geográfica de “sessões de ayahuasca” (“xamanismo de *ayahuasca*”, “ritos do *yagé*”) praticadas por “vegetalistas ribeirinhos” (Taussig, 1993; Jahnel de Araujo 1998; Luna, 2002).

À vista disso, é sugestiva aqui a observação feita por Luis Eduardo Luna de que

na fronteira do estado do Acre com o Peru e a Bolívia, e do estado de Rondônia com a Bolívia, vários tipos de vegetalismo teriam um papel importante na configuração de organizações religiosas que fazem uso de ayahuasca e naquelas em que confluíram também outros elementos religiosos (catolicismo popular, kardecismo, umbanda, candomblé, centros esotéricos de meditação etc.) (ibid: 181).

A partir da distribuição geográfica das práticas de beber ayahuasca aludidas no trecho acima, tomo a direção do Acre no sentido de focalizar a constituição e reprodução da Capelinha de São Francisco que Frei Daniel fundou na capital Rio Branco. Assim sendo, realizo um estudo sobre a religiosidade de devoção praticada pelo grupo de adeptos regulares associados ao culto correspondente, instituído como *Centro Espírita e Culto de Oração “Casa de Jesus – Fonte de Luz”*, buscando mostrar o processamento de experiências formativas e transformativas dos atores sociais dispostos – desde o fundador – na produção de significados e atos significativos que expressam uma perspectiva de mundo e interpretação da vida.

⁵ Essas informações estão disponíveis na relevante coletânea de artigos organizada por Labate & Araújo (2002).

1- O fenômeno observado e investimentos teóricos

Seguindo o argumento refletido por James Clifford (2002: 63) de que “a escrita etnográfica é alegórica tanto no nível de seu conteúdo (o que ela diz sobre as culturas e suas histórias) quanto no de sua forma (as implicações de seu modo de textualização)”, proponho como mote de abordagem crítica⁶ e esquadramento analítico do fenômeno religioso em questão o relato de campo do antropólogo maranhense Manuel Nunes Pereira que aparece no final do verbete “*Caapi*” (“o Iagé ou Aiuasca”), contido em seu “Decameron Indígena”:

Durante o período de 1962 – 1963, em que estivemos no Estado do Acre, visitamos na *Vila Ivonete*, a poucos quilômetros da cidade do Rio Branco, um *terreiro*, centro de estranho sincretismo religioso, com uma igreja cujo orago é São Francisco de Canindé. Mas ali, ao lado de outros santos, cultuam a *Aiuasca*, sob a denominação de *Santo Dá-me*, porque tudo obtêm desse vegetal em favores materiais e espirituais. Documentamos uma procissão da agremiação, que ali atua, com um filme colorido, de oito milímetros e fotos, também. Com outras observações, recolhidas noutros terreiros, onde utilizam *Aiuasca*, nos limites do Brasil com a Bolívia e o Peru, acreditamos poder publicar um estudo de real interesse sobre o uso desse estupefaciente. (Pereira, 1980: 412).

Durante suas viagens pela Amazônia, Nunes Pereira repetidas vezes encontrou pessoas que haviam experimentado o *caapi*, que, então, descreviam para ele, conforme o grau de instrução de cada uma delas, “as sensações que a droga ingerida (em quantidade variável e em circunstâncias diversas) lhes dera” (ibid: 411). Assim, interessado, num primeiro momento, no fluxo para os recônditos amazônicos de maranhenses procedentes da “Casa das Minas”, pretendia ele apresentar em pesquisa “aspectos pouco conhecidos ou mal interpretados do emprego do caapi, iagé, aiahuasca no campo das tradições e práticas religiosas” (ibid).

As experiências comunicadas de frequentadores de “terreiros” orientavam, portanto, o citado pesquisador para onde podia encontrá-los em suas práticas. Por exemplo, em 3 de

⁶ Emprego “crítica”, aqui, no seu sentido mais amplo: “não a crítica no sentido negativo, mas a crítica como o conjunto dos procedimentos pelos quais outras tradições são abordadas tanto pelo que elas podem contribuir quanto pelo que elas podem inibir” (Johnson, 2004: 10).

Junho de 1961, o periódico “A Gazeta”, de São Paulo, trazia um aceno de que havia duas “Huascas” (e “bem acreanas”) em Rio Branco, a do Irineu e a do Daniel (este na época já falecido), dois maranhenses que para lá migraram⁷. Cabe antecipar a indicação de que Daniel foi adepto da “Huasca” do Irineu, afamada como *Santo Daime*, que ali existia desde, aproximadamente, 1930. Enfim, Nunes Pereira visitou, no início da década de 1960, o “terreiro” então existente na Vila Ivonete, presidido na época por Antônio Geraldo, discípulo do seu fundador, Daniel Pereira de Mattos. Como salientei, sua referida nota etnográfica a respeito oferece um registro alegórico que permite alinhar o exercício teórico que desenvolvo ao longo do estudo que ora apresento sobre o mesmo culto da “*Aiuasca*”.

O espaço de culto dos seguidores de Daniel consolidou-se numa “igrejinha”, em que São Francisco, combinado a outras devoções, aparecia como santo de devoção central. Ao criar o próprio espaço concretizado no “modelo cultural⁸” da capela/igreja o fundador e seus discípulos definiram o “estilo” do grupo fraternal. Desse modo, a partir de uma ação religiosa dedicada a um santo especial⁹, constituiu-se uma associação duradoura de pessoas para o cumprimento de compromissos devocionais conjugados a serviços de caridade, com o propósito principal de assistência às *almas*. Então, a devoção aos santos demarca a identidade dessa associação religiosa¹⁰, construída, assim, na prática coletiva de produção e motivação da vivência religiosa. Fundamentado em Weber (2009) e em Simmel (1964), podemos chamar aqui devoção um estado emocional particular projetado em formas específicas de culto a santos católicos, protagonistas do surgimento de novas associações religiosas.

⁷ Disponível em: <http://www.abarquilha.org.br/sys/index.php?option=content&task=view&id=54&Itemid=56>>

⁸ “Conceito-chave” utilizado por Le Goff, que assim afirmou: “Estou interessado, sobretudo, nos modelos que a mim pareceram difundir-se no conjunto da sociedade, os ‘modelos comuns’” (2007: 185).

⁹ No caso em tela, São Francisco (Francesco Bernardone), que nasceu no ano de 1181 ou 1182, em Assis, Itália. Em 04 de Outubro de 1226, morre Francisco no convento de Porciúncula, “enquanto os frades cantam o salmo 141” (Willeke, 1973: 16). Sobre ele, Le Goff escreveu: “Meio religioso, meio leigo, nas cidades em pleno desenvolvimento, nas estradas e no retiro solitário, no florescimento da civilização urbana combinado com uma nova prática da pobreza, da humildade e da palavra, à margem da Igreja, mas sem cair na heresia, revoltado sem nihilismo, ativo naquele ponto mais fervilhante da cristandade, a Itália central, entre Roma e a solidão de Alverne, Francisco desempenhou um papel decisivo no impulso das novas ordens mendicantes difundindo um apostolado voltado para a nova sociedade cristã, e enriqueceu a espiritualidade com uma dimensão ecológica que fez dele o criador de um sentimento medieval da natureza expresso na religião, na literatura e na arte. Modelo de um novo tipo de santidade centrado sobre Cristo a ponto de se identificar com ele como o primeiro homem a receber os estigmas, Francisco foi uma das personagens mais impressionantes de seu tempo e, até hoje, da história medieval” (2007: 9).

¹⁰ Sobre devoção e identidade ver Oliveira, 2006.

Enfocando a devoção e solidariedade entre as “irmandades do Rosário” existentes em Minas Gerais nos séculos XVIII e XIX, Borges (2005) mostrou que “diversos grupos de leigos – orientados ou não por religiosos – construíram associações religiosas que se organizaram em torno de um orago da sua preferência” (: 59). As relações associativas concernentes apoiavam-se no modelo das organizações fraternais de diferentes configurações conhecidas como irmandades, confrarias e ordem terceiras. De acordo com situações específicas, as irmandades caracterizavam-se tanto pela manutenção do culto a um determinado santo de devoção quanto por se dedicarem a “obras de caridade voltadas para seus próprios membros ou para pessoas carentes não associadas” (Reis, 1999: 49). Como já foi indicada em nota, a origem dessas associações religiosas remonta à ordem composta pelos seguidores de São Francisco.

Acredito poder relacionar a forma da religiosidade da Capelinha de São Francisco ao modelo das irmandades que se distinguem pela ênfase no culto dos santos de devoção¹¹. Nesse sentido, é proveitosa a proposição de “modelos de organização social” desenvolvida por Fredrik Barth,

de modo que um modelo pode ser feito para produzir uma série de diferentes formas. Assim, por uma série de operações lógicas, as formas podem ser geradas, estas formas podem ser comparadas com as formas empíricas de sistemas sociais, e onde não existe correspondência na características formais entre os dois, a forma empírica pode, então, ser caracterizada como uma consteção particular de variáveis no modelo (1981: 32)¹².

E, daí, associados de maneira constante, os participantes do culto constituíram uma irmandade franciscana, não como difusão de uma devoção atribuída à respectiva ordem religiosa, mas a partir do significado intencional do seu fundador na criação de uma organização social e normativa “de símbolos e ideias, uma estrutura instrucional” (Turner, 2008a: 224). Tomo como característica fundamental acerca da formação de associações religiosas, conforme Weber, “a adaptação de um círculo especial de pessoas ao exercício

¹¹ Em pesquisa sobre a “Casa das Minas do Maranhão”, Ferretti (2009) lembrou também que, “os grupos de culto afro-brasileiros que têm sido estudados desde fins do século XIX tomaram, provavelmente, como modelos de organização instituições aqui existentes, como irmandades católicas, a Maçonaria e estruturas africanas semelhantes” (: 229).

¹² O trecho citado é do original em inglês e foi traduzido por mim.

regular de culto, vinculado a determinadas normas, a determinados tempos e lugares” (2009: 295). Assim, esta pesquisa permite analisar a expressão de um tipo de “comunalização religiosa” (Weber, *ibid*), como ainda compreender o “*habitus* religioso” (Bourdieu, 2007) gerado conforme as demandas das relações associativas e das práticas devocionais.

Importa salientar na nota etnográfica de Nunes Pereira a sua referência dada acerca da “procedência” do São Francisco cultuado naquele “terreiro” em Rio Branco, Acre, isto é, “de Canindé”. O intenso fluxo migratório de nordestinos, desde fins do século XIX, contribuiu para a afluência de práticas da tradição católica para a Amazônia brasileira. O estado do Ceará destaca-se como aquele que mais forneceu migrantes essa região, onde buscavam, basicamente, trabalho em seringais. Muitos desses cearenses eram devotos de São Francisco, participantes da romaria ao santo dedicada na cidade de Canindé, “um santo ‘nordestino’ cujos ecos da devoção chegaram à Amazônia” (Maués, 2011: 17). Nunes Pereira fez, portanto, uma interessante observação ao estabelecer o vínculo devocional entre o santo homenageado e o relevante fluxo migratório em questão.

A Igrejinha de São Francisco alia-se às formas do “catolicismo popular brasileiro”, autônomo em relação às autoridades eclesiásticas e centrado no culto aos santos (Steil, 2001). Uma referência importante para os estudos do catolicismo popular no Norte do país é o estudo de Galvão (1976) intitulado “Santos e Visagens”, no qual faz uma descrição do processo de formação e manifestação no Baixo Amazonas da “religião cabocla”, uma forma de catolicismo característico da Amazônia brasileira. Contribuições mais recentes sobre o “catolicismo popular de populações amazônicas tradicionais” são os estudos produzidos por Maués (2009; 2011), que abordam, especificamente, o fenômeno no litoral do estado do Pará.

Retomando o registro de Nunes Pereira sobre a irmandade religiosa focalizada nesta pesquisa, interessa sublinhar a seguinte apreciação enfática: “centro de estranho sincretismo”. O sincretismo religioso, segundo Ferreti (2007: 106), “embora não se restrinja ao campo da religião, abrangendo também toda a cultura, tem sido mais debatido no âmbito da religião. Todas as religiões são sincréticas, são frutos de contatos culturais múltiplos”.

Araújo (1999), que realizou pesquisa no mesmo “centro” aqui enfocado, afirmou que a base doutrinária do respectivo culto é cristã, com a “participação efetiva na construção dessa religião” de elementos da “umbanda”, do “Círculo Esotérico da Comunhão de Pensamento” e do “xamanismo indígena”. Para ele, os rituais ali realizados “marcam profundamente o reencontro de tradições europeias, indígenas e africanas” (*ibid*: 249).

Tendo feito um estudo em outro “centro” vinculado ao culto fundado por Daniel Pereira de Mattos, Mercante (2012) afirma tratar-se de um “sistema religioso sincrético” baseado em “três correntes espirituais”, uma “combinação e recombinação das matrizes cristã, africana e ameríndia originais”.

O *mito de três matrizes culturais* parece constituir-se num “obstáculo epistemológico¹³” frequente na abordagem do fenômeno religioso objeto desta pesquisa, firmando-se como argumento científico estabelecido. Em 1979, ao revisitar sua experiência na “capela de São Francisco de Canindé”, Nunes Pereira assim descreveu com mais pormenores:

Certas definições do culto dessa planta sacralizada, a ayahuasca ou caapi, não bastam a uma identificação positiva do culto, em que se misturam a fitolatria, o espiritismo e o esoterismo, com lábaros nas demonstrações externas, nas quais aparecem corações estilizados e de impressionante colorido, com inscrições à entrada principal e da cerca enquadrando a capela e a casa do presidente, tais FONTE DE LUZ, AMOR, PAZ, UNIÃO, e até mesmo nos braços de uma Cruz, à direita do portão principal (Pereira, 1979: 140).

Na igreja observada por Nunes Pereira Estava em jogo, portanto, a “mistura” de tradições culturais. Mas, então, que características específicas o “sincretismo” (ou a “mestiçagem”) assumia e assume nas práticas realizadas na Igreja de São Francisco?

Penso que Daniel Pereira de Mattos mobilizou uma forma de religiosidade caracterizada por determinado padrão destacado e que exhibe um conjunto de “tradições de conhecimento¹⁴” que tendem a persistirem ao longo do tempo (Barth: 2000a). Como sugeriu Weber (2009: 280), “a ação religiosa ou magicamente motivada (...) orienta-se pelas regras da experiência”. Nesse sentido, a configuração religiosa do culto praticado na Igreja de São

¹³ Segundo Bachelard (1999), “um obstáculo epistemológico se incrusta no conhecimento não questionado. Hábitos intelectuais que foram úteis e sadios podem, com o tempo, entrar a pesquisa. Bergson diz com justeza: ‘Nosso espírito tem a tendência irresistível de considerar como mais clara a ideia que costuma utilizar com frequência’. A ideia ganha assim uma clareza intrínseca abusiva. Com o uso, as ideias se *valorizam* indevidamente. Um valor em si opõe-se à circulação dos valores. É fator de inércia para o espírito. Às vezes, uma ideia dominante polariza todo o espírito” (: 12).

¹⁴ Acompanhando Barth, “tenho procurado ver a cultura como conhecimento, pensá-la como conhecimento, em vez de, mais genericamente, como cultura” (2000b: 217).

Francisco foi produzida a partir da “inspiração criativa¹⁵” de seu agente mobilizador – o fundador –, cuja trajetória social correspondia a uma “constelação particular de experiências, conhecimentos e orientações desse ator” (Barth, *ibid*: 128).

Logo, procuro não estabelecer pressuposições definidas acerca da construção de um sistema religioso “mantendo o mito das três raças como referencia cultural” (Steil, 2001: 14). Tal modelo teórico escamoteia as dinâmicas históricas de processos sociais e das interpretações de eventos pelos indivíduos, pois resulta em presumir continuidades ao postular heranças culturais generalizadas, como bem lembraram Mintz & Price (2003). Em meu exercício compreensivo volto-me para a identificação das “misturas”, ou melhor, dos “processos de mestiçagem” Gruzinski (2001) que ocorreram na formação e manutenção do *Culto de Oração* instituído por Daniel Pereira de Mattos, mostrando as características mais gerais e difundidas das principais “correntes culturais” presentes na região¹⁶.

Vale ainda evocar outra assertiva levantada na “alegoria etnográfica” que venho explorando no dimensionamento das opções teóricas cá aproveitadas, a saber, “que ali, ao lado de outros santos, cultuam a Aiuasca, sob a denominação de Santo Dá-me, porque tudo obtêm desse vegetal em favores materiais e espirituais”. Pois bem, em contextos variados da grande região amazônica, a “ayahuasca” é reconhecida historicamente, como fonte de conhecimento (Taussig, 1993; Luna, 2002). O Daime comungado na Igreja de São Francisco pelos seus devotos desponta como uma *Santa Luz* que orienta um conhecimento “desperto” para a condução da própria vida mediante atos devocionais. Com a regularidade da participação no culto apresenta-se o “êxtase” como meio de “salvação” mediante *mistérios*.

Recupero como instrumento de compreensão da experiência ritual a ideia de “estado de ânimo” refletida por Weber (2009), de modo a abordar o empoderamento envolvido e perceber nesse investimento emocional a transmissão de um “saber prático”. À luz das produções analíticas de Turner (1986) e Csordas (2008), com este estudo intento dar acesso às experiências tornadas significativas no processo de vinculação de adeptos a essa associação

¹⁵ Segundo Turner (2008b), A imaginação criativa, a inventividade ou a inspiração genuína vão além da imaginação espacial ou de qualquer habilidade para formar metáforas. Não necessariamente associam imagens visuais com determinados conceitos e proporções. A imaginação criativa é muito mais rica do que as imagens; ela não consiste na habilidade de evocar impressões sensoriais e não se restringe a preencher as lacunas do mapa oferecido pela percepção as lacunas do mapa oferecido pela percepção. É chamada de “criativa” porque consiste na habilidade de criar conceitos e sistemas conceituais que podem não encontrar nenhum correspondente nos sentidos (embora possam encontrar algum correspondente na realidade), e também porque suscita ideias não convencionais (: 45).

¹⁶ Ver Barth, *op. cit.*

religiosa, em função da apreensão da experiência do sagrado vivida no culto e das experiências particulares dos atores sociais aplicadas nesse contexto de engajamento.

Para mais, estando atento ao problema que envolve o uso dos termos “ritual” e “religião” (Goody, 2012) e aos caminhos pelos quais as religiões são historicamente construídas (Asad, 1983), acredito com este estudo poder oferecer contribuições para sociólogos e antropólogos que investigam a ação religiosa. Por religião não concebo uma *coisa* e nem penso que se requeira uma solução para a questão (simbólica) da sua essência¹⁷, muito menos que se necessite de uma definição, inevitavelmente, geral e vaga do que é “religião”. Nesse sentido, Georg Simmel, em fins do século XIX, já discutia a dissipação de tais formulações e assumia um ponto de vista processual:

A religião, como realidade anímica, também não é uma coisa pronta, uma substância sólida, mas sim um processo vivo que, apesar de toda a estabilidade dos conteúdos legados, cada alma e cada instante mesmos precisam produzir; justamente nessa exigência de colocar o que está religiosamente dado no fluxo contínuo do sentimento, cujos movimentos devem ser constantemente reformulados, do mesmo modo como as gotas d’água, em constante movimento, ainda assim produzem a imagem fixa do arco-íris – nisso reside a força e a profundidade da religião (Simmel, 2006: 125).

Trata-se de um empenho de abordagem em que o fenômeno religioso encontra-se inserido no contexto das relações sociais tanto em termos subjetivos, referente a individualidades, como na forma objetiva manifestada pela organização das comunidades religiosas. Segundo o autor citado, perante formas que as relações dos indivíduos acolhem entre si e que podem admitir conteúdos diversos existe uma forma de interação social possível que se pode denominar “religiosa”. Diante disso, cabe enfatizar que “diferentes tipos de prática e discurso são intrínsecos ao campo que as representações religiosas (como qualquer representação) adquirem sua identidade e sua veracidade” (Asad, 2010). Ora, “é preciso pensar relacionalmente” (Bourdieu, 2011a: 28). Procuro, pois, discernir a “religião” como uma concatenação de processos, pessoas e história (Taylor, 1995).

¹⁷ Como elucidou Appiah (2008: 163), “o simbolismo, com efeito, é uma característica de todas as grandes ocasiões cerimoniais de qualquer cultura; e a presença do simbolismo no cerimonial religioso decorre de sua natureza de cerimonial, e não de sua natureza religiosa”.

Para produzir este estudo sobre uma religiosidade de devoção praticada no contexto amazônico de Rio Branco, capital do estado do Acre, foi importante considerar os percursos indicados pelos chamados “estudos de comunidade”, principalmente em suas abordagens de “bairros rurais”, da “religião popular” e das “relações patrono-cliente” (Candido, 2001; Queiroz, 1968; Brandão, 2007; Zaluar, 1983). Combinadas a tais contribuições analíticas, servi-me daquelas oferecidas nos trabalhos de “história cultural”, notadamente elaborados por Burke (2004; 2010) e Ginzburg (2006; 2010).

2- Um “argonauta” no *Barquinho*: instrumentos de bordo

A proposta inicial do estudo que ora apresento era a de realizar uma investigação comparativa dos diferentes “centros” ou “casas” que se vinculam à *Missão* fundada por Daniel Pereira de Mattos. Assim, da unidade na promoção do culto a São Francisco e dedicado à caridade eu buscava perceber dimensões de variação e as diferenças entre os respectivos rituais. Por fim, decidi centrar meu interesse de pesquisa, com a autorização de seu presidente, no Centro Espírita e Culto de Oração “Casa de Jesus – Fonte de Luz”, uma vez que me sentia particularmente atraído pela “performance musical” dessa irmandade. Importa relevar que se trata do mesmo espaço onde o fundador edificou a primeira Capelinha de São Francisco.

Cabe assinalar, pois, que existem no Acre ligados à “Missão de Mestre Daniel”, isto é, que seguem a doutrina por ele revelada, além daquele aqui enfocado¹⁸, as seguintes “Casas de Mestre Daniel”: Centro Espírita Fé, Luz, Amor e Caridade, fundado pelo Maria Baiana e Juarez, em 1967; Centro Espírita Daniel Pereira de Matos, fundado por Antônio Geraldo, em 1980¹⁹; Centro Espírita Obras de Caridade Príncipe Espadarte, fundado Francisca Gabriel, em

¹⁸ Araújo (1999) fez trabalho de campo no Centro Espírita e Culto de Oração “Casa de Jesus – Fonte de Luz” e seu objetivo principal concentrou-se em “uma análise simbólica do espaço”.

¹⁹ Foi objeto de estudo de Paskoali (2002), que resultou em dissertação de mestrado na qual enfocou o processo de cura como condutor da formação da identidade do grupo.

1991²⁰; Centro Espírita Santo Inácio de Loyola, fundado por Antônio Inácio da Conceição, em 1994; e Centro Espírita de Obras de Caridade Raios de Luz Nossa Senhora Aparecida, fundado por José do Carmo, em 1996 (Araújo, 1999; Goulart, 2004; Mercante, 2012).

Em fins da década de 1990, ações rituais regulares vinculadas ao Centro Espírita e Culto de Oração “Casa de Jesus – Fonte de Luz” estabeleceram-se no estado de Rondônia, na cidade de Ji-Paraná, e na capital do estado do Rio de Janeiro. Atualmente, a Casa de Mestre Daniel de Ji-Paraná, dirigida por Fernando, segue independente. No Rio de Janeiro, persiste a ligação de um grupo de adeptos com a matriz. Contudo, recentemente, um de seus membros constituiu de forma autônoma nessa mesma cidade outra Casa de Mestre Daniel, denominada Centro Espírita e Casa de Oração Barquinho de Luz. Em concomitância com a sede no Rio de Janeiro surgiu a sua filial em Campina Grande, Paraíba.

Na rotina das pesquisas acadêmicas, da mídia e de interessados permanentes e eventuais a denominação de “Barquinha” tornou-se conhecida para identificá-la entre as “religiões ayahuasqueiras”. Segundo Antônio Geraldo Filho, presidente atual do Centro Espírita Daniel Pereira de Matos, a contribuição para o efeito de tal “classificação social” (Bourdieu, 2011b) apareceu da seguinte maneira, quando iniciaram as atividades de continuidade do cumprimento do compromisso religioso:

Foi quando nós fizemos um parquezinho de... cercado de madeira e tal, assim de ripa, e ficou exatamente num formato de um barco. Daí foi que nasceu realmente... começou a ser destacado a Barquinha, a partir daí... Porque o nosso centro... de bailado, ficou exatamente um barco mesmo, com proa e tudo. Tinha um... Silvio Martinello, que era jornalista, e ele sempre dizia, dava um alô pra prefeitura: - Olha, seu prefeito, manda tapar os buraco lá na rua da Barquinha. E assim foi divulgando. Ele ouvia também os hinário, falava muito de barco e tal, o barquinho. E aí foi se destacando. As pessoas que vinha de fora, via o barco: - Vamo lá na Barquinha. Daí então começou a ser destacado Barquinha²¹.

²⁰ Mercante (2012) realizou pesquisa junto a essa associação religiosa, refletindo sobre qual o papel da “atividade imaginativa mental espontânea” de pessoas em tratamento de saúde durante as experiências rituais. Há uma igreja vinculada ao Centro Espírita Obras de Caridade Príncipe Espadarte na cidade do Rio de Janeiro. Tal grupo religioso foi objeto de estudo de Albuquerque (2008), no qual procurou “refletir a respeito do processo de construção de uma religiosidade específica acionada nesse espaço social e vivenciada individualmente por seus membros” (: 12). Ao estudar “a divinização de escravos nos ritos contemporâneos em que se cultuam os pretos-velhos”, Souza (2006) também pesquisou este “espaço sagrado”, dentre outros enfocados no mesmo estudo.

²¹ Tal designação insere-se como um “caso particular das lutas das classificações” (Bourdieu, 2011b: 113), visto que tem sido questionada e negada pelo “porta-voz autorizado” (Bourdieu, 1996a) do Centro Espírita e Culto de Oração “Casa de Jesus – Fonte de Luz”.

A “metáfora ritual” do barco entre os seguidores da *Missão de Mestre Daniel* tem um sentido escatológico, apresentando um tipo de “polarização” (Turner, 2008b). No visível, a igreja configura-se como um “barco” para seus adeptos, onde realizam atos devocionais em homenagem ao fundador do cristianismo, Jesus Cristo, trilhando um “caminho de salvação” (Weber, 2009). No *invisível*, o “barco”, com a tripulação de adeptos, viaja rumo aos pés do “Salvador” mediante os *compromissos* efetivados pela prática religiosa dos seus “navegantes”. Por ora, menciono que essa imagem soteriológica liga-se à experiência particular do marinheiro Daniel Pereira de Mattos, lembrando também que a “barca” assoma entre os “símbolos cristãos primitivos” (Daniélou, 1993).

Ao ter escolhido aquela associação religiosa como *locus* de estudo etnográfico busquei logo seguir o calendário das sessões. Entrava na fila dos homens e recebia o *Daime* para, então, embarcar na igreja em busca dos imponderáveis da experiência de *viajar*. Assim, produzia meu “diário de bordo”, levando a efeito, portanto, investimentos em modos interativos à luz da etnografia (Malinowski, 1978; Evans-Pritchard, 2005; Clifford, 1999). Participando das sessões no Centro Espírita e Culto de Oração “Casa de Jesus – Fonte de Luz” eu cantava e ouvia os hinos que orientam o culto, eminentemente musical.

Direcionei meu interesse de análise para o fenômeno devocional que se encontra inscrito tanto em sua arquitetura quanto nas práticas e corpos de seus adeptos, constituindo-se como chave de compreensão fundamental da tradição religiosa construída. A definição do objeto de estudo foi provocada por música, mediante enunciação da primeira estrofe do hino que abre os *trabalhos oficiais* da Missão de Mestre Daniel:

Eu estou firme no culto santo
Que tenho por devoção
Deus abençoe as minhas preces
Da alma ao coração

Sabendo, pois, o que observar mediante as condições teóricas de um saber animado por inflexões teóricas elegidas e testadas na análise do que efetivamente ali encontrava em termos de atos de devoção, procurei singrar os meandros dessa investigação empírica exercitando os atos de “olhar” e de “ouvir”, para, então, reelaborar minha “experiência etnográfica” colocada à prova no ato de “escrever”, ora, de apresentar uma descrição (científica) do fenômeno cultural em tela (Oliveira, 1998; Clifford, 2002).

Faço notar, então, que na pesquisa antropológica “devemos nos perguntar sobre o que está lá, sabendo que usamos a nós mesmos para descobri-lo” Barth (2000b: 211), posto “que o que se traz de campo depende muito daquilo que se levou para ele” (Evans-Pritchard, 2005: 244). À vista disso, Comaroff & Comaroff (2010: 12) enfatizam que a etnografia “trata-se de um modo historicamente situado de compreensão de contextos historicamente situados, cada um com seus próprios – e talvez radicalmente distintos – tipos de sujeitos e subjetividades, objetos e objetividades”.

Compreendo a importância crucial do apoio de “indivíduos-chaves” de qualquer grupo que estamos estudando (Whyte, 2005), com a ressalva de que “assim como nós, os nativos também não têm todos a mesma opinião, e alguns são bem mais informados que os demais” (Evans-Pritchard, 2005), uma vez que cada pessoa está “posicionada” (Barth: 2000a). Ao tomar parte na vida religiosa e no cotidiano do Centro Espírita e Culto de Oração “Casa de Jesus – Fonte de Luz” percebia em tal “situação etnográfica²²” (Oliveira, 2003) sujeitos especialmente representativos, sobretudo o presidente dessa associação religiosa, seu “porta-voz autorizado²³”, como interlocutores com os quais eu negociaria a construção deste

²² Com a ideia de situação etnográfica “objetiva-se chamar atenção para as condições concretas de realização da pesquisa antropológica, buscando apreender os padrões de interação e as mútuas percepções e expectativas que caracterizaram o encontro entre o pesquisador e os pesquisados, o que significa proceder a uma etnografia da situação de pesquisa, recuperando o etnógrafo e a sua etnografia em uma dimensão real respectivamente de ator e de ação social, afastando-se de construções naturalizantes e elaboradas *a posteriori* sobre uma relação entre dois personagens idealizados e inexistentes – um ‘coletor’ (de dados e relatos) e um ‘informante’ (um ser passivo que apenas reage, de maneira pontual e quase automática, às perguntas formuladas)” (ibid: 160).

²³ Como demonstrou Bourdieu (1996a: 87), o poder das palavras é apenas o poder delegado do porta-voz cujas palavras (quer dizer, de maneira indissociável, a matéria de seu discurso e sua maneira de falar) constituem no máximo um testemunho, um testemunho entre outros da garantia de delegação de que ele está investido. (...). Pode-se dizer que a linguagem, na melhor das hipóteses, representa tal autoridade, manifestando-a e simbolizando-a. Há uma retórica característica de todos os discursos institucionais, que dizer, da fala oficial do porta-voz autorizado que se exprime em situação solene, e que dispõe de uma autoridade cujos limites coincidem com a delegação da instituição. As características estilísticas da linguagem dos sacerdotes e professores e, de modo mais geral, dos quadros de quaisquer instituições, tais como a rotinização, a estereotipagem e a

estudo²⁴. Aprendia a comportar-me com eles conforme a consideração de uma “etiqueta” de apresentação de impressões diante da irmandade (Berreman, 1975), e, daí, também aprendendo como perguntar no esteio da aquisição de uma “competência metacomunicativa” (Briggs, 1986).

Como faculdades interdependentes, o “olhar” e o “ouvir” corresponderam a expedientes que insuflaram a percepção do fenômeno religioso focalizado. O material de campo submetido à análise teórica incidiu sobre uma série de minhas participações em cerimônias e encontros com adeptos do culto, consistindo de envolvimento ativos em várias “situações sociais” (Gluckman, 1987)²⁵. Necessariamente produtos de uma abstração, como apontou Bourdieu (2011a), os resultados da observação direta alcançados incluíram entrevistas, fotos e, obviamente, a produção de cadernos de notas, com destaque para os registros sistemáticos das atividades religiosas propriamente ditas. Considerando as reflexões de Martins (2002) sobre uma “imaginação fotográfica²⁶”, a produção de imagens fotográficas investida por mim aparece articulada de forma a participar da construção das inferências analíticas presentes na configuração do texto que corporifica este estudo.

No título desta pesquisa faço uso de um “símbolo musical” (Blacking, 2007) de apelo sinestésico²⁷: “Balanços de Luz²⁸”. Inspirado no refrão de um *salmo* que

neutralização, derivam da posição ocupada num campo de concorrência por esses depositários de uma autoridade delegada”.

²⁴ Tendo viajado três vezes ao campo, localizado em Rio Branco, capital do estado do Acre, pude obter os dados etnográficos para a elaboração desta tese de doutorado. O trabalho de campo ocorreu entre os dias 19 de Dezembro de 2009 e 02 de Maio de 2010; do dia 15 de Dezembro de 2010 a 27 de Janeiro de 2011; e por último, no período de 08 de Dezembro de 2011 a 09 de Janeiro de 2012.

²⁵ Entendida em seu modo mais estrito, como sintetizou Oliveira (1988) acerca da noção refletida por Gluckman (1987), a “situação social” reporta-se a “um repertório de atores relacionados por determinadas ações e eventos” (: 41).

²⁶ Para esse autor, “a *imaginação fotográfica* envolve um *modo de produção de imagens fotográficas*, a composição e a perspectiva, o apelo a recursos técnicos para escolher e definir a profundidade de campo, enfim um modo de construir a fotografia, de juntar no espaço fotográfico o que da fotografia deve fazer parte e o modo como deve fazer parte. O chamado “congelamento” do instante fotográfico é, na verdade, a redução das desencontradas temporalidades contidas nos diferentes componentes da composição fotográfica a um único e peculiar tempo, o *tempo da fotografia*” (ibid: 224).

²⁷ Segundo Caznok (2008: 113), “do grego *syn*, reunião, ação conjunto + *aísthesis*, sensação, a sinestesia é definida com a mistura espontânea de sensações. É considerada um fenômeno perceptivo pelo qual as equivalências, os cruzamentos e as integrações sensoriais se expressam”.

integra o repertório de cantos devocionais da Igrejinha de São Francisco evoco o “estado de ânimo” dos participantes do culto. De fato, o ensejo emocional alcançado durante as práticas religiosas realizadas no Centro Espírita e Culto de Oração “Casa de Jesus – Fonte de Luz” conta com o ensejo fundamental da música²⁹. Logo, parte relevante de minha aplicação como etnógrafo consistiu em compreender a prática musical dessa irmandade religiosa como uma força ativa na formação de ideias e na orientação da vida.

Por fim, lembro que uma condição básica para a realização do meu trabalho de campo era não gravar os hinos, pois são mantidos em “segredo” e guardam *mistérios*, sendo somente executados em ações rituais programadas. Reconhecendo as injunções do ofício do sociólogo (Bourdieu, 2011a), essa ocultação consciente e voluntária não deve ser vista como um entrave ou impasse para o desenvolvimento de pesquisas entre a comunidade religiosa, mas como um aspecto constitutivo que caracteriza a maneira pela qual gerenciam o conhecimento sagrado (Barth, 2000c), notando que imposições circunstanciais incorrem em desrespeito ao modo de conceber esse conhecimento recíproco (Simmel, 2009).

3- A “carta náutica” da pesquisa

Orientada por procedimentos e escolhas teóricas relacionadas com a realidade pesquisada, apresentarei agora uma tradução da experiência de campo para a forma textual organizada em cinco capítulos.

No primeiro Capítulo I, busco apresentar uma compreensão histórica que liga a trajetória social de Daniel Pereira de Mattos, o fundador da Igrejinha de São Francisco, aos seus deslocamentos e inserções em diferentes espaços sociais. Enfim, o intuito é apreender a sua individualização expondo os cursos de ação escolhidos, e, mais tarde, enredado à própria história de formação do campo social considerado.

²⁸ O salmo em questão denomina-se: SANTO SALMO DE ALEGRIA, N.º 83, do Livro Azul, Hinário do Mestre Daniel.

²⁹ Vale assinalar que em sua “sociologia das religiões” Weber sublinhava a importância da “música como meio de êxtase, exorcismo ou magia” (2010: 67).

No segundo Capítulo II, apresento o fenômeno da revelação da doutrina religiosa recebida por Daniel na imagem de um *Livro Azul* e como do *Livro Azul* ele projetou um novo culto e religiosidade de devoção. Mostro também o encontro de nossa personagem histórico com a ayahuasca associado ao processo transformativo por ele vivido. Além disso, situo Daniel no espaço de relações de poder negociadas naquela época na capital Rio Branco.

No “Capítulo III” desponta a problematização acerca do surgimento da comunidade religiosa como produto da “rotinização do carisma” de seu fundador. Assim, apresento o processo de institucionalização do fenômeno religioso correlato ao modelo de organização particular, investigando o modo pelo qual seus seguidores, encontrando-se associados numa ação comunitária permanente, asseguraram a continuidade da “revelação”. E, assim, perceber como padrões de significado foram historicamente transmitidos, desenvolvidos e incrementados mediante a sistematização dos compromissos religiosos peculiares.

No “Capítulo IV”, conduzo o “leitor-tripulante” pelos lugares praticados (Certeau, 1008) da Igrejinha de São Francisco que se singularizam por operações manifestadas pelos atos devocionais dos seus membros. Num segundo momento do capítulo, ao reconhecer a utilidade analítica da variação, convoco para a investigação três atores sociais que movimentam aquele cenário religioso dimensionando representatividade de seus *habitus* individuais como recurso de identificação das características compartilhadas mais amplamente.

Por último, o Capítulo V é dedicado à descrição etnográfica das ações rituais e cerimônias que integram as práticas religiosas do Centro Espírita e Culto de Oração ‘Casa de Jesus – Fonte de Luz’ e constituem eventos fundamentais para o cumprimento dos atos de devoção edificados.

Nas considerações finais, retomo as discussões abordadas e teço reflexões sobre a religiosidade de devoção enfocada.

Por essa forma, tendo levantado âncora, é hora de fazer-se ao mar em viagem...

Capítulo I

“Eu vi o Acre nascer”

Homem feitos em todos os rigores
Da natureza ou do trabalho insano,
Destemidos, audazes peleadores,
Ei-los em quatro paus transpondo o oceano...

Farias Gama

Georg Simmel já dizia que “tudo o que o homem manifesta de particular é representativo da totalidade” (2011: 33). Nessa perspectiva, a relação necessária entre a vida de Daniel Pereira de Mattos – o fundador do culto de devoção dedicado a São Francisco – e o contexto histórico em que se situava constitui a “unidade de compreensão³⁰” considerada na parte primeira deste capítulo. Ou seja, trata-se da consideração sociológica da experiência do ator social Daniel Pereira de Mattos em relação com a história de um campo social em seu conjunto (Bourdieu, 2011c).

Saliento que não se trata aqui de elaborar uma “narrativa histórica” ou de estudar uma “trajetória”. Ora, “nada é mais enganador do que a ilusão retrospectiva que revela o conjunto dos traços de uma vida” (Bourdieu, 2009: 91). Importa neste estudo perceber a configuração que Daniel formava em sua interdependência com outras figuras sociais de seu tempo³¹. Dessa maneira, como afirma Bourdieu,

³⁰ Segundo Simmel, “um conteúdo só pode ser considerado histórico se estiver situado no tempo e formar com os outros conteúdos uma unidade de compreensão” (2011: 14).

³¹ Para Elias, a vida social é compreensível fundamentalmente a partir do conceito de “figuração”, ou seja, “uma estrutura de pessoas mutuamente orientadas e dependentes” (1990: 249). Neste capítulo, inspiro-me explicitamente na obra do citado autor intitulada “Mozart: sociologia de um gênio” (1995).

não podemos compreender uma trajetória (isto é, o envelhecimento social que, embora o acompanhe de forma inevitável, é independente do envelhecimento biológico) sem que tenhamos previamente construído os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou e, logo, o conjunto das relações objetivas que uniram o agente considerado – pelos menos em certo número de estados pertinentes – ao conjunto das relações objetivas que uniram o agente considerado – pelo menos em certo número de estados pertinentes – ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo campo e confrontados com o mesmo espaço dos possíveis (1996b: 190).

Para tanto, tomarei como chave de análise proposto o material etnográfico encontrado em determinado trecho de carta remetida pelo “plebeo” Daniel Pereira de Mattos, em 1956, ao Major José Guiomard dos Santos, Deputado Federal pelo Território do Acre, cuja epígrafe enuncia “Dados Biográficos do meu viver aqui neste território”³²:

A primeira viagem que fiz ao Acre (...) foi em 195 [1905]. Era eu marinheiro da Marinha de Guerra Brasileira. Viemos traser batalhões em Defesa a terra que hoje piso [...] E, depois de três viagens que viemos aqui tive uma licença de 2 anos; a qual vim Para cá [...] e para melhor falar fis a penúltima viagem Até a Jeruzalem e por toda Europa [...] De volta dessa linda viagem de instrução, Recebir – Baixa na Capital do Pará [...] Seguir ou rumei para esta terra. E desde o dia 7 de Abril de 197 [1907?] que fiz Minha moradia aqui com praser e amor como se fosse na terra que me viu nascer. “O Maranhão” Excia. A falar em ser veterano eu sou um que conheço desde a pedra Ou tijôlo que foi colocado nas primeiras paredes deste Castelo Místico e de riquezas invejadas [...] Eu vi o Acre nascer [...] Eu trabalhei pessoalmente com Cel Plácido de Castro e com Cel Daniel Ferreira, com José Ferreira, muito lutei em viagens perigosas com o Cel Alexandrino – e por ultimo trabalhei com José Galdino [...] conheço com firmeza desde a primeira trinxeira Ao perigo penultimo – porto Alonço que hoje É porto Acre – Basta que eu diga para V. Excia – Assisto e conheço o Acre a 51 anos Tenho aqui a minha mocidade registrada e Bem selada com o selo do Patriotismo e do Amor a terra – graças a Deus, graças a Deus. Excia tudo o que escrevo é uma pura verdade. Testifico lhe com sagrado nome de Deus – Todo poderoso. [...] Do plebeo Daniel Mattos.

1- As “primeiras paredes”

Tendo como destinatário uma destacada figura política do Acre da época, com a qual estabelecia relações de amizade há vários anos, a narrativa autobiográfica feita por Daniel, seu “relato de bordo”, expõe um esquadrinhamento de suas atividades e posições sociais ocupadas. Procura, então, enunciar a legitimidade de um “veterano” que conhecia as

³² MATTOS, Daniel. [Carta] 1 maio 1956b, 5 f., f. 2-3. Rio Branco [Acre] [para] Deputado José Guiomard dos Santos, Rio Branco. Citado em Oliveira, 2002: 66. Não tive acesso ao documento em sua totalidade.

fundações do Acre, onde já vivia há cinquenta e um anos, e, assim, tão emocionalmente ligado àquele lugar quanto à terra de sua origem, o Maranhão.

Integrante de tripulação que trazia “batalhões em Defesa” da região do Acre, o marinheiro da Marinha de Guerra Brasileira, Daniel Pereira de Mattos, lá esteve pela primeira vez no ano de 1905. O deslocamento de flotilhas para aquela determinada região amazônica explicava-se por disputas de territórios fronteiriços, desde o limiar do século XIX, entre Brasil, Bolívia e Peru³³. Depois de três viagens que fizera junto de outros marinheiros para aquele mesmo destino, Daniel decidiu fixar moradia em Rio Branco, Acre, em Abril de 1907, justificando que tal interregno de dois anos consistiu apenas numa “licença” do registro de sua mocidade nesse território.

Conforme Bandeira (2000), a ocupação da região acreana

tomou impulso após a grande seca que, em 1877, assolou o Nordeste brasileiro, particularmente o Ceará, e os proprietários de seringais passaram a recrutar mais e mais retirantes, como força de trabalho disponível, para os empregar na extração da borracha, matéria-prima, cujo consumo pelas indústrias nos E.U.A e na Europa, em virtude da técnica da vulcanização, aumentava rapidamente, tornando-a uma das principais fontes de divisas do Brasil, dado que a *Hevea brasiliensis* apenas existia nas selvas da Amazônia (: 152).

Com a crescente demanda internacional por borracha as cidades de Manaus e Belém transformaram-se em grandes centros do comércio exterior do Brasil. A navegação a vapor pela grande bacia do Amazonas permitiu a circulação de pessoas e mercadorias, além da conexão com o exterior, movimentando, assim,

as expectativas das elites do Pará e do Amazonas – identificadas com os ideais liberais e com a crença no progresso e orgulhosas da prodiga natureza amazônica – e os interesses de europeus e americanos, preocupados em garantir o acesso a um bem de produção prioritário para as mais sofisticadas indústrias da época e também em viabilizar o escoamento de vastos estoques de bens industriais (Daou, 2004: 8).

³³ Não caberia aqui uma análise exaustiva das situações de conflito e das fases do processo de resolução da questão de fronteiras com os países vizinhos referidos, sendo proveitoso o esforço de compreensão das relações estabelecidas entre agentes determinados situados em contextos sócio-históricos específicos. A unidade processual dessas ações litigiosas ficou conhecida como a “Questão do Acre” (Andrade & Limoeiro, 2003).

Enquanto brasileiros, bolivianos e peruanos trabalhavam nos seringais e avultavam os tratados e as controversas fronteiras territoriais na região acreana, a intensa navegação pelos rios e o movimento dos portos de Belém e Manaus expressava a dinâmica do mercado mundial da borracha, incrementando a economia da “belle epoque amazônica³⁴”. Contudo, sendo o ponto extremo da rede (fluvial) de distribuição de produtos fundamentada nos negócios da borracha, os seringais não estavam isolados nos recônditos amazônicos, pois

participavam do amplo mundo dos negócios não apenas por fornecerem borracha, mas por serem regulamente abastecidos com gêneros alimentícios, bens de consumo e os poucos instrumentos de trabalho utilizados pelos seringueiros (Daou, 2004: 62).

No ano de 1898, a iniciativa da Bolívia de instalar um posto aduaneiro em *Puerto Alonso*, Rio Acre, gerou imediata reação dos proprietários de seringais ali existentes, “brasileiros, na sua quase totalidade, os habitantes do Acre” (Tocantins, 1979: 279). Acerca da série complexa de acontecimentos daí decorrentes, vejamos um dado artigo de Alberto Moreira³⁵, que na época era redator do “Commercio do Amazonas”:

A REFORMA, 1º. de janeiro de 1927

A NOVA QUESTÃO DO ACRE

A minha interferência nos assumptos que dizem respeito aos limites com a Bolivia, na região do Acre, datam do momento em que no Amazonas appareceu o Sr. Ministro Paravicini, querendo estabelecer de accordo com o nosso governo, as alfândegas bolivianas em Porto Alonso, em frente a Caquetá. Era eu então redactor principal do Comercio do Amazonas e Luiz Galvez, o proclamador do Estado Independente o Acre, seu repórter. Sabendo em entrevista que tive com esse diplomata boliviano, que elle ia como delegado da Bolivia, ao Territorio Das

³⁴ Sobre a “belle epoque amazônica” ver Daou, 2004.

³⁵ O artigo foi publicado em quatro partes no periódico “A Reforma”: 1º de janeiro de 1927; 9 de janeiro; 16 de janeiro e 23 de janeiro. O jornal “A Reforma” foi fundado na Vila Seabra, atual Tarauacá, localidade que servia de sede ao então Departamento do Tarauacá – uma das divisões administrativas do antigo território federal do Acre. Sua publicação teve início em 12 de maio de 1918 e encerrou-se em 25 de novembro de 1934.

Colonias estabelecer um posto aduaneiro na fronteira da Bolívia em Caquetá, no rio Acre, ponto até ali sob domínio do Amazonas, incluindo no município de Antimary, dei o alarme e iniciei a campanha que terminou com o tratado de Petrópolis, assignado pelo grande chanceller Rio Branco. A mim, como a todos os brasileiros, repugnava entregar ao domínio da Bolívia um território que havia sido explorado, dominado e habitado por brasileiros, embora a letra de tratados feitos em épocas remotas, desse o domínio desse território ao paiz vizinho. (...). José Ramalho, na época, governador do Amazonas, apellou para o governo federal, mas Dionysio de Cerqueira, então ministro do exterior, exigiu que se cumprisse o tratado e se permittisse á Bolívia estabelecer o seu posto aduaneiro, no seringal Caquetá, de Joaquim Victor, no logar denominado Puerto Alonso. E assim se fez, ficando a alfândega boliviana sob a chefia de Santivanez até que em 1º. De maio de 1898, um grupo de brasileiros por inspiração própria operou o primeiro levante contra o dominio boliviano, fazendo regressar a Manáos a comitiva que sob a chefia de Paravicini, alli representava a soberania de paiz vizinho. A minha campanha contra o domínio boliviano tomava incremento e a revolta que havia feito regressar vencida a missão Paravicini, serviu de incentivo a que se organizasse em Manáos a expedição de Galvez, sob minha exclusiva direcção, sendo o manifesto impresso no meu jornal, então espalhado por todo o Acre, da lavra de Frau Paxeco, hoje cônsul portuguez do Pará, segundo creio. O dinheiro foi fornecido pela casa commercial de Hildebrando Antony e não excedeu o custo dessa expedição a somma de oitenta contos. Foi Luiz Galvez, repórter do meu jornal, o escolhido para esta Missão, sendo o manifesto assignado por elle e subscripto por outro hespanhol – Ezequiel Primo, ido em sua companhia. A resolução encontrou entusiastica acolhida por toda a parte e só não se manteve por ter José Ramalho, inseguro no governo do Estado, de que se havia apossado por um embuste feito a Fileto Pires, se mancomunado com Sr. Comandante Armando Burlamarqui, hoje deputado federal e então commandante de um aviso fluvial do Amazonas e ter este, contra as intrucções federaes que lhe mandavam impedir organização de Hibusteiros ao território nacional, prendido Galvez, trazendo-o para o Pará, de onde seguiu doente para o estrangeiro. Novas insurreições romperam posteriormente até que Placido de Castro, auxiliado por Silverio Nery, já então no governo do Amazonas, fez-me partir para esta capital e aqui foram sem numero ás vezes que directamente eu procurei convencer o Sr. Olyntho de Magalhães da necessidade de auxiliar os acreanos. (...).

No fluxo da economia informacional da borracha a notícia de um contrato em curso entre Bolívia e uma companhia anglo-americana (o *Bolivian Syndicate*) acerca do arrendamento do Acre insuflou o acirramento das tensões e conflitos na região. Insatisfeitos com os prejuízos decorrentes da aduana boliviana na região (e com o próprio reconhecimento de sua instalação pelo Governo brasileiro), seringalistas do Acre, comerciantes de Manaus, além do governador do Amazonas (Ramalho Junior), mobilizaram a dissolução do controle boliviano naquela região: a “Expedição de Galvez” (Tocantins, 1973).

Uma “Junta Revolucionária” foi constituída, e, na data de 14 de julho de 1899³⁶, Luiz Galvez, aventureiro espanhol e também jornalista do “Commercio do Amazonas”, tornou-se o

³⁶ Segundo Tocantins, o dia deve ter sido escolha pessoal de Luiz Galvez. A grande data dos franceses inspirava-lhe a ideia de libertação do solo acreano

proclamador do Estado Independente o Acre e, então, seu presidente. O mesmo jornal garantiu o manifesto impresso da “Junta Revolucionaria”, então espalhado por todo o Acre. Contudo, tal resolução, a “República de Galvez”, foi desmembrada, em Março de 1900, haja vista os “mancomunados” políticos e o resolutivo posicionamento do governo federal—representado pela diplomacia do ministro do exterior e atividade de avisos-de-guerra da Marinha do Brasil enviada ao Acre — pelo “reestabelecimento” da soberania boliviana e “pacificação dos revoltosos” do Acre, visto que se tratava de um território em litígio.

Mas, os empreendimentos de acordos diplomáticos e negócios alfandegários não chegavam a resoluções duradouras³⁷. E novas insurreições romperam posteriormente. E o clamor público em Manaus e as missivas de Rui Barbosa em “A Imprensa”, no Rio de Janeiro, contribuía para a tensão do conflito. A “questão do Acre” era o assunto que empolgava nos cafés, casas de divertimento e espaços públicos dessas cidades, acém de Belém. Em fins de 1900, a iniciativa armada da “Expedição dos Poetas” foi repelida pelo exército boliviano para o ponto de sua partida, Manaus.

Entretanto,

conspirava-se sempre contra o domínio estrangeiro, José Galdino, J. Maia e outros no Xapury, Pedro Braga, Gentil Norberto, Rodrigo de Carvalho, Alexandrino José da Silva e outros, no baixo Acre, mantinham uma constante irritação contra as autoridades bolivianas. Em Maio de 1902, formou-se em Bom Destino uma junta revolucionaria da qual fazia parte o coronel Joaquim Victor. Essa junta nomeou Plácido de Castro commandante em chefe do exercito acreano.

Para um novo levante armado contra os bolivianos, auxiliado por Silverio Nery, já então no governo do Amazonas, apareceu Plácido de Castro, militar gaúcho e “ardoroso patriota” que na época fazia trabalhos de agrimensura em seringais e mostrava-se simpatizante da insurreição dos acreanos. Logo, “Plácido muda os seus projetos de agrimensura no Juruá para os de revolucionário no vale do Acre” (Tocantins, 1979: 93). Após ter vencido sucessivas batalhas e ganho posições estratégicas importantes, em 24 de janeiro de

³⁷ Inclusive com a participação de Alberto Moreira Junior em tais, encontros de negócios e missivas, interessado na possibilidade de ser um concessionário das rendas alfandegárias de *Puerto Alonso*. Sobre tais eventos ver Tocantins (1979).

1903, o exército de seringueiros liderados por Plácido de Castro toma a cidade de Porto Alonso, agora, Porto Acre, e a resistência boliviana sucumbiu, (re)constituindo o “Estado Independente do Acre”.

De modo a patrulhar e garantir o acautelamento territorial, além “proteger os seus nacionais”, o Governo federal ordenou a sua ocupação militar³⁸. Importa ressaltar que ente 1895 e 1901 três comissões técnicas dirigiram-se à Amazônia Ocidental com o objetivo de traçar os limites territoriais entre Brasil e Bolívia (Vergara, 2010). Em 22 de Agosto de 1903, o “Capitão de Mar e Guerra” José Carlos de Carvalho realizou na “Associação dos Empregados do Comercio do Rio de Janeiro” conferência sobre os “Limites do Brasil com a Bolívia”. Na ocasião ele apresentou os resultados de seus “estudos para saber que território o Brazil poderia ou deveria comprar á Bolívia que aproveitasse para a solução definitiva da questão Acre”, argumentando que “teoria e prática se aperfeiçoam reciprocamente”, e, por isso, foi “ao próprio terreno verificar os elementos essenciais” para formular sua apreciação.

³⁸ Vale citar que nesse mesmo período, 1903, também esteve no Acre o marinheiro João Cândido, que ficou conhecido por sua participação e liderança na Revolta da Chibata (1910): “A experiência mais marcante parece ter sido a Bacia Amazônica que ele percorreu durante sete meses, quando se incorporou à flotilha Amazônica e viajou da foz do Amazonas ao Acre, atravessando o grande rio e os principais afluentes. Apreciou os portos, a população ribeirinha, as fazendas e seringais, a grandeza das matas e rios. Embrenhando-se em meio à floresta e atento à paisagem social, João Cândido recordaria em depoimento já no fim da vida no Museu da Imagem e do Som: ‘Eu conheci o Amazonas em criança e é a mesma coisa de hoje, escravatura, escravidão aqui na mão dos seringueiros’. O marujo não se cansava de apontar as permanências do escravismo na sociedade brasileira. Os acontecimentos saltavam-lhe aos olhos, o aprendizado político amadurecia. No Acre de 1903, João Cândido presenciou a luta antiimperialista do gaúcho Plácido de Castro (não era militar de carreira, nem apoiado de início pelo governo brasileiro) que arremontara um exército improvisado para garantir a permanência dessa parcela do território ligada ao Brasil. Impressionou ao marujo a rebelião bem sucedida e, no final, reconhecida oficialmente” (Morel, 2008: 32).

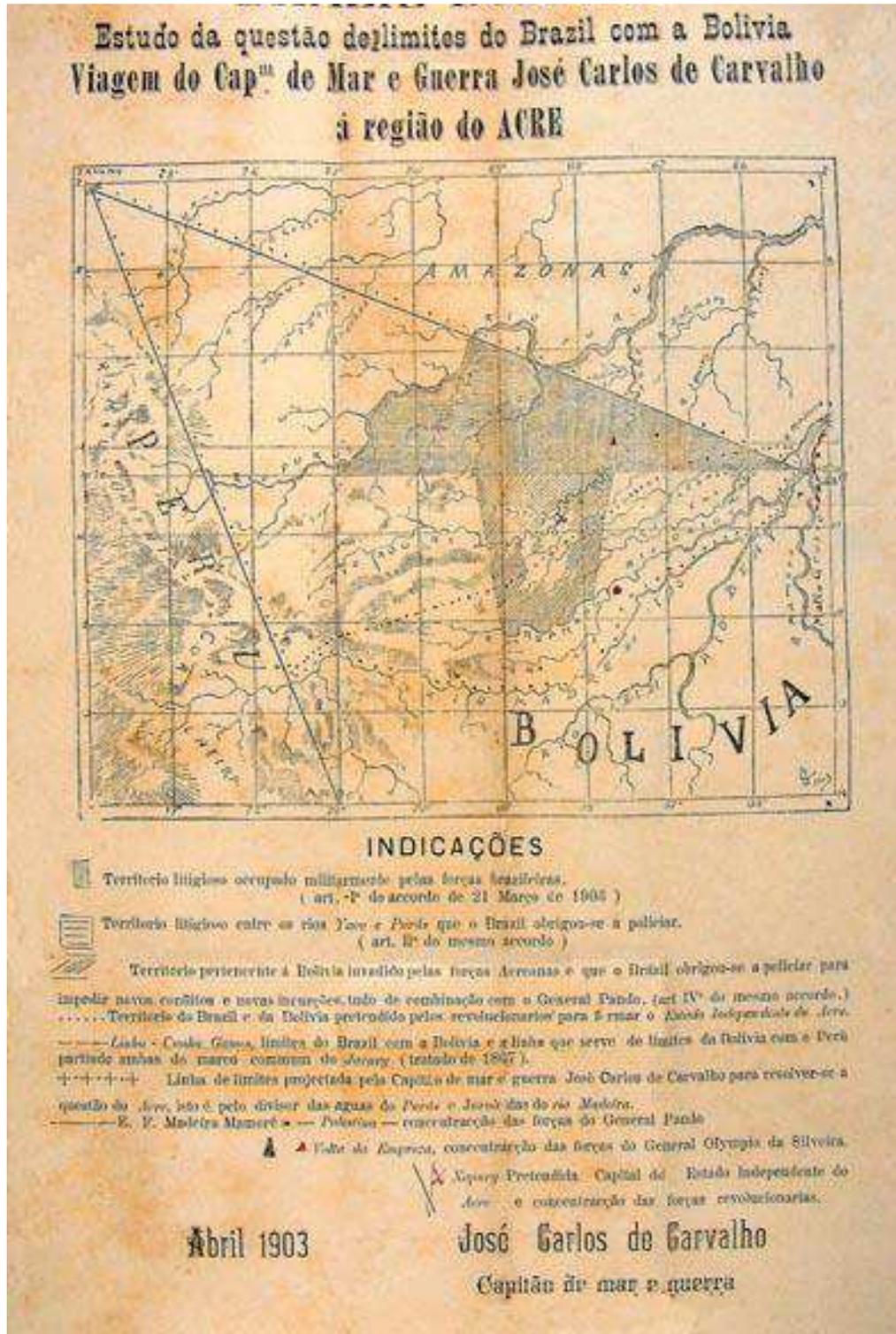


Foto 1: Mapa dos limites do Brasil com a Bolívia, 1903.

Conduzido pelo Barão do Rio Branco, Ministro das Relações Exteriores, e por Assis Brasil, ministro plenipotenciário designado para o caso, o ajuste de fronteiras foi firmado em 17 de novembro de 1903, com a formalização do “Tratado de Petrópolis”. Contudo, a questão

do Acre não estava encerrada, pois o território continuava em litígio, pretendido, ainda, pelo Peru. Em 1905, uma comissão mista brasileiro-peruana foi constituída para a redação de um relatório de reconhecimento de limites e subscrição de plantas, sendo Euclides da Cunha o chefe de tal missão oficial do Ministério das Relações Exteriores³⁹. Propostas e contrapropostas seguiram-se entre os dois países, até que em setembro de 1909 foi assinado o “Tratado entre Brasil e o Peru”, definindo as fronteiras e estabelecendo princípios sobre o comércio e a navegação na bacia do Amazonas.

Diante da série de fatos expostos, cabe, então, situá-los em relação à performativa enunciação de Daniel Pereira de Mattos: “Eu vi o Acre nascer”. Visto que, entre 1905 e 1907, por vezes Daniel fez viagens ao Acre como marinheiro da Marinha de Guerra do Brasil, ele, portanto, experimentou os primeiros tempos do “Acre brasileiro”, conhecendo tanto à vida social e política quando o seu aspecto material. Ao fixar moradia no Acre desde 1907, Daniel, então, conheceu suas “primeiras paredes” como unidade territorial brasileira.

Na ocasião em que veio ao Acre, em 1905, a missão da tripulação a qual Daniel fazia parte era a de trazer batalhões em defesa do território, na época ameaçado pelo exército peruano. Assim, Daniel não estava na região durante o período dos conflitos e negociações entre o Brasil e Bolívia que acabaram por “erigir uma nova unidade territorial brasileira” (Tocantins, 1973: 22). Logo, quando Daniel afirmou que conheceu “com firmeza desde a primeira trincheira ao perigo penúltimo – porto Alonso que hoje é porto Acre” – está apontando que esses lugares, cujo aspecto material não mudara muito até a época de sua chegada, são para ele “lugares praticados⁴⁰” ao longo de sua experiência de viver no Acre. Daniel refere-se ao período da aludida “Revolução Acreana”, sendo Xapuri, especialmente, o lugar da “primeira trincheira”, e, Porto Alonso, qualificado como o “penúltimo perigo”. E qual teria sido ser o “último perigo”?

³⁹ Euclides da Cunha, engenheiro, jornalista, professor, ensaísta, historiador, sociólogo e poeta, nasceu em Cantagalo, RJ, em 20 de janeiro de 1866, e faleceu no Rio de Janeiro em 15 de agosto de 1909. Euclides foi encarregado pelo jornal Estado de S. Paulo para acompanhar como observador de guerra o movimento rebelde chefiado por Antônio Conselheiro no arraial de Canudos, em pleno sertão baiano. Enviou então para o jornal as suas reportagens, que iriam transformar-se no seu grande livro, Os sertões. Em 1904, Oliveira Lima apresentou Euclides da Cunha ao barão do Rio Branco, que o nomeia chefe da Comissão Brasileira no Alto Purus, para demarcação de fronteiras. Regressando a Manaus, redigiu o “Relatório” da Comissão. Suas impressões gerais dessas viagens pela Amazônia brasileira foram descritas em “Um Paraíso Perdido” e no livro “À Margem da História”.

⁴⁰ Segundo Certeau, “o espaço é um lugar praticado” (1998: 202).

Como tenho indicado, na construção simbólica da fundação do Acre “o termo Revolução Acreana enfatiza a batalha comandada por Plácido de castro, isto é, de 06 de agosto de 1902 a 24 de janeiro de 1903” (Morais, 2008: 66). Com efeito, a data de 24 de Janeiro de 1903, da tomada definitiva de Porto Alonso (Porto Acre) pelo exército acreano do Comandante em Chefe Plácido Castro, representa o marco simbólico da “construção identitária da acreanidade⁴¹”, e, para Guerra (2004), do “ultimo episódio” da “questão acreana”. Penso, então, em duas hipóteses presumíveis acerca do “último perigo” possivelmente considerado por Daniel. Então, ele poderia ter em mente as marchas e contramarchas que envolveram o conflito com o Peru, atentando para o fato de sua participação na flotilha da Marinha que trouxe parte dos batalhões de defesa. A outra conjectura refere-se à batalha subsequente a de Porto Acre:

O ultimo encontro fora em Costa Rica, á margem do Tahuamno, onde toma de surpresa, o grande libertador deu uma das mais nobres lições de heroísmo ao audaz boliviano, enflingindo-lhe tremenda derrota e fazendo-o abandonar seu centro de operações⁴².

Na parte final que compõe a estrutura de sua narrativa autobiográfica Daniel ratifica sua autoridade de conhecer o Acre há cinquenta e um anos. Importa notar que ele balizou sua ênfase de “veterano” enaltecendo que naquele território teve sua “mocidade registrada e bem selada com o selo do Patriotismo e Amor a terra”. Tal afirmação de patriotismo pode ser percebida tanto como reverberações de sua formação militar, quanto destaca um ânimo patriótico refletido pelo evento “heroico” de incorporação do Acre ao território brasileiro. De fato, ser patriota e demonstrar provas de patriotismo no contexto social do Acre da época engendrava o reconhecimento de certa honra valorosa.

⁴¹ A vitória nesse combate é tida como o marco histórico fundador da “nacionalidade” acreana. Ver Moraes, 2008.

⁴² Folha do Acre, 26 de Janeiro de 1922.

2- A Rio Branco de Daniel

Conforme a Lei nº 181, de 25 de fevereiro de 1904, a primeira organização política do Acre, adotando-se o modelo administrativo “território”, estabeleceu sua divisão em três departamentos administrativos⁴³:

A administração foi entregue, discricionariamente, a autoridades denominadas *prefeitos*, em número de três, que tantas foram às circunscrições administrativas criadas, nomeados pelo presidente da República, militares todos, sem limitação para a sua esfera governamental (Costa, 2005: 233).

Assim, a sede do Departamento do Alto Acre foi instalada na “Villa Rio Branco⁴⁴”,

resultando da fundação do seringal Empresa feita por Neutel Newton Maia em 1882. Esse cearense e muitos outros deixaram o Nordeste e vieram povoar as terras do Alto Purus, Juruá, etc. A sede do seringal foi estabelecida na margem esquerda do rio Acre, porém a futura cidade começaria a se desenvolver na margem oposta. Em 22 de agosto de 1904 o pequeno aglomerado humano em formação foi elevado à categoria de vila, com a denominação de Volta da Empresa. Quase um mês depois, ou mais exatamente, no dia 7 de setembro de 1904 esta vila foi elevada à categoria de sede provisória do departamento do Alto Acre com o nome de Rio Branco. A sede da vila estava localizada na margem direita do rio Acre. Esta situação permaneceu até 13 de junho de 1909, quando o prefeito Gabino Besouro transferiu a sede do departamento para a margem esquerda, apossando-se assim das terras do seringal Empresa, e fundando a vila de Penápolis. Esta passou então a ser a sede do departamento. Logo após a posse das terras, Gabino Besouro mandou fazer a divisão dos lotes e o arruamento da futura cidade, instalando imediatamente a sede do governo, e gradativamente os serviços administrativos (Guerra, 2004: 126-127).

⁴³ O Departamento do Alto-Acre; o Departamento do Alto Purus e o Departamento do Alto Juruá.

⁴⁴ O nome da capital acreana, Rio Branco, e os municípios Assis Brasil e Plácido de Castro são homenagens póstumas aos personagens envolvidos na questão dos tratados e da ocorrência da Revolução Acreana.

Em 1912, a organização do território do Acre passaria por modificações:

**A reorganização
do Acre**

D'A Provincia do Pará transcrevemos:

E' a seguinte a reorganização do território do Acre:

Lei n. 2.544 de 4 de janeiro de 1912, saccionada pelo presidente da Republica.

(...)

NOVAS COMARCAS

No Departamento do Alto Acre a do Xapury, na cidade do mesmo nome;

No Departamento do Juruá, a do Tarauacá em Villa Seabra.

Cinco municípios sendo:

No Acre – o do Rio Branco e o de Xapury;

No Purus – o de Senna Madureira;

No Juruá – o de Cruzeiro do Sul e o da Villa Seabra⁴⁵.

Por essa reorganização o Acre ficou dividido em quatro departamentos, aparecendo o Departamento de Tarauacá, constituído a partir de parte desmembrada do Alto Juruá. Então, com a categoria de cidade, Rio Branco, ora referindo-se às duas margens, passou a ser também sede do município homônimo⁴⁶. A organização departamental foi extinta em 1920 e o Território do Acre passou a ter um governo centralizado, sendo administrada por um “Governador-Delegado da União”, ou seja, um “interventor” indicado pelo Presidente da República. Com efeito, a questão da “reorganização do território do Acre” e de sua respectiva “autonomia” foi pauta importante da vida política e social do Acre.

Com o estabelecimento de um governo central a cidade de Rio Branco tornou-se a capital do território. Desenvolveu-se, assim como outras cidades amazônicas, através da

⁴⁵ Folha do Acre, Pennapolis, 17 de Março de 1912.

⁴⁶ Conforme o jornal Folha do Acre, 21 Abril de 1912: “A Villa Rio Branco possui presentemente 245 casas, a saber: Na rua General Olympio da Silveira, 80; na rua Monsenhor Tavora, 21; na rua Placido de Castro, 22; na rua 6 de Agosto, 48; no bairro Africa, 41, 41; na travessa Novo Progresso, 7; na travessa da Matriz, 2; e no bairro Quinze, 24”.

navegação do seu rio e impulsionada pela economia da borracha, apresentando-se “como *locus* da atividade civilizatória” (Daou, 2004: 11) existente naquele “mundo amazônico”. A cidade de Rio Branco, então, transformava-se com a abertura de ruas, a instalação de edificações das instituições sinalizadoras do poder e a presença das “casas de madeira com cobertura de palmeira de ouricuri, zinco ou cavacos” (Guerra, 2004: 139) e, até fins da década de 1920, pouquíssimas construções de alvenaria. Além do comércio ligado aos proprietários de seringais, vale salientar que havia presença significativa de casas comerciais de sírios, libaneses, turcos e seus herdeiros brasileiros.

As transformações no espaço físico que remodelavam a capital do Acre, com efeito, refletiam-se também na emergência e ampliação de espaços públicos, notabilizados pela “publicização de domínios da vida social” (Daou, 2004: 41). O periódico de Rio Branco, a “Folha do Acre⁴⁷”, frequentemente publicava os programas de cerimônias cívicas, que se constituíam em “situações sociais⁴⁸” relevantes das posições dos diferentes agentes considerados no espaço de relações referido. Nesse sentido, importa ressaltar a notícia principal da edição de n.º 6 do Ano I, de 16 de Outubro de 1910, concernente à “inauguração do retrato do denodado chefe acreano, coronel Antonio Antunes Alencar⁴⁹, na sala de redação desta folha”.

Ao examinar a relação dos presentes nessa “solemnidade” em particular, entre autoridades do departamento, “pessôas gradadas da sociedade”, do comércio e do “povo em geral”, enfim, todos aqueles que receberam “convites especiaes”, pude observar listado o nome de Daniel Pereira de Mattos⁵⁰. Essa expressão de reconhecimento público marca seu posicionamento relativo na vida social de Rio Branco e aponta para a compreensão de seu “envelhecimento social”, mostrando suas “colocações e deslocamentos no espaço social”⁵¹.

⁴⁷ O jornal Folha do Acre começou a circular em 14 de agosto de 1910. A última edição foi publicada em 17 de Março de 1946.

⁴⁸ Ver Gluckman, 1987.

⁴⁹ Chefe do partido autonomista acreano.

⁵⁰ Ver anexo n.º 01.

⁵¹ Ver Bourdieu, 1996b.

2.1 De maranhense a acreano

A personalidade designada por Daniel Pereira de Mattos – sua “superfície social” (Bourdieu, 1996b) – delineia-se mais claramente, inicialmente, quando, ao longo de seu “processo de individualização” (Elias, 1994), emergiu como marinheiro da Marinha de Guerra Brasileira. Este personagem histórico nasceu na Freguesia de São Sebastião da Vargem Grande, Maranhão, em 13 de 1888, compartilhando uma história em comum com “negros forros” daquele lugar.

Segundo documentação existente, seu pai faleceu em 1897. Diante de tal acontecimento, toma-se como hipótese que o curso de seu ingresso na vida de marinheiro tenha se dado através de seu encaminhamento ainda infante para a Escola de Aprendizes de Marinheiros do Maranhão, podendo ter sido levado ou pela própria família ou por um “Juiz de Órfão”. A Companhia de Aprendizes Marinheiros foi instalada na capital do Maranhão, São Luís, em abril de 1861. Segundo Cruz (2011),

esta escola esteve presente na educação dos filhos de populares maranhenses desde 1861 até 1920 e se caracterizava como um espaço destinado à educação de filhos de escravos nascidos após a Lei Rio Branco⁵², em 1871 (: 941).

Integrando as medidas de disciplinamento social do século XIX⁵³, o sistema de recrutamento instituído impunha-se sobre “órfãos desvalidos ou ingenuos”:

Nas Companhias de Aprendizes deveriam se inscrever menores entre 10 e 17 anos, ida de em que se tornavam grumetes, levados pelos pais ou tutores que deveriam receber uma gratificação pelo alistamento das crianças. Estes eram os termos da lei, mas, como sabemos, muitas vezes a prática da Marinha diferia bastante do previsto no papel. As companhias também podiam ser alimentadas pela inscrição de órfãos,

⁵² Lei 2.040 de 28 de Setembro de 1871, conhecida como “Lei Rio Branco” ou “Lei do Ventre Livre”.

⁵³ Conforme assinalam Marques & Lange (2008: 78): “A escola que pretendia formar aprendizes para os ofícios do mar inseria-se nas concepções que apontavam a positividade do trabalho como saída regeneradora para meninos pobres, pois crianças despossuídas a conviver no ‘ambiente desfavorável das ruas’ sob precárias condições de saúde e educação eram inseridas no diagnóstico estabelecido por Cesare Lombroso: a ‘inclinação natural’, a predisposição biológica para o crime. Nesta acepção somente o trabalho parecia capaz de funcionar como antídoto. Logo o aprendizado compulsório do ofício do mar apresentava boas possibilidades de “salvá-los” na ótica de médicos, juristas e educadores”.

crianças abandonadas e pequenos delinquentes, enviados pelas autoridades policiais e judiciárias (Almeida, 2010: 156).

O recrutamento forçado podia ser também empregado pelas instituições navais como recurso para o problema do baixo número de voluntários (Marques & Lange, 2008). Mas, por outro lado, essas escolas podiam atender a certas expectativas dos alunos, pais e tutores, tornando-se uma “escolha” possível diante da oportunidade de educação e perspectiva de trabalho. Pois bem, no caso de Daniel Pereira de Mattos, vindo do interior do estado (ou ainda da província) do Maranhão, conjectura-se que chegou à Marinha de Guerra Brasileira como egresso do quadro de aprendizes marinheiros⁵⁴, seguindo o curso de ação promovido pelo Governo:

Então arregimentar, mesmo que a força, meninos desvalidos e órfãos para os arsenais militares e da marinha tinha o objetivo de (con)formá-los para o trabalho, ensinando-lhes um ofício, ao mesmo tempo em que se comporiam contingentes de futuros marinheiros (Marques & Lange, 2008: 78).

Para garantir a formação do “pessoal” da Marinha de Guerra Brasileira foram instituídas, durante o período de 1840 a 1875, cerca de dezoito Companhias espalhadas pelas províncias do Império. Posteriormente, com o Decreto nº 9.371, de 14 de Fevereiro de 1885, visando a “modernização do material e do pessoal da Marinha” (Almeida, 2010), passam a ser denominadas “Escolas de Aprendizes Marinheiros”. Mas, de um modo geral a mesma legislação foi utilizada nos primeiros anos da República, não havendo, portanto mudanças estruturais significativas. Se, anteriormente, ao completar 18 anos o aprendiz seria “remetido

⁵⁴ Observando que os infantes eram alistados nas Escolas de Aprendizes Marinheiro com a idade entre 10 a 17 anos (ou até menores do que a idade limite, desde que “apresentassem desenvolvimento físico suficiente para começar o aprendizado”), vale lembrar que Daniel Pereira de Mattos tinha nove anos de idade quando ficou órfão de pai. Um exemplo interessante de alistamento foi o que vivenciou o “navegante negro”, João Candido, vindo mais tarde a ser aclamado como o líder da Revolta dos marinheiros (a “Revolta da Chibata”). Encaminhado para a Marinha aos 14 anos de idade pelo futuro almirante Alexandrino de Alencar, que mantinha “relações de patronagem” (Wolf: 2003) com a sua família, “o adolescente João Cândido viu-se alistado inicialmente no Arsenal de Guerra do Exército, em Porto Alegre, em agosto de 1894. No mês de janeiro de 1895 transferiu-se como aluno para a Escola de Aprendizes de Marinheiros, na mesma cidade, cursando-a durante 11 meses. Mas, devido à expulsão de grande número de marujos após a Revolta da Armada e à consequente falta de efetivos, foi enviado para a 16ª Companhia da Marinha, Quartel Central da ilha de Villegaignon, na capital federal. Chegou sozinho ao Rio de Janeiro em 5 de dezembro de 1895 e, depois de ‘ter sido inspecionado e julgado apto para o serviço da Armada’, cinco dias depois tornava-se grumete, recebendo o número 85” (Morel, 2008: 28).

para o corpo de imperiaes marinheiros”, passaram, então, os “marujos” a serem transferidos para o “Corpo de Marinheiros Nacionais”.

Cabia às diversas Escolas de Aprendizes Marinheiros do país a capacidade de viabilizar a instrução básica, técnica e disciplinar dos meninos que ingressavam na vida naval, e, assim, “disciplinando homens e fabricando marinheiros” (Bandeira, 2010). Sendo assim, orientados pelos preceitos do progresso, civilização e ordem da República, os aprendizes marinheiros contemporâneos de Daniel Pereira de Mattos (aquartelado na cidade de São Luís), eram educados e preparados para os diversos serviços da Marinha do Brasil:

Do ensino⁵⁵

15. O ensino dividir-se-ha em elementar e profissional.
O ensino elementar comprehende:

- 1º Leitura de manuscriptos e impressos;
 - 2º Calligraphia;
 - 3º Rudimentos da grammatica portugueza;
 - 4º Doutrina christã;
 - 5º Principios de desenho linear e confecção de mappas regimentaes;
 - 6º Noções elementares de geographia physica, principalmente no que diz respeito ao litoral do Brazil;
 - 7º Pratica sobre operações de numeros inteiros, fracções ordinarias e decimaes; conhecimento pratico e applicação do systema metrico.
- O ensino profissional comprehende:
- 1º Apparelho e nomenclatura completa de todas as peças de architectura do navio;
 - 2º Nomenclatura das armas de fogo em geral;
 - 3º Nomenclatura e uso dos reparo de artilharia;
 - 4º Exercicios de infantaria, começando pela escola do soldado até a do pelotão;
 - 5º Exercicios de bordejar e remar em escaleres;
 - 6º Construcção graphica da roza dos ventos, conhecimento dos rumos da agulha, pratica de sondagem;
 - 7º Em geral, todos os conhecimentos praticos necessarios afim de serem depois desenvolvidos no tirocinio da profissão pelo imperial marinheiro.

16. O Commandante distribuirá as materias do ensino respectivamente pelos o officiaes, Capellão, professor, mestre e inferiores; observando-se o horario que será organizado pelo Ajudante General da Armada.

17. No fim de cada anno, na Escola respectiva, serão os aprendizes sujeitos a exame de habilitação e classificados por ordem de precedencia, segundo as notas obtidas.

⁵⁵ Legislação Informatizada - Decreto nº 9.371, de 14 de Fevereiro de 1885 - Publicação Original. <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-9371-14-fevereiro-1885-543543-publicacaooriginal-53909-pe.html>

Vejamos que a instrução fundamental do aprendiz marinheiro, logo, baseava-se no aprendizado dos “serviços do mar” que se associava ao aprendizado das “primeiras letras” e ao ensino de ofícios úteis diversos, incorrendo no desenvolvimento de habilidades e capacidades de um “artífice”. Desse modo, instruídos pelo “Official Marinheiro”, pelo “Professor de 1^{as} letras”, pelo “Capellão” e pelo “Mestre”, os mancebos aprendiam as artes de marinheiro, instruindo-se a ler, escrever, contar, coser pano, entalhar, assim como podiam receber conhecimentos de música ou ainda orientações instrucionais variadas conforme determinada Escola de Aprendizes Marinheiros.

E, fosse para integrar as escolas quanto, posteriormente, o Corpo de Marinheiros Nacionais, o momento de cortar o cabelo indicava essa passagem, tornando-se “um caráter distintivo facilmente reconhecível, individual ou coletivo” (Van Gennep, 2011: 144). Dessa forma, o barbeiro não era um profissional exterior ao quartel, mas um dos auxiliares especialistas e habilitados para efetuarem serviços existentes da marinha.

Embora o regulamento a que se refere o decreto de 1885 indicasse que a transferência do aprendiz marinheiro para o “Corpo de Marinheiros Nacionais” só aconteceria a partir de seus dezoito anos, o caso de Daniel Pereira de Mattos “e muitos outros casos indicam que os meninos eram remetidos com idade inferior àquela prescrita para servir nos navios de guerra” (Almeida, 2010: 165). De fato, o regulamento previa que:

O aprendiz que concluir o aprendizado antes dos 18 annos ficará embarcado em um dos navios Escolas até attingir aquella idade.

Do navio Escola

21. As Escolas serão estabelecidas em terra, á beira mar, em lugar saudavel. Terá, porém, cada uma, impreterivelmente, á sua disposição um navio armado e aparelhado convenientemente para se adestrarem os aprendizes, a bordo, nos diversos exercicios da profissão.

22. O Commandante e officiaes desse navio, de accôrdo com as ordens que receberem, empregarão todos os esforços para desenvolver a instrucção dos aprendizes.

23. A bordo dos navios Escolas será observado, quanto possivel, o programma de ensino profissional seguido no quartel em terra.

24. Durante o anno, na estação apropriada, o navio Escola fará, uma viagem de instrucção ao longo da costa, de trinta a quarenta dias pelo menos. Além desta viagem, os referidos navios se empregarão em bordejos e exercicios á vela, dentro do porto ou nas proximidades, toda a vez que fôr possivel, tendo sempre em vista habituar os aprendizes á vida do mar.

Quando, então, tinha 17 anos de idade, em 1905, já assentando praça no Corpo da Marinha e, portanto, “à disposição do Estado, para os armamentos extraordinários, em caso de guerra externa ou interna⁵⁶”, Daniel Pereira de Mattos integrou missão que trazia batalhões em defesa do território do Acre. Na preparação desses marinheiros o evento culminante consistia em viagens de instrução, que se davam tanto ao longo da costa brasileira quanto podiam singrar os mares em direção à Europa e Ásia. Sendo assim, ao assentar praça no “Corpo de Marinheiros Nacionais” o grumete procedente as “Escolas de Aprendizes Marinheiros” seguia recebendo instruções navais e no desenvolvimento de especialidades. A propósito, justamente depois de uma viagem de instrução “até a Jerusalém e por toda a Europa” que Daniel decidiu seguir, em 1907, para o Acre, que, mais tarde reconheceria como um “Castelo Místico e de riquezas invejadas”.

Sem haver uma indicação específica para sua específica tomada de rumo num universo limitado de escolhas, o interesse dele em viver no território do Acre deve ser refletido a partir do que “considerava ser a realização ou o vazio de sua vida” (Elias, 1995: 10). Ora, para se compreender certo personagem histórico

é preciso conhecer os anseios primordiais que este deseja satisfazer. A vida faz sentido ou não para as pessoas dependendo da medida em que elas conseguem realizar tais aspirações. Mas os anseios não estão definidos antes de todas as experiências. Desde os primeiros anos de vida, os desejos vão evoluindo, através do convívio com outras pessoas, e vão sendo definidos, gradualmente, ao longo dos anos, na forma determinada pelo curso da vida; algumas vezes, porém, isto ocorre de repente, associados a uma experiência especialmente grave (Elias, 1995: 13).

Os anseios de Daniel Pereira de Mattos quanto à Marinha mostraram-se diferentes, por exemplo, daqueles indicados por João Candido, líder da “Revolta dos Marinheiros”, que, segundo Almeida (2010), “nunca almejou deixar a instituição naval” (: 165). Fato é que após a “linda viagem de instrução” aludida, Daniel salientou que recebeu sua “baixa” em Belém, capital do Pará. Não se sabe (ainda) em que modalidade Daniel enquadrou-se para poder receber a dispensa de serviço solicitada⁵⁷, importando, enfim, que para ele o engajamento no

⁵⁶ Decreto n.º 673, de 21 de Agosto de 1890.

⁵⁷ A respeito das “baixas”, conforme o Decreto n.º 673, de 21 de Agosto de 1890: “Art. 55. As praças do Corpo de Marinheiros Nacionaes terão direito ás baixas por conclusão de tempo de serviço, por incapacidade physica, provada em inspecção de saude pela junta medica, por isenção legal e por substituição, precedendo autorização do Ministro da Marinha”.

“Corpo de Marinheiros Nacionais” deixava de projetar-se como vida futura. Mas, a experiência de formação de marinheiro não deixaria de caracterizar e moldar o “processo de individualização⁵⁸” de Daniel Pereira de Mattos.

Quando chegou ao Acre Daniel logo estabeleceu relações de trabalho com reconhecidos seringalistas e líderes políticos da região, especialmente com destacados líderes oficiais envolvidos na “revolução dos acreanos” contra os bolivianos. Numa “sociedade da borracha”, os “patrões”, proprietários de seringais, eram reconhecidos “coronéis” na região do Rio Acre. Assim,

os seringalistas tornavam-se senhores em seus domínios em função do sistema de exploração a que estavam manietados. O débito dos seringueiros lhes dava amplos poderes sobre eles, inclusive de caçá-los em fuga e recebê-los de volta com auxílio do poder público. Como forma de reforçar seu status, os seringalistas obtinham, por meio de relações políticas, a compra de patentes da Guarda Nacional. Desse modo, surgiram os “coronéis de barranco”. Semelhantemente ao que ocorria com os aviadores, em relação à comenda, a patente dos coronéis era atribuída por força do hábito de se considerá-los homens importantes, mesmo que não a tivessem recebido oficialmente. Atuando como potentados, os seringalistas exerciam força moral, política e mesmo policial em seus domínios, estabelecendo vínculos de compadres e afilhados, fazendo conchavos e acordos para apoiar candidatos às eleições municipais e estaduais, resolvendo brigas, combatendo as invasões de seringais vizinhos, justificando criminosos e exercendo poder para prender e punir seringueiros que fugissem de seu seringal (Lima, 2009: 19-20).

O “sistema coronelista⁵⁹” processado no território do Acre assumia, portanto, uma forma de dominação econômica, política e social impulsionado pelos negócios da borracha. No contexto do seringal a organização do trabalho não se restringia aos serviços do seringueiro, o que trabalha diretamente na extração do “leite de seringa” nas “colocações”. Existiam outras atividades que constituíam a configuração social seringalista-seringueiro. Logo, em razão de possuir conhecimentos especializados decorrentes de sua formação de marinheiro, é plausível que Daniel tenha procurado inserir-se na realização de tarefas, ou melhor, de “ofícios” úteis ao funcionamento do “barracão” do “patrão”, a sede do seringal, e, assim, trabalhando pessoalmente, isto é, mais diretamente com o coronel determinado.

⁵⁸ Ver Elias, 1994.

⁵⁹ Tomo como referência de análise o seminal estudo sobre o fenômeno do “coronelismo” escrito por Victor Nunes Leal (1997).

Compreendendo o elenco das lideranças políticas locais relacionadas por Daniel Pereira de Mattos para a apreciação da sua legitimidade de “acreano” pelo destinatário especial de sua carta, podemos relevar que seu primeiro “patrão” foi o coronel Plácido de Castro. Quando Daniel chegou à Villa Rio Branco, em 07 de Abril de 1907, fazia pouco tempo que Plácido de Castro tinha deixado o cargo de prefeito do Departamento do Alto Acre⁶⁰. Assim, a partir de seu “capital social” de jovem marinheiro de guerra, que recentemente havia recebido sua baixa, com 19 anos, ele procurou logo relacionar-se com tal líder político, o renomado líder “revolucionário” do exercito acreano, além, é claro, de também apresentar-se como um patrão significativo naquele lugar e com o qual poderia conseguir trabalho.

A relação de trabalho que Daniel manteve com o aludido seringalista em especial, o coronel Plácido de Castro, teve relativamente uma curta duração, pois, em Agosto de 1908, seu “patrão” fora assassinado. Daniel seguirá trabalhando com reconhecidos “patrões” da região, prestando serviços para o coronel Daniel Ferreira de Lima e seu irmão José Ferreira de Lima e “lutando” em “viagens perigosas” com o coronel Alexandrino da Silva. E, por último, trabalhou para o coronel José Galdino.

Sendo empregado de coronel da região, Daniel aparecia, assim, relacionado nesse mundo social de indivíduos relativamente conhecidos. Com efeito, tendo em conta seus conhecimentos e habilidades potenciais, sua presença estava garantida naquele cenário de demandas pela realização de tarefas e trabalho especializado. A inserção social de Daniel Pereira de Mattos no quadro interativo da Villa Rio Branco apresentava-se, com efeito, em diferentes situações e variadas maneiras.

Cabe, então, realçar a sua participação registrada na cerimônia de inauguração do retrato do coronel Antonio Antunes Alencar, em outubro de 1910. Importa assinalar que naquele dia

a casa de trabalho da FOLHA DO ACRE regorgitava de povo, tornando-se insuficiente para conter a enorme concorrência, ficando por isso inúmeras pessoas da parte de fora, sem poderem ter ingresso. Assim, considerando que devido ao grande e natural movimento que se fez na ocasião foi impossível tomar os nomes de todas essas pessoas que se dignaram de honrar com suas presenças essa bella festa.

⁶⁰ Plácido de Castro foi prefeito do Departamento do Alto Acre no período de 24 de Julho de 1906 a 24 de Março de 1907.

É significativa a inscrição da participação de Daniel Pereira de Mattos, pois, enfim, era também um dos convidados. Era um período em que o Acre vivia politicamente o ideal “autonomista”, pois não possuía a condição administrativa de um Estado autônomo, ocorrendo frequentemente deposições de diversos prefeitos departamentais. Logo, o merecimento da homenagem dedicada ao coronel Antonio Antunes Alencar por parte daquele periódico explicava-se pelo fato de ser ele o “chefe político” do Acre naquele momento histórico. Assim, os atos interessados de nosso personagem histórico, Daniel Pereira de Mattos, indicavam seus investimentos e estratégias no jogo social, realçando sua independência com outros agentes de tal sociedade.

Todavia, Daniel Pereira de Mattos não estava apartado dos acontecimentos mais amplos dos primeiros anos da República do Brasil. Podemos, então, imaginar que a repercussão da notícia seguinte fez-se sentir:

Revolta de marinheiros

A 24 do mez p. findo os marinheiros do Minas Gerais, o grande vaso da nossa gloriosa marinha de guerra, surto no porto do Rio de Janeiro, revoltaram-se, protestando contra os castigos corporaes que lhes eram inflingidos e reclamando augmento de vencimentos.

Os seus companheiros de bordo do S. Paulo, Bahia e Goyaz adheriram ao movimento, fazendo causa comum.

(...)

Sem jornaes que tratem do assumpto, colhemos essas informações de pessoas recentemente vindas do Pará e Manaus⁶¹.

Sobre a “Revolta de marinheiros” e seu desbaratamento, o jornal Folha do Acre publicaria ainda, em 8 de janeiro de 1911, uma compilação de telegramas extraídos do periódico *Província do Pará*, de novembro de 1910, e do “Jornal do Commércio de Manaus”, de dezembro de 1910, que detalhavam o decurso dos acontecimentos e os personagens envolvidos. Fato é que Daniel Pereira de Mattos conhecia a realidade daquela “marinhagem sublevada”. Tendo em vista que recebeu “baixa” no início do ano de 1907, é presumível que ele dividisse experiências semelhantes com os marinheiros de guerra do Brasil desse período,

⁶¹ Folha do Acre, 18 de Dezembro de 1910. Destacando-se como líder o marinheiro negro João Cândido, a referida “revolta” ocorreu entre os dias 22 e 27 de novembro de 1910, em que cerca de 2.300 marinheiros tomaram quatro navios de guerra e apontaram seus canhões da baía de Guanabara para a cidade do Rio de Janeiro, sede da capital do Brasil. Nesse contexto, foram efetuadas diversas prisões de marinheiros que se rebelaram, culminando com o envio de mais de quatrocentos degredados para o Acre a bordo do navio “Satélite” (Almeida, 2011).

com os quais, possivelmente, solidarizava-se diante de tais conflitos. Enfim, Daniel Pereira de Mattos foi contemporâneo de muitos deles, compartilhando acontecimentos biográficos, e, com efeito, uma trajetória de marinheiro⁶².

A experiência da navegação também era compartilhada pelos marinheiros fluviais, que, inexoravelmente, participavam da vida social do Acre, proporcionando o movimento das diferentes embarcações que singravam os rios do “mundo amazônico”. Ora, “onde era farta a ocorrência das seringueiras, intensificava-se o fluxo de mercadorias e o comércio fluvial” (Daou, 2004: 16). Todavia, a “belle époque amazônica” declinava. Em 1911, os periódicos do Território do Acre noticiavam com destaque as reuniões que aconteciam na capital federal em razão do “Congresso dos Interessados na Solução da Crise da Borracha”. Mereciam atenção ainda as expedições militares que chegavam à “Cidade da Empresa” (Rio Branco) para garantir a “manutenção da paz e da ordem allí”, tendo em vista os “alarmes de revolução” que perduravam sobre a administração local, que, outrossim, apresentavam-se como autoridades militares.

Importa, de fato, ressaltar a militarização da sociedade acreana, que se mostrava tanto em sua organização burocrática quanto na manifestação das relações de dominação entre os atores sociais. O poder dos coronéis assinalava espaços sociais e demarcava os lugares da região, realçando o “prestígio” de serem os proprietários dos seringais, que podia ser concedida mediante o pagamento do selo de patente da “Guarda Nacional⁶³”. E como vimos, os “retratos” dos coronéis do Acre apareciam a cada pública “homenagem merecida”

⁶² Como mostrou Almeida (2010), um dos elementos básicos de identificação de marujos da revolta de 1910 referia-se a “cor” dessas populações. Assim, percebeu que, considerando a “tipologia racial” empregada, majoritariamente os marinheiros nacionais eram de “não-brancos”. Referente às origens geográficas dos marujos, observava-se que a maior parte dos marinheiros era proveniente de estados do Norte ou Nordeste, e, que, a maioria vinha de estados onde havia uma escola de aprendizes. Entre os protagonistas da “revolta de marinheiros”, é oportuno salientar um “preto” da mesma idade que Daniel tinha em 1910: “Manoel Gregório do Nascimento nasceu em 1888 no Estado de Alagoas e entrou na Marinha como grumete em 1901, ou seja, com 13 anos. Em 1902, ele foi alistado no cruzador *Barroso* e viajou pela Argentina e pelo Uruguai. No seu registro, consta que era músico de primeira classe. Em 1904, foi transferido para o *Benjamin Constant*, navio que o levou até à Europa (o mesmo navio de João Cândido)” (: 106).

⁶³ Conforme Sobrinho (1997): “A Guarda Nacional, criada em 1831, para substituição das milícias e ordenanças do período colonial, estabeleceu uma hierarquia, em que a patente de coronel correspondia a um comando municipal ou regional, por sua vez dependente do prestígio econômico ou social de seu titular, que raramente deixaria de figurar entre os proprietários rurais. De começo, a patente coincidia com um comando efetivo ou uma direção, que a Regência reconhecia, para a defesa das instituições. Mas, pouco a pouco, as patentes passaram a ser avaliadas em dinheiro e concedidas a quem se dispusesse a pagar o preço exigido ou estipulado pelo poder público, o que não chegava a alterar coisa alguma, quando essa faculdade de comprar a patente não deixava de corresponder a um poder econômico, que estava na origem das investidas anteriores”.

enquanto produtos simbólicos dos instrumentos de dominação acionados⁶⁴, no contexto de uma agenda política que amiúde discutia “o projecto da Reorganização do Acre”:

POLITICA

A 28 do corrente mez, terá logar, nesta cidade, um importante comício político com o fim de tratar da definitiva organização de um partido que deverá assumir a direcção dos destinos do Acre, no actual momento em que se vão fundar em todo o Território as instituições que virão assegurar, como base primordial da liberdade, a todos os cidadãos residentes nesta parte do paiz, os direitos políticos que lhes são conferidos pelo pacto fundamental da República⁶⁵.

Em 17 de Março de 1912, na edição de N.º 71 do periódico “Folha do Acre”, além da citada transcrição da promulgada Lei n. 2544 de 4 de janeiro de 1912, que estabelecia a reorganização do território do Acre e os novos serviços, havia uma continuação de uma extensa lista, particularmente significativa, das nomeações para a Guarda Nacional, de acordo com o decreto n.º 9.053, de 18 de Outubro de 1911. Com aquartelamento na guarnição dos oficiais da Guarda Nacional do Departamento do Alto Acre, assentado no 21º batalhão de infantaria, 2ª companhia, Daniel Pereira de Mattos foi nomeado “alferes”, cujo selo de tal posto custava sessenta mil réis (60\$000), segundo as instruções publicadas⁶⁶. Mas, havia “o prazo legal (sem multa) para o pagamento do selo de patentes”, que era

de 2 meses para o Estado do Rio, de 6 meses para para os de Amazonas, Goyas e Matto Grosso e de 4 para os demais Estados e conta-se da data em que a nomeação for publicada, findo este, prazo, o selo só poderá ser satisfeito com 10% de multa nos três primeiros mezes, e 20% nos tres últimos meze, até 6 mezes, findo os quaes não poderá mais ser recebido.

Se Daniel recebeu ou não o selo da patente pretendida é um ponto que fica até o momento no espaço das possibilidades. Com efeito, seu interesse em adquirir a patente de “alferes” mostra-se como ato específico de posicionar-se naquela específica “figuração”

⁶⁴ Ver Bourdieu, “Sobre o poder simbólico”, (2011).

⁶⁵ Folha do Acre, Cidade Da Empreza, 21 de Maio de 1911. Anno I, Numero 38. Trata-se do “Partido Constructor Acreano”.

⁶⁶ Ver anexo n.º 02.

formada pela sociedade acreana, considerando, obviamente, o modelo mais amplo das estruturais sociais da época. Tampouco com essa patente, participando de um batalhão da Guarda Nacional no Departamento do Alto Acre, ocorria uma expressiva alteração de sua “situação de classe” (Weber; 2009). Daniel Pereira de Mattos ao almejar o posto de “alferes”, investia, sobretudo, na definição e reconhecimento de sua posição na rede patronal local, mostrando não ser um “vagabundo ou vadio⁶⁷”. Logo, cabe relevar que na mesma página da aludida lista dos novos oficiais aparece a nomeação, na “7ª brigada de infantaria, do Coronel commandante, dr. Deocleciano Coelho De Souza”, o prefeito daquele Departamento⁶⁸. Enfim, Daniel Pereira de Mattos procurava, estrategicamente, construir sua vida no contexto do Alto Acre, de acordo com as estruturas do mundo social no qual estava jogando.

A situação do Acre era descrita pela imprensa tanto local quanto nacional como sendo “precaríssima”, que, sob o “descaso e desprestígio” do Governo da República, carregava um fardo, por exemplo, de assassinatos, “ébrios habituais” e com um número pequeno de pessoas que, assim como Daniel Pereira de Mattos, soubessem ler, escrever e contar. Os representantes políticos de cada Departamento (ou seja, seus respectivos coronéis) partiam com frequência para o Rio de Janeiro a fim de reivindicar amparo oficial e resoluções acerca da crise da borracha, interesse primordial dos seringalistas, que, ao final, buscavam a

⁶⁷ Sobre a “prisão dos ébrios, capoeiras e vagabundos no início da Era Republicana”, ver Santos (2004).

⁶⁸ Sobre o teor das relações e do quadro administrativo nos departamentos do território do Acre, Costa (2005) elucidou assim: “Os prefeitos em seus departamentos eram senhores de baraço e cutelo e realizavam aquele tipo monstruoso de governo marcial, ‘a lacedemônia, espécie de cesarismo legal ao estado de sítio permanente, a semelhança do que fizeram os invasores dóricos nas cidades helênicas do Peloponeso’, tão preconizado pela sociologia do Sr. Oliveira Viana. Dos excessos dessas autoridades militares não havia recurso. Assim armados de poderes ditatoriais, os prefeitos, sem exceção, se desmandaram e porfiaram em violências. A administração que eles aparelharam ressentia-se desse mal congênito. E, positivamente, nada fizeram de útil e perdurável. Duzentos contos anuais eram uma miséria. Uns limitavam-se à distribuição amigável da verba, outros a consumiam num complicado aparelho burocrático. Uns e outros entretinham os ócios de seu exílio... legislando. Dessa incúria federal, os desmandos, as malversações, os peculatos, os grandes crimes acoroçados pelas próprias autoridades, os grandes criminosos impunes, as humilhações impostas à população laboriosa dos seringais, as extorsões à boa fé dos proprietários ricos e simplórios, tudo isso, não raro, agravado com a prisão para os tímidos e o açoite para os altivos. Senhores feudais, na compreensão medieval do termo, os prefeitos entraram a agir ao sabor de sua vontade, atenuada ou agravada, conforme as disposições da própria idiossincrasia, para, no fim de cada ano, cumprir a exigência regulamentar da apresentação de um relatório mirabolante, peça, mais das vezes, de pura fantasia, que os ministros não liam. Sem interferência na administração local, a população assistia bestializada à encenação do domínio federal, submetida às baionetas que esteavam o despotismo prefeitoral. (...). De maneira que um prefeito, simples mandatário do presidente da República e depositário de sua confiança, era, num trecho do Brasil, habitado por brasileiros, autoridade maior do que a que o nomeava, pois enfeixava em suas mãos os três poderes soberanos e independentes da Nação! A tamanha tirania levava fatalmente a absurda organização administrativa do território do Acre; a essa monstruosa concepção de autoridade levava naturalmente a amplitude funcional que foi outorgada aos prefeitos, tão vasta que colocava esses funcionários em esfera mais alta que a traçada ao chefe da Nação, de quem eram simples mandatários (: 234-235).

“autonomia do Acre”. Em parte devido a essas circunstâncias, muitas famílias, entre seringueiros, comerciantes e pessoas ameaçadas de violências, além de alguns seringalistas, decidiram deixar o Acre, tomando as proporções de um êxodo, muitas vezes rumo aos lugares de origem ou até mesmo seguiam para as cercanias de Manaus ou Belém.

A nova “reforma do Acre” foi estabelecida pelo Decreto nº 14.383, de 1º de Outubro de 1920, que reorganizava a administração e consolidava as disposições sobre a justiça no Território do Acre, que, então, teria como capital a cidade de Rio Branco, sede do município do mesmo nome:

Até 1920, pouco progrediu, apesar de ser a capital do departamento mais rico do território. As outras capitais (Sena Madureira e Cruzeiro do Sul) superaram-na em tudo, até que, unificado o território, a administração central passou para Rio Branco e daí o seu desenvolvimento, aliás, lento.

Segundo o recenseamento de 1920, realizado em todo o país, no território do Acre havia 92.739 habitantes, com 19.930 deles em Rio Branco, cuja população urbana era de 4.834 pessoas, “sendo no bairro Pennapolis e seus subúrbios, 2.928 pessoas; e no bairro Empreza e seus subúrbios, 1906⁶⁹”. Com a unificação o Território do Acre passou a ser administrado por um governador, nomeado pelo Presidente da República. O primeiro governador foi Epaminondas Jacome, que havia sido sub-prefeito do Departamento do Alto Acre por um curto período, assumindo em 22 de Dezembro de 1910 e tendo sido, curiosamente, exonerado em 24 de Janeiro de 1911.

Com efeito, já destacamos aqui que esse dia do mês de Janeiro constituiu-se no âmbito público como a “gloriosa data acreana”, assinalando, enfim, o marco simbólico do “fim da revolução e da emancipação do Acre do jugo da Bolívia”:

Assim foi que o eminente chefe do governo deste departamento, dr. Epaminondas Jacome, num dos seus muitos e bem assignados rasgos de justiça, não só decretou o seu feriado, como a festejou, solemnemente, em sua repartição, onde inaugurou a galeria dos retratos dos grandes brasileiros, com a effigie venerável desse extraordinário homem que foi Placido de Castro. (...). Foi, pois, o « 24 de janeiro » uma data brilhantemente celebrada entre nós, tendo além de toda essa solemnidade official, que se cazou com a affectuosidade do nosso prefeito, em sua saudosa despedida, o echo da expansão publica, dominado por um excessivo jubilo, de que

⁶⁹ Folha do Acre, 14 de Abril de 1921.

participamos com sinceridade muita, desejando que no espirito do povo perdure esse contentamento de civismo, para celebração dos feitos memoraveis dos seus heróes⁷⁰.

Se, então, foi como sub-prefeito que Epaminondas Jacome instituiu “o 24 de Janeiro”, é interessante notar que ao ter assumido o cargo de governador do Território do Acre, ora unificado, ele, então, buscou revigorar a realização de “cerimônias comemorativas⁷¹” acerca da “data acreana”, investindo nessa determinada “tradição inventada⁷²”:

24 de Janeiro⁷³

Evocamos o dia 24 de Janeiro, uma das mais gloriosas datas históricas do Acre. Decorridos já são 18 annos, que, no cimo da verdejante colina de Porto Acre, as hostes aguerridas de Placido, deliravam victoriosas ao capitularem as forças bolivianas do commando dos coronéis Canseco e Ruiz.

O 24 de Janeiro término do combate iniciado a 15 do mesmo mez do anno de 1903, é uma verdadeira epopéa, e, como dia que assignala a ultima capitulação do inimigo, no transcorrer daquelle bellicoso movimento, encerra uma verdadeira apothose.

*

A magna data foi solemnemente commemorada pelo sr. dr. governador do Territorio.

Ás 9 e 20.^m da manhã s. ex. recebeu no palácio do governo os cumprimentos dos representates de todas as classes sociaes.

Ás 9 e 55. foi pelo sr. major Conrado Lopes, funcionario da secretaria do governo, lida a resolução que adoptou a bandeira que tremulou a 24 de Janeiro de 1903 em Porto Acre, como bandeira official do Territorio. Ao ser içada no mastro do palácio governamental, a bandeira nacional e a acreana, um continente da Força Militar do Territorio, prestou as continencias do estilo, ao som do hymno acreano, simultaneamente entoado pelos alumnos do grupo escolar « 24 de Janeiro » e das outras escolas.

Ás 10 e 20.^m uma comissão de veteranos do Acre, composta dos srs. Coronéis Joaquim Victor da Silva, José Galdino de Assis Marinho, João de Oliveira Rola e Daniel Ferreira de Lima, fizeram correr as cortinas que guardavam os retratos de Placido de Castro, José Brandão, Francisco Mangabeira e Baptista de Moraes, heróes da revolução acreana.

Acompanhado do sue ajudante de ordens, de auctoridade federaes e locaes e do povo, o sr. dr. Governador assistiu, na igreja de São Sebastião, em Pennapolis, a missa solemne, officada pelo sr. padre Mattioli.

Á noite houve benção do Santissimo Sacramento na mesma igreja, cinema ao ar livre, não tendo havido retreta devido ao fallecimento do coronel José Ferreira Lima. Por ordem do sr. dr. Governador, foi naquelle dia melhorado o rancho das praças e dos presos.

No dia anterior foi affixado no placard da « A Brasileira », o seguinte aviso:

⁷⁰ Folha do Acre, 29 de Janeiro 1911.

⁷¹ Aproximo-me aqui especificamente da perspectiva de “cerimônias comemorativas” afirmada por Connerton (1999) no processo de configuração de “memória social”, como também considero as observações de Bourdieu (2011) quanto aos “estados da história (ou do social)”, no caso específico da “história no seu estado objetivado”.

⁷² Ver Hobsbawn, 1984.

⁷³ Folha do Acre, 27 de Janeiro de 1921.

« AOS INDIGENTES

Os pobres que quizerem ser servidos de carne verde, gratuitamente na próxima segunda-feira, dia feriado acreano, queiram entender-se com o delegado de policia, afim de serem contemplados na distribuição. »

Com effeito, no dia 24, foram distribuidos 406 kilos de carne verde a 180 necessitados.

As comemorações cívicas, tal como a destacada, assim como outros eventos públicos, engendraram o estabelecimento de encontros sociais entre os habitantes de Rio Branco, que se constituíam, ademais, como espaços públicos de diversão e entretenimento, evidenciando um relativo reconhecimento mútuo. O cerimonial aludido, ao evocar o dia “24 de Janeiro”, seguiu um determinado programa, uma sequência de solenidades, ou seja, atos rituais desempenhados em público. Podemos ressaltar o içamento das bandeiras nacional e acreana, a entoação do hino acreano, pelos alunos do grupo escolar “24 de Janeiro” e de outras escolas, o descortinamento dos retratos dos “heróis da revolução acreana” pelos “veteranos do Acre” (dentre os quais ressalto João Galdino e Daniel Ferreira, que tiveram como empregado Daniel Pereira de Mattos), missa e “benção do Santíssimo Sacramento” ocorridas na igreja de São Sebastião e cinema ao ar livre. Além de tais solenidades, nos feriados frequentemente havia a efetivação dos “socorros da caridade pública”, sendo distribuídos kilos de carne verde aos “pobres e indigentes”. À noite, era comum também a realização de retretas no coreto da Praça Tavares de Lyra, defronte ao palacete do governo, mas, naquela ocasião não ocorrera devido ao falecimento do coronel José Ferreira Lima.

Como apontei anteriormente, as transformações no espaço físico que modificavam a cidade de Rio Branco, envolvendo seu embelezamento e princípios de saneamento, “foram correlatas à ampliação dos espaços sociais, no sentido da intensificação e transformações dos usos tradicionais de esferas de sociabilidade” (Daou, 2004: 40). Surgiam, então, novas atividades urbanas e novos lugares públicos, animados por um “cosmopolitismo” e confiança no “progresso”, constituindo-se novas formas de associação e a diversificação das interações sociais.

Podemos, por exemplo, relacionar os acontecimentos cívicos, o carnaval organizado pela municipalidade, as “festas de caridade” promovidas pela confraria “A Capital” para atender “os clamores lancinantes da pobreza desvalida” nos feriados, a “festa das crianças pobres” nos 27 de Setembro (dia de São Cosme e Damião), banquetes políticos e esplendidos banquetes oferecidos aos acreanos ilustres, como também aqueles proporcionados pelos coronéis nas sedes dos seringais para os seus trabalhadores, sessões cinematográficas ao ar

livre, espetáculos populares e teatrais no “Eden-Cinema”, no “Centro Artístico e Operário Acreano”, como também no “Bar Acreano”. Com efeito, a maior parte dos eventos culminava com retreta no coreto da Praça Tavares de Lyra pela banda de música da Força Policial:

Ajardinamento da PRAÇA TAVARES DE LYRA⁷⁴

Vão bastante adeantados os trabalhos do ajardinamento da praça Tavares de Lyra, graças a perseverança do sr. major Manoel Duarte de Menezes, digno commandante da Força Policial.

Inaugurado já o primeiro plateau, até o fim deste mez espera-se que esteja prompto o segundo onde já começaram a cuidar dos canteiros e plantações de crotons, flores etc.

O jardim da praça Tavares de Lyra está sendo incontestavelmente, um agradável ponto de reunião.

Para ali affluem, á noite, familias de cavalheiros dos dois bairros da cidade, especialmente ás quintas-feiras e domingos, quando se faz ouvir, no coreto, a banda de música, dando á praça um todo de alegria.

É digna de elogios essa actividade empregada, no serviço de embelezamento pelo sr. major Duarte de Menezes.

Quem conheceu, até bem pouco aquelle local e que hoje o vê, completamente transformado, aquilatará da acção enérgica do distincto official que, em pessoa, vem dirigindo aquelle trabalho.

Mas a situação do Acre não exhibia esplendor e também não mudara muito com o decreto de sua unificação. Ora, a “crise da borracha” era a “crise da Amazônia”. Proprietários de seringais, comerciantes, seringueiros e operários do Território reuniam-se em busca de resoluções para a crise econômica que os afetavam. A necessidade de medidas governamentais para a valorização do “ouro negro” e “salvação do Acre” ocupavam as missivas de apelo dos seringalistas e associações comerciais, que, então, organizaram o Congresso Seringalista Acreano. A década de 1920 no Território do Acre, de fato, foi marcada por um considerado despovoamento diante do quadro socioeconômico assim apresentado:

MISERIA !⁷⁵

Hontem amanheceu morto o homem, que, há uns dez dias, vinha, todo comido de *tapurús*, agonizando dentro do coreto que demora na praça Municipal.

Morreu como um philosopho. Não pediu nem se queixou, e só a policia (a policia somente) se incommodou com elle, para que o corpo fosse sepultado!

Oh! pobre Acre!

O que foste e o que és!

⁷⁴ Folha do Acre, Rio Branco, Quinta-Feira, 6 de Outubro de 1921.

⁷⁵ Folha do Acre, Quinta-Feira, 21 de Julho de 1921.

Quando a emigração da população dos seringais e das próprias cidades não tomava o rumo para longe do Acre, o novo lugar para viver escolhido pelos trabalhadores dos seringais e suas famílias podia ser mesmo alguma daquelas cidades, que já conheciam devido a afluência sazonal em busca de produtos comerciais e diversão. Em Rio Branco, seringueiros e empregados buscavam, portanto, as suas inserções em atividades variadas conforme a estratégia de cada um. Nesse sentido, cabe apreciar a asseveração de Daniel Pereira de Mattos quando afirmou em sua carta aqui discutida que “por ultimo” trabalhou com José Galdino.

O veterano da revolução acreana, o coronel José Galdino era um destacado “patrão” e chefe político, principalmente com influência na região abrangida pela cidade de Xapury, contigua a Rio Branco. Tal manutenção de poder envolvia, contudo, conflitos beligerantes entre ele e seus antagonistas locais. Fato é que até 1926 os coronéis com os quais Daniel Pereira de Mattos trabalhou foram assassinados em atentados e emboscadas. Ou melhor, exceto o coronel José Galdino de Assis Marinho, que diante de acusações de assassinato, longo enfrentamento judicial e ameaças, seguiu no dia 18 de Junho de 1921, a bordo da chata “Curityba”, para Belém, capital do Pará, cidade onde foi residir.

Assim, com a sentida decadência dos “velhos acreanos” proprietários de seringais, Daniel Pereira de Mattos buscou estabelecer-se na cidade de Rio Branco, investindo na profissão de barbeiro. Publicado no jornal Folha do Acre, o mapa apresentado pela “comissão lançadora do imposto de Industria e Profissão”, correspondente ao primeiro semestre de 1927 na cidade de Rio Branco e seus subúrbios – “administração do Exmo. Sr. Dr. Alvaro Arnos de Mello Leitão” – encontra-se, entre os lançamentos efetuados, o referente a uma “Barbearia de 2ª classe”, cujo dono era o contribuinte Daniel Pereira de Mattos⁷⁶. Seu estabelecimento situava-se, então, na 6 de Agosto, uma das ruas mais antigas da cidade, existente desde os tempos da Vila Rio Branco. O exame desse documento, ao fornecer o elenco dos contribuintes, estabelecimentos e seus respectivos locais e atividade, permite imaginar o cenário da vida social de Rio Branco daquela época.

A habilidade de Daniel como barbeiro pode ter sido desenvolvida, dentre os ofícios oferecidos, na escola de aprendizes de marinheiros pela qual passou ou mesmo na própria Marinha de Guerra do Brasil. Daniel Pereira de Mattos era um dos nove barbeiros que

⁷⁶ Folha do Acre, Rio Branco, 2 de Março de 1927. Ver anexo n.º 03.

atendiam em Rio Branco, sendo apenas uma das barbearias classificada como de “1ª classe”, notando-se que o valor do imposto das primeiras custava trinta mil reis (30\$000) e dessa outra custava cinquenta mil reis (50\$0000). Todos os interessados tinham um prazo de quinze dias para apresentarem reclamações acerca da cobrança e o prazo de pagamento, “sem multa, até 31 de Março; com multa de 10% até 30 de Abril, e com multa de 20% até 31 de Maio”.

Além de barbeiro, a “representação⁷⁷” de Daniel Pereira de Mattos no cenário de Rio Branco exibia outros desempenhos e expressões:

SOLICITADAS⁷⁸

PENSANDO

Pensando espio o céu de nuvens brancas
E a transparencia subita do infinito!
Quando o sol beija a terra afflicto
Baixam os passarinhos que revoam em ancias...

E por entre as ramagens onde as franjas
Os pequeninos ninhos escondidos
Occultos ali, de cazas constrictos
Cantam e Saúdam os céos de esperanças!

Invejo o viver dos ledos passarinhos,
Que felizes e alegres nos seus ninhos
Vivem do praser suave do carinho!

Erguendo os voos lá para onde Deus
Escuta risonho todos os cantos seus
E ver-me pensando em viver sosinho!...

Rio Branco, 8 de outubro d 1926
Daniel Pereira de Mattos

A publicação de poemas em jornais e periódicos era comum durante a primeira República, havendo o investimento tanto de figuras políticas, militares e membros da elite quanto de pessoas do povo em serem poetas. De fato, a postura e o anseio de “ser poeta” correspondiam à estrutura social da época, inspirados numa certa pretensão de gosto ou estilo de vida (Bourdieu, 1983). O poema “Pensando”, de autoria de Daniel Pereira de Mattos,

⁷⁷ Utilizo aqui tal noção seguindo Goffman, que afirmou: “Venho usando o termo ‘representação’ para me referir a toda atividade de um indivíduo que se passa num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores e que em sobre estes alguma influência” (2009: 29).

⁷⁸ Ver anexo n.º 4.

inscreve-se nesse contexto, publicado na Folha do Acre, Rio Branco, 9 de Marco de 1927, na seção “Solicitadas”, tendo sido escrito no ano precedente.

Particularmente, trata-se de um soneto, isto é, um poema de “forma fixa” composto de quatorze versos, distribuídos em quatro estrofes, sendo dois quartetos e dois tercetos. Logo, importa perceber seu conhecimento acerca da “estética do soneto” (Cruz Filho, 2009) e, conseqüentemente, a destreza de sua instrução nas “Letras”, experimentada desde o aprendizado de marinho, notando que, em Março de 1927, Daniel Pereira de Mattos já era um homem que se aproximava de completar 39 anos de idade. A individualidade e a existência social de Daniel firmavam-se no espaço social de Rio Branco, distinguindo-se como pelo seu “perfil de um poeta bohemio⁷⁹”, então, “pensando em viver sosinho!...”.

Observando, mais uma vez, o “exercício financeiro que orçou a Receita e fixou da Intendencia Municipal de Rio Branco – Administração do Exmo. Snr. Dr. Marcilio Fernandes Basto” –, publicado na Folha do Acre, em 7 de Agosto de 1927, percebi novamente um lançamento de imposto acerca da barbearia de 2ª do contribuinte Daniel Pereira de Mattos, no caso, “correspondente ao segundo semestre do ano do corrente exercício, na importancia de 30\$000”. Pouco mais de dois meses depois, Rio Branco, 9 de Outubro de 1927⁸⁰, na “relação dos certificados de divida de diversos contribuintes do imposto de industria e profissão”, referente ao primeiro semestre daquele ano, “remetidos ao dr. Procurador dos feitos da fazenda municipal, para promover respectiva cobrança”, aparece o nome do contribuinte em tela, devendo, a saber, 42\$ (quarenta e dois reis).

Nessa mesma publicação, “Num. 592”, sendo que na página 4, pude notar outra citação a seu respeito:

"CHRÓNICA SOCIAL"⁸¹

(...)

Contracto de casamento

O sr. Daniel Pereira de Mattos, conhecido artista-cabellereiro,
participou-nos o seu ajuste de casamento

⁷⁹ Perfil de um poeta bohemio, Folha do Acre, Rio Branco, 9 de Marco de 1927.

⁸⁰ Respectiva publicação do periódico Folha do Acre. Ver anexo n.º 5.

⁸¹ Ver anexo n.º 6.

com a senhorita Maria do Nascimento,
a realizar-se no dia 24 de dezembro próximo.

Na região do rio Acre, “espiando o céu de nuvens brancas”, Daniel Pereira de Mattos amiúde pensava e tinha a impressão de que ficaria “sozinho” ao longo da sua vida. Daniel, então, queria se casar, evento ora aludido. Casou-se, portanto, com Maria do Nascimento esse “conhecido artista-cabellereiro” no espaço social de Rio Branco, cujo “ajuste de casamento”, tornado público, ficaria para o dia 24 de dezembro, véspera do “Natal de Jesus” de 1927, conforme “o christianismo solemnisa o natalício do seu immortal e excelso fundador”. Portanto, além de ser um barbeiro (“cabellereiro”) da movimentada Rua 6 de Agosto, nosso personagem histórico destacava-se também como “artista”.

A existência social de Daniel Pereira de Mattos como “artista” reconhecido na cidade de Rio Branco devia-se especialmente à atividade de músico, *poéta bohemio* frequentemente requisitado. Quanto ao reconhecimento dos “artistas” ali, muitas vezes tal percepção classificava aqueles profissionais que realizavam algum tipo de ofício artesanal, isto é, comparado ao trabalho do “artífice”⁸². Em Rio Branco, com a complexificação das atividades urbanas, havia diversos “artistas abalisados”, inclusive estrangeiros, entre, por exemplo, retratistas, artistas gráficos, dançarinas, músicos e cançonetistas, especificamente reunidos nas “troupes do teatro”.

A programação de entretenimento apresentava-se variada, trazendo animação: dramas e comédias no “Theatro do Bar Acreano”; a música ao vivo no Eden Cinema; festas e os carnavais nos clubes; serenatas e “toccatas” em aniversários e botequins; *soirées* dançantes; banquetes e saraus no Hotel Madrid e Restaurante 6 de Agosto; *pic-nics* oferecidos pelos intendentes ao povo; festividades religiosas de Nossa Senhora da Conceição, padroeira do Acre, como ainda em honra ao glorioso São Francisco, em honra ao glorioso mártir São Sebastião, em honra ao glorioso São José; retretas no coreto da Praça Tavares de Lyra animadas pela banda musical da Força Policial; e demais acontecimentos cívicos e bailes oferecidos aos prefeitos e líderes políticos. Notadamente, a diversão em Rio Branco era musical. A atmosfera sonora, portanto, perfazia desde as reuniões particulares até os eventos públicos. Instrumentos musicais e partituras garantiam a execução dos repertórios

⁸² O “artífice” explora as variadas dimensões da “habilidade artesanal”, que “designa um impulso humano básico e permanente, o desejo de um trabalho bem feito” (Sennett, 2009: 19). Esse autor sustenta duas teses: “que todas as habilidades, até mesmo as mais abstratas, têm início como práticas corporais; depois, que o entendimento técnico se desenvolve através da força da imaginação” (ibid: 20).

programados e também, oportunamente, improvisados, que incluíam a ópera, a valsa, a *polka* e o *schotisch* e o maxixe, notando-se também o tango e o fado.

A formação de músico de Daniel Pereira de Mattos remonta aos seus tempos de aprendiz de marinheiro e de praça da Marinha de Guerra do Brasil, recebendo em tais instituições as respectivas instruções de “mestres de música”. Inclusive, ao assentar praça havia atenção reservada para o recrutamento dos aprendizes músicos, observando, ainda, que a banda de música do corpo de marinheiros era considerada a principal e a mais importante da Armada⁸³. Uma dada experiência musical fazia parte da vida dos marinheiros, uma vez que a existência da aludida banda de música era fundamental para a realização dos intrínsecos cerimoniais da Marinha e engendrava, portanto, a participação dos marujos.

Com efeito, pode-se perceber, desde a segunda metade do século XIX, que as instituições militares e as escolas de aprendizes ligadas àquelas constituíam os espaços primordiais de formação musical⁸⁴. Ora, o acesso ao estudo para as camadas populares dependia de “algumas instituições caridosas que misturavam o ‘espírito cristão’ para com os pobres e a preparação para algum ofício” (Diniz, 2007: 42). Assim, músicos negros marcavam presença em diferentes atividades e contextos da vida social, “destacaram-se no setor erudito, na composição e na interpretação de missas e outras obras sacras, dramas, entremezes e conjuntos diversos, proporcionando execuções em solenidades, teatros, fazendas e igrejas” (Bittencourt-Sampaio, 2010: 23).

Em 26 de Outubro de 1927, Daniel Pereira de Mattos foi convidado a ir à Tesouraria da Intendência Municipal de Rio Branco para efetuar o pagamento dos impostos relativos ao primeiro e segundo semestre daquele ano⁸⁵. Mas, ele, proprietário de uma barbearia de 2.^a, não era o único devedor dos impostos anuais, pois a relação dos contribuintes em tal situação

⁸³ Vale ressaltar que marinheiros músicos da “revolta de 1910”: “No local da reunião ‘residiam muitos marinheiros, na sua quase totalidade músicos, os quais faziam parte direta do movimento’, como testemunhou João Cândido. Entre os marinheiros, de fato, havia músicos exímios, como Manoel Gregório do Nascimento, e ficou famosa a sessão de maxixe apresentada à rainha d. Amélia (esposa de d. Manuel II, último rei de Portugal), quando esta recebeu a tripulação do navio-escola Benjamin Constant que visitava Lisboa, em 1909” (Morel, 2008: 45).

⁸⁴ A obra “O Rio musical de Anacleto de Medeiros: a vida, a obra e o tempo de um mestre do choro”, escrito por Diniz (2007), exemplifica bem tal fonte de ensino e aprimoramento da atividade de músico. É oportuno fazer notar que a partir de determinado “jeito de interpretar os gêneros estrangeiros, como a polca, a valsa, a quadrilha, o *schottish*” originou-se o “choro”, estilo musical que se consolidou no Rio de Janeiro desde 1870. Sendo assim, fica a sugestão de que o “choro” também fosse tocado em Rio Branco.

⁸⁵ Ver anexo n.º 7.

era longa, incluindo diversos tipos de estabelecimentos. Ou seja, a crise econômica que afetou a região na década de 1920, devido ao declínio no preço da borracha (e que também se estenderia durante a década subsequente), comprometeu de maneiras diferentes as classes sociais na cidade de Rio Branco.

Pois bem, se o casamento de Daniel Pereira de Mattos com a senhorita Maria do Nascimento tinha ficado marcado para o dia 24 de Dezembro de 1927, de fato, a cerimônia dessa aliança, realizada na capela de Nossa Senhora da Conceição, somente ocorreria no dia 04 do mês de Agosto de 1928, possivelmente em razão de problemas financeiros e outros que então ele enfrentava. Segundo o livro em arquivo na Catedral Nossa Senhora de Nazaré, na data do casamento Daniel estava com 40 anos e ela, Maria do Nascimento Viégas, tinha 22 anos, sendo também natural do Maranhão. Dessa união foram gerados quatro filhos (Margarido & Araújo Neto, 2005).

O alento representado pelo seu casamento aplacava o sentimento de viver sozinho. Entretanto, a vida na boemia parecia aliar-se aos problemas econômicos para manter a família que buscava. Então, em 28 de Dezembro de 1933, Daniel Pereira de Mattos resolve vender a terra que por herança paterna lhe pertencia desde 1897, localizada no lugar denominado Barra, “Termo Sede da Comarca de Vagem Grande”. O negócio foi feito mediante procuração em nome do coronel Pedro Paulo Leitão, morador de Vagem Grande, tendo sido comprada por Horácio Pereira de Sousa, um dos principais proprietários de terras naquela região (Araujo Neto *et al*, 2010).

Alguns anos depois chegaria a situação-limite para a família de Daniel. Um dos eventos que mais movimentavam a rotina social em Rio Branco, uma típica cidade amazônica, eram as chegadas e partidas das embarcações. E foi num desses eventos de navegação que a vida de Daniel Pereira de Mattos tomaria rumos dramáticos, pois sua esposa seguiu de volta ao Maranhão, no ano de 1937, levando consigo seus filhos a bordo. Então, abandonado pela família e com pensamentos de estar sozinho, o reconhecido “artista-cabellereiro” procuraria ainda mais inebriar-se nos eflúvios da boemia.

Capítulo II

Do *Livro Azul*

No começo era bem pouquinho hino, não era esse livrão de hoje não. Essa Casa é uma Escritura Aberta.

João de Deus⁸⁶

1- O poeta boêmio toca seu violino com fé

Nos espaços recreativos e de convívio social em Rio Branco o consumo de bebidas alcoólicas, principalmente pelos homens, ligava-se aos prazeres e excitação das reuniões entre as pessoas. Muitas vezes, a propensão de muitos hábeis profissionais e boêmios a sentirem-se ébrios causavam-lhes desequilíbrios, desvairamentos e perturbações, levando-os à miséria e ao termo da ocorrência de mortes, tanto por tombarem minados quanto por, devido à exaltação produzida pelo álcool, envolverem-se em discussões esquentadas. Em tal situação encontravam-se seringueiros, empregados da intendência municipal e “acreanos ilustres”⁸⁷.

Em 1937, o barbeiro e poeta boêmio Daniel Pereira de Mattos era visto diariamente em estado de embriaguez pelas ruas e margens de igarapés da região de Rio Branco, o que chamaria a especial atenção de um cliente de sua barbearia e conterrâneo, o maranhense

⁸⁶ É o membro mais antigo do culto religioso fundado por Daniel.

⁸⁷ Diante das conturbações sociais resultantes da influência do álcool, em fins da década de 1920 incrementaram-se em todo o território campanhas de combate ao alcoolismo, constituindo um problema de saúde pública da amplitude de doenças como a sífilis e a tuberculose.

Raimundo Irineu Serra⁸⁸. Naquela região, o “pretão alto Irineu” assim destacava-se entre a população local, distintamente reconhecido por liderar um determinado *trabalho espiritual*⁸⁹ e ser um “curador”. Raimundo Irineu Serra foi o fundador do “Centro de Iluminação Cristã Luz Universal” (CICLU). No ensejo desta pesquisa, menos do que realizar uma apresentação da trajetória de Irineu e da fundação do CICLU⁹⁰, cabe, especificamente, mostrar necessários nexos de interação e atividades relativas ao fenômeno religioso aqui enfocado.

Entre 1910 e 1912, depois de ter saído de São Luís, onde embarcou num vapor no Cais da Praia em direção à Belém, vivido em Manaus por alguns meses, até chegar ao território do Acre, Raimundo Irineu Serra trabalhou na Comissão de Limites encarregada de delimitar as fronteiras em controvérsia envolvendo Brasil e Peru. No contexto do “vegetalismo amazônico” (Luna, 2002), mais precisamente nos seringais do Peru, junto de outro maranhense, Antônio Costa, entre os anos de 1914 e 1916, Raimundo Irineu teve experiências de beber o chá da “ayahuasca”. Em Brasília, no Acre, os irmãos Antonio Costa e André Costa, juntamente com Irineu, organizaram o “Círculo de Regeneração e Fé⁹¹” (CRF), onde também faziam uso da bebida ayahuasca. Conforme Moreira & MacRae “as sessões do CRF parecem ter tido fortes características espíritas. Nas sessões recebiam-se comunicações de entidades que se identificavam com títulos de príncipes, princesas, rainhas, reis e marechais” (2001: 105).

⁸⁸ Segundo Moreira & MacRae (2011), Irineu conheceu Daniel “quando ainda trabalhava como estivador no cais da Praia Grande, em São Luís” (: 186). Todavia, essa informação apresenta-se bastante vaga, sem definir sua fonte, e, não encontra reverberação razoável nos relatos acerca da amizade entre eles.

⁸⁹ A categoria *trabalho* é de uso amplo em variados “ritos mágicos e religiosos” (Mauss, 2003) encontrados em regiões diferentes do Brasil. Pode-se referir tanto ao culto em si quanto às sessões, além das atividades e experiências que lá acontecem (Maués, 1994; Pordeus, 2002; Araújo, 2004).

⁹⁰ Ver Goulart, 2004 e Moreira & MacRae, 2011.

⁹¹ Compartilho da hipótese apresentada por Moreira & MacRae (2011) a qual argumenta que o “Círculo de Regeneração e Fé” tenha sido concebido por inspiração das leituras da revista “O Pensamento”, publicação da primeira “ordem/sociedade esotérica” do Brasil, o “Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento” (CECP), surgido em São Paulo e fundado em 27 de junho de 1909⁹¹. Semelhante ao lema adotado pelo CECP – Harmonia, Amor, Verdade e Justiça –, no brasão do “Círculo de Regeneração e Fé” constava a inscrição “Harmonia, Amor e Verdade”. E, além disso, em sua própria denominação nota-se a designação “Círculo” como o nome primeiro. Presume-se que a organização de caráter “esotérico” funcionou no período de 1916 a 1943. A revista “O Pensamento” – cuja primeira publicação data do ano de 1907, quando a “ordem/sociedade esotérica” recebia a denominação de “Loja Amor e Verdade” – parece que teve, então, ampla divulgação, circulando por recônditas regiões do país, e, mais especificamente, refiro-me ao mundo amazônico. Foi, assim, “responsável pela divulgação de uma corrente mística em que espiritualismo, magnetismo, mentalismo e cabalismo se associavam ao psiquismo em geral, à astrologia, à clarividência e, em particular, ao espiritismo kardecista e a mediunidades, em voga no Brasil desde meados do século XIX” (Silva, 2006: 227).

Nas experiências iniciais de Raimundo Irineu Serra com a ayahuasca, após obedecer a certa dieta alimentar e abstinência sexual, ele entraria em contato, mediante aparições, com a entidade espiritual feminina que passa a lhe transmitir ensinamentos e que lhe entregará uma “doutrina” ou “missão”, ou seja, orientando-o na organização de um novo *trabalho espiritual* do qual se tornaria o líder. Em suas visões aparecia a imagem de uma “Senhora”, identificada por Irineu como a “Rainha da Floresta”. Tratava-se, assim, de uma entidade feminina associada àquele “mundo amazônico”, que, então, foi reconhecida por esse migrante maranhense como sendo também a mesma Virgem da Conceição⁹².

Importa assinalar que Nossa Senhora da Conceição tinha um apelo devocional garantido na sociedade acreana, pois era a consagrada padroeira do Acre. Ora, é sabido que “um dos traços mais marcantes da espiritualidade luso-brasileira foi a devoção preferencial à Maria sob seus diversos títulos” (Viana, 2007: 100). De fato, naquela região do rio Acre, brasileiros e bolivianos compartilhavam do culto à Virgem Maria. Visto assim, penso que a visão de “Nossa Senhora” tida por Irineu inscreve-se no âmbito do fenômeno das “aparições marianas” (Steil, 2003). Mais tarde, a devoção dedicada à “Rainha da Floresta” apareceria representada por uma série de nomes nos hinos *recebidos* em sua honra, à medida que se dava a organização do aludido grupo religioso que Raimundo Irineu fundou em Rio Branco.

Tendo chegado a capital do território em 1920, ele procurou a integrar-se à “Força Policial”. Ao deixar tal corporação, Irineu buscou um lugar para morar nas cercanias de Rio Branco, fixando-se, então, no início da década de 1930, em terras do Seringal Empresa, num lugar denominado Vila Ivonete. Para Irineu a bebida genericamente conhecida naquela região amazônica como ayahuasca passará a denominar-se de Daime. E, assim, fundou o “culto do Daime”, afirmando-se como afamado “curador” e líder religioso e comunitário, ou melhor, o “Mestre” e “padrinho” Irineu.

Os *trabalhos espirituais* dirigidos por Raimundo Irineu Serra voltavam-se para a “concentração” e a “cura”. Com efeito, “boa parte das pessoas que se iniciaram na doutrina foi porque lá receberam sua saúde”⁹³. É por essa forma que Daniel Pereira de Mattos chega, em 1937, ao grupo inicial de seus seguidores, atendendo ao convite do Irineu, levando-se em

⁹² Vale aqui ressaltar a pesquisa de Taussig (1993) no Alto Amazonas, Colômbia, em que mostrou, dentre outras questões, como “a mulher selvagem da floresta” tornou-se “Nossa Senhora dos Remédios”.

⁹³ Trecho de entrevista com o Sr.º José das Neves, um dos primeiros seguidores de Mestre Irineu, que foi publicada no jornal Varadouro, Rio Branco, Acre, em Abril de 1981. Disponível em: <http://www.santodaime.org/arquivos/neves.htm>

conta que não era comum por parte de Irineu chamar pessoas para participarem do culto. Ora, importa considerar o sentimento de ambos serem maranhenses e interagirem frequentemente nas conversas que animavam a amizade entre o “artista-cabellereiro” Daniel e o “pretão alto” Irineu, cuja fama passou a evidenciar seus *trabalhos de cura*⁹⁴.

As “sessões de Daime” do Mestre Irineu propiciavam o sentimento subjetivo de seus participantes de pertencer àquela associação religiosa, mostrando-se como um lugar específico de se obter a “cura” em Rio Branco. E, assim, fomentava um sentido de comunidade entre seus membros, vinculados por “relações de compadrio”⁹⁵, tendo, então, o líder espiritual do grupo como padrinho:

Raimundo Gomes do Nascimento: Nós tínhamos um sistema de trabalho que era o seguinte: o Padrinho Irineu dava um serviço de concentração e o Daniel tinha umas teorias de fazer valsas dele. Então quando chegava numa parte do trabalho, o padrinho Irineu mandava o Daniel tocar aquelas valsas dele que eram muito bonitas. A gente se concentrava naquela música que ele tocava. Então era assim que o Daniel participava dos trabalhos, no tempo que ele estava com o Mestre Irineu. Ele só tocava música dele, até os instrumentos eram feitos por ele⁹⁶.

⁹⁴ Conforme Moreira & MacRae (2011): “Em 1935, Mestre Irineu deu novos contornos ao ritual. Nessa época, ele começou a realizar trabalhos de daime geralmente às quartas-feiras ou aos sábados de cada semana. Às quartas-feiras ocorriam os trabalhos dedicados à cura, já aos sábados os trabalhos eram dedicados à irmandade. Mas, essa rotina nem sempre foi seguida rigidamente, havendo quartas-feiras quando não se realizavam trabalhos em prol de ninguém e sábados quando se faziam trabalhos de cura. Nesse período, Mestre Irineu também começou a organizar os trabalhos de hinário” (163).

⁹⁵ Conforme assinalou Pereira de Queiroz (1968), partindo de um “tipo ideal”, “o batismo constitui em todo o Brasil a base de um conjunto de relações sociais fundamentais – as relações de compadrio. O compadrio liga uns aos outros vários indivíduos: padrinho, afilhado, compadre, comadre, - transformando-os num grupo altamente solidário, com deveres e direitos recíprocos. A ajuda mútua entre compadres é de regra. O padrinho tem o dever de auxiliar o afilhado pela vida afora, constituindo assim um apoio com que este possa contar; mas envelhecendo, é ele que passa a ser auxiliado pelo afilhado. A relação de compadrio é, assim, uma garantia de auxílio recíproco entre duas gerações, além de desempenhar o mesmo papel ao nível de uma mesma geração, isto é, entre compadres” (: 116). A autora salienta ainda a multiplicação de ritos pelos quais tal relação pode ser estabelecida: “Compadres de S. João ou da fogueira se estabelecem no dia de S. João, entre dois indivíduos que assim o decidiram: há para isso fórmulas especiais, como pular em conjunto a fogueira proferindo palavras rituais. O compadrio da Semana Santa, por sua vez, se estabelece quando um indivíduo, decidindo escolher outro para seu padrinho, leva-lhe um presente na sexta-feira Santa e pronuncia determinadas palavras ao lho oferecer. Parentesco, idade, cor, situação social não impedem o estabelecimento destas relações de compadrio, e a recusa é sempre considerada ofensa grave. Estes laços sociais são também de tipo igualitário, pois tendem a anular distâncias sociais que porventura estejam em processo de estabelecimento no interior do bairro rural, promovendo assim maior integração do grupo” (: 117).

⁹⁶ Trecho de entrevista com o Srº Raimundo Gomes do Nascimento, membro antigo do CICLU (apud. Almeida, 2008: 46).



Foto 2: Irmandade surgida em torno de Raimundo Irineu Serra no início da doutrina na Vila Ivonete, início da década de 1940. Da esquerda para direita: Manoel Dantas, Antônio Gomes, Manoel Belém, Germano Guilherme, Daniel Pereira de Mattos, José das Neves, Mestre Raimundo Irineu Serra, João Pereira, Antônio Roldão, Pedro Corrente, João de Sena, Pedro Ribeiro, (?), Sebastião G. Nascimento e o “velho” Tamandaré. Fonte: Memorial Raimundo Irineu Serra. Na frente as crianças.

A partir do ano de 1937, Daniel Pereira de Mattos inscreve sua participação no culto do Daime dirigido por Raimundo Irineu Serra, tomando parte no grupo dos primeiros seguidores do Mestre. A participação do “cumpadi” Daniel nos *trabalhos de Daime* do padrinho Irineu envolvia seu interesse em livrar-se do alcoolismo, o que implicava também em receber uma “cura espiritual”. Ao longo do seu processo existencial particular de “transformação”, Daniel enfrentou uma recaída e voltou a ter experiências com álcool. Mas, logo percebeu que deveria seguir com aquele “tratamento” fundamentado no uso do Daime.

A particularidade da participação de Daniel nesses *trabalhos espirituais* mostrava-se mediante sua destreza de músico, com suas “teorias de fazer valsas”. As manifestações musicais, portanto, constituíram uma atividade intrínseca da construção do complexo ritual da “doutrina do Daime” fundada por Raimundo Irineu Serra. Ao canalizar suas habilidades de músico e poeta, assim como as demais que possuía, Daniel Pereira de Mattos particularizava sua participação, ofertando valsas e contribuindo para o desenvolvimento e respectiva organização do “culto do Daime”, onde permaneceria até o ano de 1945. Dessa forma, a realização dos *trabalhos de cura* e dos *trabalhos de concentração* implicava numa “performance musical” (Blacking, 2007): “De 1935 à 1940 é que o Mestre vai desenvolvendo

e recebendo os valores da doutrina, os hinos, a música que vem do astral e não tem nada de inventado”⁹⁷. A prática musical na realização das sessões logo desembocaria na formação de “hinários”, que reuniram, então, os hinos “recebidos” por seus adeptos, e, obviamente, por seu “líder carismático” (Weber: 2009).

Considerando-o em diferentes contextos de relações objetivas, a compreensão do personagem histórico Daniel Pereira de Mattos que aqui desenvolvo procura relevar seus anseios consoantes ao enredo de suas experiências particulares. Figura popular de Rio Branco, músico e poeta boêmio reconhecido por seus versos e suas valsas, Daniel predispôs-se, desde 1937, a transformar sua vida, participando continuamente dos *trabalhos espirituais* dirigidos pelo “negro alto que curava na Vila Ivonete”. Muitas vezes utilizando instrumentos construídos por ele mesmo, sobretudo violão e violino, dos lugares de diversões da cidade sua qualidade musical deslocou-se para animar aquelas sessões de Daime, que engendravam experiências de “fé” fundamentais em seu tratamento.

A partir de 1937, a Vila Ivonete constituiu-se, então, como o cenário da vida social de Daniel Pereira de Mattos. Nesse lugar, junto ao líder espiritual Raimundo Irineu Serra um grupo inicial de adeptos do “culto do Daime” apoiavam-se em relações comunitárias, formando, enfim, uma nova “comunidade religiosa” (Weber: 2009). E para poderem fazer parte com regularidade daqueles *trabalhos espirituais* cada família buscava estabelecer suas casas mais aproximadas da casa do padrinho Irineu, resultando, mais tarde, na existência de um “grupo de vizinhança” (Queiroz, 1968), e, por conseguinte, da formação do bairro Vila Ivonete⁹⁸. A região em tela ficava em terras do Seringal Empresa. No início da década de 1940,

o governador Oscar Passos tomou a primeira iniciativa para a realização efetiva do plano de colonizar a região nos arredores da cidade de Rio Branco, comprando as terras do seringal Empresa, e incumbindo o agrônomo Pimentel Gomes de organizar o plano dessa colonização (Guerra, 2004: 181).

⁹⁷ Trecho de entrevista com o Sr.º José das Neves aqui já citada.

⁹⁸ Sigo aqui como orientações de análise os estudos de Queiroz (1968) e de Candido (2001).

O núcleo colonial Seringal Empresa, logo, resultava do estabelecimento de colônias agrícolas e da demarcação de lotes a serem ocupados. Pois bem, num dos lotes da Colônia Cecília Parente ocorriam regularmente as sessões de *Daime* supracitadas. O ato de tomar *Daime* segundo a orientação prática conduzida por Irineu tinha entre os seus seguidores o efeito de “processos endógenos em níveis fisiológicos e intrapsíquicos⁹⁹” associados àquele culto. O “estado de ânimo” (Weber, 2009) obtido mediante a participação duradoura de cada adepto nos *trabalhos* propiciava, como disposições extraordinárias, a experiência de *mirar*, com seus particulares enredos extáticos chamados de *mirações*. O termo *miração* é procedente, provavelmente, da região de fronteiras de língua hispânica na divisa com o Acre, significando “mirar”, “olhar”, “ver”¹⁰⁰, ou seja, informando o modo de determinada experiência das pessoas que bebiam *Daime* com Raimundo Irineu Serra.

Ao adentrarem no “mundo espiritual”, sob o efeito do *Daime* e influenciados pelos hinos, cada seguidor do culto podia “sentir” a manifestação de imagens visionárias. Dessa maneira, *na força* do *Daime* daqueles *trabalhos espirituais*, a visão de um “Livro Azul” conformava gradualmente a experiência do sagrado de Daniel Pereira de Mattos. O inefável “livro” por vezes também foi mostrado a ele quando inebriado varava pelos igarapés em seus reticentes descansos após a boemia. Certa vez, no ano de 1945, o músico visionário, então, compreendeu, dentro da *miração*, o conteúdo do “Livro Azul” que se revelava, ou melhor, “abria-se”, despertando nele “qualidades carismáticas” inspiradas.

Mediante “revelação” proporcionada no contexto de uma sessão, Daniel conheceu o significado do “Livro Azul” que lhe foi entregue por *dois seres de luz*. Consistiu, assim, numa “doutrina religiosa” recebida do “Deus Pai” e da “Virgem Maria”, cuja devoção a São Francisco das Chagas ele a consagrou. Seu “carisma pessoal” encontrou reconhecimento. Em virtude da legitimidade da sua “revelação” confirmada por seu líder espiritual, Raimundo Irineu Serra, Daniel investiu na edificação de sua “missão”, erguendo uma capelinha de taipa ao lado de sua casa de morada. Lá organizou um *trabalho espiritual* distinto e que também utilizava a ingestão do *Daime*, cuja quantidade inicial para a sua realização foi doada por Irineu.

⁹⁹ Ver Csordas, 2008.

¹⁰⁰ Análise detalhada desse termo encontra-se em Monteiro (1983).

No mesmo ano, em 1945 ocorreu a mudança do padrinho Raimundo Irineu Serra e de famílias de seus seguidores para a colocação “Espalhado”, que, posteriormente, foi denominada de “Alto da Santa Cruz” (conhecido por “Alto Santo”). Relacionado às interdependências que se estabeleciam no respectivo campo social, o deslocamento da referida comunidade religiosa para um novo lugar de morada inseria-se no processo de formação dos núcleos coloniais agrícolas¹⁰¹, fundados especialmente durante o governo do *Major José Guimard dos Santos*. Com efeito, importa ressaltar que particularmente a política de colonização para o Território do Acre foi levada a efeito no período histórico do Brasil na Segunda Guerra Mundial. O loteamento de grande gleba de terras nos arredores da capital atendeu, assim, aos seringueiros nordestinos dispensados do “exército da borracha” com o fim da guerra, que, então, acordavam em desenvolverem a agricultura e a pecuária¹⁰².

¹⁰¹ É importante ressaltar aqui que a designação Alto Santo, a partir de um determinado momento, passou a aplicar-se, simultaneamente, ao local (isto é, à Colônia Custódio Freire) onde o Mestre Irineu organizava seu grupo religioso, ao templo que, posteriormente, ele irá erguer aí e, também, em algumas situações, ao próprio culto daimista.

¹⁰² Conforme elucidou Secreto (2007): “Recorria-se ao velho esquema que tinha proporcionado o boom borracheiro: extrativismo, explorando os seringais amazônicos que estavam em mãos dos seringalistas tradicionais, aviamento-endividamento, arrendamento de estradas etc. Havia urgência de borracha e, por isso, urgência de trabalhadores. A seca de 1942, que não foi da gravidade das que a precederam no século XX, colocou os retirantes em condição de ser recrutados. Rapidamente, a Coordenação da Mobilização Econômica criou o SEMTA (Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para o Amazonas). Também foi criado o SESP (Serviço Especial de Saúde Pública), que tinha por objetivo sanear a Amazônia e a região do Vale do Rio Doce, onde se produzia borracha e minério de ferro, matérias-primas estratégicas para o esforço de guerra norteamericano. A SAVA (Superintendência de Abastecimento do Vale Amazônico) se encarregaria, entre outras atividades, de internalizar os trabalhadores a partir de Belém. Colocou-se em marcha toda uma maquinaria para conduzir rapidamente 50 mil trabalhadores ao Amazonas para que estes produzissem as cotas previstas de borracha. Com isso, caíam por terra os planos de sedentarização: colonização com núcleos familiares do vale amazônico, como o governo Vargas vinha apregoando fazia tempo. A seca de 1942 transformou-se em uma solução para o problema da oferta de mão de obra, mas também para o da justificativa ‘moral’ do deslocamento de trabalhadores de um ponto a outro do território nacional” (: 58-59). No capítulo seguinte deste estudo, mostrarei a participação de alguns desses “soldados da borracha” na constituição do culto religioso fundado por Daniel Pereira de Mattos.



Foto 3: Audiência de colonos e seringueiros com Guiomard dos Santos, Governador do Território, para tratar dos serviços de colonização, ocorrida entre os anos de 1946-1948.

Daniel Pereira de Mattos permaneceria num dos trinta e dois lotes de terra da Colônia Cecília Parente, tendo a autorização do seu respectivo proprietário, Manuel Julião, que era seu “compadre”. Não havendo ainda dados específicos sobre o teor da proximidade entre os dois para o estabelecimento da relação de compadrio, importa destacar que tal vínculo afetivo apresenta-se de maneiras variadas em diferentes contextos sociais, com “o sentido de reforçar os laços de patronagem” (Zaluar, 1983: 47). Assim, o fato da permanência de Daniel no terreno concedido e pertencente “oficialmente” a Manuel Julião demonstrava a ligação de reciprocidade constituída entre eles.

Naquele lugar da Vila Ivonete Daniel decide fixar-se e dar tornar efetiva a realização da “missão recebida”, como logo veremos no capítulo subsequente. Vale notar que a continuidade nos *trabalhos espirituais* com o uso do Daime refletiu na sua disposição em distanciar-se dos “rituais de interação” (Daou, 2004) nos espaços públicos da cidade de Rio Branco¹⁰³. Mas, isso não representa pensar que Daniel Pereira de Mattos não participasse da vida social e política de Rio Branco. A

¹⁰³ Segundo Oliveira (2002: 94), “em 1950, Daniel fez uma promessa de não visitar a cidade pelo período de 10 anos”. Quanto ao conteúdo das cartas, não foi possibilitado meu acesso.

propósito de sua rede de relações e, portanto, da configuração social que formava em sua interdependência com outros personagens históricos da época, lembremos, então, do destinatário da carta de Daniel, que neste capítulo foi dimensionada como um mote para construir uma unidade de compreensão possível.

Quando, em 1946, o Major José Guimard dos Santos assumiu o governo do Território do Acre, Daniel Pereira de Mattos seguia, desde o ano anterior, na edificação do culto por ele fundado, ficando reconhecido enquanto um “nêgo curador” e líder espiritual. Nesse reconhecimento estava em jogo a definição legítima daquele culto. O estabelecimento de relações pessoais entre os dois “líderes” aparece ao longo de cartas remetidas do “plebeo” Daniel para o Governador do Território do Acre Major Guimard dos Santos. E em três ocasiões, marcadas na documentação do gabinete desse chefe político, ele foi recebido no Palácio do Governo (Oliveira, 2002: 94).

A relação de apreço em questão, portanto, era marcada por reciprocidades, tomando a forma de apadrinhamento e proporcionando a oferta de apoio político. O reconhecimento de Daniel em Rio Branco, como vimos, apresentava-se mediante seu investimento e carisma pessoal como músico. Seu “capital cultural” (Bourdieu, 1998) adquirido aparecia objetivado em instrumentos musicais construídos e em valsas, marchas e choros que integravam o repertório das retretas realizadas por bandas musicais no coreto da praça municipal. Manifestando seu apreço por Guimard dos Santos, em 1946, Daniel ofertou-lhe a “Valsa Lydia”, intitulada assim em homenagem à esposa daquele governador do Território.

O “Marinheiro de Luz”, Daniel Pereira de Mattos, tendo fundado e organizado junto de seus seguidores um novo culto religioso, faleceu no dia 8 de Setembro de 1958, “viajando deste mundo à eternidade”. Conta-se que Mestre Irineu presentiu o falecimento do velho amigo, confirmado no “Astral” pelo recebimento de um hino – “Chamei lá nas alturas”.

Percília Ribeiro: Daniel Pereira de Mattos tinha adoecido. Lá se soube da notícia que ele estava muito doente. Nós fomos lá e tal. Quando chegou pertinho do dia dele ir embora, aí saiu esse hino: “Chamei lá nas alturas, para o divino me ouvir, a minha mãe me respondeu, oh filho meu, estou aqui”. Aí, na hora que o hino saiu, o Mestre falou logo: “Precisamos visitar o Daniel”. Com três dias lá vem a notícia, vieram chamá-lo, que ele já tinha falecido. Aí, nós fomos lá pro velório dele, até pela madrugada. Enfim, de lá para cá, a gente vinha todo tempo cantando esse hino na estrada. Aí, ficou na recordação. Toda vez que canta o hino, eu me lembro¹⁰⁴.

¹⁰⁴ Foi uma das primeiras seguidoras dos trabalhos espirituais de Raimundo Irineu Serra. O trecho reproduzido faz parte de uma entrevista concedida em 1999. Disponível em: <<http://www.mestreirineu.org/percilia.htm>>

2- A “Missão de Luz”

Após ter sido acolhido por Irineu para um “tratamento espiritual”, uma vez que se encontrava doente, Daniel retorna à vida boêmia. Por vezes, Daniel, ébrio, tem a visão de um “Livro Azul” que lhe era entregue. E, mais uma vez percebendo a necessidade de retomar seu tratamento¹⁰⁵, ele volta a participar dos *trabalhos espirituais* dirigidos por Irineu. Ao longo do processo de “cura” no contexto do “Centro do Irineu” com a utilização do Daime, Daniel começa a compreender o significado daquele “Livro Azul”, transformando, assim, o sentido de sua aflição na experiência do sagrado:

Antônio Geraldo: Um dia ele tomou um Daime lá no Irineu e depois do serviço ele vinha caminhando pro rumo de cá. Quando ia passando no leito de um igarapé, que não tinha mais água, só areia, aí, deu vontade de ser deitar no leito do igarapé. Ele se deitou na areia do igarapé e lá ele teve uma visão. Ele disse que não tava mais trabalhando no Daime, mas que teve assim uma visão, nem tava dormindo nem tava acordado, quando viu baixando um anjo do céu que chegou onde estava ele e lhe entregou um Livro Azul, da capa azul e dizendo assim: - Tá aqui Daniel, esse livro que Deus lhe mandou para você assumir a sua missão desse mundo à eternidade. A sua missão tá nesse livro, fê¹⁰⁶.

Entre os membros da Capelinha de São Francisco encontrei versões da narrativa da entrega do Livro Azul a Daniel Pereira de Mattos que apresentavam variantes dentro dessa moldura comum. As variações nos relatos ocorreram basicamente em torno da identificação do(s) “mensageiro(s)” do “livro” sagrado, referidos como um ou dois “anjos/seres de luz/seres espirituais”, que, então, mediaram tal “revelação”. Nesse sentido, Jack Goody salientou em seus estudos sobre “mito” e “literatura oral” que “mesmo dentro de uma única ‘aldeia’, e até

¹⁰⁵ “Estou usando o termo tratamento aqui para englobar as medidas e intervenções desenvolvidas a partir do grupo religioso na solução das aflições de seus adeptos e/ou clientes” (Rabelo, 2010: 3-4).

¹⁰⁶ Aproveito oportunamente as informações etnográficas dos relatos de Antonio Geraldo contidas no livro “Mestre Antonio Geraldo e o Santo Daime”, no qual concedeu entrevistas para Almeida (2008: 52). Antônio Geraldo foi o primeiro presidente da associação religiosa após o falecimento de Mestre Daniel.

com os mesmos narradores, é possível encontrar diferenças, em períodos curtos de tempo” (2004: 341), refletindo, assim, as elaborações criativas dos atores sociais diante do mundo¹⁰⁷.

Pois bem, tratava-se da “missão” que Daniel deveria cumprir, realizando um *trabalho espiritual* distinto do qual frequentava naquele momento, mantendo a utilização do *Daime*. Com a “autorização do Pai Eterno e da Virgem da Conceição”, a continuidade e os desdobramentos da “revelação” de Daniel consistiram em “abrir e folhear o Livro Azul” de maneira a compor sua missão religiosa¹⁰⁸. Tal como sugere Marcel Mauss acerca das características gerais da “iniciação religiosa”, pode-se perceber no caso de Daniel “uma revelação completa em vários atos” (2003: 78), estendida através de episódios, envolvendo uma renovação pessoal, o contato extático com o poder divino ou sobrenatural e, então, a aquisição do próprio conhecimento da revelação recebida¹⁰⁹.

Foi na Vila Ivonete, em região mais afastada do centro urbano, com o entendimento e apoio do Mestre Irineu, que Daniel ergueu uma capelinha feita de taipa para o cumprimento de sua “missão”, que dedicou a São Francisco, cuja escolha indicava a manifestação de sua devoção preferencial. Com efeito,

os santos estão entre os protagonistas mais habituais da constante criação de novas associações, rastreáveis não só pelo aparecimento de confrarias ou pela construção de santuários, mas também pela comunicação e transformação de narrativas míticas ou performances rituais, pela extensão das devoções, etc (Calávia Saez, 2009: 211).

¹⁰⁷ Ver também Goody, 2012.

¹⁰⁸ Sobre a natureza de tal processo, assim Weber (2009: 303) escreveu: “A revelação, neste estágio (isto é, nos primeiros tempos da anunciação da doutrina religiosa ou do mandado divino), funciona continuamente como oráculo ou como inspiração no sonho”.

¹⁰⁹ Concernente a sugestão de Marcel Mauss apontada acima, em pesquisa que investigou a “cura xamânica” desenvolvida nos ritos do yagé (outra denominação da ayhauasca) realizados no alto Putumayo, Michael Taussig fez uma observação interessante resultante de sua participação junto de um “grupo de pobres forasteiros brancos e índios da região” que esperava para beber yagé com um reputado xama índio: “Muito mais tarde ficou claro para mim que José García estava aprendendo a ser um curandeiro como parte do fato de ele estar sendo curado de uma aflição profundamente perturbadora. Ao fazer isso, ele atravessava todo um ciclo de aflição, salvação e transformação, que parece tão eterno quanto a humanidade. No entanto o poder deste ciclo não se origina da eternidade, mas do ativo engajamento com a história, do qual a aflição depende para sua cura. José García não deve ser historicizado, pois o passado do qual sua aflição e sua cura dependem é uma ativa construção do passado, original para cada novo presente (...)” (1993: 145).

Nesse sentido, a fundação da Capelinha de São Francisco consistiu, portanto, num ato devocional conformado por Daniel em seu processo transformativo. Mais do que a história da vida do santo normatizada por certa hagiografia, o que interessa é a história do santo referendada a partir de sua presença na vida de um sujeito ou de um grupo (Taylor, 1995; Menezes, 2009):

Francisco Hipólito¹¹⁰: São Francisco já está com ele desde criança. Dizia pro meu Pai que desde criança ele era devoto de São Francisco. E essa Missão ele recebeu de São Francisco. E essa Missão ele dedicou a São Francisco. E São Francisco é quem abre, e São Francisco é quem instrui. E São Francisco é quem chama os irmãos para serem os oficiais da Casa. E São Francisco é o seu santo de devoção. E é essa Casa é de São Francisco. Não podemos cuidar só de nós, o trabalho do Mestre Daniel, por orientação do seu mentor espiritual São Francisco de Assis, o seu santo de devoção nesta Casa, ele já nasceu com obras de caridade. Pois ele chegou nesse trabalho através de uma obra de caridade.

Leila¹¹¹: No trabalho ele (Daniel) teve o esclarecimento de que aquela doutrina era São Francisco quem trazia e ele consagrou a capelinha a São Francisco que era seu santo de devoção.

É interessante observar que “a delimitação das competências cruza com o hábito da adesão religiosa” (Weber, 2009: 290), isto é, o tipo de *missão* – “franciscana” – consubstanciou-se à orientação devocional de prática religiosa – as “obras de caridade” –, tendo o Daime como “sacramento”. Na “magia cristã”, nos termos de Mauss, é comum observar determinados “santos figurarem entre os auxiliares espirituais” (2005: 120). É assim que São Francisco de Assis aparece como “mentor espiritual dos trabalhos da Capelinha de São Francisco”. Enfim, devoção e caridade apresentam-se como os princípios estruturais da Capelinha de São Francisco, ou seja, de uma nova associação de leigos no Brasil com finalidade religiosa e caritativa. Na verdade, a manifestação da devoção implica a prática de prestar obras de caridade, injunção característica do sentido desse culto, isto é, dessa “Missão”.

O fato da imagem da “revelação” da “Missão de Daniel” ter sido um Livro Azul remete a uma expressão simbólica e iconográfica do cristianismo¹¹². Como elucidada Peter Burke,

¹¹⁰ Atual presidente da Igrejinha de São Francisco.

¹¹¹ Adepta e uma das principais cantoras do culto.

¹¹² A compilação das revelações religiosas ou do conhecimento sagrado transmitido na forma de um livro constitui-se numa distinta objetivação histórica das “religiões mundiais” (Weber, 2010) como o cristianismo, islamismo e judaísmo, também denominadas de religiões do Livro (Burke, 2004). Quanto a isso Weber mostrou

em muitas religiões, imagens desempenham um papel crucial na criação da experiência do sagrado. Elas expressam e formam (e assim também documentam) as diferentes visões do sobrenatural, assumidas em diferentes culturas e épocas; visões de deuses e demônios, santos e pecadores, céus e infernos (2004: 57).

O autor citado indica que, no século XVII, “parece ter havido uma grande preocupação com o êxtase” na tradição cristã. Dessa época, o pintor barroco espanhol Bartolomé Esteban Murillo (1618-1682) consolidou sua produção a partir dos quadros encomendados para o claustro do Convento de São Francisco, em Sevilha. Dentre suas pinturas que retratam momentos de êxtase de São Francisco, é emblemática aquela que apresenta similitudes com a visão vivenciada por Daniel Pereira de Mattos, intitulada *San Francisco abraçando a Cristo en la cruz*:

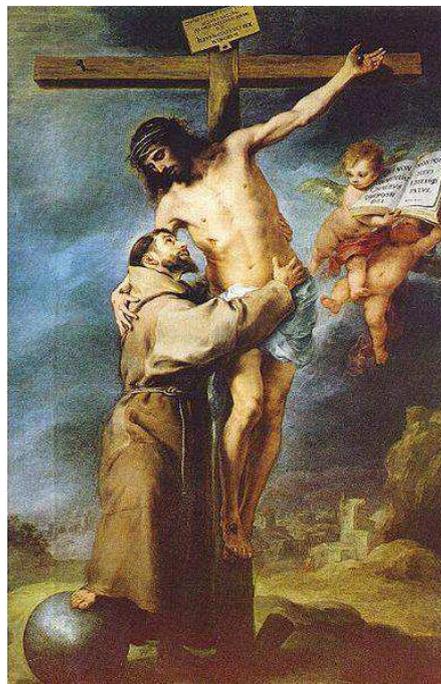


Foto 4: San Francisco abraçando a Cristo en La cruz, Bartolomé Esteban Murillo (aprox. meados do séc. XVII).

Reproduzido com frequência em pôsteres, folhetos e gravuras de devoção e em páginas na internet, enfim, relativamente conhecido no como uma das “imagens sagradas na era da reprodutibilidade técnica” (Menezes, 2011), o quadro mostra a cena descrita em seu título, com um detalhe importante, no caso particular aqui analisado, que é a presença de dois

que “para o semi-analfabeto Maomé a existência de um livro sagrado em si já valia como símbolo do prestígio de uma religião” (2009: 315). Ainda sobre o escrito em seu conjunto, o “livro”, Le Goff assim comenta: “Toda linguagem em parte é uma herança. Mas na idade Média essa herança é particularmente pesada: o Livro contém todo o saber, incluindo a linguagem, a linguagem em primeiro lugar” (2007: 130).

anjos trazendo um “livro”. Observa-se, enfim, que na tradição cristã “vigoram referências a seus livros, revelados ou divinamente inspirados e por isso sagrados” (Filoramo, 2005: 38). Atentando, então, para “a necessidade de certos tipos de conhecimento como pré-condição para a compreensão do significado de imagens religiosas” (Burke, 2004: 58), fica-se a indagar acerca da hipótese de que iconografias do cristianismo possam ter inspirado a visão que Daniel teve de sua missão, cuja imagem da revelação foi um Livro Azul trazido por “dois anjos/seres de luz/seres espirituais”.

Quando recebeu de “espíritos de luz” o Livro Azul revelava-se para Daniel a própria “Missão de Luz do Pai Eterno e da Virgem da Conceição” na imagem de um conhecimento sagrado, ali contido, e, ora, transmitido naquele livro em especial, símbolo da revelação. “Receber” implicou necessariamente na “autorização” para Daniel poder “abri-lo”, ou melhor, para “abrir e folhear o Livro Azul” de maneira a iniciar o cumprimento de sua Missão¹¹³. Na experiência do sagrado é a própria missão que Daniel recebe com a visão do recebimento do Livro Azul¹¹⁴. Assim, conforme afirmou Francisco Hipólito, o atual presidente do culto, “o Livro Azul é a Missão”, “metáfora fundadora” que adquire uma dupla dimensão e certo tipo de “polarização do significado” (Turner, 2008b) implicada na cosmologia e na organização religiosa da Capelinha de São Francisco.

No *invisível*, o Livro Azul aparece como um universo de “Ciências e Mistérios” que orientam a “Doutrina da Missão de Mestre Daniel” apresentada como “revelação”, assim como a realização organizacional da associação religiosa. Uma vez que as dimensões de significação do *Livro Azul* são ativas em conjunto (Turner, *ibid*: 45), na formalização discursiva sobre o surgimento e desenvolvimento da *Capelinha de São Francisco* “a invenção só se produz sob a forma de revelação” (Mauss, 2003: 125). Logo, do *Livro Azul* surgiu como objetivação de “instruções” reveladas a *Capelinha de São Francisco* e toda a orientação para a sistematização dos atos religiosos. Com efeito, no pólo visível o *Livro Azul* concretiza-se também na forma de um “livro” que contém um conjunto de hinos, ou seja, um hinário. À medida que Daniel “foi abrindo os trabalhos de acordo com as orientações ele foi recebendo

¹¹³ Sobre a natureza de tal processo, assim Weber (2009: 303) escreveu: “A revelação, neste estágio (isto é, nos primeiros tempos da anunciação da doutrina religiosa ou do mandado divino), funciona continuamente como oráculo ou como inspiração no sonho”.

¹¹⁴ Caso semelhante foi apresentado por Brissac (2008), que, ao estudar a experiência ritual dos mazatecos com o uso de *honguitos* (cogumelos psicoativos) e o catolicismo no México contemporâneo, apontou também o fenômeno da entrega de um “livro” como sendo “a própria palavra divina”.

os hinos”¹¹⁵. Dessa maneira, na produção e no correlato discurso sobre o “Hinário do Daniel” é preciso perceber os diferentes tipos de experiência e atividade envolvidos e como se relacionam no padrão de vida religiosa do grupo de associados.

Distinção importante em tal produção de música para fins religiosos concentra-se no ato significativo de “recebê-la”. Do Astral, autorizado por Deus Jesus e pela Virgem Mãe da Conceição, ele o “recebia”, e, portanto, lhe era “revelado” como inspiração. O surgimento do Hinário do Daniel não é visto como sendo resultado de sua composição individual, embora tivesse considerada experiência de músico e compositor. Vejamos a transcrição do hino intitulado “Castelo Azulado”, no qual o fundador da Capelinha de São Francisco caracteriza a revelação continuada do seu Hinário conforme a “abertura” desse “livro” e o “folhear” dessas “páginas musicais” desde que recebeu “as chaves dos mistérios das portas dos reinos encantados”:

HINO: CASTELO AZULADO N.º 031

1

A Rainha me levou lá no astral
No Castelo do Monte Azulado
Lá ela mostrou-me as chaves dos mistérios
Das portas dos reinos encantados.

2

Lá a Rainha levou-me num salão
De infindos mistérios de luz
Aonde só se ouve os cânticos dos anjinhos
Louvando a Deus Pai Jesus.

3

Lá sobre uma mesa de cristal
Vi doze livros azuis da cor do céu
Os livros dão as doze ciências e mistérios
O maior dos mistérios é Deus.

4

Meus irmãos façam o sinal da santa cruz
E se afirmem na concentração
Que eu estou no astral no Castelo Azulado
Prestando contas desta sessão.

5

Os hinos que eu canto aqui nesta sessão
Em todos tem o nome de Deus
E tudo que eu afirmo com o seu sagrado nome

¹¹⁵ Comunicação pessoal, Leila Hoffman, irmã da Casa.

Quem tem que prestar contas sou eu.

6

A conta que estou a prestar lá no astral
É para Deus e a Virgem da Conceição
E também estou recebendo os livros das ciências
E mistérios aqui desta sessão.

Prece: Salve Rainha

Coro: Salve a Luz

O hino acima destacado versa sobre a “viagem” extática de Daniel até o *Castelo Azulado* para “ver” os “livros das ciências e mistérios” que fundamentam a doutrina anunciada na sessão, louvando a Deus Jesus e da Virgem da Conceição, cuja sua afirmação e enunciação pelo fundador dependem de “prestação de contas”. Posto assim, observando que “o cristianismo é uma religião que se define pela doutrina” (Appiah, 2008:164), é interessante apreciar que “‘Doutrina’, necessariamente, não significa crenças, “significa, antes, as fórmulas verbais que expressam a crença” (ibid). O hinário, constituído é, então, tratado como a doutrina cristã revelada por Daniel, estabelecendo, assim, mediante a prática musical a “Doutrina de Mestre Daniel”, manifestação de uma religiosidade de devoção¹¹⁶. Entretanto, tomando essa categoria em seu contexto de formulação, “doutrina” assume, em tal caso, o significado de uma “crença prática¹¹⁷”.

Francisco Hipólito: O Hinário do Mestre Daniel é por onde vem a Doutrina. É o principal do elemento do trabalho do Mestre Daniel é o hinário. Pelo Hinário tudo vem. Pelo hinário nós nos orientamos, pelo hinário vem as instruções, pelo hinário se pratica obras de caridade, pelo hinário se aprende, pelo hinário nós somos disciplinados, pelo hinário nos orientamos em tudo na nossa vida. É para nós, o hinário, o Livro Azul do Mestre Daniel, o primeiro documento espiritual, o primeiro elemento espiritual que ele recebe na sua missão... é um Livro Azul, que aparentemente seria apenas um hinário, seria apenas aparentemente um conjunto de poemas cantados. Mas não é só isso. O Livro azul é toda a composição da missão do Mestre Daniel. Do Livro Azul ele recebeu toda a missão dele. Que consiste basicamente no hinário, e no Livro azul estava também contido, e está contido toda a ritualidade do trabalho, toda a estética do trabalho, toda a orientação, toda a organização do trabalho está no Livro azul. Então, é no hinário por onde vem a doutrina cristã. Por isso que nós chamamos: o hinário é a palavra de Deus cantada. É

¹¹⁶ Nesse sentido, ao estudar as “religiões ayahuasqueiras” Goulart (2004: 30) ressalta que “a própria noção de “doutrina” constituiu-se numa importante categoria daimista, fundamental para se referir ao conjunto de crenças e preceitos desta religião”.

¹¹⁷ Ao refletir sobre o status da noção de crença “como o essencial e como a substância da religião” Simmel (2006) chama a atenção para compreendê-la inserida na “relação entre seres humanos”, pois se trata de “crença prática”: “Quando digo: creio em Deus – essa crença significa algo totalmente diferente do que nas afirmações: creio na existência do éter luminífero, no fato da lua ser habitada ou na imutabilidade da natureza humana. Isso não significa somente que eu presumo a existência de Deus, ainda que esta não seja estritamente comprovável; significa, ao mesmo tempo, uma relação interior determinada com ele, uma entrega sentimental a ele, um direcionamento da vida a ele; em tudo isso, uma mistura peculiar da crença, no sentido de um modo de conhecimento, com impulsos e estados sensoriais práticos” (: 119).

um livro de poesias, que nessas palavras para nós está ali uma interpretação, está ali uma visão do Mestre Daniel sobre a Palavra de Deus. Ali ele recebeu todo aquele trabalho, todo o hinário, que ele chama também de Salmos ou benditos. Tanto tem hinos como tem salmos como tem benditos. E todos eles ele recebeu com a ajuda de um violino ou às vezes de um violão, onde ele já recebia letra e melodia, os dois juntos. E já registrava e já iniciava a cantar com os irmãos pra tudo mundo aprender a melodia e a letra, a estrofe, a linha que os irmãos respondiam. Por exemplo, a maioria dos hinos tem quatro linhas, ele cantava as três primeiras e os irmãos respondiam a quarta, ele repetia a terceira e os irmãos repetiam novamente a quarta. É basicamente assim o hinário do Mestre Daniel. Tem outras composições, tem outros formatos no hinário. Então o hinário é toda a doutrina cristã. Nele está a resposta para todos os nossos questionamentos, para todas as nossas necessidades, conflitos, nele nós percebemos os mistérios divinos, nós percebemos os mistérios que a natureza divina tem para nos mostrar, quando fazemos por onde, quando nos tornamos merecedores de receber essas virtudes. Então o Livro azul é basicamente o hinário e toda a organização da doutrina que Mestre Daniel recebeu. O Hinário do Mestre Daniel é por onde vem a Doutrina. É o principal elemento do trabalho do Mestre Daniel é o Hinário. Pelo Hinário tudo vem. Pelo Hinário nós nos orientamos, pelo Hinário vem as instruções, pelo Hinário se pratica obras de caridade, pelo hinário se aprende, pelo Hinário nós somos disciplinados, pelo Hinário nos orientamos em tudo na nossa vida. O Hinário para nós é a Palavra cantada. O Hinário é a base de todo o trabalho. Somos cristãos. A nossa religião é a cristã, dentro de uma doutrina, ensinamentos recebidos pelo Mestre Daniel através do seu Hinário, da sua Palavra Cantada, da sua interpretação dos ensinamentos de Jesus, está no hinário. Então, pra nós o trabalho nasce daí.

Vimos anteriormente que a imagem de um “livro” aparece amiúde como a forma da doutrina na tradição cristã. De fato, é copiosa na iconografia cristã a ilustração da doutrina na forma visionária de um “livro” que se recebe de Deus ou de anjos por entre nuvens. A Bíblia, livro sagrado que estabelece a doutrina cristã, é a referência de tradição religiosa e modelo de escritura canônica importante na orientação dos princípios doutrinários e, por conseguinte, da criação do hinário utilizado na Capelinha de São Francisco. Embora seja composto por diversos livros que podem ser identificados normalmente pelo nome daqueles que os escreveram, o texto religioso da Bíblia é reconhecido, segundo a tradição cristã, como a “Palavra de Deus”, uma vez que em sua totalidade surgiu sob a inspiração de Deus. Nesse sentido, o Hinário recebido por *Daniel* é visto pelos adeptos do culto por ele fundado como a “Palavra de Deus Cantada”.

Não se deve pensar que a construção do Hinário de Daniel foi resultado exclusivo do fato de que possuísse ou lesse a Bíblia. Acredito que mais interessante seja considerar a sua leitura bíblica, isto é, como Daniel leu e o que fez de suas experiências. As pesquisas produzidas por Burke (2004; 2010), Ginzburg (2006; 2010) e Taylor (1995) oferecem pistas reluzentes acerca da “cultura dos devotos” e seus “livros de cabeceiras”. Seria equivocado imaginar, então, que na vida cotidiana a transmissão das “verdades fundamentais do

cristianismo” entre devotos esteja ligada à posse ou mesmo ao hábito de ler a Bíblia como fonte única de conhecimento.

A música, a literatura, os rituais e as imagens são meios comuns de transmissão de doutrinas religiosas. Logo, pode-se “ler” olhando para as pinturas colocadas nas paredes de igrejas. Um catecismo ou hinário pode ser a forma frequente da “doutrinação”, que, ao lado de cânticos litúrgicos, sermões e comunicações orais acerca das mensagens bíblicas, implicam numa intensa experiência emocional e formas generativas (Burke, 2004; Goody, 2012). Assim, por exemplo, os usos de hinários e de salmos cantados aparecem historicamente como meios de doutrinação importantes para o conhecimento que as pessoas podem ter do cristianismo. Mais do que saber ler e, daí, precisar os episódios da Bíblia, existe a possibilidade de que as pessoas conheçam melhor alguns hinos e salmos por conta de serem cantados. Vê-se, pois, que várias formas de transmissão de conhecimento mostram-se atuantes quando atentamos para a participação da audiência em elaborações do sentido das escrituras.

Parte relevante dos hinos aparece como textos hagiográficos quem têm por objetivo orientar os adeptos do culto a partir dos exemplos de conduta dos santos de devoção e, principalmente, do Salvador Jesus. O culto religioso fundado por Daniel apresenta-se como uma forma de religiosidade cristã cuja injunção elementar implica a “graça da salvação”¹¹⁸. O conteúdo versado do Hinário de Daniel diz respeito a vidas de santos e referências a eventos bíblicos, em particular do Novo Testamento¹¹⁹, que “focalizam o que tem sido chamado ‘cena dramática’, destacando um momento numa história sagrada” (Burke, 2004: 64), como “instruções” e “símbolos musicais”¹²⁰ normativos sobre a condução da vida cotidiana. E também nos hinos tem destaque a enunciação do fundador acerca da transformação especial

¹¹⁸ O cristianismo diferencia-se pelo reconhecimento do profeta hebraico de nome Jesus como “filho de Deus”, que, mediante o “evangelho”, ou melhor, quatro evangelhos contidos no “Novo Testamento”, anunciou “uma mensagem de salvação do mal e do pecado e de amor a Deus e aos outros homens. O reino que Deus dá gratuitamente aos homens não é deste mundo e se contrapõe ao poder das forças malélicas que induzem o homem ao pecado” (Filoramo, 2005: 62). Visto que “o profeta exemplar mostra um caminho de salvação mediante seu exemplo pessoal” (2009: 311), Jesus Cristo aparece com um salvador escatológico, uma vez que aqueles que crêem em sua ação salvadora receberão o perdão no “Juízo Final”, evento futuro profetizado no texto da Bíblia relativo aos últimos dias da “história da humanidade”. Sendo assim, males que atingem o indivíduo são calamidades que o deus mandou e consequências do pecado, das quais o indivíduo espera poder livra-se, encontrando a salvação, mediante um comportamento que agrada ao deus – a “piedade” (ibid: 302).

¹¹⁹ Do ponto de vista da “utilização da Bíblia” pode ocorrer o desenvolvimento de uma religiosidade diferenciada conforme as ênfases estabelecidas, havendo “empréstimos bíblicos”, como destaca Le Goff (2007) em sua abordagem de São Francisco e do franciscanismo: “O Evangelho mais que a Bíblia. Porque, para São Francisco, a grande fonte não é o Antigo Testamento, mas o Novo” (ibid.: 131).

¹²⁰ Ver Blacking, 2007.

segundo esse tipo de “qualidade carismática”, extracotidiana e, então, possível a partir de uma “vocação” existente (Weber: 2009) “despertada” mediante sua experiência com o uso do *Daime*.

Não obstante seja necessário “pensar na compreensão da memória hagiográfica no tempo longo” (Santos & Duarte, 2010: 3), o interesse maior   pela interpreta o e forma versificada do conteúdo das “histórias sagradas” trazidas por Daniel. Nesse sentido, variados conhecimentos e experiências de Daniel Pereira de Mattos tiveram (e têm) efeitos acumulativos sobre a inspira o criativa que caracteriza seu hinário. Logo,   valiosa a prática da vida de marinheiro de Daniel para uma visão dinâmica da criatividade na sua concep o da “casinha de culto e ora o”. Com efeito, uma profusão de símbolos aquáticos e imagens náuticas fazem parte das enuncia es características desse culto.

Em consonância com a perspectiva escatológica da doutrina cristã, o culto instituido por Daniel a partir da “revela o” do *Livro Azul*, conforme sua “inspira o criativa” (Turner, 2008b), foi “recebido” por ele como um “Barquinho” para ele e seus *irmãos*, ou seja, seus seguidores, poderem “navegar” na dire o de um “caminho de salva o”. O Hinário de Daniel, então, aparece como um conjunto de conhecimentos organizados em virtude de instru es e *preparo* para a “salva o” mediante a manifesta o da devo o. Então,   frente desse barco, que segue “viagem” com a “Bandeira da Paz” hasteada, está São Francisco e a Nossa Senhora da Paz, juntamente com o fundador da Missão, além do presidente que assume o seu leme na condu o dos *trabalhos espirituais* e materiais.

A sistematiza o das formas rituais do culto instituido por Daniel ocorreu concomitante   constru o do seu Hinário. E, de fato, a prática musical como a o ritual   intrínseca ao culto e está presente em todos os atos rituais considerados “oficiais”¹²¹, e, portanto, fundamental como forma de doutrina o e manifesta o de devo o na Capela de São Francisco¹²², objetivando, enfim, a prática de prestar obras de caridade. Vale lembrar que a época que Daniel participou do grupo religioso dirigido por Irineu Serra coincidiu com os primeiros tempos dessa associa o religiosa, assinalando distintamente sua participa o como músico. Visto assim, houve essa experiência anterior de Daniel num contexto de

¹²¹ A prática musical ocorre com frequência nos contextos rituais de ingestão da ayahuasca. Sobre tal regularidade ver Labate e Pacheco, 2009.

¹²² Atendendo ao convite do Instituto Ecum nico F  e Política para realizar uma palestra, em 26 de Setembro de 2009, sobre o “Centro Fonte de Luz”, o atual presidente em certo momento disse assim: “Nós cantamos mais do que falamos”.

“recebimento” de hinos e, então, geração de hinário(s). Além disso, obviamente, sua destreza de músico é também uma “qualidade carismática” diferenciada na memória do grupo religioso por ele fundado acerca do processo de construção do Hinário da Casa.

De 1945 até 1958, quando *fez a passagem*, isto é, faleceu, Daniel Pereira de Mattos pôde constituir e deixar estruturado seu hinário, e, paralelamente, o culto por ele fundado:

Eloi: Chico, quando o Mestre Daniel desencarnou, ele deixa recebido qual totalidade de salmos?

Francisco Hipólito: Nós não temos assim com precisar quantos hinos ele deixou. Bem mais de duzentos. Alguns que só eram cantados uma vez por ano, nós não temos a melodia deles, temos a letra e não temos a melodia. Depois que ele desencarnou, seu Antonio Geraldo, que foi o primeiro sucessor dele junto com meu pai, que era vice-presidente, o seu Antonio Geraldo continuou recebendo Hinário dele. Depois que seu Antonio Geraldo se afastou dos trabalhos, em 77, meu pai continuou recebendo o Hinário. E o hinário dessa Casa é um pouco diferente das concepções que se tem nas outras igrejas de daime. O Hinário dessa casa aqui ele diz que ele recebe da divindade, recebe dos espíritos de luz, e cada hino tem um dono. E cada hino daquele quem trouxe pra ele foi uma entidade de luz. E quando se canta o hinário, um hino do mestre Daniel, aquela entidade que trouxe o Hino para que o fundador ou os seus sucessores o receberem, quando se canta aquele Hino todas as necessidades dentro da igreja, dentro das programações dos trabalhos, aquela entidade baixa novamente para dar assistência... Por isso que o Hinário do Mestre Daniel nós só cantamos, ele é restrito do dia e da hora do trabalho, do dia e da hora do ritual. Então nós não cantamos o Hinário do Mestre Daniel em qualquer lugar de qualquer jeito. Porque todo hino dele tem um dono e quando a gente canta aquele ele hino o dono baixa. Se o dono baixar e ver ali uma necessidade, muito bem. Se ele baixar e for por brincadeira ele não está satisfeito. Não fica satisfeito com aquela chamada. Porque o hino ele é uma chamada. Ele não fica satisfeito com aquela chamada que não teve razão nenhuma. Apenas para a pessoa se preencher, porque gostou do hino, canta mentalmente, solfeja mentalmente, mas não precisa cantar pra todo mundo ouvir sem a necessidade que ele veio, que ele trouxe aquela mensagem. Então esse Hinário do Mestre Daniel tem esse sentido... de nos doutrinar, de nos orientar. Nós dizemos que todos os hinos que foram recebidos nessa Casa são do Mestre Daniel. Todos pra nós são do Mestre Daniel mesmo que os que o seu Antônio Geraldo recebeu, foi dentro da doutrina do Mestre Daniel, aqui nesta Casa, com a permissão do Mestre Daniel. Ele deixou uma sequência, ele deixou a possibilidade dos seus sucessores receberem também hinos. Então nós consideramos que o Hinário é todo dele. O Hinário da Casa de Jesus é uma prerrogativa do Mestre Daniel de abrir as portas desta casa, fazer por onde nesta casa se receba a conexão divina, para nós recebermos através da nossa mediunidade, da nossa sensibilidade, já receber a letra e a melodia. Então nós consideramos que todo o Hinário... não tem aqui hinário do Mestre Daniel, Hinário do seu Antonio Geraldo, Hinário da Dona Chica, hinário do seu Manuel Araujo. A gente considera que é um hinário só: o da Casa de Jesus. Meu pai dizia que esse hinário é indivisível. Esse Hinário não pode ter uma parte aqui e outra para acolá. Ele está num conjunto só. Ele está inclusive num livro só. São as novas páginas do mesmo Livro que estão se abrindo a cada dia.

Eloi: E ele em vida recebia dos espíritos de luz, e ele após desencarnar os presidentes continuaram recebendo já com a mediação do mestre Daniel em espírito?

Francisco Hipólito: É isso que ele deixou orientado. E é assim que nós sentimos, e é assim que nós percebemos. Ele continua sendo o dirigente da Casa, a Casa é dele. Nós estamos aqui como os auxiliares, como soldados dele, do batalhão dele.

A forma concreta atual do Hinário do Mestre Daniel é de um *Livro Azul* de grande volume, consistindo em uma encadernação de tecido azul e cujas letras dos hinos estão dispostas em ordem numérica e protegidas por refil plástico para pasta catálogo A4. Em seu frontispício lê-se: “A Bíblia Sagrada da Casa de Jesus”. O repertório de cantos específicos encontrados, conforme classificação dos gêneros musicais feita por Daniel, são: “Hino”, “Hino-Salmo”, “Salmo”, “Bendito” e “Bendito”: Oração. A execução dos hinos segue basicamente dois ritmos: valsa (em compasso ternário, 3/4) e marcha (compasso quaternário, 4/4). Estão organizados em estrofes, nas quais suas seções, isto é, agrupamentos de versos com esquemas variados de rimas, aparecem com maior ocorrência na forma de quadras e sextilhas, além de tercetos e oitavas, apresentando, frequentemente, a estrutura em chamada-resposta para o canto. Na repetição dos versos observa-se o antecanto (no início das estrofes), o bordão (no final das estrofes) e o estribilho ou refrão (repetidos no transcorrer do “poema cantado”). Na sequência de cada canto há frequentemente a entoação de uma prece determinada de um dado coro, como pode ser percebido na reprodução do hino acima destacado.

O processo de produção do Hinário de Mestre Daniel, como foi indicado anteriormente, exhibe determinadas propriedades que o singularizam, ou melhor, que permite assinalar sua diferenciação numa perspectiva comparativa em relação, mais especificamente, a outras religiões ayahuasqueiras. Um quadro de condições combinadas define a relação de ações simbólicas associadas à “autoria” e às propriedades práticas dos “hinos”. Existem determinadas qualificações acerca da origem de um hino e certas prescrições acerca das circunstâncias para sua manifestação musical, correlacionando, enfim, como sugeriu (Mauss, 2003), “ritos negativos” e “ritos positivos”.

Com isto, importa a compreensão de que as contribuições formadoras do conjunto de hinos não são originárias de compositores individuais, mas, surgidas de condições de transmissão pautadas na ligação dos atos significativos “revelar” e “receber”, num fluxo inventivo de instruções que se materializam nas “páginas musicais” do *Livro Azul*¹²³. Assim, o aparecimento de um *hino* é considerado como um “dom”, “trazido” por uma *entidade de luz*, o *dono* do hino. O canto de um hino evoca necessariamente o seu “dono”, pois se trata de uma “chamada” que traz ao *trabalho*, de acordo com uma “necessidade”, aquele “ser de luz”

¹²³ Labate e Pacheco (2009: 72) destacam que: “Entre os vegetalistas, daimistas e hoasqueiros (como se autointitulam os seguidores da UDV), considera-se que as músicas são aprendidas durante o estado visionário, numa miração, em sonhos, por inspiração, intuição ou insights”.

do qual determinada pessoa “recebeu” a letra e a melodia. Assim, o *Livro Azul* somente é aberto para a entoação de seus hinos conforme o ordenamento oficial dos trabalhos da Capelinha de São Francisco, seguindo programação determinada.

Ao receber e abrir o *Livro Azul* “invisível”, enfim, resultando na construção do *Livro Azul* “visível”, o hinário, Daniel indicará que esse fluxo criativo qualifica a especificidade de sua *Missão*. Portanto, a *passagem* de Mestre Daniel não justificou o fechamento do repertório de seu hinário, pelo contrário, permaneceria aberto. Os sucedâneos de Daniel na “abertura inspirada” do *Livro Azul* foram os presidentes que sobrevieram, respectivamente, os senhores Antônio Geraldo da Silva e Manuel Hipólito de Araujo. Além deles, a senhora Francisca Campos do Nascimento (Chica Gabriel), também atuou no “recebimento” dos hinos.

Há uma diferenciação no interior do hinário surgida quando Manuel Araujo torna-se o presidente do Centro Espírita e Culto de Oração “Casa de Jesus – Fonte de Luz”. O conjunto inicial de quatrocentos e quarenta e seis hinos é atribuído ao Mestre Daniel e ao primeiro presidente que o sucedeu, Mestre Conselheiro Antonio Geraldo. Outra parte, classificada por “Hinário Novo”, refere-se a um número de sessenta e sete hinos recebidos por Manuel Araújo (antigo presidente do culto) e mais outros pela *irmã* Chica Gabriel (ex-membro da Casa e atual presidenta do Centro Espírita Obras de Caridade Príncipe Espadarte):

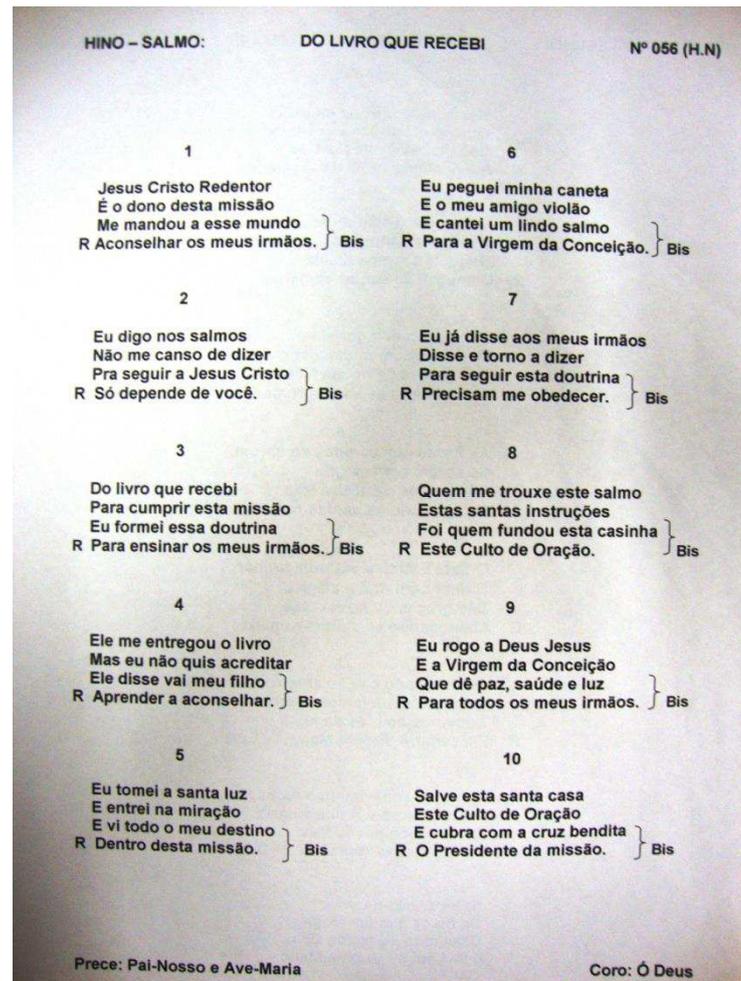


Foto 5: "Página musical" do Livro Azul.

Observamos acima o Hino-Salmo de Nº 56 (H.N.), o qual fora “recebido” pelo Manuel Hipólito de Araújo. O hino em questão condensa de modo emblemático símbolos e significados distintivos da missão religiosa e doutrina formada por Daniel a partir “do livro que recebeu”, afirmando nos versos finais a legitimidade do seu poder carismático como fundador desse “Culto de Oração” e do “carisma de cargo” (Weber, 2009: 163) daquele “Presidente da missão”. Salienta-se a propriedade da indissociação do repertório do Hinário de Daniel a despeito das diferentes contribuições no ato de “receber” um hino. Uma vez que “o *Livro Azul* continha todas as instruções, toda a doutrina”¹²⁴, ainda que diferentes agentes tenham contribuído para o seu repertório atual, o sentido do aparecimento de cada hino “recebido” assenta-se como “símbolo musical” (Blacking, 2007) do conjunto.

¹²⁴ Trecho de entrevista de Francisco Hipólito.

Capítulo III

“Esta casinha é um Culto de Oração”

Óleos virgens se derramem
E o meu viver embalsamem.

Embalsamem de eloquentes,
Celestes dons prefulgentes.

Para que eu possa com calma
Erguer os castelos da alma.

Cruz e Sousa

1- A bordo do “Barquinho Santa Cruz”

Na área da Vila Ivonete em que Daniel escolheu para construir uma capelinha de taipa foi também onde fixou morada. Seguindo um “modelo ético-religioso” de vida inspirado em São Francisco (a penitência, a pobreza e humildade¹²⁵), ao construir uma capela Daniel começa a praticar as obras de caridade. No decurso do fluxo de informações na região de Rio Branco, Daniel, além de músico da boemia e barbeiro, acrescia sua “capacidade carismática¹²⁶” como um “preto curador” (igualmente a Raimundo Irineu), e, logo, diante de alguma aflição particular as pessoas procuravam a casa ou “terreiro de Daniel” a fim de dar solução ao sofrimento. Outro atributo usado em alusão àquele “homem preto escuro” era o de ser um “macumbeiro”, analogia atributiva que tomava como referência o “*status moral*” (Goffman, 1988) negativo dos “cultos afro-brasileiros” existentes no Nordeste, lugar de origem da maior parte dos habitantes de Rio Branco da época.

¹²⁵ Ver Le Goff, 2007.

¹²⁶ Ver Weber, 2009; 2010.

O culto religioso dirigido por Daniel Pereira de Mattos passa a apresentar-se como um novo contexto terapêutico no oferecimento de serviços de cura:

Manoel Touro: Ele trabalhou com o Mestre Irineu até um dia em que num trabalho ele recebeu uma embaixada espiritual. Aí se afastou dos trabalhos com o Irineu. A partir de então ele veio pra cá, para a Vila Ivonete. Mas ele continuou amigo do Irineu. Eles eram amigos, amigos mesmo. Foi a partir de então que ele veio morar nessa região onde existe a área dessa igreja mais antiga. Na época que ele veio, ele construiu uma casinha de palha para morar e em seguida, ao lado, ele construiu também a igreja feita de taipa. Eu conheci o Daniel andando por aqui. Eu morava ali embaixo na rua, aí foi quando meu cunhado me chamou para assistir um trabalho com o Daniel. Aí minha senhora veio um dia para assistir o trabalho. Ela foi só a primeira vez. Já tinha a igreja dele aqui. Na segunda eu fui, aí foi o Antônio Geraldo quem me chamou, me convidou para um trabalho espiritual¹²⁷.

Antônio Geraldo: Quando ele (Daniel) saiu daquela visão (do Livro Azul) ficou pensando, e dali ele resolveu realmente cumprir uma missão desse mundo à eternidade. Abandonou tudo, abandonou bebida, abandonou tudo que ele tinha na rua. Então ele pediu para o dono do Seringal aqui. Aí ele pediu permissão para fazer uma barraquinha aqui no centro da mata. O Manoel Julião deu a permissão e ele fez a barraquinha. Aí lá, ele socou-se dentro, sozinho, começou a receber o hinário, os hinos, canções e foi escrevendo. Começou também a rezar em crianças e aprovando! E os caçadores que vinham caçar aqui na mata, encostavam lá pra beber uma água, um café, e uma vez que ouviam aquelas canções, aqueles hinos bonitos que ele cantava... Aí levavam pra rua a mensagem. E vinha gente apreciar e trazer realmente criança pra rezar, adulto pra se curar... E ele foi trabalhando, a notícia foi se espalhando, se espalhando, e ele foi criando nome. Vinha muita gente boa pra se tratar como Daniel aí no centro da mata. (...). Aquilo tudo era mato, apenas uma choupana coberta de palha, de tábuas, e uma capelinha de taipa. Ele já trabalhava lá. Então quando eu cheguei já tinha vários irmãos, mas não tinha essa organização que tem agora, esse fardamento, essa coisa toda, diretoria, estatuto, não tinha nada disso. Era tudo muito simples. Era uns banquinhos de pau roliços, uma casinha de taipa... Ele mesmo fazia o Daime, ele mesmo batia, ele mesmo dava, administrava¹²⁸.

Tendo a autorização do proprietário do terreno que escolheu para construir uma “barraquinha”, ele começa a organizar de modo permanente o *trabalho* de prestar obras de caridade. O atendimento com Daniel iniciava com o relato de uma pessoa sobre determinada “aflição” particular, o que, segundo suas qualidades carismáticas, era já sabido por ele. E, então, Daniel recomendava para que aquele *irmão* necessitado fosse até ao Altar da capelinha e rezasse aos pés da imagem de São Francisco, pedindo por “orientação” e “salvação”, e, então, seguir para beber o Daime e participar do *trabalho*. Diante daquele altar com imagens

¹²⁷ Antigo membro do culto, Já falecido. Entrevista disponível em Almeida (2008: 46-47).

¹²⁸ Ibid (2008: 53).

de santos os participantes da sessão acomodavam-se em bancos feitos de “pau roliço” e acompanhavam uma sequência de hinos executados por Daniel.

A experiência de cura é também uma experiência de transformação (Csordas, 2008). É interessante notar que os serviços de cura desenvolvidos por um dado grupo religioso na solução de aflições parecem constituir uma intensa atração para a adesão religiosa, e, nesse sentido,

frequentemente estão associadas a um projeto mais amplo de transformação, em que o ideal de pessoa sã confunde-se com aquele de pessoa salva, de corpo fechado, etc., com o projeto identitário mais abrangente da religião” (Rabelo, 2010: 4).

A transformação das adesões pessoais em uma associação religiosa constituiu a forma subjacente pela qual a legitimidade do poder carismático de Mestre Daniel entrou na rotina da vida, como um *compromisso* assumido por cada seguidor e seguidora. No contexto dessas sessões a ocorrência de uma experiência de “cura física e espiritual” poderia também resultar numa participação contínua no culto por parte de algumas pessoas e seus familiares. E, em verdade, além dos membros efetivos do culto, havia os “simpatizantes”, participantes em situação de uma relação associativa ocasional. Dessa maneira, “o ‘outro’ se torna um ‘irmão’, a fraternidade específica se estende a todos que compartilham um sistema de crenças” (Turner, 2008c: 174). Portanto, a transformação do interesse eventual pelos *trabalhos* na casa de Daniel para uma adesão duradoura constituiu a forma pela qual um grupo inicial de seguidores interessados juntou-se para o cumprimento de uma missão, vistos chegando ali como “peregrinos” e a partir de um chamado de São Francisco¹²⁹.

Reconhecido como “Mestre Espiritual” por um grupo de discípulos no exercício de um culto contínuo, Daniel Pereira de Mattos mostrou-se como “portador de um carisma pessoal”, que, em virtude de sua missão, anunciou uma doutrina religiosa, apontando, dessa forma, um “caminho de salvação” mediante seu exemplo¹³⁰. De caráter especificamente extracotidiana,

¹²⁹ No estatuto do Centro Espírita e Culto de Oração “Casa de Jesus – Fonte de Luz”, Artigo 7º, Capítulo II, Dos Associados, lê-se: “É vedado ao irmão Oficial Fardado convidar pessoas para participarem dos trabalhos, podendo apenas indicar o endereço e outros dados. O voluntário que buscar o Centro o fará por vontade própria, por uma busca interior, trazido por São Francisco das Chagas para receber uma assistência espiritual”.

¹³⁰ Ver Weber, 2009.

sua qualificação carismática de “Mestre” foi “provada” por meio do uso ritual do Daime, isto é, estimulada ao desenvolvimento como “vocação pessoal”, mediante seu *preparo*. Um grupo de pessoas passou a participar do culto instituído por Daniel, o *Fundador*, encontrando-se, daí, associados de modo permanente numa comunidade de *irmãos*, isto é, numa Irmandade.

Quando permanecia seguindo *firme* nos trabalhos a pessoa recebia de Daniel um *posto de serviço* específico como “Soldado de Ordem”, isto é, um “soldado dos exércitos de Jesus” dentro daquela doutrina, ficando com o *compromisso* de realizar determinado trabalho ou ocupação necessária na manutenção do culto. Penso que essa militarização na estrutura organizacional da associação religiosa fundada por Daniel Pereira de Mattos pode ser vista tanto a partir da influência de sua experiência na Marinha do Brasil, como também é pertinente notar na tradição cristã a características históricas do ideal de uma *mititia Christi* (milícia de Cristo) ¹³¹. Mas é claro, e visto no capítulo anterior, que importa relacionar a própria “militarização da sociedade civil” no contexto de Rio Branco como modelo de ordem referencial e operativo na vigência de sua legitimidade religiosa.

Ao avaliar potencialidades e reconhecer qualidades carismáticas importantes em conexão com a manutenção do culto e, obviamente, segundo a orientação religiosa de sua *missão*, Daniel recomendava àquele *irmão* ou àquela *irmã* que assumisse um dado *posto*, observando, dessa maneira, a diversidade das qualificações das pessoas. Mas, para ocupar-se do *compromisso* assumido cada um de seus seguidores deveria estar “preparado”. Na verdade, esse condicionamento religioso, possível a qualquer pessoa interessada em receber um *preparo*, vincula-se fundamentalmente à prática regular do culto como “doutrina de salvação”, gerando, conforme Bourdieu (2007), um “*habitus* religioso” particular.

Eloi: esse preparo, essa condição vem...

Francisco Hipólito: Ao longo do tempo, com a continuidade, com a firmeza de cada um, com a dedicação, com a entrega, com a doação que cada um faz ao trabalho, a Deus. A doação que cada um se coloca à disposição da obra de Deus dentro desta Casa do Mestre Daniel. Esse preparo ele só venha na sua integridade se nós cumprirmos essa Missão de quando chegamos aqui, de quando nós fomos chamados até o final da nossa vida. Se a gente conseguir fazer isso, nós conseguimos nos preparar para enfrentar o outro lado da vida, o lado espiritual da vida. Deixar o corpo e partir só pra vida em espírito. O irmão que se afirma nessa Casa ele está vindo pra uma aula espiritual em preparação para sua alma.

¹³¹ Ver Baschet, 2006.

Os condicionamentos vinculados à duração e à regularidade de participação no culto, ao modificar em bases duradouras as representações e as práticas dos adeptos, produzem um *habitus* religioso próprio do grupo, engendrando um conjunto de disposições que se constituem na prática devocional do culto como “estado de corpo” (Bourdieu, 2009: 112) e “método de salvação” (Weber, 2009: 361). No capítulo seguinte apresentarei uma compreensão mais detalhada do significado do *preparo* para os associados deste culto de devoção a partir de eventos etnográficos concretos. Por ora, torna-se necessário assinalar que o *preparo*, em seu caráter de processo, consiste numa condição pessoal de autoaperfeiçoamento e na disposição de um hábito emocional específico que cada adepto, com a continuidade das práticas de devoção, pode alcançar ao seguir a “Doutrina de Mestre Daniel”, preparando-se, enfim, para a “salvação”.

Do grupo dos primeiros “soldados”, ou seja, do conjunto de adeptos que garantiram no curso da vida cotidiana a existência do culto após ali receberem tratamento, podemos realçar a participação de certos irmãos nos seus determinados *postos de serviço* na Capelinha de São Francisco. Para receber as pessoas que chegavam ao culto havia na portaria o irmão Agostinho, que também era o “capitão da busca do Daime”. Antônio Lopes era o “feitor do Daime”. Manuel Araujo ficava na incumbência de puxar as preces durante as sessões. Para cantar os hinos nesse “Culto de Oração” havia o irmão Anelino, além de Antônio Geraldo e, obviamente, do próprio Mestre Daniel, que também atuavam como músicos.

Integrando também esse grupo de pessoas que junto a Daniel colaboraram ativamente na construção do culto de devoção dedicado a prestar obras de caridade, havia o irmão José Joaquim da Silva, que também ali obteve um “tratamento” quando chegou e, distintamente, foi reconhecido para exercer um *posto* especial:

Eloi: E porque fala Frei?

Francisco Hipólito: Os seguidores e devotos de São Francisco... Aquele que cumpre a Missão. Quando desencarnou mestre Daniel deu a ele esse título de Frei, como seguidor dessa missão que ele recebeu de São Francisco. Frei José Joaquim conduz e recebe as almas e nos traz para a doutrinação. Já fazia isso em tempo de matéria ao lado do nosso fundador Mestre Daniel. Essa era a função dele na mesa, Pastor das Almas, José Joaquim da Silva. E após a sua desencarnação recebeu de Mestre Daniel o título de Frei José Joaquim. O Pastor das Almas é quem arrebanha, quem recebe as almas para encaminhá-las a um campo de preparação, de instrução, até o dia em que elas estiverem preparadas para receberem a consagração na frente do altar.

O *posto* que José Joaquim assumiu foi condicionado diretamente pelo reconhecimento da sua qualidade carismática como “Pastor das Almas”, “vocação” ou “missão” estimulada ao desenvolvimento “mediúnico”¹³² a partir da inspiração do Mestre Daniel e do *preparo* recebido. Nesse sentido, cabe destacar que o objetivo principal das obras de caridade realizadas na “missão religiosa” fundada por Daniel Pereira de Mattos é “doutrinar as almas penitentes” que estão “sem luz, sofrendo numa escuridão sem esperança de salvação”¹³³. Dessa maneira, o Pastor das Almas, Frei José Joaquim, foi “preparado” para guiá-las, “pastoreando” um “campo de preparação” que é necessário até poderem “receber a santa doutrina de Jesus” na Capelinha de São Francisco das Chagas. Notemos que precedendo seu nome há a utilização do título de “Frei”, que somente foi lhe dado após ter cumprido sua missão em vida de matéria até “viajar” e fazer a *passagem*, ou seja, depois que faleceu, em 09 de Setembro de 1957. É importante salientar que

quando desencarnou, depois, no plano espiritual, continuou a cumprir a sua missão e, ainda hoje, é o pastor das almas que nos dias de quarta-feira continua a trazer caravanas de almas para receberem a luz da doutrinação” (Oliveira, 2005: 50).

Na formação do quadro dos *postos de serviços*, correspondentes às competências e qualificações religiosas necessárias para a organização dos serviços de cura denominados de *Obras de Caridade*, isto é, na distribuição de posições relativas a tal divisão do trabalho religioso, Daniel distinguiu determinada modalidade de *preparo*:

Eloi: Existiam aparelhos na época?

Francisco Hipólito: Já. Aparelhos já existiam. Aparelhos ele preparou. Nós temos contado aqui seis aparelhos mais ele. Por isso que ali tem sete gabinetes. Ele preparou seis aparelhos e ele era um dos que atendia.

¹³² A experiência mediúnica refere-se a um tipo de comunicação entre vivos e espíritos. No Brasil, a presença da mediunidade é constatada num mosaico de formas doutrinárias e rituais (Giumbelli, 1997). Dentre a multiplicidade de cultos mediúnicos podemos citar a “umbanda” e o “espiritismo kardecista” (Ortiz, 2010).

¹³³ Segundo a tradição cristã, assim como em outras tradições religiosas e filosóficas, “o ser humano é formado pela junção da carne, perecível, e de uma alma, entidade espiritual, incorpórea e imortal” (Baschet, 2006: 410). Daí que a preocupação com os mortos, a passagem para o além e, por conseguinte, com o destino das almas, aparece como “propósito de auxiliá-las na redenção dos seus pecados. Le Goff demonstrou que entre o séculos XII e XIII se acrescentou um terceiro lugar na geografia do além: o purgatório. Este lugar imaginário abria ao crente a possibilidade de aceder ao paraíso celeste, depois de purgados os pecados. Com efeito, o purgatório, associado ao inferno e ao céu, constituía o tripé do imaginário do além cristão” (Borges, 2005: 168).

Com relação à dimensão terapêutica particular que se estruturava, *preparar aparelhos* consistiu numa específica ação religiosa que Daniel mobilizou em relação a alguns seguidores que apresentavam a respectiva predisposição “mediúnic”. Para mostrar como se constituiu na Capelinha de São Francisco determinada prática terapêutica referente ao atendimento de pessoas necessitadas de algum tipo de “cura”, vejamos o caso exemplar da irmã Francisca (Chica Gabriel), que também representa uma sucessão encadeada de eventos que caracterizam o padrão dinâmico do desenvolvimento do *posto de aparelho*.

Em Maio de 1957, num domingo, levada por seu cônjuge, chegou à capelinha em busca de tratamento a jovem Francisca, “estando seriamente doente, com o corpo coberto de chagas, tumores da cabeça aos pés e já desacreditada pelos médicos¹³⁴”. Ao atendê-la Daniel “autorizou” o irmão José Joaquim para que fizesse uma busca espiritual a fim de saber a causa da doença, que foi identificada como um “malefício feito”. Daniel, então, perguntou-lhe três vezes se “acreditava” em São Francisco das Chagas, respondendo Francisca que sim. A partir desse evento Francisca inicia um tratamento seguindo as orientações de Mestre Daniel, pois sua cura não seria imediata:

Chica Gabriel: Ele disse que quanto mais Daime eu tomasse, seria melhor pra mim, mas só que de início também, ele não me deu Daime assim pra trabalhar. Ele me deu um Daime numa garrafinha pra tomar como remédio. E me ensinou a tomar uma colher pela manhã, outra ao meio dia e a noite. E no dia que eu viesse pra assistir ao trabalho, então eu tomasse uma colher daquele Daime e viesse embora. Era isso. Disse que eu não podia tomar Daime como eu estava, pois eu estava muito doente, mas para morrer do que para viver. Então isso foi por muito tempo. Por muitos meses... Então depois de vários meses foi que ele passou a me dar mais um pouquinho. Até que cheguei ao ponto de trabalhar o primeiro Daime mais à vontade, só que ele deu Daime mais à vontade para mim só mais uma vez. Numa data de 15 de Agosto. Justamente era já pra me aprofundar e conhecer também os mistérios, as próprias entidades a quem eu tinha me comprometido de trabalhar, que me pertencia. Justamente ele me disse que ia me dar o Daime que era pra receber um trabalho, um preparo no fundo do mar¹³⁵.

O relato de Chica Gabriel acerca do seu “encontro com o Mestre e a cura” acima ressaltado permite sugerir que sua adesão religiosa e seu *aparelhamento* evoca uma “retórica

¹³⁴ As informações sobre a trajetória de Francisca Gabriel foram retiradas do “Álbum dos 50 Anos da Madrinha Chica na Missão do Mestre Daniel” (2007).

¹³⁵ Entrevista de Francisca (Chica Gabriel) disponível em Almeida (2008: 51).

da transformação no ritual de cura” (Csordas, 2008). Num primeiro momento, existiu uma força de persuasão imbricada no reconhecimento local do poder carismático daquele “‘nêgo velho’ curador, vidente, que rezava em crianças e caçadores da região e que usava o Daime para mostrar a verdadeira situação da pessoa” (Oliveira, 2005: 49). Assim, desenvolveu-se em Francisca uma “predisposição” para experimentar aquela forma de cura, além de “uma consciência de um propósito maior para a sua cura” (Csordas, 2008: 56), assentando, então, as bases de ativação dos processos endógenos de realização da cura e de sua adesão ao culto.

O tratamento iniciado com Mestre Daniel foi fundamentado numa combinação fitoterápica empregada tanto para “banhos” quanto para preparação de remédios, na utilização diária de Daime e também na participação regular nas *sessões* programadas daquele “Culto Santo”. Esses componentes terapêuticos proporcionavam à Francisca a experiência dos efeitos do “poder curador”, cujo meio concreto e imediato da eficácia da terapia, de fato, era o estado de seu corpo, um corpo “preparado”, que incorporava o “senso prático¹³⁶” de ser uma irmã da Casa de Daniel conforme sua relação pessoal de adesão.

Ato especialmente significativo relacionado à ativação espontânea de processos endógenos traduzidos como experiência do sagrado, motivada por uma manifestação da “Luz de Deus”, ocorreu quando Francisca teve o dom de “trabalhar o primeiro Daime”, numa fase em que já aceitava a sua transformação como constitutiva de sua cura. Indiquei em trechos anteriores desta pesquisa que a noção de *trabalho* entre os membros da associação religiosa fundada por Daniel Pereira de Mattos assume sentidos variados, que, de maneira mais ampla, remete à *sessão* do culto como *compromisso* religioso. A própria ação religiosa individual (“trabalhar”) e também a substantiva experiência extática nas sessões (“meus trabalhos/trabalho recebido”) são designadas por *trabalho*. Desse modo, foi no *trabalho* realizado por ocasião da comemoração de Nossa Senhora da Glória, na data de 15 de Agosto¹³⁷, que Francisca recebeu do Mestre Daniel um Daime para “trabalhar” e “receber um trabalho”. Em seu *trabalho*, preenche de imagens visuais experimentadas, a partir de um pedido

¹³⁶ Conforme Bourdieu (2001: 113), trata-se de “necessidade social tornada natureza, convertida em esquemas motores e em automatismos corporais”.

¹³⁷ Refere-se ao dia de Entrega da penitência de Nossa Senhora da Glória. Um dos objetivos do capítulo seguinte é caracterizar o Calendário Oficial dos Trabalhos da Missão. Mas, cabe apontar que o aludido calendário religioso remete à “estrutura temporal” das datas indicadas pelo calendário do catolicismo. E, como podemos observar, as ênfases de acontecimentos significativos que ilustram a pertença de seguidores ao universo religioso em tela evocam a numeração de determinados dias no conjunto desses “símbolos do calendário” correspondente (Elias, 1998).

feito por Mestre Daniel à “Rainha do Mar”, Francisca “viajou” para o “fundo do mar” como forma de *preparo*, conhecendo, assim, *mistérios* e seres espirituais. Tratava-se do *preparo* em virtude do *posto* de *aparelho* da Casa.

A pessoa designada como *aparelho* entre os “marinheiros do Barquinho Santa Cruz” será aquela que tem a capacidade carismática de “receber” a *irradiação* de entidades e almas. Sendo assim, em 1º de Dezembro “recebeu” a entidade espiritual denominada “Missionário Bispo Dom Nelson”. Mas foi no Dia de São José de 1958, 19 de Março, que Francisca “recebeu” seu “guia”, uma “entidade encantada” em um peixe-espada, o “Príncipe Espadarte”, com o qual iria “trabalhar” prestando atendimento nas *Obras de Caridade*. Na verdade, o Príncipe Espadarte é uma das manifestações do guia do *aparelho* Francisca, pois essa entidade mostra-se diferentemente nos planos cósmicos considerados no “Culto Santo” dedicado a São Francisco, isto é, em três *mistérios*. Assim, ao *irradiar* como Príncipe Espadarte a entidade manifestou-se no *mistério do mar*. No *mistério do astral* apresentou-se com a denominação de “Soldado Guerreiro da Paz”. E no *mistério da terra* veio chamando-se de “Príncipe Dom Simeão”.

O processo de cura vivenciado por Francisca engendrou um *preparo* distinto, assumindo mais tarde o *compromisso* de *aparelho* dos *trabalhos* de *Obras de Caridade*, um contexto terapêutico distinto organizado como rituais de cura. Lembrando indicação anterior, além dela, outros cinco *aparelhos* também foram *preparados* por Daniel, e, logo, compuseram junto do *Mestre* certo padrão organizacional de atendimento, tornando-se a “forma rotinizada” de tal estrutura terapêutica. Desse modo, havia os seguintes seguidores que *trabalhavam* no *posto de serviço* aludido: Maria Baiana, Inês, Anelino, Maria Ferrugem e Chiquita. Cabe apontar ainda a existência do *irmão* Antônio Geraldo, que atendia as pessoas *irradiado* pela entidade “Bispo Dom Policarpo”.

É certo que, no espaço da Capelinha de São Francisco, “Mestre Daniel atendia onde podia, onde tinha condição”. Posto assim, cabe atentar para o desenvolvimento do espaço religioso ao longo do processo de organização do culto. Logo, de acordo com a organização espacial dos *trabalhos espirituais*, ocorriam determinados arranjos que possibilitassem a realização regular de todos os *compromissos* estabelecidos pelo *Fundador*. Enfim, do ponto de vista arquitetônico e religioso o “modelo cultural ligado à percepção do espaço” (Le Goff, 2007) de criação de um espaço próprio pensado por Daniel foi o da “igreja”.

Então, no ano de 1958, os membros da Irmandade pouco mais de trinta pessoas, iniciam a construção da igreja em alvenaria:

Manoel Touro: A gente tomava o Daime e sentava nos banquinhos, no pátio. Os banquinhos eram de rolinhos de pau. Tinha também umas cadeirinhas dentro de casa. O Daniel sempre dizia: - Vamos trabalhar que um dia nos vamos poder construir a nossa casa. A gente tinha consciência que ele trabalhava mesmo. Até que foi indo, foi indo e nós chegamos a construir a nossa igreja¹³⁸.

Antonio Geraldo: Aí foi chegando mais gente pra ajudar ele (Mestre Daniel) e foi crescendo. Ele fez um altazinho de tijolo, colocou uma porção de imagens que ele mesmo fazia com canivete e pedaços de madeira. Já estava funcionando e foi chegando mais gente, chegando mais irmãos. Nesse tempo quando nós concordamos de fazer uma capela as mulheres batiam o tijolo e a gente queimava. Fizemos uma olaria aqui mesmo. Juntamos os tijolos. Aí os irmãos davam uma saca de cimento aqui, outra acolá. O Edmundo sabia trabalhar de pedreiro. O Elias era mestre de obras e foi quem fez a planta. Aí nós começamos¹³⁹.

A ação comunitária de construir a igreja destacou-se como um decisivo projeto na definição de um espaço religioso fundamental para o encontro do grupo. Logo, a construção em alvenaria da Igreja de São Francisco constituiu-se numa oportunidade de mutirão entre os adeptos do culto de agirem como irmãos, assim como outros exemplos de atividades associativas que repousam no sentimento de pertencer à *Irmandade*. Tais relações entre os membros do culto definidas em termos de laços de “parentesco espiritual” fundamentam-se no Evangelho, uma vez que Jesus Cristo “estabelece a existência de um Pai nos céus, do qual ele próprio é o filho e que, através dele, se tornar pai daqueles que o seguem” (Baschet, 2006: 446). Dessa forma, como salienta Duarte (2006):

não por acaso, a ênfase universalista singular do cristianismo se expressou frequentemente pela categoria de irmandade de todos os seres humanos, assim dispostos em razão de sua relação comum com o Pai criador e senhor, e com seu Filho sacralizador do mundo (: 71).

Uma das tarefas de cooperação vicinal cruciais para o projeto da associação religiosa de construir uma igreja própria foi a do trabalho na olaria para a produção de tijolos, cuja

¹³⁸ Entrevista disponível em Almeida (2008: 47).

¹³⁹ Ver “Mestre Antonio Geraldo e o Santo Daime” (Almeida, 2008: 53).

organização envolveu certa divisão sexual do trabalho, em que as mulheres “batiam” o tijolo e os homens “queimavam-no”. Além de produzir tijolos para a edificação da igreja, a olaria construída pelos membros da Irmandade contribuiu também para a existência econômica da associação religiosa, uma vez que, posteriormente, atendeu parte da demanda das construções de alvenaria da cidade de Rio Branco¹⁴⁰, inclusive da prefeitura (Oliveira, 2002: 89). Conforme vimos no capítulo anterior, a presença e a definição da legitimidade daquele “Culto de Oração” na vida social de Rio Branco envolviam o investimento em redes de relações pessoais, destacando-se as relações mantidas com líderes políticos locais.

Vejamos a reprodução de um documento ligado à organização administrativa da Capela de São Francisco:

NOTA DO PRIMEIRO MATERIAL QUE FOI ADQUIRIDO
PARA A CONSTRUÇÃO DA CAPELA DE S. FRANCISCO.

Pedro Gentil.....	Sacos de cimento	14
Jonas Martins.....	" " "	5
Manoel (TOURO).....	" " "	3
João Vila.....	" " "	4
João Lopes Filho.....	" " "	2
Dr. Rui Lino.....ç....	" " "	10
" " "	1 Saco com Cal. contendo	60 kilos
" " "	1 " " " "	40 "
Benedita Kemel.....	Saco de cimento	1
Daniel e Elias.....	" " "	5
Nelson (OLEIRO).....	Telhas	1.200
Antonio Lopes da Silva	Tijolos	16.500
Manoel Hipolito de Araujo	P/despesas dinheiro	5.000

Rio Branco, 22/12/1958.-

[Assinatura]

Foto 6: Nota de material para construção da Capela de São Francisco, 22 de Dezembro de 1958.

¹⁴⁰ Segundo Guerra (2003: 137), “até 1938 as construções de alvenaria não foram importantes, porém, a partir desse ano até 1941, registrou-se um forte desenvolvimento, graças à instalação de algumas olarias. Dessa última data até 1945, novamente entra em declínio este tipo de construção devido às dificuldades na obtenção de cimento. A partir de 1946, a iniciativa oficial se fez novamente sentir, criando-se um forte entusiasmo pelas construções de alvenaria na parte central da cidade”. E, ainda, cabe destacar que eram “nos locais mais afastados do centro urbano, área suburbana ou mesmo rural, acham-se instaladas várias olarias para fabricação de tijolos, telhas, etc. Na zona urbana, porém, funciona uma olaria do governo, onde se fabricam tijolos, telhas, ladrilhos, marmorites, manilhas, etc”.

É interessante perceber o aproveitamento de habilidades particulares no trabalho coletivo de construção da igreja, ou seja, o investimento prático pelos quais os indivíduos procuravam se engajar ao novo contexto significativo da associação religiosa. Dessa maneira, na realização do projeto arquitetônico, a destreza *do irmão* Edmundo como pedreiro associava-se à perícia do irmão Elias Kemel, mestre de obras, “que pegava do Mestre Daniel e aplicava na alvenaria”¹⁴¹. Assim, percebe-se que a “rotinização do carisma” (Weber, 2009) realizou-se também na arquitetura religiosa, segundo a concepção estética do Fundador, ou seja, como “objetificação do carisma”, “por meio da fixação de um estilo” (Weber, 2010: 67)¹⁴². E ainda, atentando para a assinatura da nota do primeiro material que foi adquirido para a construção da Capela de São Francisco (na data de 22 de Dezembro de 1958), pode-se perceber a particular participação do irmão Manuel Hipólito de Araujo, pois desenvolvia na associação religiosa seu conhecimento acerca de organização administrativa, e, portanto, de produção de documentos institucionais, haja vista que era “técnico de laboratório de análises e pesquisas clínicas”.

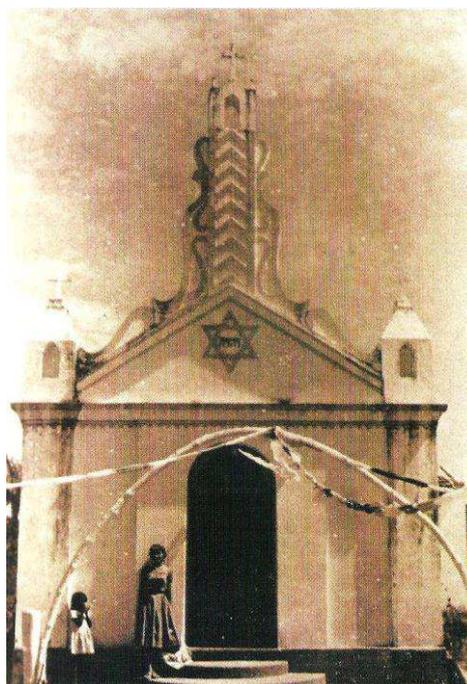


Foto 7: Fachada da primeira capela em alvenaria, 1958.

¹⁴¹ Trecho de entrevista com o atual presidente, Francisco Hipólito.

¹⁴² Weber mostrou que “a estereotipagem religiosa dos produtos das artes plásticas, como forma mais antiga da formação de um estilo, está condicionada tanto diretamente por ideias mágicas quanto indiretamente pela produção profissional que surge como consequência do significado mágico do produto, produção que já por si substitui a criação segundo o objeto natural pela criação segundo um modelo” (2009: 283).

A planta da Igrejinha de São Francisco seguiu a representação em cruz latina da igreja românica, identificando-se, portanto, um transepto que cruza a nave perpendicularmente. Não se trata somente de uma constatação arquitetônica, mas de observar a “maneira de conceber a função social e ideológica da arquitetura” (Baschet, 2006: 201), manifestando, portanto, determinada “estilização por meio da tradição” (Weber, 2010: 67), a história que se acumulou ao longo do tempo para explicitar essa edificação religiosa¹⁴³.

Na frente da edificação foi inscrito o selo/símbolo de Salomão com as quatro letras do “tetragrammaton” gravadas (o nome hebraico de Deus). Tal inscrição aponta para o influxo de tradições culturais evocadas por Daniel na construção do culto religioso, demonstrando a afluência de conhecimentos mediante sua leitura da revista do Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento¹⁴⁴. Três torres ladeiam a fachada da igreja do templo, exibindo em cada uma a imagem de um santo. Nos topos das torres há uma cruz. A torre central, dedicada ao santo de devoção focal da associação religiosa, mais elevada, aloja uma imagem de São Francisco; na torre do lado direito vê-se a de São Sebastião; e, uma imagem de São José ocupa a do lado esquerdo. Essas imagens devocionais destacadas nas torres assinalam a relação afetiva e, portanto, um processo de identificação entre Daniel Pereira de Mattos e os respectivos santos.

Sobre tais relações entre sujeitos, vale notar que

ao tratar com um santo, o devoto escolhe um sujeito entre outros. O escolhe por razões muito variadas: é o santo de sua cidade ou profissão; ou ele costuma se ocupar de tal ou qual aflição; ou os feitos de sua vida indicam que poderia se interessar por essa aflição concreta que o devoto padece; ou que ele foi amigo ou mesmo xará de algum outro santo com quem já se tem relação. Pode ser que a escolha venha dada por uma visão, um encontro casual ou uma recomendação de outrem. A relação com o santo, embora, hierárquica, está marcada por uma semcerimônia (Calavia Sáez, 2009: 204).

¹⁴³ Como afirmou Bourdieu (2011), “a história no seu estado objetivado”.

¹⁴⁴ Segundo Silva (2006: 227), “a entrada das tradições esotéricas e ocultistas no campo religioso brasileiro ao final do século XIX e início do XX ampliou a cultura religiosa, pois difundiu o mentalismo, o orientalismo, o orientalismo, a cabala e o simbolismo, dentre outros. As diferenças sutis com o espiritismo, que pratica a incorporação enquanto o círculo esotérico enfatiza a concentração, demonstram estilos de práticas espirituais que, no caso brasileiro, não foram nem são contraditórias, mas complementares: o trânsito religioso entre espíritas e ocultistas é grande. Ocorre aqui um encontro de formas de espiritualidades manifestas e mutuamente comunicadas de certo estilo espiritual”.

Visto assim, uma forma de relação possível pode ser percebida a partir da consideração do sentimento de referência às origens na seleção dos santos de devoção preferencial que o fundador destacou com as imagens nas torres colaterais da igreja. A identificação de Daniel com São Sebastião e São José vincula-se ao estado do Maranhão. A paróquia da antiga freguesia de Vargem Grande, localidade de seu nascimento, foi erigida sob a invocação de São Sebastião. Já São José é celebrado como santo padroeiro do Maranhão¹⁴⁵. E, São Francisco aparece, então, como o santo com o qual Daniel se identificava numa relação de dedicação particular. É pertinente notar na fotografia acima reproduzida da igreja alguns ornamentos alçados em sua entrada, “indícios” que permitem “remontar a uma realidade complexa não experimentável diretamente” (Ginzburg, 2003: 152), que, em questão, consoante aos *compromissos* devocionais, fosse provavelmente à ocasião de algum *trabalho oficial* previsto no calendário religioso da Missão, inclusive, tendo sido a motivação para o registro fotográfico.

Ao indicar alguns nexos relativos à escolha dos santos aludidos é importante considerarmos também a importância das viagens e deslocamentos de Daniel Pereira de Mattos como fatores cruciais para a própria constituição histórica da associação religiosa que fundou. Assim, vale ressaltar, como apontei no primeiro capítulo desta pesquisa, que em Rio Branco ocorriam cerimônias e festejos dedicados a Nossa Senhora da Conceição, ao glorioso São Francisco, ao glorioso mártir São Sebastião, como ainda ao glorioso São José. Cabe também enfatizar certo trecho de entrevista do atual presidente, Francisco Hipólito, filho de Manuel Hipólito: “São Francisco já estava com Mestre Daniel desde criança. Dizia pro meu Pai que desde criança ele era devoto de São Francisco”. Lembro, então, da profícua conversa que tive com o professor Sérgio Ferretti em que ele chamava-me a atenção para a forte presença histórica de missões franciscanas na região que hoje abrange o estado do Maranhão, aparecendo como padroeiro de muitos municípios¹⁴⁶. Vale, portanto, pensar na possibilidade plausível de que Daniel Pereira de Mattos tenha tido tal referência devocional tanto em seu lugar de origem quanto mesmo a partir dos ensinamentos religiosos recebidos na Escola de Aprendizes de Marinheiros do Maranhão.

¹⁴⁵ Em recente publicação produzida por membros da Casa, intitulada “No Caminho de Mestre Daniel” (2010) encontram-se tais alusões.

¹⁴⁶ Sobre os Franciscanos no Maranhão ver Willeke, 1978 e Amorim, 2005.

Posto assim, ao conceber um novo culto religioso tido por devoção especificou seus santos exemplares e auxiliares a partir da redefinição de situações e do dimensionamento de experiências. Mas, enfim, que significado religioso apresenta-se referido nas imagens dos santos nas três torres que identificam a arquitetura da igreja?

Francisco Hipólito: É o cortejo de santos condutores, mentores, advogados, intercessores da Missão junto a Deus e à Sempre Virgem Maria, junto à Santíssima Trindade. É São Francisco, São José e São Sebastião. Aí vem também a Mãe de Jesus. E por aí vai. Mas na linha de frente da Missão do Mestre Daniel ele considera e recebeu esse trabalho, dedica, respeita e recebe à frente, a condução de São Francisco, São Sebastião e do Senhor São José.

É significativa, portanto, a centralidade elevada da torre com a imagem de São Francisco na estrutura arquitetônica da igreja do Centro Espírita e Culto de Oração “Casa de Jesus – Fonte de Luz”, pois denota a especificidade da vocação devocional dessa associação religiosa:

Francisco Hipólito: E é essa Casa é de São Francisco. Tudo que ele recebia, aqui ele dizia: é de São Francisco. Ele não dizia que era dele. Quando nós adquiríssemos qualquer bem em nome da Missão, por exemplo, a Colônia de São Francisco. Todo e qualquer bem que se recebesse dessa Casa gratuitamente ele diz é de São Francisco. Então, São Francisco é o mentor espiritual dos trabalhos, é o nosso professor, nosso advogado, nosso mediador na Missão. São Francisco é a quem nós pedimos para abrir e fechar os trabalhos. É a São Francisco que nós entregamos as obras prestadas no Salão de Caridade. É São Francisco que nos instrui nos dias de quarta-feira. É a São Francisco quem a nós pedimos que resolva uma causa difícil para nós... seja o nosso advogado. É São Francisco o mentor espiritual da Missão de Mestre Daniel.

Trata-se, assim, de uma Irmandade de franciscanos. Como uma forma de “religiosidade de salvação” (Weber, 2009), na Missão de Mestre Daniel o interessado permanente busca um *preparo* para “viajar noite e dia no “Barquinho Santa Cruz”, sobre as águas sagradas, rumo aos pés de Jesus”¹⁴⁷. Vê-se, pois, que um barco é a “metáfora ritual” (Turner, 2008b) de expressão da Irmandade enquanto uma “tripulação de marinheiros”, que, guiados por uma “estrela” – a Virgem Maria –, cumprem um *santo compromisso* “deste mundo à eternidade”. Desse modo, à frente do “Barquinho”, que segue “viagem” com a

¹⁴⁷ Trecho de um hino.

“Bandeira da Paz” hasteada, está São Francisco das Chagas e a Nossa Senhora da Paz, juntamente com o Fundador da Missão. Essa forma de religiosidade assume, pois, a perspectiva de salvar do sofrimento as almas dos mortos e oferecer aos irmãos sobre a terra a experiência da salvação, com a promessa de compensação num além¹⁴⁸.

2- “Firmes no Barquinho”

A formação do culto religioso fundado por Daniel não apareceu exclusivamente em conexão com a “doutrina revelada”, mas surgiu como produto da rotinização (Weber, 2009), quando ele, o Mestre, e seus seguidores asseguraram a continuidade da “revelação” e da administração das obras de caridade em “graças de luz”. Assim, mediante ato devocional dedicado a São Francisco das Chagas, a prática do “Culto de Oração” assumiu o significado de uma ação religiosa permanente para uma associação contínua de pessoas. Desse modo, numa área de mata e, então, pouco povoada da capital do território do Acre, nas adjacências de uma estrada de seringa, os deslocamentos de interessados permanentes rumo ao culto da “igrejinha da Vila”, a Capela de São Francisco, matizavam a criação e o enredamento de relações comunitárias e associativas orientadas para o cumprimento de compromissos devocionais, agindo, assim, como “irmãos da Casa”.

Poucos meses após o começo da construção da igrejinha, já com sua estrutura e plano arquitetônico adiantados, o “Mestre Espiritual” que havia iniciado as atividades daquele “Centro” fez a *passagem*, após uma penitência de noventa dias, “viajando” no dia 08 de Setembro de 1958, durante o período de tempo da “Romaria de São Francisco”. Como atribuição rotinizada instituída a partir do falecimento do irmão José Joaquim, que, então, tornou-se, Frei José Joaquim, o Pastor das Almas, a “viagem” do Mestre para a “vida em espírito” ampliou seu reconhecimento como Frei Daniel, o “primeiro soldado da Missão”. A cerimônia fúnebre de Mestre Daniel foi realizada com o féretro colocado sobre a mesa em forma de cruz, prática de consagração do seu carisma que se torna a rotina de exéquias dedicadas também àqueles irmãos que cumprirem a Missão:

¹⁴⁸ Consiste, assim, de uma solução para a “incompatibilidade de uma providência divina com a injustiça e imperfeição da ordem social”, configurando o “problema da teodicéia” (Weber, 2009; Berger, 1985).

Antonio Geraldo: Quando ele faleceu a capela já estava construída, já estava com o teto feito. Não tinha janela, não tinha altar, mas já estava coberta. Assim mesmo nós colocamos o corpo dele lá dentro para homenageá-lo¹⁴⁹.

Com o problema da sucessão do “Fundador” o caráter da relação comunitária motivada pelo seu carisma pessoal modificou-se por meio de rotinizações. Persistindo, portanto, o interesse no cumprimento do *santo compromisso* “deixado” por Mestre Daniel, os *trabalhos* da Casa foram mantidos e dirigidos pelos “irmãos antigos”. Mas, “a rotinização não se realiza, em regra, sem lutas” (Weber, 2009: 166). Diante do falecimento do seu Mestre Espiritual, a Irmandade atravessou um “estado de turbacão”. Não houve uma prévia designação por parte do Mestre e reconhecimento ulterior de um sucessor para assumir o *posto* de “Pastor do rebanho”, que, então, foi disputado por um ou outro irmão, mas que abandonava o “posto” tão logo tentava tomar o “leme” do “Barco”.

Antonio Geraldo: Quando ele desencarnou, cada irmão queria assumir, mas tomava a frente e logo não dava certo. Queria ser mais que os outros, não sabia tratar os outros. E aquele negócio de ser mais que os outros se engrandecia e não ia nada pra frente. Até que eles mesmo resolveram se juntar e ir lá onde eu estava, dizer pessoalmente que eu era quem tinha que assumir o compromisso¹⁵⁰.

De modo a “continuarem a grande obra de Pastor Daniel Pereira de Matos”, a questão da sucessão de Mestre Daniel foi solucionada por designação pelos “irmãos mais velhos da Missão”, uma vez que dividiam certa compreensão do *trabalho*. Em virtude de sua qualificação carismática, sendo “um dos irmãos mais antigos da Casa e mais entendido no momento”, Antônio Geraldo assumiu o *compromisso* de “comandante” e “zelador” da “chave da Missão”. Seguindo Weber, cabe salientar que “paralelamente à rotinização do carisma por motivo de nomeação de um sucessor manifestam-se os interesses na rotinização por parte do quadro administrativo” (2009: 163). Logo, a propósito da produção do instrumento legítimo de sua nomeação oficial, tal situação engendrou ainda a própria oficialização da associação religiosa:

¹⁴⁹ Trecho de entrevista contida em Almeida (2008: 53).

¹⁵⁰ Almeida, op. cit.: 54.

Ata de fundação, Centro Espírita e Culto de Oração

- 'CASA DE JESUS – FONTE DE LUZ'

Aos vinte dias do mês de Janeiro de mil e novecentos e cinquenta e nove, às vinte horas no templo edificado pelo Mestre do Centro Espírita Daniel Pereira de Matos, reuniram-se seus discípulos encabeçados pelo seu sucessor Mestre Antonio Geraldo da Silva, de livre vontade com o fim especial de ordenhar aquele rebanho e constituir o Centro Espírita e Culto de Oração – CASA DE JESUS – FONTE DE LUZ. Estavam presentes naquela ocasião os associados que constam da relação abaixo transcrita. Foi aclamado como Diretor dos Trabalhos, o Sr. Antonio Geraldo da Silva que convidou pra secretariá-lo e lavrar a presente ata, o Sr. Manoel Hipólito de Araujo, ficando assim constituída a mesa. A seguir o Diretor dos Trabalhos mandou proceder a leitura, artigo por artigo dos Estatutos do Centro Espírita. Submetidos a votação, foram aprovados por unanimidade. O Diretor dos Trabalhos falou alguns minutos, explicando que estavam reunidos ali, para organizados, continuarem a grande obra do Pastor Daniel Pereira de Matos, que como Mestre espiritual deles havia iniciado as atividades daquele Centro, que já possuía além de grande patrimônio espiritual, uma capela para suas orações, constando de uma pavilhão de alvenaria com 5 dependências que (...) de frente por 13ms de fundo, com 2 gabinetes (...) todos cobertos de telha; um cruzeiro (...) medindo 4m x 4m e quatro casas geminadas em construção de taipa rebocada de cimento medindo 22m x 9m. Declarou também por necessário eleger os ocupantes dos cargos estabelecidos pelos Estatutos, e suspendeu os trabalhos por trinta minutos para as necessárias providencias. Reiniciados os trabalhos e procedida a eleição verificou-se o seguinte resultado por votação simbólica.

Diretoria

Presidente	Antonio Geraldo da Silva
Vice-Presidente	Manoel Hipolito de Araujo
1º Secretário	Elias Nacif Kemel
2º Secretário	Selma Geraldo da Silva
Tesoureiro	Milton Brígido da Silva

Conselho Fiscal

Olinto Alves da Silva
Francisca Pereira do Nascimento
Sergio Carvalho da Silva

Suplentes

Alipio da Silveira Torres
José Gabriel do Nascimento
Agostinho Henrique de Paiva

Os eleitos são todos cidadãos brasileiros, de moral ilibada e estão no gozo de seus direitos civil. O Diretor dos Trabalhos foi aclamado e proclamado eleito e empossado assim como os demais membros da Diretoria, com mandato de dez anos, e convidou os eleitos a integrar a mesa. Com a palavra o presidente eleito declarou assim fixamente fundado o Centro Espírita e Culto de Oração – “CASA DE JESUS – FONTE DE LUZ”, com sede em Rio Branco, e os Estatutos foram aprovados e vão datados e assinados por mim que servi de secretário, estando assim assinado pelo Diretor dos Trabalhos e presidente eleito, tudo como prova da sua veracidade e autenticidade. Dato e assino aos vinte dias de Janeiro de 1959¹⁵¹.

A elaboração da “ata de fundação” acima transcrita consistiu num “ato de instituição” (Bourdieu, 1996a), como declaração performativa e delimitação legítima do grupo de discípulos de Mestre Daniel, ora, “encabeçados pelo seu sucessor Mestre Antonio Geraldo da Silva”, que fora, então, “aclamado e proclamado eleito e empossado”. Da leitura desse documento sobressai o movimento de institucionalização do culto, permitindo notar, então, determinadas formas de realização da “rotinização do carisma”.

Nesse sentido, a própria data na abertura da ata de fundação assinala mais do que a indicação de um período tempo. O dia em destaque foi condicionado pelo calendário religioso estabelecido por Mestre Daniel, haja vista que os *trabalhos* de “20 de Janeiro de 1959” destinaram-se à entrega da “Romaria do Soldado Guerreiro Mártir São Sebastião”. Assim, ao marcar de modo solene e conjugado a investidura do “Diretor dos Trabalhos” e a constituição do Centro Espírita e Culto de Oração “Casa de Jesus – Fonte de Luz”, a reunião dos discípulos do “rebanho” do “Pastor” Daniel Pereira de Matos exerceu o efeito de um “rito de instituição” (Bourdieu, 1996a), declarando a definição legítima das atividades daquele “Centro”.

A respeito do sentido desse funcionamento, é válido perceber a definição da identidade da associação religiosa na designação expressiva que estabelece seu processo de institucionalização. Podemos deslindar a compreensão do nome dividindo-o em duas partes. A primeira indica seus fins religiosos, ou seja, o de prestar obras de caridade voltadas para as almas – “Centro Espírita” – e realizar compromissos devocionais – “Culto de Oração”, além de também aludir a características formais de organização. Na segunda parte aparece a afirmação como um espaço de religiosidade cristã – “Casa de Jesus” – que proporciona um

¹⁵¹ No restante do documento constam as assinaturas dos quarenta e um discípulos, ou melhor, irmãos fundadores.

“caminho de salvação” – “Fonte de Luz”.

A institucionalização do culto implicou na necessidade de uma organização administrativa, procedida a partir da aprovação de estatutos e eleição (“por votação simbólica”) de mesa diretora, com mandato de dez anos, considerando “a moral ilibada” dos seus ocupantes. Consta ainda no documento aludido a identificação do “patrimônio” pertencente ao “Centro”. Quanto a esses bens, “além de grande patrimônio espiritual”, que se refere à “Doutrina de Mestre Daniel” e ao respectivo conjunto de práticas religiosas, foi especificado o patrimônio material existente: “uma capela para suas orações; um cruzeiro; e quatro casas geminadas”. Tal construção de quatro casas ligadas entre si, também no formato de cruz, assim como a Capela de São Francisco, era o local de residência de parte da Irmandade. A existência dessa edificação como um espaço de moradia coletiva fortalecia o incremento de uma forma de convivência e interação entre os irmãos apoiada na manutenção da relação comunitária religiosa.

Com efeito, obviamente que não se tratava de uma associação de indivíduos vistos isoladamente. Vimos que a efetividade das “redes de comunicação” acionadas na afluência de pessoas que chegavam à Casa de Daniel dependia basicamente de laços de amizade e, amiúde, de vínculos familiares e de parentesco. Assim, o exame da relação dos associados presentes naquela ocasião do “ato” de fundação, os “irmãos fundadores”, mostra o investimento de grupos familiares interessados no Centro Espírita e Culto de Oração “Casa de Jesus – Fonte de Luz”, conforme os indícios dos nomes próprios assinados.

Novamente cabe destacar a participação qualificada de Manoel Hipólito de Araujo, que serviu de secretário para lavrar a ata de fundação, sendo, inclusive, eleito como um destacado membro da Diretoria: o Vice-Presidente. E, em verdade, a hierarquia de posições de *postos* assumidos pelos irmãos *Antonio Geraldo* e Manoel Hipólito na “distribuição do capital de autoridade” (Bourdieu: 2007) que recebiam da *Irmandade* tinha como realização prática um modo peculiar de “divisão do trabalho religioso”:

Antonio Geraldo: Tanto que qualquer coisa que precisava na rua, era ele (Manoel Hipolito) quem resolvia, era um elemento ativo... Eu não me preocupava com esse lado, porque ele resolvia, conhecia tudo na rua. E era ele quem resolvia esses problemas. Tantos os problemas meus, quanto os dos meus filhos, minha família... Era ele quem resolvia¹⁵².

¹⁵² Almeida, op. cit.: 57.

Diante das exigências e condições de uma administração cotidiana da instituição religiosa, assim como dos problemas, isto é, dos encaminhamentos particulares de resoluções burocráticas dos irmãos da Casa que precisavam ser feitos na “rua”, ora, na região central da capital Rio Branco, o vice-presidente Manoel Hipólito apresentava-se como o “procurador” incumbido e “especialista”¹⁵³. O presidente Antonio Geraldo, pela própria condição de sua seleção carismática, desenvolvia o trabalho religioso de “líder espiritual”, reconhecido “Mestre Conselheiro”:

Chica Gabriel: Os irmãos gostavam muito do Mestre Antonio Geraldo, devido ele ter uma entidade que sempre dava bons conselhos, sempre dizia alguma coisa de proveito pra gente. Às vezes se reuniam lá com ele a fim dele conversar alguma coisa que era do agrado da gente. O Antonio Geraldo tem uma entidade, o Bispo Dom Policarpo que sempre acompanhou ele. Muitas vezes os irmãos se reuniam, iam chamar ele lá na casa dele pra vir para o trabalho. Daí chegou ao ponto de todo mundo querer que ele assumisse a Missão. Antes disso outras pessoas assumiram, mas foi aquela confusão, aquele negócio, só queriam mesmo era assumir. Houve lá muitas coisas, que ser for falar não adianta. O importante é que ele, o Mestre Antonio Geraldo assumiu¹⁵⁴.

A vida de Antonio Geraldo no Acre foi canalizada pelo fluxo migratório da “batalha da borracha”, chegando, então, a Rio Branco como um dos “soldados” que do Nordeste seguiam até chegar à Amazônia:

A minha viagem pro Acre foi rápida. Me alistei num dia, em Mossoró, fiz inspeção de madrugada e viajei pro Ceará onde passei uma semana. Lá embarquei no navio e fui para o Pará. (...). Aí chegamos a Belém e fomos para um pouso por nome Itupanema, uma fábrica de charque, onde tava esse povo alojado, muita gente. Passei uma semana ali. Depois, embarquei num Gaiola pra cá. Chegamos numa época em que o Rio estava seco. O Gaiola só chegou até um certo ponto, um local chamado Cachoeira. Aí nós embarcamos na Adamantina, uma outra chatinha que nos levou até Boca do Acre. Em Boca do Acre pegamos um outro motor por nome Arlanza até chegar aqui. (...). Quando cheguei aqui no Acre, em 30 de julho de 44, a Guerra já estava chegando no fim. Inclusive eu não fui pro seringal, fiquei aqui em

¹⁵³ Inclusive, vale salientar que foi Manuel Hipólito de Araújo, Laboratorista da Secretária de Saúde do Estado do Acre, que levou Nunes Pereira até a Igrejinha de São Francisco, como o aludido autor descreveu, lembrando que na ocasião o “ambiente era festivo, visto a data ser consagrada à Assunção de Nossa Senhora” (Pereira, 1979: 137). Nunes Pereira era veterinário de formação e tinha sido funcionário do Ministério da Agricultura, o que sugere ter havido uma identificação entre eles.

¹⁵⁴ Almeida, op. cit.: 58.

Rio Branco, fui trabalhar na cerâmica do Governo. O Governo aproveitou para o serviço dele toda a turma que veio junto comigo. Fomos trabalhar na cerâmica, que era uma Autarquia nessa época. Todo o pessoal que trabalhava lá era da Polícia ou da Guarda Territorial. O tipo de trabalho era cortar lenha para as usinas e os soldados iam trabalhar nas matas. Nessa época o Acre era Território. Só depois que estava trabalhando nessa cerâmica é que fui pro seringal. O Gerente que trabalhava na cerâmica arrendou do Governo esse seringal, nesta mesma localização que ainda hoje moramos. Neste momento, tinha uma quantidade de gente pra ir pro seringal onde eu também tinha sido escolhido pra ir trabalhar. Trabalhei muito tempo nesse seringal. Depois eu adoeci. Saí pra me tratar. Voltei para a cidade e fui trabalhar para o Governo novamente e não entrei mais no mato. E aqui fiquei. Todo o ano o Governo dispensava o pessoal diarista, sem qualquer direito trabalhista. Todo fim de ano havia um corte de pessoal. Chegava a época do inverno, ele cortava. Depois ele colocava de novo. Nessa época fui trabalhar numa olaria particular, com um senhor por nome Nelson. Neste local trabalhei por muito tempo. Depois voltei a trabalhar para o Governo novamente. Trabalhei para o Governo até o tempo do Coronel Fontenele de Castro¹⁵⁵.

Nascido no Ceará, em 25 de Maio de 1922, na região do rio Jaguaribe, ainda na tenra infância foi residir em Mossoró, Rio Grande do Norte. O testemunho oral de Antonio Geraldo ilustra nitidamente o intempestivo enredo vivido pelos trabalhadores nordestinos recrutados como “soldados da borracha”, durante a Segunda Guerra Mundial, passando por várias e diferentes embarcações e portos (Secreto, 2007). Pouco menos de quarenta anos da vinda de Daniel Pereira de Mattos, em 1944, aportava em Rio Branco o “soldado” Antonio Geraldo. Contudo, a “turma” de trabalhadores que chegou junto dele não foi encaminhada necessariamente para o corte da “seringa” em “colocações” no interior da floresta.

No interesse das deliberações locais para o estabelecimento de uma “autarquia”, essa mão de obra foi empregada pelo “Governo do Território do Acre” em olarias, “na cerâmica”, que reunia em seu quadro de funcionários pessoal da polícia e da guarda territorial. Dessa maneira, enquanto alguns dos soldados iam trabalhar nas matas, Antonio Geraldo, num primeiro momento, foi escolhido para o serviço da cerâmica, na zona urbana de Rio Branco. Mais tarde, sob o arbítrio do poder de “escolha” do Governo e de seus contratos abusivos de trabalho, sua vida de trabalhador oscilava entre as rotinas da cerâmica e do seringal, inclusive trabalhou na região da Vila Ivonete¹⁵⁶. Por fim, Antonio Geraldo não voltaria mais para o seringal, fixando sua permanência nos serviços em olarias do Governo e numa

¹⁵⁵ Almeida, op. cit.: 26.

¹⁵⁶ De fato, como apontou Guerra (2004: 119): “Nas colônias agrícolas José Guiomard dos Santos e Seringal Empresa, também existem lotes onde a atividade econômica predominante é da coleta de látex e subsidiariamente a castanha”.

particular de propriedade do Sr.º Nelson, o qual aparece identificado na nota de material construção da Capela de São Francisco anteriormente destacada.

Antonio Geraldo: Pra passar o tempo eu comecei a sair para as serestas, aniversários... Saía com as moças por aí. Nesse período que comecei a tomar esse negócio de licor, de leite de onça e por aí entrei. Depois eu estava tomando tudo, tava bebendo de tudo. Mas, tocava violão... Nessa época, pouca gente tocava violão aqui. Então, quando souberam que eu tocava, não saíam daqui. Dia de sábado eu não parava em casa. Vinham me buscar para tocar nas festas e eu ia¹⁵⁷.

Reconhecido no contexto de Rio Branco como um *expert* em tocar violão, a vida de Antonio Geraldo anterior à sua adesão ao culto religioso fundado por Daniel assemelhava-se àquela que seu “Mestre Espiritual” também tivera, sendo frequentemente requisitado nos espaços boêmios e em eventos festivos. Vale considerar que na seleção como “Diretor dos Trabalhos” pode ter sido relevante sua destreza de músico, pois ao longo do período de “estudo” com Mestre Daniel foi comum ser solicitado por ele para que conduzisse alguns *trabalhos*, canalizando, assim, a habilidade musical que possuía.

Com a presidência do Mestre Antonio Geraldo a “rotinização do carisma” do Fundador realizou-se tanto na forma institucionalizada da Capela de São Francisco, ora, do Centro Espírita e Culto de Oração “Casa de Jesus – Fonte de Luz”, quanto na fixação de “*complexus* estáveis¹⁵⁸” de atos religiosos, concretizando-se igualmente por meio da manifestação estética do seu conjunto arquitetônico:

Antonio Geraldo: Quando eu recebi a Missão é que eu toquei pra frente a construção. Fui recebendo as instruções e fui ampliando a Capela. Coloquei o fardamento, fiz o Cruzeiro, depois veio o Parque e assim nós fomos tocando. Quando Daniel desencarnou eu tava apenas com três anos de estudo com ele¹⁵⁹.

¹⁵⁷ Almeida, op. cit.: 27.

¹⁵⁸ Sobre a “natureza dos ritos”, Mauss (2003: 95) afirmou que “a tendência é fixarem-se *complexus* estáveis em número bastante pequeno, que poderíamos chamar tipos de cerimônias”.

¹⁵⁹ Op. cit.: 53-54.

Lembrando, então, que a Capela de São Francisco não estava totalmente edificada no tempo em que Mestre Daniel “viajou”, a construção dela prosseguia ante às “instruções” por ele “deixadas em vida material” e ainda transmitidas do “mundo espiritual” para o novo portador do carisma e, portanto, da “chave da Missão”.

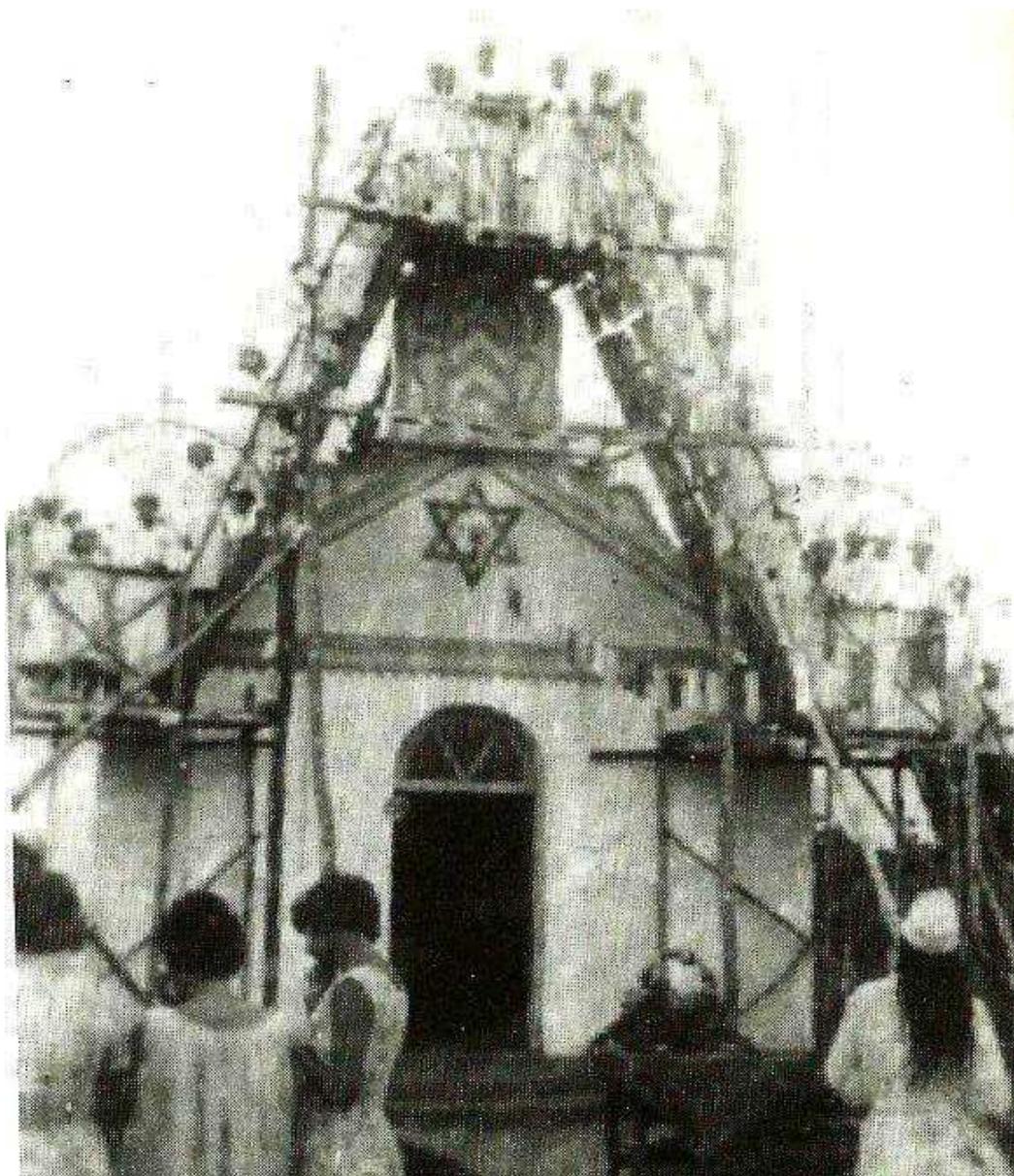


Foto 8: Fachada da Igrejinha em construção, 1959.

Daniel e assumidos por cada um de seus “Oficiais Fardados” seguia, então, “noite e dia no Barquinho Santa Cruz rumo aos pés de Jesus¹⁶⁰”, da mesma forma que os trabalhos encadeados de construção da Capelinha. Da competência do vice-presidente, conforme as exigências do estabelecimento da organização administrativa – e que reverberava na “prestação de contas materiais e espirituais” –, ficava o compromisso de registrar e transmitir – como “procurador religioso autorizado” (Bourdieu, 1996a) – os movimentos e acontecimentos gerais da associação religiosa.

Cabe, pois, aproveitar a positividade etnográfica do documento (assinado pelo tesoureiro em exercício Manuel Hipólito de Araujo) referente ao registro da movimentação de despesas do ano de 1959, que incidiam especialmente à conclusão da Capela de São Francisco. O trabalho orientado para a sua construção baseava-se no mutirão que reunia “o operário de São Francisco”, ou seja, o conjunto desses trabalhadores devotos de São Francisco. Com efeito, haviam gratificações dadas aos irmãos de acordo com a divisão e realização das tarefas, haja vista as necessidades impostas pela disponibilidade de tempo e urgências requeridas pela manutenção da vida. Dentre tal coletivo “operário” associado ao exercício regular de culto de devoção a São Francisco o irmão Elias Kemel sobressaía como construtor da Capela e de todas as construções que sobrevieram na composição estética do conjunto arquitetônico característico do Centro Espírita e Culto de Oração “Casa de Jesus – Fonte de Luz”.

A “imaginação sociológica¹⁶¹” evocada pelo esquadrinamento dos registros financeiros, referindo-se a um cenário histórico específico de existência econômica, permite ter em conta as atividades interacionais da Irmandade envolvidas na manutenção do culto e na constituição do seu espaço. Observa-se, inclusive, a garantia da “despesa do enterro do irmão Anelino”, que pressupunha a realização de cerimônia fúnebre recomendando sua alma à Virgem Mãe de Deus e ao Salvador Jesus. E, especialmente, uma das atividades arroladas fundamentais que aparece é “o serviço do Daime”:

Manoel Touro: No início, era o Mestre Irineu que mandava o Daime pra ele (Daniel). Depois, era ele mesmo quem fazia o Daime. Nós tirávamos, íamos buscar, quando nós chegávamos, ele ia bater e fazer o Daime. Depois os irmãos se juntaram e não deixaram mais ele fazer sozinho. Aí então todos passaram a ajudar no feito

¹⁶⁰ Verso de um hino.

¹⁶¹ Ver Mills, 1972.

do Daime. Eu mesmo dava um apoio a ele em tudo que era possível. Bom, aí pronto, nós fomos indo, devagarinho, até que depois de tudo, construímos a igreja¹⁶².

O movimento associativo coadunou-se à construção de um lugar próprio para o encontro da Irmandade. O ingresso do “irmão devoto” de São Francisco implicava no uso de uma vestimenta característica do pertencimento à irmandade religiosa fundada por Daniel Pereira de Mattos, tornado-se, então, um Oficial Fardado:

Eloi: O senhor disse que o fardamento veio após. Mas já existia um fardamento de marinheiro com o Mestre Daniel... com aquele chapéu de marinheiro...?

Francisco Hipólito: Eles vestiam uma roupa branca. E ali não é um chapéu. Ali é um lenço branco com nó nas quatro pontas, com quatro nós, um em cada ponta. Era o capacete dele.

Os membros do culto usavam inicialmente uma roupa branca, cujo índice identitário principal era seus “capacetes de marinheiros aprendizes de Mestre Daniel”, que consistia num “lenço branco com nó nas quatro pontas”. Ao longo dos anos a estilização do fardamento de “marinheiro das águas sagradas” foi modificando-se, com a fixação de um estilo oficial de “aparência” (Goffman, 2009) e “representação” (Bourdieu, 2011) definidos na presidência do Mestre Antonio Geraldo, caracterizado pelo relevo bordado de emblemas e insígnias do universo “cristão” e “esotérico” revestidos de *mistérios*. De acordo com a programação dos *trabalhos* os irmãos associados deveriam usar o fardamento correspondente, como será evidenciado no capítulo seguinte.

A existência como grupo religioso conhecido e reconhecido na capital Rio Branco foi objeto de embates e lutas a respeito das representações, relacionando a definição legítima da manutenção da Missão diante das manifestações de estigmatização (Bourdieu, 2011). Ocorreram conflitos entre a perspectiva religiosa adotada por aqueles que aderiram àquela Irmandade e seus núcleos domésticos e famílias, que envolvia, por conseguinte, as posições sociais então ocupadas por atores sociais específicos ao longo dos anos.

¹⁶² Almeida, op. cit.: 48.

Em 20 de Janeiro de 1958, portanto, no dia grande da “entrega da Romaria de São Sebastião”, em completo estado de embriaguez, o “comissário de polícia”, José Araujo, irmão gêmeo de Manuel Hipólito de Araujo, irmão da Casa, efetuou três disparos de revólver dentro da Capelinha de São Francisco. Conforme relato de Manuel Hipólito de Araujo¹⁶³, os seus familiares não aceitavam a sua adesão à Missão de Daniel, considerando-o como um “louco”. Outra severa contenda ocorreu em 20 de Abril de 1965, quando, então, novamente o delegado José Araujo, acompanhado de um comissário, um soldado, um cabo de guarda, um investigador e um motorista, foram à capela que a Irmandade construiu para suas devoções para fechá-la, cumprindo ordem do Juiz de Direito Lourival Marques.

Durante o período em que a capelinha ficou fechada, o presidente Antonio Geraldo “passou em penitencia, jejum, dentro de uma penitencia com Deus e São Francisco, para resolver essa situação”. Segundo Antonio Geraldo Filho, conhecido por Nêgo, após dez dias do fechamento da “Casa de Culto de Oração” seu pai

foi lá no juiz, no fórum, pra resolver essa situação, foi a irmandade junto ele, inclusive com a cruzinha de madeira que ele mandava fazer p quando a pessoa assumia o compromisso, feita inclusive pelo mestre de obras da missão, o Elias Kemel. Chegou todo mundo lá com sua cruzinha, como um exército de Jesus. Daí foi liberado, pôde abrir o Centro e dar prosseguimento. Mas tinha que registrar o Centro.

¹⁶³ ARAÚJO, Manuel Hipólito: depoimento. [19 fev./3 mar. 1990]. Entrevistador: Francisco Hipólito de Araújo Neto. Rio Branco: Casa de Memória Daniel Pereira de Mattos - Centro Espírita e Culto de Oração “Casa de Jesus – Fonte de Luz”. (Série Entrevistas, Cx. 2).



Foto 10: Irmandade em frente à Igrejinha de São Francisco, início da década de 1960. Importa observar que todos os membros seguram as aludidas cruzinhas de madeira, *símbolo da salvação e arma de defesa*.

O Centro Espírita e Culto de Oração “Casa de Jesus – Fonte de Luz” foi declarado de utilidade pública pela “Lei Estadual n.º 77 de 25 de Outubro de 1966”. Havia ainda, contudo, a suspeição acerca da qualidade dos efeitos da bebida comungada naquele culto religioso. Sendo assim, como funcionário dos serviços de saúde em Rio Branco, Manuel Araujo procurou com o seu Secretário de Saúde encaminhar uma análise bromatológica do Daime. Em 21 de maio de 1965, então, o Secretário de Saúde e Serviço Social, Dr. Carlos Meixeira Afonso, enviou amostras do cipó e da folha utilizados no *feitio* do Daime para o Dr. Professor Décio Parreiras, Chefe do Serviço Nacional de Fiscalização de Entorpecentes. Quase um ano depois, o resultado do exame foi dirigido àquela associação religiosa:

Declaro outrossim que em telegrama recebido do Sr. Dr. Décio Parreiras, Presidente da Comissão Nacional de Fiscalização de Entorpecentes dizendo que, nenhum caso de intoxicação foi observado desde o ano de 1962 pelo uso da bebida “IAGE” ou similar, nome pelo qual é cientificamente conhecido o cipó “Jagube”. Assim sendo a Secretaria de Saúde e Serviço Social, nenhuma objeção tem a fazer no uso do “IAGE, DAIME ou UÁSCA” em ritos espirituais, como já há muitos anos vem sendo feito em nossa região.

Rio Branco, 16 de maio de 1966.

Dr. Carlos Meixeira Afonso
Secretário de Saúde e Serviço Social

Se o “Culto e Oração” estava legalizado, cabia ainda a regularização das terras da Missão de Mestre Daniel. O processo de apropriação do título da terra referida foi encaminhado a partir de “relações de patronagem” e estabelecimento de laços pessoais com chefes políticos locais como apadrinhadores (Wolf, 2003; Zaluar, 1983). A posse definitiva do terreno do C. E. C. O. “Casa de Jesus – Fonte de Luz” ocorreu no início da década de 1970:

Antônio Geraldo: Nós não tinha nem terreno, porque esses terrenos aí tudo era do Antão, genro do dono do terreno quer era o Manoel Julião. O finado Julião era quem tinha dado permissão para o Daniel fazer aquela casinha e lá ele criou realmente a Missão. (...). Aí o Dantinha disse: - Olha se você quiser tirar o título desse terreno, você já tem o direito de posse. É só ir lá na prefeitura, falar com o prefeito. Vamos tirar o documento disso aí. Eu fui e disse para o Manoel (Manoel Hipólito de Araujo) ir lá, falar com o prefeito, que nessa época era o Aduato Frota. Ele disse pra pagar o aforamento atrasado e daí dava o título de enfiteuse. (...). Aí nós pegamos o título de enfiteuse. Cercamos com estaca e arame. Quando o Antão viu o negócio lá, aí danou-se, foi brigar. Na época o Governo do Estado era o Jorge Kalume. O Antão botou pra brigar. Aí o Kalume disse: - Rapaz, deixa esse povo, esse povo é nosso. Deixa esse povo aí. Quanto você quer pelo terreno? Na época ele disse: - Quero 20 mil. Então foi vendido por 20 mil aquela área de terra lá. O governo pagou, fez a inscrição... Tá lá¹⁶⁴.

¹⁶⁴ Almeida, op. cit.: 61-62.

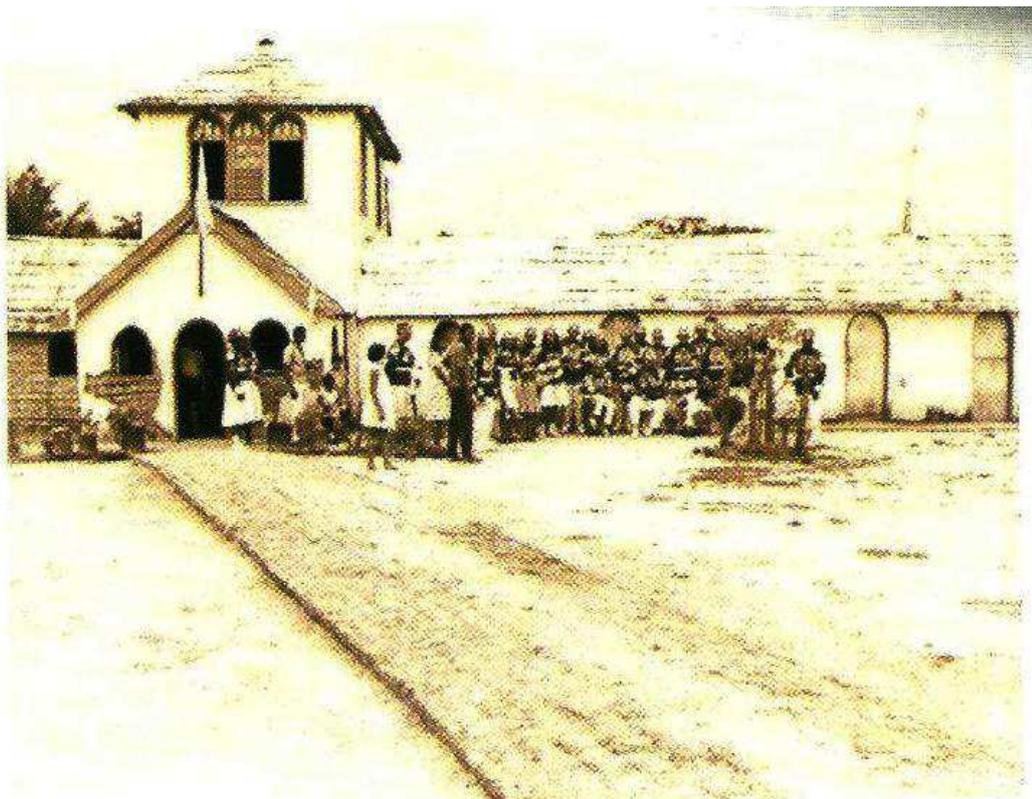


Foto 11: Trabalho do dia 04 de Outubro de 1972, entrega da Romaria de São Francisco. Ao fundo o Governador Francisco Wanderley Dantas ladeado por correligionários.

Como sugeriu Bourdieu, “as classificações práticas estão sempre subordinadas a funções práticas e orientadas para a produção de efeitos sociais” (2011b: 112). Assim, a oficialização dessa associação religiosa, com sua nomeação pública, garantiu a legitimidade de sua existência diante dos respectivos sinais de distinção que a identificavam em tal campo social.

A experiência associativa investida na manutenção do culto de devoção envolveu o exercício e a organização da atividade musical, engendrando a formação de um “grupo sonoro¹⁶⁵” referido ao Centro Espírita e Culto de Oração “Casa de Jesus – Fonte de Luz”.

¹⁶⁵ Segundo Blacking (2007: 208), “um ‘grupo sonoro’ é um grupo de pessoas que compartilha uma linguagem musical comum, junto com ideias comuns sobre a música e seus usos”.



Fotos 12: Casas geminadas no formato de cruz com a Irmandade reunida, década de 1960.



Foto 13: Detalhe da foto anterior focalizando os músicos da *Casa*. Com o violão no centro vê-se o presidente Antônio Geraldo. Em pé e de óculos escuros observa-se o vice-presidente, Manuel Hipólito de Araújo.

A produção prática dos *trabalhos espirituais* da Missão de Mestre Daniel pressupôs desde a sua fundação um “fazer musical”, produzindo dessa experiência um dado estilo e sentido religioso dos hinos/salmos devocionais inspirados em passagens bíblicas e orientações doutrinárias cristãs. Compartilhando a destreza de músico que caracterizava o carisma pessoal de Daniel Pereira de Mattos, o presidente Antonio Geraldo assumiu também a direção musical das sessões, instruindo seus filhos para a atividade musical, que resultou na formação do conjunto “Santa Fé”.



Foto 14: Os músicos do *Centro Espírita e Culto de Oração “Casa de Jesus – Fonte de Luz”* no coreto do Salão do Bailado, década de 1970. No centro está o presidente Antônio Geraldo.

Em 20 de Janeiro de 1973, ou seja, no dia da entrega da primeira romaria do ano, a Romaria de São Sebastião, aconteceu a inauguração do *Parque do Bailado*. A concepção do complexo arquitetônico do Centro Espírita e Culto de Oração “Casa de Jesus – Fonte de Luz”, observando “a história no seu estado objetivado” (Bourdieu, 2011d: 82), sugere as transformações no espaço físico que remodelaram as cidades e, por conseguinte, a correlata ampliação dos espaços sociais ao longo do século XIX e início do XX. Refiro-me mais precisamente ao conjunto de construções formado por igreja, cruzeiro, praça e coreto, como é visto comumente em vários lugares pelo Brasil afora.



Foto 15: Panorama do complexo arquitetônico do Centro Espírita e Culto de Oração “Casa de Jesus – Fonte de Luz”, segunda metade da década de 1970.

Percebo, portanto, esse arranjo particular de construções como servindo de forma de organização e de percepção do espaço no projeto de tal missão religiosa. Salienta-se, com efeito, o fluxo criativo entre “carisma” e “revelação”, uma vez que a fixação do estilo da arquitetura e da inscrição de símbolos religiosos são tidos como revelações inspiradas de Antônio Geraldo à luz das instruções recebidas do “Mestre Fundador”. Na fotografia acima observamos a igreja ao fundo, em sua lateral o “Castelo Azulado”, a residência dedicada ao presidente da Missão, destacando-se o Cruzeiro, o Parque com as muretas e o Coreto.

Após dezoito anos no leme do “Barco”, o postulado de unanimidade de Antonio Geraldo como portador legítimo do carisma de presidente do Centro Espírita e Culto de Oração “Casa de Jesus – Fonte de Luz” foi questionado, gerando conflitos entre ele e o vice-presidente, Manoel Hipólito de Araujo, visto que aquele havia acusações de desviar sua atenção do “habitus carismático” (Weber, 2009). No dia 27 de Abril de 1977, Antonio Geraldo desligou-se dessa Casa, assumindo, então, a direção dos *trabalhos* o irmão Manuel Hipólito de Araujo, que a presidiu até Agosto do ano de 2000. Também chegou ao Acre como “soldado da borracha”, vinculado ao SESP (Serviço Especial de Saúde Pública), que tinha por objetivo sanear a Amazônia (Secreto, 2007), empregado, assim, na Secretaria de Saúde da capital do Território do Acre.

Diante dos estigmas sofridos nas escolas pelos filhos dos adeptos da *Missão* em razão

da pertença religiosa¹⁶⁶, Manuel Hipólito de Araujo, na época vice-presidente, encabeçou a fundação da “Escola de Ensino Fundamental São Francisco de Assis I”, construída pela Irmandade em regime de mutirão, e, então, foi seu diretor. Foi casado com Azize Jalul, cujo filho Francisco será mais tarde seu sucessor na presidência do Centro Espírita e Culto de Oração “Casa de Jesus – Fonte de Luz”. Não obtendo o entendimento de sua esposa em relação a sua adesão religiosa, Manoel Araujo separou-se dela e foi morar junto da Irmandade nas aludidas casas geminadas que formavam uma cruz, casando-se mais tarde com Maria Leopoldina. Com efeito, do culto só podem fazer parte com regularidade aqueles que moram na sua circunvizinhança. Desse modo, tornou-se uma aspiração para membros e famílias integrantes da Irmandade a posse de moradia próxima da Igreja de São Francisco.

A designação de “Velho Pastor” faz relevar até os dias atuais sua qualificação carismática entre os membros da Irmandade, cuja liderança foi iniciada em 27 de Abril de 1977. Com efeito, orientado pelo presidente Manoel Araujo, o dia 27 de cada mês passa a integrar o “Calendário Oficial dos Trabalhos”, dedicado à “prestação de contas” e à “corrente de saúde”. É importante salientar que no dia 27 reúnem-se os membros do “Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento”, considerado um “número sagrado”. Ora, um dos filiados, desde 13 de Março de 1963, era o irmão Manoel Hipólito de Araujo, de onde, então, buscou tal instrução inspirada.

Dentre as “instruções recebidas” do Fundador e serviços religiosos fomentados, o “padrinho” Manoel Araujo instituiu o “batismo de crianças”. Esse fato gerou reação do clero da igreja católica local acerca da legitimidade da manifestação de tal sacramento, publicando, assim, esclarecimentos de protesto num boletim¹⁶⁷:

NÓS IRMÃOS

ANO 13 AGOSTO – 1984

PRELAZIA DO ACRE E PURUS

¹⁶⁶ Sobre “estigmas de grupos ayahuasqueiros” ver Goulart, 2008.

¹⁶⁷ Disponível em: <<http://www.scribd.com/doc/11071740/Nos-Irmaos-Catholic-Church-Baptism-Araujo>>

NÃO SE PODE SEPARAR BATISMO E COMUNIDADE

O Bispo Fala

(...)

Mas infelizmente, existem cristãos que fogem da verdade, fogem do verdadeiro Evangelho que é sempre dom de Deus mas também exigência, compromisso e buscam o Batismo fora da Igreja, em grupos que negam verdades fundamentais de nossa fé. Triste ilusão. Enganam-se e prejudicam gravemente os filhos ou afilhados que tanto amam.

Alguns católicos estão levando seus filhos para batizar na Vila Ivonete, junto aos adeptos do “Daí-me”. Buscam o Batismo junto ao Sr. Manoel Araújo. Já o disse mais vezes e agora o repito: o católico que busca o Batismo para seus filhos com o Sr. Manoel Araujo (ou outros do mesmo grupo), não só pecam, mas fazem, para seus filhos, um ato completamente inválido, não tem valor nem diante de Deus, nem diante dos homens.

(...)

DOM MOACYR GRECHI
Bispo da Igreja do Acre e Purus

Segundo seu filho e atual presidente, Francisco Hipólito, ele e seu pai, então, prontamente marcaram uma reunião para tratarem do revés, que foi negociado de modo sereno e sem maiores conflitos. Inclusive, vale mencionar que, nos anos 1990, como sinal de reconhecimento e respeito, foi ofertado pelo Bispo citado um terço ao padrinho Manoel Araujo.

No final da década de 1980 o Centro Espírito Culto de Oração “Casa de Jesus – Fonte de Luz” adquiriu uma área na zona rural fronteira com o estado do Amazonas que recebeu a nomeação de “Colônia São Francisco”, visto que toda a aquisição material da Casa é consagrada ao seu “mentor espiritual”. A colônia em questão é utilizada para o plantio de cipó e folha, além de abrigar a Irmandade durante o “Retiro Espiritual” de carnaval. Nesse mesma época o Velho Pastou autorizou a abertura de dois pontos de trabalhos, também chamados de prontos socorros, fora do Estado do Acre, um no Rio de Janeiro e outro em Ji-Paraná, no Estado de Rondônia. Em 1995, no dia 08 de Setembro, data da viagem do Fundador para o plano espiritual, foi inaugurada a “Casa de Memória Daniel Pereira de Mattos”. Sendo uma réplica da casa onde vivia, tem a finalidade de abrigar e disponibilizar pesquisas, documentos e objetos referentes à vida do Mestre e à Missão por ele fundada. E, devido à necessidade de acomodar o número de participantes que afluíam para aquele Culto

de Oração, entre 1996 e 1997, a Igrejinha de São Francisco foi restaurada e ampliada.

O padrinho Manuel Hipólito de Araujo “viajou” no dia 17 de Agosto de 2000, tornando-se, assim, Frei Manuel. Essa data de sua *passagem* integra o calendário dos trabalhos da *Casa*. Seu filho Francisco Hipólito de Araujo Neto assumiu a presidência do Centro Espírita e Culto de Oração “Casa de Jesus – Fonte de Luz”, dirigindo os *trabalhos espirituais* até a época presente.

Capítulo IV

A Igrejinha de São Francisco

Ninguém singrou esta água que eu assumo;
Conduz-me Apolo e Minerva me inspira,
E nove Musas indicam-me o rumo.

Dante Alighieri

Inspirado em Certeau (1998), a partir da composição de um “lugar praticado”, buscarei aqui apresentar a paisagem da pesquisa, indicando os pontos de referência que enredam práticas religiosas e atos de devoção correlatos. Assim, os “relatos de bordo” constitutivos deste estudo narram essas práticas devocionais, ao mesmo tempo em que também apontam para minhas próprias práticas espaciais de trabalho de campo (Clifford, 1999).

1- A “Casa de Mestre Daniel”

Predominantemente azul e prateado, num ponto elevado de um terreno no limite do bairro Vila Ivonete com Nova Estação, está localizado o Centro Espírita e Culto de Oração “Casa de Jesus – Fonte de Luz”, 524, Rua São Sebastião. O acesso ao terreno é demarcado por um pórtico em alvenaria que possui certo volume na sua frente, servindo de contraponto para ressaltar uma pequena cruz (também de alvenaria), cujo portão de ferro exibe o selo de Salomão. Ao passar pelo portão pode-se ver do lado direito uma guarita, onde nos dias de *trabalhos* ficam pelos menos três irmãos oficiais da Casa que ocupam o respectivo *posto*.

Para os associados do culto há um caminho a efetuar, isto é, de organizar e de fazer a caminhada ao movimentar-se pelo espaço da Missão, uma rota prescrita ou imaginada. Na organização dessa caminhada observa-se “a coordenação entre um *fazer* e um *ver*” (Certeau,

1998: 204), em referência, portanto, àquele “cenário” (Goffman, 2009), relacionando o percurso e os pontos de referência de práticas devocionais nos diversos lugares da Igrejinha. O chão dos caminhos que se abrem no espaço é revestido por ladrilhos de cerâmica, ou seja, pequenos tijolos de barro. Ressalta a vista do conjunto arquitetônico dos espaços de ação ritual do Centro Espírita e Culto de Oração “Casa de Jesus – Fonte de Luz”, que, segundo a maneira condicionada de fazer o caminho e seguir os vetores de direção idealmente prescritos, tem como entrada o *Parque*.

Ao participar daquele espaço a pessoa está em condições de observar certos padrões de percurso e movimento que um Oficial Fardado e irmão da Casa efetuam quando, no caso, está orientado para entrar no Parque, definindo um tipo de passagem no lugar qualificado. Lembrando-se das considerações de Van Genneep (2011) sobre a “passagem material”, o conjunto das observâncias relativas à maneira de ali adentrar abrange tanto “ritos de entrada” quanto “ritos de saída”, e, então, são realizados movimentos similares seguindo o percurso inverso.

O lugar total do Parque é demarcado por uma mureta (de aproximadamente um metro de altura), caracterizada em sua extensão por trinta e três pilares equidistantes. É importante fazer notar a consideração particular dos números doze e trinta e três inscritos de modos diversos nas construções arquitetônicas que compõem o Parque, uma vez que são símbolos evocativos de *mistérios* referentes, respectivamente, ao grupo de discípulos de Jesus, e à idade que tinha o “Salvador” quando passou pelo sacrifício da cruz¹⁶⁸. Mostrarei oportunamente o diverso aproveitamento simbólico dessa representação numérica na estética religiosa do Centro Espírita Culto Oração “Casa de Jesus – Fonte de Luz”.

A entrada do Parque é feita pelo *Salão do Bailado*, que consiste numa área circular, assim percebida pelo alicerce do chão e por doze colunas distribuídas por esse contorno, tendo em sua adjacência doze bancos característicos de praça. Como nota-se pelo nome, trata-se de um espaço próprio para o “Bailado” nos dias de festas da Missão. O centro do “Salão” é marcado por um coreto:

¹⁶⁸ Ou seja, fora crucificado, ressuscitando após três dias, cumprindo, assim, a mensagem cristã da salvação.



Foto 26: Coreto no Parque.

O percurso a fazer e as operações que o orientam seguem o vetor de direção da direita. Com planta octogonal, o coreto é destinado para abrigar a banda de músicos do C. E. C. O. “Casa de Jesus – Fonte de Luz” nos dias de festa. No topo de sua cobertura há uma miniatura do *Barquinho Santa Cruz*, cuja proa está voltada para o sol nascente. Após passar pelo lado do coreto, chegamos ao centro do Parque, o espaço do *Santo Cruzeiro*, que é demarcado por uma mureta quadrangulada com doze pequenas colunas e quatro portinholas de ferro ornadas cada uma por uma cruz. No pé do Cruzeiro existem doze estrelas inscritas no chão. Essa cruz é laureada por trinta e três lâmpadas multicoloridas. No ponto de encontro de suas linhas ou barras há a imagem de um coração envolto em espinhos, ou seja, do “Sagrado Coração de Jesus¹⁶⁹”. Nas barras superiores aparece a inscrição *AMOR VERDADE JUSTIÇA*, que, assim

¹⁶⁹ A devoção ao Sagrado Coração de Jesus e o culto correspondente decorrem “das visões que Marguerite Marie Alacoque – religiosa do Mosteiro da Visitação, de Paray-le-Monial, interior da França – descreveu, em 1673, sobre um encontro com Jesus e seu coração ensanguentado e as promessas que ele lhe fez se um culto em seu louvor fosse instituído. Se uma primeira capela dedicada ao Coração de Jesus é inaugurada em 1688, o culto encontrou resistências nas esferas eclesiásticas. Apenas em 1765 é que se dá uma manifestação papal benévola em relação à nova devoção; e só na segunda metade do século XIX que uma elevação lhe é reconhecida, culminando com a consagração do mundo ao Coração de Jesus por Leão XIII na passagem para o século XX.

como na “Doutrina de Mestre Irineu”, marca também a influência do Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento.



Foto 17: Irmãos aos pés do Santo Cruzeiro realizando atos devocionais.

Semelhante aos cruzeiros colocados nos adros de igrejas católicas, em cemitérios e lugares elevados, o Santo Cruzeiro situa-se diante do caminho adentramos na Igrejinha de São Francisco das Chagas. Tem início, a partir daí, um itinerário de paradas feitas pelos irmãos da Casa, que são acompanhadas de atos devocionais, envolvendo preces e agradecimentos particulares. A passagem pelo Cruzeiro constitui-se numa “preparação”, num “rito de entrada” na Casa de Mestre Daniel.

Foi comum que quando lá chegava durante meu trabalho de campo eu fosse indagado se tinha passado pelo Cruzeiro. Tal símbolo da salvação configura-se como um dos espaços

Ainda assim, apenas em 1929 sua celebração foi promovida à categoria ritual de primeira classe, o que se seguiu à canonização de Marguerite Marie nove anos antes” (Giumbelli, 2008: 85-86).

primordiais de manifestação do sagrado e das formas de devoção realizadas pelos membros do culto. As manifestações da devoção mostram-se mediante a fala íntima e gestos corporais, combinando sinais da cruz, o toque com a mão direita no Santo Cruzeiro e sua imposição para o alto, que representa a *entrega* das preces para o “glorioso São Francisco das Chagas”.

Ao pé do Cruzeiro os devotos de São Francisco das Chagas acendem velas, que assinalam a afirmação da relação de devoção, como uma demonstração da fé e do alcance de bênçãos e “graças de Luz”. O espaço do Santo Cruzeiro indica uma região importante da cosmologia da Doutrina de Mestre Daniel, que se trata de um “espaço espiritual¹⁷⁰” destinado a entidades e almas que lá atravessam um regime de *preparo*, até o dia em que cada uma for convocada para a “doutrinação” e o “santo batismo”. A dinâmica dessas manifestações espirituais e de tal cosmologia será apresentada na seção deste capítulo dedicada aos *trabalhos* da Casa de Mestre Daniel.

Feita a passagem pelo Cruzeiro, na continuação da rota do “navegante” do “Barquinho” desponta-se o cenário da fachada da igreja:

¹⁷⁰ Conforme Mercante (2012), em pesquisa sobre a Casa de Mestre Daniel dirigida pela Madrinha Chica, “o espaço espiritual é um lugar original, imaterial e multidimensional, onde forças poderosas estão em jogo, gerando disposições, intenções e significados, assim como impressões sensoriais, emocionais e mentais; não é idêntico aos aspectos psicológicos ou físicos da existência, ainda que tanto o físico quanto o psicológico estejam imersos dentro do espaço espiritual” (: 105).



Foto 18: Visão frontal da Igrejinha de São Francisco.

Nos dias de *trabalhos oficiais* e das festas no Parque é colocado no centro do caminho em direção à igreja é colocado um mastro, que em seu topo exhibe um tipo de cruz com as iniciais *D P M* (Daniel Pereira de Mattos) em cada uma de suas extremidades principais. Antes de adentrar na igreja o membro dessa irmandade deve tomar o percurso à direita, de modo a dirigir-se ao “Castelo Azulado”, ou seja, à casa do presidente Francisco Hipólito, o padrinho Chico, para pedir-lhe a benção e conselhos pessoais, ato característico da relação de compadrio assim expressa, além de receber pessoas da sua rede de relações de amizade e demais variados visitantes.

Na ocupação do lote da Igrejinha de São Francisco observa-se a consideração de relações de parentesco (Guedes, 1998), existindo a moradia do casal Emanuel e Soraya, sendo ele também filho do Velho Pastor, Manoel Hipólito de Araujo, com sua segunda esposa, Maria Leopoldina, e, portanto, meio-irmão do Chico, e também a casa da Raimunda, neta de Mestre Daniel, que foi encontrada no Rio de Janeiro. Atualmente, todos os moradores do terreno da Missão são “fardados”, ou seja, “irmãos oficiais” do Centro Espírita e Culto de Oração “Casa de Jesus – Fonte de Luz”.

A Igrejinha de São Francisco possui uma porta principal e duas portas laterais, além de janelas laterais. Em sua nave reúnem-se a maior parte dos participantes dos *trabalhos* da Casa, tendo uma capacidade total para aproximadamente trezentas pessoas, adotando uma distribuição geral segundo os sexos: mulheres à esquerda e homens à direita.



Foto 19: Interior da Igrejinha.

Separado da nave central por um arco e por cortinas e precedendo o altar, há o salão da “Mesa”, com a continuidade de cadeiras dispostas lateralmente para os seguidores da Missão. A Mesa em formato de cruz localiza-se no ponto central do edifício igreja, de igual forma, como já vimos. A propulsão dos *trabalhos espirituais* realizados na igrejinha advém primordialmente da Mesa:

Eloi: A parte ali da Mesa... como é a formação da Mesa?

Francisco Hipólito: São treze no total. Na linha da frente da mesa, eu estou no pé da mesa e do meu lado direito tem seis homens do lado esquerdo da mesa tem seis mulheres. Treze pessoas representando Jesus e os doze apóstolos. Tem mais três cadeiras atrás dos homens e mais três cadeiras atrás das mulheres, mas uma segunda

linha, uma segunda corrente de mesa, mas a linha da frente da mesa são treze irmãos. A mesa é dínamo de força, quem gera energia, quem pede força, luz, para os trabalhos. Da mesa irradia toda a assistência para as obras de caridade. Na mesa nós cantamos o hinário do Mestre Daniel, que é a doutrina cristã revelada, que é a palavra de Deus cantada. Ali nós cantamos. Ali nós rezamos. Ali nós damos as palestras. Por ali onde concentra toda a energia do trabalho. E dali distribui pra todo o salão onde estão os irmãos na assistência. Dali distribui para o salão de obras de caridade, para dar assistência aos irmãos que estão recebendo o socorro espiritual, a cura espiritual nos dias de sábado. E todos os dias que se faz um trabalho nesta casa onde a mesa está funcionando ali é uma corrente... a mesa é uma corrente... E os irmãos são o elo dessa corrente... Numa mesa em forma de cruz, onde sentam treze pessoas na linha de frente representando Jesus e os doze apóstolos na mesa da Eucaristia. Então, a mesa é o ponto principal do trabalho, é de onde parte o trabalho, de onde se recebe a assistência espiritual dos guias de luz, dos seres de divinos, dos mentores espirituais do trabalho, é de onde se recebe deles pra irradiar para todo espaço do trabalho, seja no salão do próprio templo seja no salão de obras de caridade. A mesa é quem recebe e que distribui, quem dá sustentáculo a todo o trabalho espiritual que se desenvolve na missão do mestre Daniel. A mesa já foi instituída e construída por ele no período dele. Na mesa ele foi velado, em 1958. A mesa é uma cruz, o símbolo de Jesus, o símbolo da Salvação. A mesa pra nós é o lugar máximo dos trabalhos... A mesa e o altar. Também são dois lugares, são dois monumentos deixados pelo Mestre Daniel, no formato que ele deixou. A mesa e o altar são do tempo dele, são do período dele. As molduras são do período e foram moldadas, foram entalhadas por ele e permanecem até hoje no altar na mesma quantidade, no mesmo formato, na mesma posição, na mesma distribuição, com os santos de devoção que ele instituiu, que ele pediu para dar assistência pra Casa, para nós sermos os devotos também desses santos. A mesa e o altar são dois lugares principais que irradiam toda força toda luz toda boa energia toda boa assistência para o trabalho... porque dali se recebe dali se distribui através desse elo de homens e mulheres que estão ali ao redor daquela cruz.

Eloi: Na abertura do culto santo... é... na igreja assim há um espécie de dois planos...

Francisco Hipólito: Quando abre a cortina, quando canto o hino Culto Santo a cortina se abre, ali simbolizando a abertura dos trabalhos e também a ligação com os dois espaços: da Mesa onde se concentra e se recebe a força para os trabalhos e o lugar onde está a assistência, a maior parte da irmandade está ali ao redor, porque nem todos cabem no primeiro salão, no salão da mesa. Então essa mesa, aquela cortina, que é quem abre e fecha os trabalhos de acordo com a execução do hino Culto Santo é a hora de abrir os trabalhos, é a hora que os trabalhos ali na mesa são irradiados para os dois salões, é o momento de começar a assistência e a abertura mesmo dos trabalhos. O próprio hino no começo e no fim dele ele já diz que abre e fecha os trabalhos. O hino é o símbolo musical, vem pela palavra e a cortina é o material, é o estético, que abre e fecha o trabalho.

Eloi: E no estético, no material há uns símbolos que eu observei...

Francisco Hipólito: ali está a cruz maior representando o pai e as duas cruzes menores representando o filho e o espírito santo. As doze na cortina branca ou na cortina azul são as estrelas, são doze estrelas e a estrela principal está no meio. Na branca são flores e na azul são estrelas. Também representando Jesus e os doze apóstolos. Como também representando os guias de luz... os guias de luz, os espíritos de luz são representados ali pra nós pelas estrelas. Onde tem uma estrela ali significa que tem espíritos de luz nos orientando, nos assistindo, nos iluminando e nos alumando o caminho. Trazendo a assistência, a ordem, a orientação, a instrução de como os trabalhos devem se processar.

Eloi: e onde tem uma cruz...?

Francisco Hipólito: Antes de tudo representa o símbolo da nossa Salvação: Jesus. Onde tem ali as três cruzes representa o pai, o filho e o espírito santo.

Visto assim, observando o trecho acima da conversa entre mim e o presidente, pode-se considerar que o *trabalho espiritual* em foco remete para uma forma de “espiritismo de mesa”, semelhante ao culto mediúnico kardecista (Giumbelli, 2002). Na linha de frente da mesa em forma de cruz, ao seu redor, sentam-se treze pessoas, com o presidente no “pé da cruz”, seis homens do lado direito e seis mulheres do lado esquerdo, representando Jesus e os doze apóstolos na mesa da Eucaristia. A cruz cristã constitui-se como o “símbolo dominante” (Turner, 2005) ou “símbolo chave” (Ortner, 2008) da Doutrina de Mestre Daniel, haja vista ser o “símbolo do sacrifício feito por Jesus para salvar a humanidade do pecado – a doutrina que reside no cerne da crença crista” (Wilkinson, 2011: 88).



Foto 20: Mesa em formato de cruz diante do Altar.

Na superfície da Mesa percebem-se as pinturas do selo de Salomão e de estrelas de cinco pontas em suas extremidades, além de um coração vermelho com doze estrelas brancas. A imagem da Sagrada Família (São José, Maria e o menino Jesus) e os retratos de Frei Daniel e Frei Manuel Araujo destacam-se em sua base. Castiçais com velas compõem o arranjo da Mesa, frequentemente adornada com arranjos de flores. No centro encontra-se ainda a representação, em tom azul, das duas tábuas dos dez mandamentos, numa alusão ao Livro Azul recebido e cantado nas sessões da “Casa de Mestre Daniel”.

No capítulo seguinte mostrarei os sentidos do abrir do fechar das cortinas e os movimentos pertinentes de organização das sessões a partir da corrente espiritual *irradiada* da Mesa. Por ora, então, vale ter em mente sua importância fundamental para a condução do

“Culto Santo” instituído por Frei Daniel. Mas, importa ainda ressaltar o sentido de aura sagrada em relação à Mesa suscitado pelos irmãos da Missão, que se mostra por atos de devoção diante dela, principalmente tocando-a, lembrando que ali foi velado o corpo do Fundador.



Foto 21: Irmão diante da Mesa em ato de devoção.

As operações atribuídas à Mesa, portanto, especificam aquele espaço, assim como os outros que demarcam ocasiões de fé e de devoção na Igrejinha de São Francisco da Chagas, indicando percursos e organizando movimentos. Outro lugar da igreja fica à direita da Mesa.



Foto 22: Irmão Aldo (*in memoriam*) distribuindo a Santa Luz, ou seja, o Daime.

A *sala do Daime* é reservada para a sua distribuição aos participantes do culto, que ali recebem essa *Santa Luz* para cumprirem a Missão e seus *compromissos* como *soldados* da Casa. E, assim, a cada sessão programada, “navegando nas ondas do mar sagrado em direção aos pés de Jesus”. Ali nota-se um oratório, objeto privilegiado de expressão de devoção, que também será encontrado em outro lugar da igreja transformado em espaço: a sala do túmulo dos Freis. Outro cômodo, contíguo à sala do Daime, é destinado para guardar o Livro Azul até a sessão seguinte e instrumentos musicais então utilizados.



Foto 23: Irmão Aladim em ato de continência devocional diante do túmulo dos Freis.



Foto 24: Oratório na sala do túmulo.

O oratório existente ao lado sepultura, um pequeno armário de um nível, pertencendo à mobília de devoção do Velho Pastor, Manuel Hipólito Araújo, cujos vértices remetem, observando seu frontispício, às três cruzeiras do calvário, com destaque para o crucifixo de São Damião¹⁷¹ logo acima do selo de Salomão. Um panteão de santos pode ser percebido nesse oratório em particular, evidenciando um grupo de imagens devocionais. Entre elas destacam-se as das figuras de aparições marianas, de São Francisco das Chagas do Canindé, da Sagrada Família, além de pequenas imagens da Virgem Maria, da Rainha do Mar, São Cosmo e São Damião, entre outras, sendo central ressaltar o retrato de Frei Daniel.

No mesmo túmulo estão colocados os restos mortais de Frei José Joaquim, Frei Daniel, Frei Manuel Araújo e Frei Antonio Lopes, que, então, encontram-se no interior da Igrejinha de São Francisco das Chagas. Ser enterrado no interior da igreja constitui uma forma cultural que remonta ao cristianismo medieval (Petruski, 2006). Não obtive dados sobre as circunstâncias legais para o enterramento dos Freis ali. O mais importante é ressaltar os sentimentos de respeito e veneração dedicados àquele espaço sagrado pela irmandade, uma vez que a *passagem* de cada um deles para o mundo espiritual, isto é, que “desencarnaram” (faleceram), mas não romperam em definitivo com o mundo dos vivos. Lembro que, certa vez, comentei com o presidente Francisco Hipólito sobre meu sentimento da presença do Frei Daniel no momento de um hino específico, logo recebendo como réplica que Mestre Daniel está ali presente o tempo todo. Ao lado há outra sala, que é utilizada para as curas espirituais restritas às sessões do dia 27 de cada mês.

Seguindo a tradição do catolicismo, a atenção do “Culto Santo” na Igrejinha de São Francisco concentra-se em seu “altar-mor”, peça central para onde convergem as manifestações da devoção da irmandade.

¹⁷¹ Conforme mostrou Le Goff (2007), a “conversão” de São Francisco seguiu um caminho “através de muitos episódios”: “É em San Damiano que ele faz perguntas a Deus. E, um dia, Deus lhe responde. O crucifixo – essa pintura em que se encarna uma nova devoção ao Cristo sofredor e que está conservada hoje em Santa Chiara – fala a ele. E Deus disse a Francisco: ‘Francisco, vai, reforma minha casa que, como vê, virou só ruína’. E Francisco, que ainda não está habituado a compreender o sentido simbólico da palavra divina, toma as palavras do crucifixo ao pé da letra. O que está em ruína são mesmo as casas materiais de Deus, as igrejas caindo e, pra começar, San Damiano. Prefigurando a reconstrução espiritual da Igreja, de que ele será um dos grandes artesãos, Francisco pega a colher de pedreiro, sobe nos andaimes e se transforma em operário de construção. Um outro tema entra em sua vida, o trabalho manual. San Damiano reconstruída, Francisco trabalha em São Pedro perto das muralhas e, enfim, em Porciúncula, oratório perdido no bosque, mas na proximidade dos dois leprosários, de Santa Madalena e de São Salvador” (:68) .



Foto 25: Irmãos da Casa diante do Altar realizando suas preces.

É para o altar que os irmãos orientam-se em devoção ao glorioso São Francisco, a Deus-Jesus e a sempre Virgem Maria. A existência do altar traz à memória do grupo sua própria origem e esforço criativo do seu Fundador, que ergueu a Capelinha junto com seu altar. Na construção do altar de culto e devoção Daniel efetivou também a destreza do artífice, mais especificamente da carpintaria, entalhando peças de madeira para a fabricação de molduras para as figuras devocionais. Então, organizou a disposição dos santos de sua devoção, com a imagem São Francisco das Chagas ocupando o lugar principal, identificado como o “mentor espiritual” e “professor na Luz” daqueles buscam cumprir a Missão.



Foto 26: Visão geral do Altar.

No alto da parede do altar, como uma forma de doutrinação (Burke: 2004), há uma pintura que ilustra a figura de “Deus” nas alturas do firmamento, evocando a Santíssima Trindade – “Pai, Filho e Espírito Santo” –, que ali irradia a *Luz da Salvação*. O topo do altar é destacado por um modelo de oratório com a imagem de “Jesus Cristo Ressuscitado”, junta das imagens de seus pais, a Virgem Maria e São José, tendo São Francisco das Chagas na parte central da mesa do altar. As outras imagens devocionais encontradas no altar têm os santos colocados no lado direito e as santas no lado esquerdo, assim como na disposição das pessoas nas sessões. Há um pano branco sobre o qual estão as figuras dos santos. As pinturas em sua borda, feitas *pelo irmão* Paulo, reproduzem a fachada da igreja no tocante às devoções focais, ou seja, aos seus “santos de frente” que identificam aquele Culto de Oração.

Indicado pela pintura das luzes amarelas que emanam da pintura da Santíssima Trindade em direção a duas portas laterais, atrás da parede do altar existe o Salão de Obras de Caridade.



Foto 27: Salão de Obras de Caridade.

Trata-se de um lugar retangular dedicado ao atendimento e tratamento de pessoas em busca de “cura espiritual” e aconselhamentos diversos. O serviço de cura é realizado por *guias* que se *irradiam* nos *aparelhos* da Casa para ali trabalharem, médiuns *preparados* para assumirem esse *posto* e compromisso devocional com a *Missão de Mestre Daniel*. O chão de argila batida do Salão de Obras de Caridade demarca o cenário próprio do *trabalho espiritual* das “entidades curadoras”, ao modo de um *terreiro*¹⁷². Cada um dos *guias* tem o seu gabinete de atendimento, que é zelado pelo seu respectivo *aparelho*.

¹⁷² O termo “terreiro” designa, no âmbito das religiões afro-brasileiras, os respectivos espaços de culto, por exemplo, “terreiros de umbanda” e “terreiros de candomblé”, referindo-se tanto às “casas” quanto ao lugar demarcado em seu interior para os atos rituais (Araújo, 2004; Ortiz, 2010; Pordeus Jr., 2000).

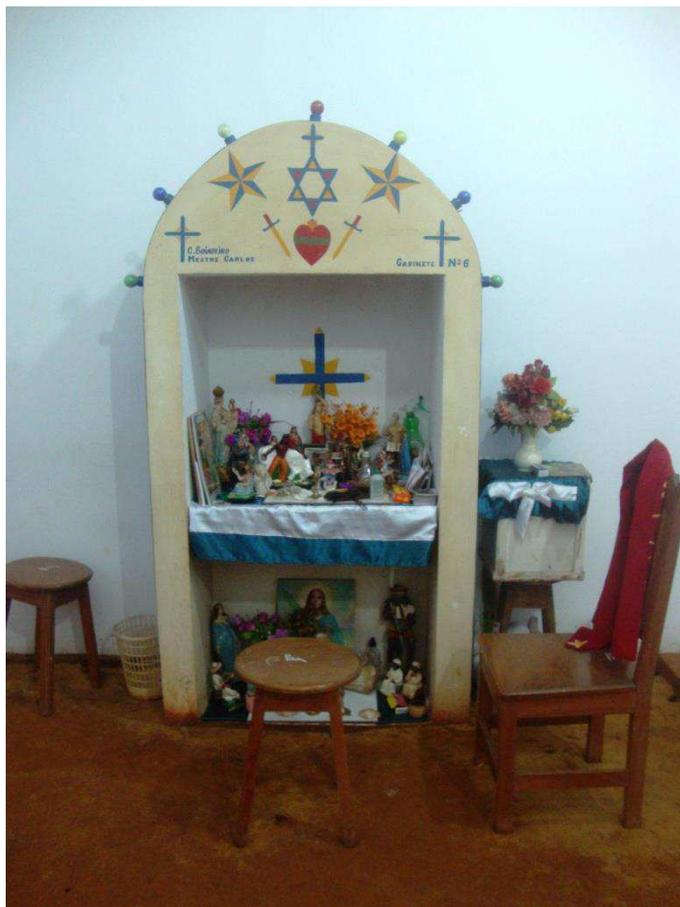


Foto 28: Gabinete n.º6 do Caboclo Boiadeiro.

O gabinete é o lugar onde ocorrem os atendimentos dos clientes, em que o irmão *aparelhado* com o *guia* trabalha em benefício de alguém, praticando, assim, a caridade. Existem no Salão de Obras de Caridade sete gabinetes para os “serviços de cura”: (nº 1) Mestre Dom Romão; (nº 2) Pai Joaquim de Angola; (nº3) Anastácia da Luz; (nº4) Pai Jordão do Mar Sagrado; (nº5) Mãe Menininha da Luz; (nº6) Caboclo Boiadeiro; e (nº7) Zezinho das Águas Verdes. Semelhante ao “congá/gongá” dos “terreiros de umbanda” (Maggie, 2001; Victoriano, 2005) e da “macumba cearense” (Pordeus Jr., 2000; 2002), à frente desses gabinetes os *guias*, “entidades de luz”, *irradiados* nos *aparelhos* que assumiram esse *posto*, realizam consultas e atendimentos junto aos “clientes”. O modelo dos *gabinetes* é de um pequeno armário de alvenaria com dois níveis para as imagens e estátuas devocionais diversas, “santinhos¹⁷³”, orações impressas, velas e flores, além de materiais de uso dos *guias* nos atendimentos colocados também numa caixa.

¹⁷³ Conforme Menezes (2011, 46), “os santinhos são geralmente pequenos folhetos impressos em *off-set*, em pedaços de papel couchê 150 g de cerca de 10 cm de altura por 5 cm de largura, compostos, de um lado, pela

Com efeito, cada gabinete mostra-se como um altar particular do *guia* a que pertence, e, assim, são organizados e ornados conforme o seu gosto e do seu *aparelho*, conforme a sua estilização padrão no Centro Espírita e Culto de Oração “Casa de Jesus – Fonte de Luz”. Sete lâmpadas coloridas realçam o alto dos gabinetes, que apresentam em sua estética religiosa particular um conjunto de elementos simbólicos: estrelas, cruzes, o selo de Salomão, espadas e o “Sagrado coração de Jesus”. Junto ao *gabinete* há uma cadeira e dois bancos de madeira. A cadeira é utilizada pelo irmão *aparelhado*, num dos bancos senta-se o *aparelho auxiliar* e o banco de frente para o gabinete destina-se aos “clientes”. Importa ressaltar na fotografia do *gabinete* acima destacada a *espada* do *guia*, que se trata de um pedaço comprido de pano da cor específica referente ao *mistério* da *entidade de luz* e com a pintura da representação de sua imagem cintilante de *mistérios*. A *espada* do *guia* é crucial nos procedimentos empregados nesse ritual de cura no Salão de Obras de Caridade.

Busquei, então, apresentar o “senso prático” (Bourdieu, 2009) adquirido aliado ao quadro da rotina de percursos efetuados pelos *irmãos da Igrejinha de São Francisco*, mostrando os objetos que constituem esse cenário de experiência do sagrado e comunalização religiosa, movimentado por atos devocionais e rituais de cura. Cabe, ora, descrever as práticas de culto desenvolvidas por essa irmandade em homenagem a São Francisco das Chagas. De modo a “fazer a viagem” em “balanços de Luz”, observando as práticas religiosas em operação no Centro Espírita e Culto de Oração – “Casa de Jesus Fonte de Luz”, devemos buscar compreender o que significa tornar-se um irmão da *Casa*. Importa, então, examinar o fluxo de atividades dos *fardados* e o sentido de suas experiências ao participarem continuamente do “Culto Santo” em foco, percebendo, assim, características da relação de devoção nesse contexto de ação religiosa.

2- “Meu fardamento é a fé”: os devotos de São Francisco das Chagas

O grupo de associados que compõem, nos dias atuais, o Centro Espírita e Culto de Oração “Casa de Jesus – Fonte de Luz” varia, aproximadamente, entre cento e cinquenta e cento e setenta irmãos. Considerando o ano de fundação dessa associação religiosa, 1945, chamou-me a atenção o referido número de participantes ativos. Uma das características de

imagem colorida de um santo ou santa, e, do outro, por um texto, ambos arranjados mais comumente de maneira vertical”.

orientação organizacional da Missão de Mestre Daniel é de que os irmãos não convidem pessoas para o culto, havendo, por outro lado, o dever de “facilitar o acesso de novos irmãos voluntários”. Quando indaguei sobre a quantidade relativa de Oficiais Fardados, a irmã Rosana respondeu-me que é importante ter em conta que “as almas são público alvo da Missão”. E, assim, oferece assistência religiosa aos “encarnados”, mas principalmente àqueles que “desencarnaram sem o conhecimento da Luz da Salvação”.

Uma relação de “parentesco espiritual¹⁷⁴” concerne a todos os membros da Irmandade, que se reconhecem como “soldados dos exércitos de Jesus” a partir do agente mobilizador Daniel Pereira de Pereira, o Fundador da Missão. A concepção da irmandade do C. E. C. O. “Casa de Jesus – Fonte de Luz” formada por “*milites Christi* [soldados de Cristo]” (Le Goff, 2007) está ligada a um padrão cultural militarista constitutivo da história daquele campo social, como já vimos anteriormente nesta pesquisa. Nesse sentido, a experiência do Fundador na Marinha do Brasil produziu, então, uma Irmandade de “aprendizes de marinheiro” no “Barquinho Santa Cruz”. Segundo o estatuto da Casa, são considerados associados:

§1º Fundadores: são aqueles cujos nomes constarem na respectiva ata de fundação.

§2º Voluntários: são aqueles que manifestarem desejo de participar espontaneamente das sessões, por uma necessidade pessoal e por identificação com os trabalhos, ingerindo ou não a Santa Luz, participando das orações, dos cultos e festejos, recebendo assistência espiritual durante os trabalhos de obras de caridade semanais ou extraordinários.

§ 3º Oficiais Fardados: são aqueles que após o período de observação de no mínimo de 01 (um) ano, ingerindo a Santa Luz e participando ativamente de todos os trabalhos da casa, decidem, são aceitos e incluídos como soldados dos exércitos de Jesus em igualdade de preparação espiritual, recebendo a farda para cumprirem a sua missão deste mundo à eternidade, considerando-se um aprendiz a serviço das obras de Deus junto com toda a irmandade.

§ 4º Beneméritos: são os que tenham prestado ou prestem serviços de reconhecimento e de benemerência aceitos pela Assembléia Geral e proposta da Diretoria.

¹⁷⁴ Segundo Baschet (2006), “na cristandade medieval, as relações entre os homens (sejam ou não parentes), mas também as relações entre os homens e as figuras divinas, ou entre as próprias figuras sobrenaturais, são, em grande parte, definidas como laços de parentesco. Além das regras que, como em todas as sociedades, definem a filiação e regem as práticas de aliança, constata-se a onipresença do parentesco espiritual e divino. Mesmo se a rede dessas relações de parentesco não permite dar conta da totalidade dos laços existentes no seio da sociedade medieval, ela tem um papel considerável na definição das relações sociais, assim como na representação das relações entre os homens e as forças que regem o universo. O fundamento desse sistema de representações é a instituição evangélica de uma paternidade centrada em Deus. No Evangelho, é Cristo que estabelece a existência de um Pai nos céus, do qual ele próprio é o filho e que, através dele, se torna pai daqueles que o seguem” (: 446).

A focalização dos objetivos desta tese recai, principalmente, sobre os membros efetivos, sem, contudo, deixar de apreciar aqueles que estabelecem relações associativas duradouras com essa associação religiosa. Com efeito, o visitante de outrora poderá vir a tornar-se um Oficial Fardado, dirigindo-se ao culto, segundo o presidente atual, Francisco Hipólito, “por uma busca interior, trazido por São Francisco das Chagas para receber uma assistência espiritual”. Vejamos, então, que a relação de devoção focal com esse santo, “mentor espiritual” da Casa, aparece como justificativa da chegada do irmão àqueles trabalhos espirituais. A adesão religiosa e, portanto, envolve a identificação com a cerimônia religiosa própria, mediante a obtenção de alguma *graça* e reconhecimento da salvação da alma, mediante os *mistérios* contemplados num “estado de ânimo” (Weber, 2009: 358) cativado pela comunhão com a *Santa Luz*, o Daime.

O vínculo permanente ao Centro Espírita e Culto de Oração “Casa de Jesus – Fonte de Luz” apresenta um caráter de *compromisso* assumido por cada adepto ao receber e usar a farda de oficial marinheiro da Casa, incorrendo numa relativa “influência ‘ética’ sobre a condução da vida” (Weber, *ibid*: 318) em consonância com esse tipo de “comunidade moral” (Durkheim, 2000). Ingerindo a *Santa Luz*, os Oficiais Fardados devem manter o exercício contínuo do culto e “comparecer a todos os trabalhos realizados no Centro”. Além disso, como consta no estatuto, “é expressamente proibido ao irmão Oficial Fardado, a utilização de quaisquer espécies de fumo, bebidas alcoólicas e outras substâncias entorpecentes e proibidas por lei”.

Há, portanto, o detalhamento de prescrições positivas e prescrições negativas referentes às injunções do compromisso de um Oficial Fardado, que condicionam a incorporação de disposições práticas ajustadas aos “balanços de Luz do Barquinho Santa Cruz”, produzindo um “*habitus* religioso” específico de devotos de São Francisco das Chagas, seguidores da Missão de Frei Daniel. Abordarei essas questões relacionadas à “crença prática¹⁷⁵” constitutiva da religiosidade de devoção característica do Centro Espírita e Culto de Oração “Casa de Jesus – Fonte de Luz” por meio da descrição e análise de três trajetórias representativas da experiência de pertencimento à Irmandade, observando processos pessoais variados de identificação e investimento (Barth, 2000a; Bourdieu, 2011d),

¹⁷⁵ Segundo Bourdieu, “a crença prática não é um estado de alma ou, ainda menos, uma espécie de adesão decisória a um corpo de dogmas e de doutrinas instituídas (‘as crenças’), mas, caso se permita a expressão, um estado de corpo. A doxa originária é essa relação de adesão imediata que se estabelece na prática entre um *habitus* e o campo ao qual ele é atribuído, essa experiência muda do mundo como algo evidente que o senso prático oferece” (2009: 112).

2.1 “Deus me deu uma casinha”: Conceição

Conceição, Maria da Conceição, 51, conheceu a Missão de Mestre Daniel em busca da cura para uma enfermidade diagnosticada genericamente por médicos como problema mental. Tomou medicamento controlado durante 14 anos. Foi “crente” de igrejas evangélicas e lá fazia louvores, isto é, era umas das cantoras do culto. Sua habilidade de cantora também podia ser vista em “clubes de dança”. Os louvores e cânticos que fazia nos cultos evangélicos não a preenchiam e ficava em dúvida, “será que Deus vai me curar mesmo”?

Conceição: E aí quando foi um certo dia eu tava dormindo, aí aquela voz disse assim pra mim: - olha minha filha, saia dessa igreja que você não é pra ser dessa igreja, você vai ser essa pessoa aqui. Aí me colocaram um turbante na cabeça e uma saia rodada, como se fosse, como se fosse não, que era uma saia de preta-velha e um turbante de preta-velha. Aí foi um tempo que eu me envolvi com um moço que era fardado do Antonio Geraldo. Ele me levou lá. E lá eu fui fazer esse tratamento.

Ela assim caracteriza seu “trânsito religioso” (Almeida, 2004) da “lei de crente” para a Doutrina de Mestre Daniel. Foi junto de um companheiro afetivo que Conceição conheceu e passou a participar das sessões no Centro Espírita Daniel Pereira de Matos, fundado por Antonio Geraldo para dar continuidade ao seu cumprimento da Missão de Mestre Daniel. Todavia, não considerou o tratamento lá recebido adequado e tentou um amparo em outra Casa de Mestre Daniel, procurando a Maria Baiana, lá num lugar denominado Amapá¹⁷⁶.

Retornou ao Antonio Geraldo, mas permaneceu por um período curto de tempo e junto de seu cônjuge foi para o Manuel Araujo:

Conceição: Começamos a conversar, aí ele descobriu que eu era conterrâneo dele. Aí eu comecei a receber as coisas de Deus, os invisíveis, os pontos as visões que eu via. Aí teve um dia que eu cheguei pra ele e falei pra ele, padrinho tá acontecendo assim e assim e eu to recebendo umas mensagens, uns pontos, aí ele falou assim pra mim: - Você pode cantar pra mim? Posso! Aí eu cantei os pontos pra ele. Aí ele falou assim: Olha minha filha eu vou lhe ajudar e quando você se fardar aqui nessa Casa você vai ajudar a Maria a fazer farda. E sobre os pontos, os cânticos, depois que você se fardar a gente vai, entendeu, analisar sobre isso aí. Mais por força da vontade de Deus, Deus levou ele. E aí não deu pra ele me fardar. Quem me fardou

¹⁷⁶ Ao referir-se à Maria Baiana é particularmente ao Centro Espírita Luz, Amor e Caridade que Conceição que faz alusão. Esta primeira dissensão da “capelinha-mãe” de devoção a São Francisco fundada por Daniel Pereira de Mattos aconteceu em 1967, fundada pelo Sr.º Juarez e Maria Baiana. Ela foi um dos primeiros aparelhos preparados pelo Fundador para atenderem na prestação de *obras de caridade*.

foi o padrinho Francisco. E aí eu comecei a trabalhar diretamente. Aí chegou um dia que eu chegava na minha casa, eu não tinha mais sossego na minha vida. Eu via as coisas. Os invisível chegava pra mim cobrar, pra me exigir: - Você vai cantar os pontos ou não vai? Você vai falar como o presidente ou não vai? Entendeu? Aí eu disse assim vou, porque se você não for aí você vai ficar toda atrapalhada. Aí eu falei com ele, mandou eu copiar os pontos, ele viu, gostou. E me deu de presente, hoje eu agradeço muito a ele, também ao velho Pastor, por tá naquela Casa. Ele me deu de presente no primeiro aniversário de morte do Velho Pastor pra eu cantar os pontos. E eu cantei e hoje to dentro daquela Casa ali, prestando obra de caridade com amor, carinho, dedicação. Amar ao próximo, fazer o bem e não olhar a quem.

Foi, portanto, em fins da década de 1990 que Conceição chegou ao Centro Espírita e Culto de Oração “Casa de Jesus – Fonte de Luz”, presidido pelo Manuel Hipólito de Araújo. Lá começou a desenvolver sua mediunidade, assumindo um *compromisso* com o “glorioso São Francisco das Chagas cumprir a Missão deste mundo à eternidade” e conseguiu a graça de sair dos “remédios controlados”. Também passou a costurar as fardas da Irmandade. No Salão de Obras de Caridade onde passou por um tratamento com os *guias* Mãe Menininha da Luz e Pai Joaquim da Angola iria mais tarde *preparar-se* e lá também trabalhar como *aparelho*. *Trabalhou* como *aparelho de auxiliar* de Vô Romão e Pai Joaquim de Angola¹⁷⁷. Sua mediunidade foi abrindo gradativamente e o seu *guia* foi se aproximando, até chegar o momento de colocar o *guia* para trabalhar e assumir um *gabinete* com o *guia* Caboclo Boiadeiro, prestando obras de caridade.



Foto 29: Conceição fardada com sua filha.

¹⁷⁷ Na seção seguinte referente aos trabalhos espirituais da Casa serão elucidadas tais caracterizações pertinentes.



Foto 30: Conceição atendendo o irmão Evandro no gabinete

Aliados à sua mediunidade e em conformidade com a prática da Casa surgiram os *pontos* que são cantados no coreto do Salão do Bailado e *trazidos* pelos *invisíveis*, pelos santos de devoção e pelo próprio Frei Daniel. Somente depois de seu “fardamento” é que o irmão ou a irmã da Casa poderá entregá-los ao presidente para ele analisar sua pertinência doutrinária e assim autorizar a respectiva execução nas *brincadeiras* do Bailado. Conceição recebeu como um presente do padrinho Francisco a honra de cantar pela primeira vez *pontos* no coreto na data de 17 de Agosto de 2001, aniversário de um ano da passagem do Velho Pastor. Os pontos são “gêneros de cantos” que podem aparecer em melodias e ritmos variados.

Conceição: Eu recebi duas valsas que ele trouxe pra mim, os ponto, são pontos que a gente chama né, que é cantado em valsa. Eu recebi... um foi no dia 27, num trabalho de prestamento de conta, na igreja, recebi essa valsa que ele trouxe pra

mim. A outra também recebi, foi ele quem me deu também, a da Princesa... a Fada Encantada:

Deus me deu uma Casinha
Sentada à beira-mar
Me deu também um lindo Barquinho
Para mim e os meus irmãos nele navegar

Moro na Beira do Mar
Eu canto lá nas pedreira
Sou Fada, eu sou Encantada
Nas águas da Cachoeira



Foto 31: Conceição cantando pontos no coreto da Colônia São Francisco durante o retiro espiritual, 2010.

2.2 “O trabalho flui com música”: Adílson

Os músicos do Centro Espírita e Culto de Oração “Casa de Jesus – Fonte de Luz” integram um grupo importante dentro *da* Missão, pois a execução do Hinário de Mestre Daniel é imperativa para o exercício regular do culto. Adílson mostra-se como um dos músicos destacados da Casa, tocando com destreza instrumentos de cordas e acordeom, além de cantar os hinos na igreja e pontos no coreto.

Sua experiência na atividade musical advém do tempo que integrava uma dupla sertaneja, que, então, tornou possível sua chegada à capital do Acre, e, ulteriormente, chegar à “Igrejinha do Manuel Araujo”:

Adilson: Há 18 anos rodava muitos lugares no País, é... cantando. Era cantor da noite, cantava música sertaneja. Sou nascido no Estado de Goiás. E tinha uma dupla sertaneja na ocasião e eu vim pro Acre pra inaugurar uma churrascaria. Fui convidado pra inaugurar e contratado. Inaugurei a churrascaria e fiquei mais um mês aqui no Acre. Já perto dos dias de eu ir embora o meu parceiro que já tava meio dificultoso, já tava meio difícil envolvido com droga... Ele tinha uma namorada que já tava gostando muito dele e quis ajudá-lo, trouxe ele até aqui no Centro Espírita e Culto de Oração “Casa de Jesus – Fonte de Luz” e eu através dela eu vim também, me convidei pra vim com eles na ocasião. Graças de Deus naquele dia, foi num dia 27, dia de prestações de contas, eu tive um trabalho bem alto. Acabei chegando por aqui. Tive bons trabalhos que me deram de que essa Casa tem fundamento. Nessa época o presidente era o padrinho Manuel, hoje Frei Manuel. Chegamos aqui eu e meu colega e a moça nos apresentou e disse que nós queríamos tomar Daime. Na ocasião ele revelou que não poderia dar Daime pra nós, que não gostava de dar Daime pra quem chegasse a primeira vez porque a pessoa ficava no efeito do Daime e assistindo o trabalho ao mesmo tempo e ficaria meio confuso sem saber compreender direito os trabalhos e saindo falando do que não conhecia. Então que nós deveríamos assistir o trabalho a primeira vez e depois nós voltaríamos pra tomar Daime. Mas meu parceiro disse uma mentira que no dia seguinte nos iríamos embora. Então ele concedeu. Foi um trabalho muito alto. Graças a deus tive merecimento pela força de Deus de poder suportar com determinação, determinação mesmo dada por Deus. Tive a graça, primeira vez de beber o Daime tive algumas revelações no Daime que graças a Deus me seguiu e me segura até hoje aqui, eu vi realmente que a Casa não é brincadeira. Eu bebia bebida alcoólica e tinha muitas coisas com mulheres. Eles não permaneceram e eu estou aqui até hoje.

Acompanhando o casal de amigos, uma vez a namorada de seu parceiro de dupla sertaneja buscava ajuda para ele livrar-se das drogas, Adilson conheceu a Missão e logo se identificou com os trabalhos da Casa, tendo na primeira vez que tomou o Daime um “trabalho alto” e merecedor de “revelações” ao participar da sessão com determinação. Sua adesão ao *compromisso* de ser um irmão seguidor da Doutrina de Mestre Daniel implicou no reconhecimento de suas habilidades de músico e numa cotidiana “influência ética sobre a condução da vida” (Weber, 2009: 318):

Eloi: Como é que foi o processo pra você cantar aqui na igreja?

Adilson: O fato de eu já trabalhar com música eu tinha já as noções. Aqui você canta... e tem aquele exato momento que tem que parar pro pessoal responder. Mas eu gostei muito da Missão e fui assim... rapidamente eu me agreguei aqui, às pessoas daqui, ao padrinho Manoel, uma pessoa muito atenciosa e que me deu muita orientação, ajuda, estudo... Até mesmo o Francisco, que, inclusive, é padrinho da minha filha, me ajudaram muito essa orientação. E eu sempre assistindo as música e fui... Todos sabiam aqui que eu cantava pela noite e tal... Até que surgiu uma ocasião que perguntaram, não me recordo ainda... bem quem foi... se foi a madrinha

Maria, se foi o Francisco ou padrinho Manoel... Se eu não queria cantar... e experimentei... até cantei... comecei a cantar os pontos, uns pontos, e aí deu certo, gostei, eles gostaram também. E eu também tocava um pouco de instrumento e fui aprimorando aqui com a Casa. Com pouco tempo me decidi a abandonar a profissão. O retorno que me dava era muito pouco com relação a sobrevivência. Vivia de música né. Mas pra mim era difícil porque o Daime ele não combina com certos ambientes, certos comportamentos, certas coisas. E a gente deve se moldar, procurar melhoras. Porque o Daime por si, a pessoa pensar que vou tomar o Daime e ele vai fazer tudo por mim, ele vai me moldar, ele vai me encaminhar. Não. Eu tenho que gostar, eu tenho que gostar, eu tenho que querer mudar. Então fiz isso. Parei de beber, eu bebia muito, fumava muito. E fui abandonei esses vícios, e até mesmo mulher, porque passei a ficar só mesmo com minha esposa e levar uma vida mais tranquila, mais séria nesse sentido também. E com três meses que eu tava aqui eu abandonei a música da noitada. Muito embora depois eu tenha voltado novamente, aquela saudade, você gosta do palco né, voltei, passei ainda uns seis meses, mas nada que esse incentivasse a continuar e eu passei a cantar aqui e gostei e hoje me identifico com as música, com a musicalidade da Casa.

A bagagem de experiências e conhecimentos musicais de Adílson, portanto, foi canalizada rumo à geração da música nos *compromissos* cerimoniais do Centro Espírita e Culto de Oração “Casa de Jesus – Fonte de Luz”. Esse investimento prático pelo qual procurou engajar-se no contexto religioso da Missão de Mestre Daniel coadunou-se ao seu processo de transformação pessoal referido a um modo de viver reconhecido como “mais tranquilo”. Dessa forma, Adilsom ocupa particularmente o *posto* de músico, cantor e instrumentista, atuando no imprescindível “fazer musical” dos *trabalhos* na Igrejinha e no Salão do Bailado. E ainda desenvolve outros serviços necessários à manutenção dessa associação religiosa, mais especificamente relacionado à condução de trator, caminhão e caminhonete. Importa ressaltar que na ausência do presidente Francisco Hipólito no dia da realização de alguma sessão será Adílson o irmão responsável por conduzi-la, ficando desocupada a cadeira do “comandante” do barco, ao pé da Mesa.



Foto 32: O oficial fardado Adílson cantando Salmo, tendo o presidente Francisco ao pé da Mesa.



Foto 33: Adílson cantando e tocando violão no Coreto, junto de Mickael no acordeom e Bastião no contrabaixo.

2.3 “Em cima daquela coroa de cristal contemplando o mar”: Antônio Faustino

A experiência histórica da migração é constitutiva da formação do Acre, e, assim, aparece amiúde nos relatos orais acerca dos “envelhecimentos sociais” (Bourdieu, 1996) dos atores envolvidos neste estudo:

Eloi: Como é que o senhor conheceu a Missão? Como é que foi?

Antonio Faustino: Eu sempre fui um cara muito religião, sempre gostei de igreja. No Ceará a gente é acostumado, você vai comer reza uma prece, aquela cultura de religião né.

Eloi: O senhor é do Ceará?

Antonio Faustino: Sou cearense. Sou do Santana do Cariri, Igreja de São Pedro do Cariri. Perto do Crato, Juazeiro, 10km, tudo pertinho um do outro, naquele tempo era 10km... É Juazeiro, Missão Velha, Barbalha, São Sebastião... emenda tudo. Eu sou d'um lugar... Serra de São Pedro. Nasci no 17 de Agosto do 50. Do Ceará vim pro Maranhão, depois pro Goiás, aí no Goiás eu me casei... Maranhão de novo. Trabalhava na roça, não tinha tempo de estudar. E eu sempre gostei de igreja... E eu não sei o porque que eu... hoje eu já sei mais ou menos né. Aí eu mudei pra Açailândia e lá tinha muito terreiro de macumba, terreiro de terecô e eu fazia minha oração, fazia minha oração, fazia quarta-feira né. Eu já fazia meu preparo quarta-feira. Que quinta e sexta era o dia que fazia a macumba. Aí quando é um dia em 80, eu tô no garimpo... Cheguei lá em Roraima arranjei uma máquina, botei draga pra trabalhar e vai vai vai... Quando o Collor foi ser presidente né. Aí acabou com o ouro, o preço do ouro, acabou, ficou lá embaixo. E essa Dalva já tomava o Santo Daime. Muito amiga minha desde 82. Bebia Daime no Seu Virgílio, do Mestre Irineu, fardada no Seu Virgílio. Ela disse: - Ceará você tem coragem de beber o Santo Daime? Rapaz eu bebo Uísque, eu bebo Campari que não é santo, porque eu não vou bebo esse santo? Eu bebo cachaça que não é santo, não um bebo um santo?! Queria que eu bebesse o chá em qualquer lugar, mas queria que eu tomasse a Santa Luz. Era fardada só do Seu Virgílio, ia como visitante na União. Aí botou uma imagenzinha de Nossa Senhora das Graças assim. Botou um colchão. O chá parecia um chocolate, encheu aquele copão... - Ceará, esse aqui é do General. Botou uma cadeira, meu deu um pedacinho de carne assada. Rapaz foi o mesmo que meter um martelo na minha cabeça.

Cearense proveniente da microrregião do Cariri, Antonio Faustino ressalta em seu relato uma experiência da religiosidade, segundo ele, uma “cultura de religião”, vinculada ao catolicismo ali amplamente difundido e seu corolário devocional. Do Ceará seguiu para o Maranhão e depois fixou moradia em Goiás, onde participou de cerimônias de cultos afro-brasileiros e fazia suas orações que consistiam de um tipo de *preparo*. Foi mais tarde trabalha na atividade de garimpo em Roraima. Em Porto Velho, Rondônia, sua amiga chamada Dalva, que era filiada a um “Centro de Daime” ligado a “linha” do Mestre Irineu, além de por vezes

visitar a “União do Vegetal”, propôs-lhe tomar o “Santo Daime”, uma vez que se encontrava desolado por conta da falência no garimpo. Atualmente, Dalva é seguidora da Missão de Mestre Daniel juntamente com seu filho, filhas e netos.

Nessa ocasião em que teve a experiência com o Daime Antonio Faustino teve *miração*, viajando por um “tubo de luz com milhões de cavaleiros de arco e flecha e lanças num cortejo”. Ao andar por esse “mundo” contemplou sua história de vida, *mirando* situações de sua família e sua “viagem do Ceará meninozinho montado em costa de burro”:

Antonio Faustino: Com quatro horas eu voltei. Quando eu voltei tava tocando uma música de Agnaldo Timóteo: - Mamãe eu estou tão feliz, feliz, porque eu voltei. E ela tinha botado a música tava com 4 horas. Voltei santo, rapaz. Preparado pra vir pra casa ver minha mulher, família. Tava com 2 anos e 4 meses. Tinha orgulho só andava com o bolso cheio de dinheiro. Não tinha ganhado dinheiro, tão pobre eu tinha ficado de um jeito que não tinha como. Rapaz, quando eu parei... arrependido, arrependido. Sabe como é que é uma nova pessoa nascido. Rapaz, como é que tem uma coisa boa nesse mundo desse jeito e a gente não sabe? Tanto que eu sofri. É mas é um direito meu que eu tive de ver isso aí. Rapaz, e agora? Como que eu vou achar esse chá?

Tendo aproveitado o “direito” que teve de “ver” sua vida a partir da “Luz do Daime”, decide, então, procurar o chá, isto é, um lugar onde pudesse tomá-lo. Ainda bebeu por três vezes no “Centro” em que sua amiga Dalva participava. Entre idas e vindas singrando os rios amazônicos, certa vez, vindo num barco pelo Rio Negro, ele e mais outros homens começaram a conversar sobre religião. Ao comentar que tinha bebido um *chá que ensinava* um dos senhores perguntou-lhe onde tinha bebido e em seguida, percebendo o interesse de Faustino em conhecer e aprender mais disse a ele que era um “Mestre da União”¹⁷⁸. Assim, Antonio Faustino passou a frequentar as sessões em um “Núcleo da União do Vegetal” em Porto Velho, Rondônia. Lá ficou durante quatro anos, chegando ao “Quadro do Conselho”:

Antônio Faustino: Fazia umas chamadas bonitas. Me botaram pra dirigir uma sessão. Mas eu não queria ser Mestre. Aí a Preta, minha menina, bebia também, aí viu, Pai eu vi outro lugar em cima d’um coreto, bailando, um negocio bonito, uma festa bonita, diferente. Aí eu levei meu irmão pra beber o chá e quando terminou ele disse: - Cumpadi, onde tu vai ficar né aqui não, onde tu vai ficar lá a roupa é tudo é branca. Meu irmão, quando bebeu a primeira vez. Aí tamo numa sessão, lá na hora da sessão foi feita uma chamada que diz assim:

¹⁷⁸ Referindo-se a um membro do “Quadro de Mestres” da “União do Vegetal” (UDV). A União do Vegetal organiza-se em unidades locais denominadas de “núcleos” (Brissac, 1999).

Ô Mestre Gabriel
 Tu é a Porta
 Que aberta nos transporta...

Aí levantou todo mundo dentro do salãozinho e voemo. Tudo de mão dada assim, tipo passarinho voando. Aí eu vim em cima da Igreja aí. Aí eu vi essa farda tudinho. E o Daime, o Vegetal, todo mundo voando o mundo todinho, circulando por cima. Eu vi a Igreja aí.

O trânsito religioso vivido por Faustino tomou, portanto, a direção das “religiões ayahuasqueiras”, com uma experiência de acolhimento duradouro na “União do Vegetal”, cujo pertencimento dimensionaria o significado de sua busca religiosa e da procura por uma “igreja”. Foi, então, numa sessão que pôde antever em estado de *miração* o seu lugar de culto e *preparo*. Seu encaminhamento até a Igrejinha de São Francisco foi possibilitado por Noel, antigo adepto da “União” e que naquele momento tinha passado a frequentar as sessões de um culto Rio Branco, no Acre. Assim, Noel (e também seu irmão Isaías), que bebia(m) o Vegetal na União, estava(m) tomando a Santa Luz, o Daime, lá na “Igrejinha do Manuel Araujo” e chamou o amigo Faustino para conhecê-la:

Antonio Faustino: Quando cheguei na Igreja, quando vi o Cruzeiro. Ele (padrinho Manuel Araujo) pegou um boca de sino, um estrelinha. Pode dá um copão cheio. Acostumado que lá na União a gente tomava aquele copão cheio, vi aquele copinho, má, eu acostumado a beber copão cheio, dá uns quatro copos daquele quase, copinho desse aí pode me dá. E eu brincava muito com São Francisco lá no Ceará do Canindé. Ele é barbudo né e eu usei barba muitos anos, sabe, barbudão. Eu chamava meu conterrâneo. Quando eu tranquei os olhos ali que concentrei... Rapaz, São Francisco veio de lá com uma chave e destrancou meu coração. O retrato dele tava maior que eu, do tamanho do altar. Daí começou o início da minha... nessa hora aí eu que vi tudinho eu digo agora eu vou ficar é aqui, reza...

Chegando à Igrejinha Faustino ele percebeu que era a mesma daquela *miração* que teve na “União”. E também reconheceu um conterrâneo em especial com o qual se identificava por ambos serem barbudos. São Francisco, o mentor espiritual daquela Casa, aparecia, assim, novamente na vida de Faustino, que já mantinha uma relação de devoção marcada por uma “sem-cerimônia” com São Francisco das Chagas do Canindé, referente ao importante santuário e propagado local de romaria no Ceará. Em 19 de Fevereiro, sua devoção por esse santo tomava novas dimensões e significados ao afirmar seu novo pertencimento religioso. Logo, voltou a Porto Velho e teve uma conversa com o Mestre da

União para explicar sua decisão de aderir àquele Culto de Oração que conhecera no Acre, lembrando que lá não foi convidado para tal confirmar tal escolha.

Antonio Faustino: Até aí eu achava que tinha sido o Noel que tinha me trazido pra Igreja. Aí quando foi um dia teve um Culto aí que foi cantado assim:

Meu Senhor São Francisco das Chagas
Vós que sóis o mentor nesta Luz
Trazei os queridos irmãos
Pra aprender a adorar meu Jesus

Os irmãos que vêm nesta Casa
Vem com a permissão de Jesus
Quem traz é São Francisco ds Chagas
Para receber a Santa Luz

Aí eu digo, não foi o Noel que me trouxe não, foi São Francisco.

Na sequência de sua participação no culto que aderiu, Faustino *testificou* durante o canto de um “salmo” que não exatamente tinha sido o irmão Noel que o teria conduzido até lá, mas que São Francisco era o responsável por chamá-lo a seguir ali seu *preparo* a partir desse compromisso devocional. Então, na entrega da Romaria de São Francisco, do ano de 1998, Antonio Faustino recebeu a farda. Em virtude de sua perícia com mateiro, isto é, aquele que conhece e sabe caminha na floresta, é alocado no *posto* para a “pesquisa na mata” que antecede a “busca” do Daime. Nos dias atuais, Faustino é um dos principais irmãos da Casa que recebem os pontos que são cantados no *coreto* nos dias de festa, muitos deles recebidos justamente em ocasiões inspiradas de contato com os *mistérios* da floresta durante a “pesquisa” do Daime.

Capítulo V

“Seguimos todos no Barquinho”

Num poste colorido, encimado por uma cruz, intriga a figura de pequeno barco, igualmente colorido, com uma bandeirinha à proa, cujo campo é dominado por uma estrela. Utilizando esse barco, os fieis podem viajar até os invisíveis e entender-se com eles, ou, do mesmo modo, com os Encantados...

**Nunes
Pereira**

De modo a marcar os festejos do cinquentenário da passagem para o mundo espiritual de Mestre Daniel e também da construção da Igrejinha de São Francisco, na data de 08 de Setembro de 2008 foi lançado um livreto informativo no qual aparece, além de um brevíário biográfico do Fundador, o “Calendário Oficial dos Trabalhos”. Foi escolhida como forma simbólica desse opúsculo a imagem do Livro Azul.

A pertença de um irmão a tal universo religioso, participando, assim, dessa Irmandade de franciscanos, engendra um processo de incorporação da “estrutura temporal¹⁷⁹” do complexo ritual do Centro Espírita e Culto de Oração “Casa De Jesus – Fonte de luz”. Ou seja, a prática primordial de enredamento e adesão de pessoas ao Culto Santo instituído por Frei Daniel, e, por conseguinte, ao seu respectivo contexto de interação, constitui-se na consideração de um calendário específico, como instrumento de determinação do tempo que serve de quadro de referência para uma multiplicidade de atividades (Elias, 1998: 152).

¹⁷⁹ Segundo Victor Turner, “praticamente todos os rituais, independente de sua extensão e complexidade representam a passagem de uma posição, constelação ou domínio estrutural para outro. Neste sentido, pode-se dizer que têm uma ‘estrutura temporal’ e que são dominados pela noção de tempo” (2008a: 222).

Essa “estrutura temporal”, vivenciada à maneira de “peregrinações” ao longo de todos os anos, com a indicação de datas especiais e realizações periódicas, passa, então, a representar padrões recorrentes no interior do devir da Irmandade a bordo do *Barquinho Santa Cruz*, enquanto organizadora da vida religiosa e norteadora do cotidiano. O calendário religioso da Missão foi estabelecido por seu Mestre Fundador e processualmente construído a partir das contribuições dos presidentes carismaticamente inspirados. De um modo geral, um sistema de calendário semanal, mensal e anual orienta a ocorrência de trabalhos no Centro Espírita Culto de Oração “Casa de Jesus – Fonte de Luz”.

Como um etnógrafo “visitante” busquei seguir a recomendação dada a todos aqueles interessados em participarem dos trabalhos na Missão. Assim, eu vestia roupas brancas e considerava as práticas que colocam os Oficiais Fardados e interessados permanentes num “estado de ânimo” especial, “não apenas moral e psicologicamente, mas às vezes fisiologicamente distinto de seu estado normal” (Mauss, 2003: 86). Ou seja, eu também me “preparava”. E minha preparação, frequentemente, efetuava-se acompanhada de emoções, de apreensões e, porque não, de anseios.



Foto 34: O etnógrafo em frente ao Altar.

Em geral, para participar de *trabalhos espirituais* em que haverá a ingestão de Daime é recomendado que a pessoa evite anteriormente o consumo de álcool e de “drogas”, além de relativa abstinência sexual. E, então, encaminhar-se para a sessão com calma e pensamento tranquilo. O sentimento de ordem é *firmeza*. É comum também o aconselhamento para os participantes alimentarem-se de comidas “leves” nas horas que antecedem o *trabalho*. No entanto, certa vez, num dia de sessão, o padrinho Chico convidou-me para almoçar com sua família e comemos uma “panelada¹⁸⁰”. Com efeito, o *preparo* fundamental condizente com o *habitus* religioso de um irmão da Casa é realizar na vida cotidiana suas preces e rogativas, consistindo, então, de atos devocionais que o harmonizam com a orientação dos *trabalhos*. Dessa forma, devoção é *preparo*.

Ao chegar para um dia de *trabalho* na Igrejinha de São Francisco as pessoas passam pelo Cruzeiro e encaminham-se para cumprimentarem o padrinho Chico que se encontra sentado em uma cadeira diante de sua residência, o “Castelo Azulado”, que, como já foi dito, fica ao lado da igreja. Com um aperto de mão ou gesto com a mão levantada os membros da Irmandade aproximam-se do presidente pedem sua benção: “Bença, padrinho”. E, então, recebem dele: “Deus te abençoe”. Após tal cumprimento, são tratados assuntos diversos e as pessoas tomam seus rumos de interação, aguardando o início dos *trabalhos* do dia nos bancos do Parque ou mesmo no interior da igreja. Apresenta-se um cenário de indumentárias de marinheiros e vestimentas brancas. Assim, quem não está fardado procura comparecer vestido de branco. Camisetas com estampas de imagens de santos e também de orixás¹⁸¹ são bastante usadas e procuradas no comércio pelos adeptos para ali “navegarem”.

É feita, aproximadamente às 18h00min uma defumação na Igrejinha até o Cruzeiro de modo a *limpar* e afastar energias negativas e possíveis *intrusões*, isto é, “espíritos sem luz”. Encarregado desse posto está a irmã Fanca, que é o *aparelho* da entidade Pai Joaquim de Angola no “Salão de Obras de Caridade”.

¹⁸⁰ Comida típica da cozinha cearense que se trata de um cozido de vísceras e mocotó de boi.

¹⁸¹ Em terreiros de candomblé e umbanda os orixás especificam as divindades e figuras do sobrenatural que entram em contato com os homens mediante o transe (Maggie, 2001).



Foto 35: Irmã Fanca realizando a defumação antes da sessão.

Nesse mesmo horário há ainda outras medidas de “guarnição” dos *trabalhos*, afirmadas com três velas acendidas nos pés do Cruzeiro, uma na entrada do Parque e duas na entrada do portão de acesso e outra do outro lado da rua. Os irmãos ocupam-se de uma série de ritos preparatórios para seguirem mais uma viagem a bordo do *Barquinho Santa Cruz* rumo aos pés do Salvador Jesus, e, assim, embarcarem para mais um *trabalho* de *preparo* para suas almas “deste mundo à eternidade”. Essas práticas devocionais comportam gestos e atitudes de agradecimentos, engendrando, portanto, um conjunto de atos corporais que assinalam o “senso prático” dos irmãos que participam do Culto de Oração na Igrejinha de São Francisco. Terços e rosários¹⁸² são objetos destacados nas mãos ou ainda em volta dos pescoços dos irmãos da Casa como manifestação de suas participações nesse culto de devoção.

¹⁸² Para os católicos “o terço consiste em um colar com cinquenta contas para rezar ave-marias e cinco para pai-nossos, ao passo que o rosário possui cento e cinquenta contas para as ave-marias e quinze para pai-nossos” (Oliveira, 2009: 83).



Foto 36: Irmão Nelson diante do Cruzeiro.



Foto 37: Irmãos diante do altar realizando seus atos de devoção, cabendo notar o toque do irmão Campanaro em uma das mãos da imagem de São Francisco das Chagas.

Às 18 horas e 30 minutos é badalado o *sino de bordo* que assinala o momento da Irmandade posicionar-se numa fila dupla de homens e mulheres para receberem a *Santa Luz*: o Daime. Israel, o responsável pela *chave das preces* na *Casa* (além de Lene), “puxa” as rezas de um “Pai Nosso” e uma “Ave Maria”. Os *trabalhos espirituais* começam ali. O padrinho Chico e sua esposa, a madrinha Tânia, são os responsáveis em oferecê-lo. O padrinho entrega o copo com a santa bebida e a madrinha ficar encarregada de lavar os copos de vidros à medida que são usados. Os primeiros participantes a tomarem o Daime são as crianças, seguidas prioritariamente pelos Oficiais Fardados. As doses da bebida são variadas de acordo com a sensibilidade de cada um, observando-se, então, tamanhos diferentes dos copos. É permitido tomar parte das sessões sem necessariamente beber a *Santa Luz*.



Foto 38: A(s) fila(s) para receber a Santa Luz.



Foto 39: Visão da(s) fila(s) do interior da sala de distribuição da Santa Luz.

Após receberem a *Santa Luz*, em geral, cada irmão procura o seu lugar no interior da igreja. A precedência de ocupação dos lugares das primeiras filas de cadeiras é dos Oficiais Fardados. As cadeiras ao redor da Mesa são ocupadas mediante indicação pré-estabelecida e escolha no dado momento que antecede o começo da sessão. Procurei, ante o conhecimento e autorização do padrinho, posicionar-me nas primeiras filas dos homens de modo a ficar perto da Mesa, e, assim, com a possibilidade de acompanhar melhor a dinâmica da programação dos *trabalhos*. Dessa forma, esta era a minha visão frontal das sessões que participei no “Centro Espírita e Culto de Oração Casa de Jesus Fonte de Luz”:



Foto 40: Vista do etnógrafo no decurso das sessões.

Também me posicionava em tal lugar como estratégia de ficar próximo do grupo particular de membros efetivos da Irmandade que são indispensáveis para a concretização dos *trabalhos*: os músicos e cantores. Com efeito, foi com os musicistas da Casa que eu logo busquei amizade e passava as tardes do dia a dia na casa de Júnior, filho de Manuel Hipólito de Araujo. Sua residência fica no terreno da Missão e lá cotidianamente reúnem-se os músicos e seus jovens aprendizes. Há um número relativo de instrumentistas e pessoas que cantam na Igrejinha e no Parque. Os instrumentos tocados são, basicamente, os seguintes: violão, contrabaixo, cavaquinho, teclado, acordeom, *cajón*, zabumba e mais outras percussões.



Foto 41: Músicos em atividade durante um trabalho oficial.



Foto 42: Músicos em atividade no coreto no decorrer de um bailado.

1- Os trabalhos no mês ritual

1.1 Quarta-feira

Os trabalhos espirituais realizados às quartas-feiras têm o objetivo de *preparar* a Irmandade, *doutrinar almas* e *batizar eguns*. Esse dia, conforme o padrinho,

é dedicado, é direcionado para os irmãos que cumprem esse compromisso. Não é um dia fechado, mas é um dia direcionado para aqueles irmãos que querem receber as instruções que o nosso fundador através do seu hinário nos traz, com o Professor São Francisco das Chagas, São Francisco de Assis, seu mentor espiritual dentro desta doutrina.

Nos dias de quarta-feira a Irmandade, portanto, afirma seu compromisso devocional junto a São Francisco das Chagas. Os irmãos buscam receber as instruções do seu mentor e professor para o *preparo* de suas almas “deste mundo à eternidade” e darem continuidade a essa “Missão de Luz”. Caso uma determinada quarta-feira anteceda uma Romaria ou mesmo outra data importante do “Calendário Oficial dos Trabalhos” tal sessão terá como objetivo

preparar os irmãos para esses dias grandes. Nessa modalidade de sessão não se usa fardamento, sendo utilizada roupa branca por todos os participantes. Farei uma exposição exemplar (assim como será feito com relação às demais cerimônias aqui descritas) das fases de um *trabalho* de quarta-feira no Centro Espírita e Culto de Oração “Casa de Jesus – Fonte de Luz”.

As cortinas, presentes nas sessões em que há o uso de fardamento, não aparecem. Com a Irmandade já toda disposta na igreja e a *Santa Luz* (o Daime) já recebida por todos, o padrinho senta-se ao pé da Mesa, de frente para o Altar, observa o caderno de programação dos trabalhos do dia e passa o Livro Azul para um(a) cantor(a), geralmente, Leila, Adílson ou Elizângela. Há ainda a irmã Jamyly que está no processo de preparo para esse *posto* e frequentemente canta alguns hinos. É importante ressaltar que um dos principais cantores da Casa é o próprio presidente Francisco Hipólito, demonstrando destreza e força singular.

O presidente, então, sinaliza da sessão: “Vamos, meus irmãos, fazer a abertura dos trabalhos. Que a Paz de Deus seja conosco”. São feitas em seguida as quatro preces centrais do culto¹⁸³. Rezam-se três vezes, intercalados, o “Pai Nosso” e a “Ave Maria”. E depois a “Salve Rainha” e o “Credo”. Lembro, mais uma vez, que a *chave da prece*, ou seja, o *compromisso* de puxá-las ao longo das sessões é de responsabilidade dos irmãos Israel e Lene, alternadamente. O Livro Azul, ou seja, o *Hinário*, está aberto e será entoado o hino “Reforços Invisíveis”. Antes de cada hino a pessoa que irá cantá-lo diz: “A Paz de Deus nos acompanhe”. E todos na igreja respondem: “Para sempre, amém!”.

Francisco Hipólito: Primeiro vem Reforços Invisíveis, a abertura e uma concentração. Depois da abertura vem uma concentração, às vezes de uma hora, de uma hora vinte, as vezes de 15 minutos. Dependendo da programação que nos tivermos ali pra fazer. E pra começar as instruções do dia é que nos chamamos são Francisco de Assis, que é o nosso professor na Luz. São Francisco é que orienta um conjunto, uma coroa de hinos, uma combinação de hinos de instruções de acordo com a necessidade da Irmandade naquele dia, naquele momento, na ocasião, na situação que nos estamos vivendo.

O hino acima referido é como o próprio título enuncia um “reforço das forças invisíveis” para guarnecerem a sessão e proteger os irmãos “das tentações do maldito”, “Satanás”. Pois, ali é a “Casa de Jesus e da Virgem de Conceição e nela não entre intrusão”,

¹⁸³ Ver anexo n.º 8.

ou seja, seres pactuados com o “sujo atentador”. Os “batalhões de cavaleiros de honra” que trazem os “reforços invisíveis” são guiados por São Jorge e São Gabriel. Dessa forma, “pelo santíssimo rosário da Virgem da Conceição” cada irmão entrega sua alma a Deus, afirmando seu compromisso de devoção. Com o término do hino é feito o “Credo” e em seguida o coro “Ó Deus”:

Ó deus
 Ó deus
 Meu bom Jesus
 Nos salve oh Pai
 E nos dê Luz

Ó mãe
 Ó mãe
 Santíssima Luz
 Guiai nossas almas
 Para Jesus

Então, feita essa preparação, realiza-se a abertura dos *trabalhos*, com o padrinho, sentado, dizendo:

E nesta hora santa, em nome de deus, da virgem Maria e em nome de Frei Daniel e Frei Manuel os trabalhos estão abertos. Não hajas medo, meus irmãos. Estamos guarnecidos pelos santos Exércitos de Jesus, do Céu, da Terra e do Mar. E quem está presidindo os trabalhos pela sagrada noite de hoje é o nosso professor na luz São Francisco de Assis.

Depois da abertura a Irmandade entra em concentração, que consiste de um espaço variado de tempo em que todos permanecem em silêncio e de olhos fechados. Importa ressaltar que nos trabalhos espirituais no interior da Igrejinha uma das disposições corporais características é que ao longo da sessão os adeptos permanecem de olhos cerrados. É comum durante a concentração o padrinho fazer algumas anotações:

Francisco Hipólito: Eu faço anotações, das instruções, das orientações que eu recebo dentro dos trabalhos, para incluir uma ou outra atividade, melhorar, mudar de posição, alterar alguma atividade para os próximos trabalhos. São lembranças que eu vou fazendo ali e memórias que eu vou construindo do dia a dia dos trabalhos da Missão.

A concentração é cessada com o “Pai Nosso”. Para dar início às *instruções* do dia será chamado São Francisco das Chagas, que orienta a execução de um conjunto de hinos que combinados formam uma “coroa de hinos de instrução”. O padrinho Chico pronuncia: “Agora, meus irmãos, vamos pedir ao nosso Professor na Luz instruções sobre os trabalhos que Mestre Daniel deixou aqui nesta Casa, o nosso Fundador”.

HINO SÃO FRANCISCO DE ASSIS N.º 063

1

Aqui nesta Igrejinha
De culto e romarias
Se aprende adorar a Jesus
E a sempre Virgem Maria
Deus nos quer ver bem felizes
Nos mandou um professor
Que nos ensina com amor
R É São Francisco de Assis.

2

São Francisco está na mesa
Com o livro santo nas mãos
E nos ensina com firmeza
Fazer nossas devoções
Irmãos estamos felizes
Temos um santo professor
Que nos ensina com amor
R É São Francisco de Assis.

3

Precisamos aprender
A santíssima cortesia
De falar com Deus Jesus
E a sempre Virgem Maria
Deus é quem nos faz feliz
Por isso Ele nos mandou
Um Santíssimo instrutor
R É São Francisco de Assis.

4

Saudemos com alegria
O nosso santo professor
Que Deus e a Virgem Maria
Em graças foi quem mandou
Irmãos estamos felizes
Com o santíssimo professor
Que Jesus nos enviou
R É São Francisco de Assis.

5

Meu santíssimo professor
 Não sei ler nem escrever
 E o que eu ver nesta luz
 Vós me ensinai a compreender
 Estamos no santo salão
 Com fé amor e felizes
 Recebendo as instruções
 R De São Francisco de Assis.

Prece: Pai Nosso e Ave Maria

Coro: Ó Deus

Em geral, cinco hinos/salmos compõem uma “coroa”. Todos eles são entoados por um(a) cantor(a) principal, com a resposta ou refrão cantado por todos na igreja. Na quarta-feira, por ser um dia dedicado aos irmãos da Casa, pode acontecer uma “palestra” dada pelo presidente a fim de passar algumas orientações pertinentes. Ao concluir a execução da coroa de hinos deve ser feita a sua *entrega* ao Glorioso São Francisco das Chagas, que consiste, portanto em entregar a *limpeza* recebida e o respectivo *preparo*, subindo-os aos céus onde estão os tronos de Deus-Jesus e da Sempre Virgem Maria.

Além do *preparo* da Irmandade, os *trabalhos* de quarta-feira são voltados para a *doutrinação de almas* e *batismo de eguns*. Se na semana anterior foi realizada, por exemplo, a *doutrinação*, na outra quarta-feira ocorrerá o *batismo* e assim por diante. Tanto para a *doutrinação de almas* quanto para o *batismo de eguns* é cantado um salmo para chamar esses espíritos que estão *aos pés do Santo Cruzeiro*. No caso das almas, é pedido que Frei Daniel autorize Frei José Joaquim, o Pastor das Almas, iluminado por Nossa Senhora das Candeias, a trazer uma “caravana de almas penitentes” e que um *pelotão* delas possa *irradiar-se* em cada *aparelho preparado e autorizado* da Casa. Já com relação aos *eguns*, os *espíritos pagãos* atribuídos aos caboclos, indígenas, encantos e preto-velhos, a autorização é dada ao “bom amigo Soldado Guerreiro Príncipe Dom Simeão”, acompanhado de São Sebastião, São José e do Cavaleiro São Jorge, para trazer um *pelotão* a cada um dos *irmãos* que se aparelham e, assim, poderem “receber a consagração do santo batismo”. Então, o padrinho profere o gatilho de *irradiação* nos *aparelhos*: “Recebam!”.

Antes, porém, de poderem ter o merecimento da consagração no Altar da igreja, as almas e espíritos pagãos permanecem num *campo de preparação* para ali receberem uma limpeza e passarem por um processo de “conscientização da necessidade de se voltarem aos pés do salvador Jesus Cristo como nosso pai de bondade, como nosso redentor”. A expressão

corporal do *aparelho* que recebe almas pode manifestar-se mediante suspiros e gemidos contidos, e quando recebe eguns caracteriza-se por assopros e assovios. Três irmãs da Casa aproximam-se de cada aparelho, uma com uma vela, outra com um caderno e a terceira tem a incumbência de conduzir a pessoa aparelhada até o Altar.

Francisco Hipólito: É um caderno de registro de doutrinação de almas penitentes e de batismo dos eguns, dos caboclos, dos seres encantados do mar, da floresta, os pretos velhos...

Eloi: Ali constam os nomes...

Francisco: Dos eguns, por exemplo, consta o nome, a quantidade e a linha que ele pertence. E das almas consta o nome, a quantidade de almas que se acompanham com ela, porque vem uma à frente se identificando, naquele cortejo, naquele pelotão vem uma que se identifica por todas as outras, ela diz o nome, a quantidade de almas que vem com ela, a causa da desencarnação, o local da desencarnação e quanto tempo faz que ela desencarnou.

Eloi: E quando acontece no caso o batismo de eguns... ele tinha um nome anterior, vai ganhar um novo...

Francisco Hipólito: Isso. Ele vai ganhar, ele pode... Se ele tiver um nome trevoso, ligado às correntes inferiores, se ele tiver tido um pacto demoníaco e trouxer no nome dele um peso muito grande, a própria entidade que trouxe, os próprios seres de luz que trazem ele já mudam o nome espiritualmente. E outros não, já são pretos velhos, pai Joaquim, pai Antonio, pai José, mãe isso, mãe aquilo, aí não são trocados os nomes. Nem outros caboclos, seres encantados do mar ou da floresta se identificam e não trazem nenhum nome pesado continuam com aquele nome. O nome são as próprias entidades é que vão dar, os seres de luz que dão assistência, os mentores de luz que dão assistência a esse trabalho, a essa casa de Mestre Daniel, eles é que vão mudar o nome daquela entidade espiritualmente.

Enquanto as almas e eguns são trazidos e conduzidos cantam-se salmos. O número de *aparelhos* que recebem almas e eguns durante essas cerimônias gira em torno de vinte irmãos. Todos são conduzidos à frente do altar para receberem a consagração.



Foto 43: Batismo de eguns no Altar.

No Altar preces são feitas pelo irmão Israel que também segura uma vela. Com relação às almas, o padrinho faz um sinal da cruz nas testas dos *irmãos aparelhados* com um crucifixo que integra sua indumentária de presidente enquanto uma das irmãs lê o nome da alma e quantos a acompanham. O padrinho, então, afirma que quem consagra e doutrina naquele momento é São Francisco das Chagas. Para os espíritos pagãos, o dirigente do culto segura em suas mãos um pequeno feixe de rosas brancas que são molhadas numa solução de água, sal e cinzas, representando, respectivamente, o rio Jordão, o mar sagrado e o fogo sagrado. São lidos os nomes dos eguns e o padrinho o mesmo movimento do sinal da cruz com as rosas afirmando que quem está ali batizando não é ele, mas sim o Senhor São João Batista com o Divino Espírito Santo.

Prontamente, o presidente enuncia que aquela “Missão de caridade” dedica-se ao “benefício dos inocentes e de toda humanidade” e que aqueles espíritos estão “doutrinados e batizados em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”. E, então, libera os *aparelhos* da *irradiação*: “Pelos mistérios da Prece de Cáritas, te desprende do aparelho!” Em seguida, toda a Irmandade canta o coro:

Chove há de chover
Lindas chuvas de luz
Sobre essas almas
Que se doutrinam/batizam nessa Casa

Com o Sagrado Nome de Deus Jesus.

Para encerrar os trabalhos do dia é cantado “um hino de agradecimento, chamando os irmãos a continuarem na batalha dos exércitos de Jesus”. Dessa feita, chega o momento final da “entrega dos trabalhos em nome de Deus, da sempre Virgem Maria, do Glorioso São Francisco das Chagas, de Frei Daniel e Frei Manuel”. O padrinho de pé, ali no seu lugar na Mesa, com gestos de reverência e mãos levantadas, orienta para o Altar a entrega a São Francisco e que o mentor espiritual da Casa suba “esse santo corretivo ao trono do nosso salvador Jesus e a sempre virgem Maria”, agradecendo “a Luz, a saúde, o pão de cada dia, a firmeza e o preparo recebidos”, pedindo que todos sejam levados para seus lares “acobertados pela Santa Cruz Bendita”. E que, assim, todos ali estejam defendidos das artimanhas do “sujo atentador” e “firmados para Jesus, Maria e José”. São feitas as preces: Pai Nosso, Ave Maria, Salve Rainha e o Credo. Logo após, finalmente, todos de pé cantam o coro “Ó Deus”. Os avisos pertinentes para a Irmandade são dados sempre ao término dos *trabalhos*.

Ao final de todos os trabalhos da Casa, manifestando suas devoções, os irmãos ficam de pé diante do altar como também se ajoelham aos pés da imagem de São Francisco de modo a agradecerem as graças recebidas e inteirar seus pedidos, além da afirmação de seus *compromissos*.

1.2 Sábado

As sessões dos dias de sábado são voltadas para prestar obras de caridade aos irmãos necessitados que buscam a Casa. Assim, a “corrente espiritual” que irradia da Mesa vibra em virtude da cura. Nesse dia, os Oficiais utilizam o fardamento azul, assim como as cortinas colocadas entre a nave central e o altar também são azuis.



Foto 44: Irmão Jaime Neto (*in memoriam*) com fardamento azul.



Foto 45: Cortinas Azuis

A sessão é iniciada com a execução dos quatro hinos de abertura dos trabalhos de sábado e dos *trabalhos oficiais*, a saber: “Culto Santo”; “Casa de Jesus”; “Soldado de Ordem” e “Forças Armadas”. O Culto Santo é entoado tanto para começar quanto para finalizar os trabalhos. Enquanto “símbolo musical” esse hino transforma-se no símbolo da própria prática religiosa que caracteriza a Missão de Mestre Daniel¹⁸⁴.

¹⁸⁴ Blacking suscitou a questão da possibilidade de que “os símbolos musicais possam ser transformados em outros símbolos” (2007: 209).

Com a primeira estrofe cantada na primeira pessoa, o irmão da Casa afirma sua devoção ao culto religioso fundado por Daniel Pereira de Mattos. O hino segue apresentando a passagem bíblica do batismo de Jesus por São João Batista, evocando os *mistérios* que então se apresentaram. Com esse hino a Irmandade clama por “caminhos de luz” na vida de cada um. É para os santos pés de Jesus que esses caminhos apontam. Assim, o irmão devoto de São Francisco afirma-se “na verdade que representa esta luz: a Luz do Daime. E, dessa forma, está aberto o culto santo da doutrina de Jesus”. Ao longo do canto do Culto Santo acontece um dos momentos estéticos e simbólicos mais distintivos da Casa. As cortinas são lentamente abertas à medida que se executa tal hino. Quando terminado as cortinas estão totalmente abertas, representando que os *trabalhos* também se abriram e está iniciada a “viagem” dos irmãos *no Daime*.

Como já foi explicitado, em todo final do canto de um hino há respectiva(s) prece(s) acompanhado de um coro determinado. O hino subsequente é o de n.º 001, *Casa de Jesus*, em que se declara a orientação doutrinária cristã da *Casa*, balizada por Jesus e a Virgem da Conceição. Após a resposta da última estrofe o irmão no posto da chave da prece pronuncia: “Para os sagrados Pés de Deus e da Virgem da Conceição”. Em seguida, os irmãos cantam o coro:

Salvemos à Luz
Que nos alumia
A Deus Jesus
E à Virgem Maria

A prece da Ave Maria é feita três vezes e antes de cada uma há a rogativa: “Ó Maria, concebida sem pecado”. E é pronunciada pelo irmão da chave da prece, ocorrendo seguidamente a continuidade da rogativa dita por todos: “*Rogai por nós que recorremos a Vós*”.

O terceiro hino de abertura intitulado Soldado de Ordem evoca o compromisso devocional do adepto da Missão de Mestre Daniel. Como um “soldado dos exércitos de Jesus sua arma de defesa é o sinal da santa cruz”. Junto com seus *irmãos* está ali na *Casa* também em penitência, redimindo-se de seus pecados à luz das instruções divinas. E para seguir firme “cumprindo seu compromisso deste mundo à eternidade”, e, mais precisamente, ter *firmeza* no desenrolar dos *trabalhos*, advém Forças Armadas. Trata-se de um hino de “reforço” e

encorajamento diante das “armas dos nossos inimigos”, que porventura algum irmão tropece, ele com fé em Deus Jesus não cairá vencido. De prontidão, portanto, estão todos os exércitos de Jesus, seres de luz do céu, da terra e do mar que dão assistência e guarnecem a Casa, rebatendo os malfazejos e inimigos contra a sessão.

Assim, *os trabalhos* estão abertos e presididos por São Francisco das Chagas. O presidente então pronuncia: “*Vamos, meus irmãos, chamarmos as entidades curadoras para prestarmos assistência aos nossos irmãos no salão de obras de caridade*”. Tal chamado é feito mediante o canto do hino “Rainha do Mar”. Os sete *aparelhos* da Casa que *trabalham no Salão de Obras de Caridade* emparelham-se diante do altar para receberem a *irradiação* dos seus respectivos *guias*: Mestre Dom Romão, Pai Joaquim de Angola, Pai Jordão do Mar Sagrado, Mãe Menininha da Luz, Caboclo Boiadeiro e Zezinho das Águas Verdes.

E, então, o dirigente Francisco Hipólito profere:

E nesta hora santa, pelos mistérios da santa cruz bentita, pelos mistérios das três rainhas, tem permissão para os seres curadores irradiarem os aparelhos. À frente o nosso bom irmão Mestre Dom Romão, com a santa cruz bendita em sua frente, ele irradia o aparelho.

Dessa maneira, sucessivamente, acontece com os outros *aparelhos*, que com suas mãos direitas levantadas e um assopro confirmam a *baixada* do ser curador.



Foto 46: Aparelhos recebendo seus respectivos guias diante do Altar.

Aparelhos e auxiliares entram pela porta esquerda que dá acesso no Salão de Obras de Caridade, enquanto as outras pessoas que lá também ajudam nos *trabalhos* vão pela porta da direita do altar. São feitas as preces Pai Nosso e Ave Maria e o padrinho dirige-se para a igreja avisando que mulheres e crianças que vão se consultar podem ir para os bancos no salão de espera. Demais pessoas e os irmãos da Casa devem ir para lá gradativamente.

O momento agora é de abertura dos trabalhos das obras de caridade, que ocorre com a execução de uma sequência de hinos, havendo especialmente “coroa de hinos de saúde”. Paralelamente, pois, à sessão que ocorre no interior da Igrejinha são procedidos os *trabalhos* lá no Salão de Obras de Caridade, ligados numa corrente espiritual.

Francisco Hipólito: Dali da Mesa distribui uma corrente para o Salão de Obras de Caridade, para dar assistência aos irmãos que estão recebendo o socorro espiritual, a cura espiritual nos dias de sábado. Os seres, por exemplo, que dão assistência num trabalho de cura, de sábado, geralmente é um grupo de espíritos de Luz curadores detentores das magias, detentores do conhecimento de dar socorro espiritual àqueles irmãos que buscam a nossa casa. Com também seres que conhecem das ervas, dos chás, das plantas medicinais, das rezas e que ministram para os nossos clientes uma cura, uma imposição de mãos, o passe mediúnico pra irradiar neles a cura.

No salão de espera há bancos compridos de madeira para os clientes, cada qual indicado com o nome de um dos *guias* que os atenderão. Os clientes são pessoas da sociedade acreana em geral. Podem, inclusive, vir de outros estados brasileiros e ainda do exterior do país. E não necessariamente tomam *Daime*. Os irmãos da Casa são consulentes habituais e buscam atendimento geralmente depois dos visitantes. A indicação do *guia* que irá atender determinada pessoa fica a critério do padrinho, que a partir da apreciação do problema do cliente encaminha-o para o ser curador mais apropriado diante de tal aflição. Há duas portas, uma de entrada e outra de saída. Obedecendo a fila das pessoas ali sentadas os irmãos que auxiliam esses trabalhos vão chamando uma a uma para o atendimento.



Foto 47: Clientes aguardando na antessala do Salão de Obras de Caridade.

Quando o cliente entra no Salão de Obras de Caridade segue diretamente para o gabinete do guia que irá atendê-lo. O terreiro é de chão de argila batida e circundado por sete gabinetes. Três irmãos da Casa trabalharão para o irmão necessitado que ali chega em busca de solução para problemas físicos, espirituais e de um conforto. Quando chega ao gabinete o guia saúda o cliente e pede para sentar-se, logo em seguida pergunta-lhe o motivo de estar ali. Se for um irmão da Casa é comum que este primeiramente tenha a iniciativa de saudá-lo.



Foto 48: Panorama do Salão de Obras de Caridade.

A partir da apresentação da aflição do consulente ao *guia* será iniciado o seu atendimento. O irmão necessitado fica sentado num banco de frente para o gabinete, o *aparelho irradiado* com o *guia* fica à sua direita numa cadeira. Então, requisitam-se as presenças do *aparelho auxiliar*, que sentará à esquerda do cliente, e de um irmão que atua ali *nas obras de caridade* assessorando o respectivo guia em seu gabinete com o fim de fazer as *passagens* das entidades e das almas. O *guia* pede para que o *cliente* coloque sua mão esquerda sobre a mão direita do *aparelho auxiliar* e, assim, o irmão da casa que está na assessoria faz a seguinte invocação:

E nesta hora santa, eu rogo a santa Rainha do Mar, com a permissão do nosso Pai Oxalá, autorizai o soldado Príncipe Dom Simeão, trazer todos os irmãos que estiverem atrapalhando o nosso irmão, que se passe debaixo de ordem para o aparelho do nosso irmão.

A entidade manifesta-se no aparelho auxiliar. O irmão que faz a *passagem* a interroga:

Em nome de Deus e da Sempre Virgem Maria, do Glorioso São Francisco das Chagas e de Frei Daniel, eu pergunto: Como te chamas? Quantos te acompanham? Que queres ao lado nosso irmão?

Certa vez, sendo eu o consulente, a entidade denominou-se “Exu Caveira das portas do cemitério”, estava acompanhada por duzentos mil “seres inferiores” e queria perturbar minha vida. À vista disso, foi dito àquele exu pelo irmão que fez a *passagem*: “Não mais perturbará o nosso irmão Eloi”. Sendo, então, feita a sua *entrega*:

E nesta hora santa, eu vos entrego ao Soldado Guerreiro Príncipe Dom Simeão para que te leve a um campo de concentração, onde receberás um preparo, para quando for permitido por Deus, voltar a esta Casa e receber a luz do santo batismo, mudar de mistérios e se incluir nos santos exércitos de Jesus, pela prece do divino Pai, te desprende do aparelho.

São feitas um número de *passagens* necessárias a critério do *guia* que está consultando. Além das entidades, poderão ser requisitadas, ainda, as *passagens* das almas. O

respectivo interrogatório consistirá em saber o nome do espírito do irmão desencarnado, a quantidade de almas que o acompanham, em que cidade desencarnou e há quanto tempo. A *entrega*, portanto, é da alçada do

Pastor das Almas, Frei José Joaquim, para que as leve aos sagrados pés do Cruzeiro, onde lá receberão um preparo, para quando for permitido por Deus, voltarem a esta santa Casa e receberem a luz da doutrinação.

Terá início o passe mediúnico¹⁸⁵ para *irradiar* nele a luz da cura. São feitas pelo *guia* uma série de orações, imposições de mãos sobre a cabeça do cliente e uma limpeza com a *espada*, que se trata de uma tira de tecido da cor segundo o *mistério* dessa “entidade de luz” que é sacudida com estampidos por regiões do corpo do irmão necessitado. Para ele, normalmente, são receitados banhos de ervas e chás de plantas medicinais. Nos gabinetes existe um bloco das quatro preces básicas feitas na *Casa*, além de “santinhos” diversos, que completam o conjunto de prescrições recebidas pelo cliente para *não deixar de rezar*. Caso haja algum *trabalho feito* contra o consulente, isto é, um “feitiço” investido contra ele para causar-lhe um malefício, o *guia* recomendará o seu *desmanche*, que é realizado nos dias de atendimento da quinta-feira. Será necessário um material preciso para tal ação ritual, identificado por essa entidade de luz e anotado num receituário. Os clientes geralmente o adquirem nas lojas de artigos religiosos, mais precisamente naquelas especializadas em objetos e materiais utilizados nos cultos afro-brasileiros. E, assim, após as consultas, deseja-se que sigam em paz para suas casas.

Na igreja segue a execução da coroa de hinos de saúde. Com a sua conclusão faz-se silêncio para aguardar a volta do presidente para o encerramento e entrega dos trabalhos. Tendo sido finalizado o atendimento de todos os clientes, o padrinho encaminha-se a cada gabinete e diz: “Vamos entregar as obras, meus irmãos”. Dessa forma, os “trabalhadores” do Salão de Obras de Caridade saem de lá e na frente do altar fazem suas preces. Vô Romão, *aparelhado* em Maria Leopoldina, coloca-se à frente do altar e dirige-se à Irmandade:

¹⁸⁵ Conforme Ortiz (2010: 108), “o passe é um tipo de prática mágica de origem espírita que tem por finalidade expulsar os maus fluidos do corpo das pessoas”.

Vô Romão: E nesta hora santa, em nome de Deus, da Sempre Virgem Maria, em nome de Frei Daniel e Frei Manuel e do nosso presidente, eu pergunto a todos se ficaram satisfeitos com nossos trabalhos?

Todos: Graças a Deus!

Vô Romão: Que a Paz de Deus seja conosco.

Na sequência é cantado um hino de agradecimento das “bênçãos de graças em chuvas de luz” ali recebidas diante do compromisso devocional afirmado na aliança com Deus e a Virgem Mãe Santíssima. Após as preces e o coro prescritos provém o encerramento dos trabalhos.

Francisco Hipólito: A gente canta aquele hino do Santo Anjo Gabriel-Oração, que é o de número 60, que é para entregar os trabalhos que realizamos durante aquela sessão. Daí em seguida que vem o Culto Santo que é para encerrar, pra fechar a cortina e os trabalhos estarem fechados e abertos para sempre.

**BENDITO: SANTO ANJO GABRIEL – ORAÇÃO N° 060
ORAÇÃO**

1

Na hora que eu rezo as minhas orações
Sinto cair dos meus olhos lágrimas de alegria
Porque a vejo a minha frente me abençoando
R Jesus e a sempre Virgem Maria.

2

Firmeza, firmeza são as virtudes
Que Jesus consente a alma falar ao coração
Num brado de alegria orar-se sem hipocrisia
R A quem nos dá a Salvação.

3

Senhor Santo Anjo Gabriel
Vós abençoais e receba nossas orações
E entregai lá no céu para Jesus Salvador
R E rogai por nossa Salvação.

Prece: Creio em Deus Pai

Coro: Ó Deus

O presidente, pois, faz a entrega e novamente é cantado o hino Culto Santo, ocorrendo o compassado fechamento das cortinas. Ao terminar a execução desse hino é dito por aquele que conduz o “Barco” no plano material: “Fechado e aberto para sempre...”.

Essa enunciação indica que foi feita mais uma viagem do *Barquinho Santa Cruz*, com o fechamento dos trabalhos daquele dia, mas que noite e dia a embarcação dos tripulantes devotos de São Francisco e guiados por Mestre Daniel segue sua grande viagem rumo aos pés de Jesus.

1.3 Quinta-feira

No período vespertino de todas as quintas-feiras da semana ocorrem também atendimentos no Salão de Obras de Caridade. Trata-se, especificamente, de oferecer serviços de cura aos irmãos necessitados mediante consultas com os *guias irradiados nos aparelhos* da Casa. No cumprimento desse *compromisso* não há a utilização de fardamento, ressaltando também que não se realiza sessão no interior da igreja. Utilizam roupas brancas. Não se permite a entrada no *Salão* com roupas “curtas”.

Os irmãos que trabalham nas Obras de Caridade são orientados pelo presidente para lá chegarem aproximadamente às 15h00min, de modo a organizarem os preparativos das práticas de cura a serem desenvolvidas. Com tudo já disposto conforme a precisão do serviço de atendimento aos clientes, já podem ser iniciadas consultas e demais práticas correspondentes.



Foto 49: Atendimento no gabinete do Pai Joaquim.

Nesse dia – que também pode ser visto como um retorno da prestação de obras de caridade do sábado – são oferecidos os serviços de *desmanche de trabalho* e *descarrego*. Quando nota-se na *busca espiritual* realizada durante o atendimento a existência de algum *trabalho feito* contra determinado irmão necessitado deve-se, então, “desmanchá-lo”. A entidade sem luz, então, exige uma relação de materiais de modo a “desmanchar” o *trabalho* que por ela foi feito segundo a demanda de alguma pessoa inimiga do cliente. Os desmanche é feito numa sala ao lado do *Salão de Obras de Caridade*. Para lá seguem o *guia irradiado* no *aparelho*, um irmão ajudante e o cliente.

E, assim, *debaixo de ordem* a partir da *irradiação* no *aparelho*, a *entidade sem luz* faz seu *ponto riscado*¹⁸⁶ no chão e com os materiais em mãos *desmancha o trabalho*. Por vezes é recomendado ainda um *descarrego*. O cliente é encaminhado para uma base de concreto onde é feito um círculo com pólvora, depois ele posiciona-se no centro e então é acesa a substância. Solicita-se, então, que com as mãos ele *limpe* o seu corpo com a fumaça que sobe, mantendo girando o corpo para retirar por completo todo e qualquer resquício de vibrações negativas.

1.4 O dia “27”

Nos *trabalhos oficiais* da Casa os membros efetivos utilizam o fardamento branco e as cortinas postas são brancas. Assim, portanto, acontece nas sessões dos dias 27 de cada mês.



Foto 50: Grupo de irmãos junto ao presidente diante de sua residência, o Castelo Azulado. Todos com fardamento branco.

¹⁸⁶ Nos cultos umbandistas os pontos riscados consistem de insígnias representativas de cada entidade. Tais símbolos são riscados no chão utilizando-se um giz. É desenhado no chão um círculo, onde aparecem cruzeiros, espadas, estrelas e tridentes (Maggie, 2001).



Figura 51: Cortinas brancas.

O *trabalho* do dia 27 destina-se à *prestação de contas* a Deus de todas as obras cumpridas no Centro Espírita e Culto de Oração “Casa de Jesus – Fonte de Luz” ao longo de um mês. Além disso, individualmente, os irmãos da Casa prestarão contas à luz do *Daime* das suas ações na condução da vida no desenvolvimento da sessão. Também haverá a comemoração dos aniversários do mês e pode ocorrer uma *corrente de saúde*.

Eloi: É também no dia 27 que tem uma corrente de saúde?

Francisco Hipólito: Alguns dias 27, não são todos. Geralmente os três meses, os três dias 27, após cada romaria. Então, se a romaria é em janeiro, esses dias 27 acontece em 27 de fevereiro, 27 de março e 27 de abril. Depois pula maio que é a romaria. E aí venho 27 de junho, 27 de julho e 27 de agosto. Aí tem a romaria em setembro. Aí pode acontecer também 27 de outubro, 27 de novembro e 27 de dezembro. Quanto tem irmãos necessitados e que as entidades que nos orientam dizem que aqueles podem ser atendidos nos dias 27. Não são todos os casos, não são todas as situações. E é um trabalho restrito aos irmãos oficiais da Casa. Porque é um trabalho que nós tomamos Daime... Aqueles irmãos que vão pra sala da enfermaria são irmãos que vão pra lá e tomam uma quantidade de Daime necessária para entrarem num tratamento, é uma quantidade de Daime um pouco além do que eles costumemente recebem. Eles recebem uma elevação espiritual além do que eles são costumemente orientados. Aí tem uma sala pra isso com três camas, onde eles deitam de peito pra cima, de roupa branca para receberem essa cura. E logo após a abertura dos trabalhos e que vem o que nós chamamos de uma corrente de saúde, um pedido através do Hinário, para que aqueles irmãos sejam curados, sejam operados espiritualmente. E à frente dessa cura, dessa cirurgia espiritual, está São Francisco de Assis e a Senhora Santa Terezinha do Menino Jesus. Seres de Luz que Estão à frente da cura, do conforto, da operação espiritual nessa Casa. Nesse dia nós invocamos Santa Terezinha para ela vir curar os nossos males da alma ao coração. Interceder por nós junto a Jesus, Deus, o Santo Poder Curador, para que ele nos

cure. Para que ele nos opere, para que ele retire dentro de nós os males do corpo e do espírito que estão atrapalhando nossa vida.

Vamos, então, para o início dos *trabalhos*. São executados os quatro hinos de abertura já aludidos. Logo em seguida, cantam-se os hinos mais três hinos. Desse modo, os trabalhos são declarados abertos pelo presidente, afirmando, à vista disso, que é o momento de fazer a *comemoração* do dia para serem entregues todas as *obras* do dia 27 do mês passado até o dia 27 do mês atual determinado. Nesse momento ritual comemorativo é cantada uma coroa de hinos prevista na programação. Logo depois, o presidente anuncia um momento solene da cerimônia no qual será cantado um “hino-salmo” particular: “Vamos nesta hora santa, meus irmãos, pedir ao nosso Fundador Mestre Daniel para trazer os santos missionários, consagrar todos os irmãos presentes, todos os objetos, todos os trabalhos”.

**HINO-SALMO: CONSAGRAÇÃO DO MENSAGEIRO DA VIRGEM Nº 051
(H.N.)**

1

Meus irmãos eu venho baixando
Na santa luz desta sessão
Vim ordenado por Jesus
E a Virgem Mãe da Conceição.

2

Meus irmãos quem vem baixando
Na santa luz desta sessão
É quem fundou esta casinha
Este lindo Culto de Oração.

3

Venho trazendo comigo
Na santa luz desta sessão
Os santos missionários
Para consagrarem os meus irmãos

4

No cortejo de missionários
Com a santa cruz nas mãos
Vêm Dom Nelson e Dom João Batista
Para consagrarem os meus irmãos

5

Eles nesta hora santa
Com a santa cruz nas mãos

Em nome de Deus Jesus
Eles consagram os meus irmãos.

6

Nesta hora tão sublime
Eu pergunto a todos os meus irmãos
Se vós ficaram satisfeitos
Com esta linda consagração

7

Meus irmãos eu já vou subindo
Na santa luz desta sessão
E deixo a paz e minha alegria
Para todos os meus irmãos.

8

Todos fiquem abençoados
Na santa luz desta sessão
Quem abençoa é Deus Jesus
E a Virgem Mãe da Conceição.

Prece: Salve Rainha

Coro: Salve a Luz

Pessoalmente, esse era um dos instantes que mais me chamava atenção e no qual sentia um particular “estado de ânimo” numa atmosfera de suntuosidade. Ora, obviamente, pois se tratava de uma consagração ampliada naquele espaço religioso. Lembro que, certa vez, comentei com o padrinho Francisco Hipólito que realmente sentia a presença extraordinária de Mestre Daniel quando se cantava aquele *salmo*. Prontamente ouvi dele que: “Ele está presente o tempo todo”.

Eloi: Aquele Salmo de Consagração foi o Mestre Daniel que trouxe?

Francisco Hipólito: Ele trouxe pro meu pai. Meu pai foi quem recebeu essa baixada de Mestre Daniel, trazendo os missionários para a consagração dos trabalhos. Aquele é um hino de consagração. É um hino do Mestre Daniel em que ele consagra. Consagra, pede as bênçãos de Deus e da sempre Virgem Maria para aquele trabalho, para os irmãos presentes naquele trabalho e pra tudo que os irmãos trazem naquele trabalho que sirva pro seu dia a dia, que sirva pro seu oratório, que sirva pro seus momentos de devoção de cada um. É um terço, é uma vela, é uma imagem que ele queira consagrar... para receber as bênçãos daquele dia.

Eloi: Os missionários seriam os santos?

Francisco Hipólito: Esses missionários eu prefiro não falar deles agora.

O momento ritual da “Consagração do Mensageiro da Virgem” expressa a *baixada do Fundador* na *Santa luz dos trabalhos oficiais*. Foi um hino “trazido” pelo Velho Pastor, Manuel Hipólito de Araujo, cujo *dono* é o próprio Frei Daniel. Dessa forma, manifesta em forma de canto, mediante inspiração carismática, a faculdade e estima de mestre espiritual da Irmandade. A invocação daquele que “fundou esta casinha, este lindo Culto de Oração”, reveste com uma *consagração* os “irmãos na fé¹⁸⁷”, devotados a Deus Jesus e à Virgem Mãe da Conceição. Para consagrarem os irmãos Frei Daniel traz consigo os “santos missionários”. E, “no cortejo de missionários com santa cruz nas mãos vêm Dom Nelson e Dom João Batista”, os únicos, pois, revelados.

A revelação dos outros missionários consiste num dos “mistérios dessa santa luz”, “segredo” que constitui um “patrimônio”, como sugeriria Simmel (2009)¹⁸⁸. A consagração estende-se, ainda, aos objetos de devoção trazidos por irmãos e que os colocam no altar. Essas peças são basicamente imagens de santos e voltam com seus devotos para comporem oratórios domésticos. Após a consagração é executado mais um canto para, então, ser feita

a entrega de todos os trabalhos, hinos, preces, atendimentos, doutrinação de almas e batismo dos irmãos pagãos, ao Senhor São Francisco das Chagas, junto ao Soldado Guerreiro Mártir São Sebastião, Senhor São José e Frei Daniel.

Assim, São Francisco, *mentor espiritual* da Casa, faz *subir* esse *santo compromisso* ao *trono do Salvador*. Posteriormente, segue a execução do hino “Castelo Azulado”. Daí o presidente enuncia: “Vamos, meus irmãos, cantar um hino e rezar uma prece em homenagem aos aniversariantes”. Procede-se à *entrega* do hino de consideração dos aniversários, que prenuncia o encerramento do *trabalho* com o canto assim programado e já citado. É feita outra entrega, seguida pela entoação do “Culto Santo” e totalização das preces e do coro “Salve a Luz”.

¹⁸⁷ Ver Weber, 2009: 388.

¹⁸⁸ Faço alusão aqui ao ensaio de Georg Simmel intitulado “A sociologia do segredo e das sociedades secretas”.

2- Outros trabalhos

2.1 In memorian

No dia 08 de Setembro é celebrado o aniversário de *passagem* do Fundador, Mestre Daniel, no qual é feita a “prestação de contas” de todos os *trabalhos* do ano. Além desse aniversário de exaltação carismática, para a Irmandade do Centro Espírita e Culto de Oração “Casa de Jesus – Fonte e Luz” um dos *trabalhos oficiais* mais aguardados e prestigiados acontece no dia 17 de Agosto, cuja cerimônia é dedicada à *passagem* do Velho Pastor, Manuel Hipólito de Araujo. É uma data festiva que conta com a presença de diversos convidados, particularmente do campo religioso ayahuasqueiro, como também de velhos amigos, que discursam em sua memória.

No dia 02 de Novembro, feriado nacional destinado à memória dos finados, há cumprimento de *compromissos*.

Leila Hoffman: No cemitério (São João Batista), pela manhã, rezamos três preces e cantamos três hinos dentro da capelinha, só isso. Ao final da tarde, aos pés do Cruzeiro, cantamos três hinos e rezamos um terço. Depois a doutrinação das almas e mais um hino. Dentro da igreja não tem trabalhos.



Foto 52: Capelinha de São Francisco no cemitério São João Batista.

2.2 O Retiro Espiritual

Durante o período do carnaval festejado pelo Brasil afora a Irmandade reúne-se num “retiro”, integrando, assim, quatro dias de atividades e *trabalhos espirituais*. De fato, os preparativos para essa data são feitos ao longo do ano, considerando a necessária manutenção das dependências do lugar e organização do evento. O retiro espiritual é vivenciado na Colônia São Francisco, onde foi construída uma réplica do conjunto arquitetônico do Culto de Oração, havendo um Cruzeiro, uma Capelinha e um Salão do Bailado.

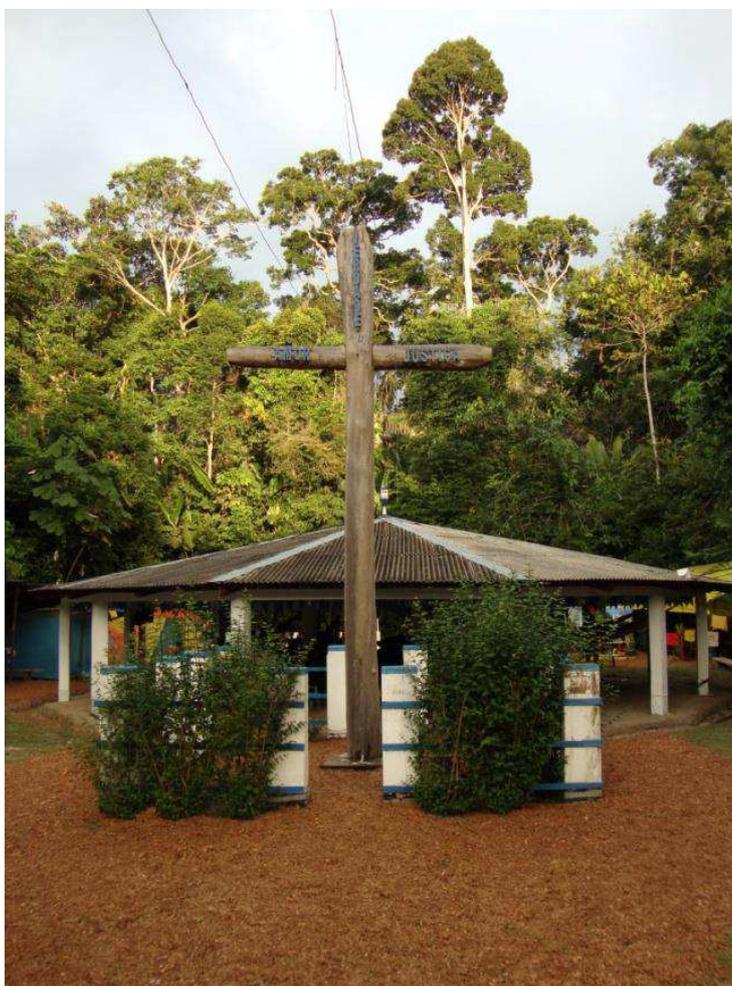


Foto 53: Cruzeiro e Parque do Bailado existentes na Colônia São Francisco.



Figura 54: Vista da Capela na Colônia São Francisco.



Foto 55: Irmão Adílson num instante particular de devotamento em frente ao Altar.

Além das construções destinadas às ações religiosas, existem ainda os barracões para acomodarem, separadamente, homens e mulheres. Mas, cada irmão, irmã ou família também se organizam para construir suas próprias barracas temporárias. Há banheiros e uma cozinha com fogão à lenha. Anteriormente, para cada dia são definidas equipes de trabalho de limpeza e das tarefas ligadas ao preparo do almoço e do jantar. Durante o dia as pessoas

divertem-se com brincadeiras numa pequena barragem de um igarapé. No início das noites, as mulheres reúnem-se para rezarem o terço. Todas as noites há *brincadeiras* no Salão do Bailado¹⁸⁹.

No sábado, ocorrem o batismo de crianças e as obras de caridade. As crianças batizadas normalmente são aquelas de famílias da região, pois o lugar fica distante de cidades que oferecem tal serviço religioso. Alguns índios da etnia Apurinã também levam seus filhos para serem batizados, observando que sua “Terra Indígena” faz fronteira com a Colônia São Francisco¹⁹⁰. No domingo, ocorre a caminhada dos adultos. Sempre com a presença de algum mateiro da Casa, os irmãos partem numa caminhada pela mata para contemplarem os mistérios da floresta à luz do Daime que tomaram. E, com efeito, o retiro é uma ocasião favorável para tal contemplação da “natureza divina”. Segunda-feira, no período vespertino, é o dia da *concentração*.



Foto 56: Grupo de irmãs momentos antes da concentração.

Nesse *trabalho espiritual* os membros do Centro Espírita e Culto de Oração “Casa de Jesus – Fonte de Luz” ficam dispostos numa clareira. Ali armam redes e posicionam suas

¹⁸⁹ Sobre o Bailado, como já foi indicado em nota acerca da Festa no Parque, tratarei dessa brincadeira na última seção deste capítulo: Em santas romarias.

¹⁹⁰ Vale mencionar que uma das irmãs fardadas da Casa é Apurinã.

cadeiras para acomodarem-se durante a *concentração*. Depois de tomarem a *Santa Luz* todos se concentram em silêncio durante uma hora ou mais, para, então, ser iniciada a execução dos hinos. E na tarde de terça-feira ocorre a caminhada das crianças.



Foto 57: Caminhada com as crianças e seus pais.

2.3 A busca do Daime para o feitio da *Santa Luz*

Adentrar a floresta para ir buscar o “cipó” e a “folha” é também um *trabalho espiritual*. A partir das 2h da madrugada os homens e as mulheres que se dispuseram para a busca do Daime encaminham-se para a Igrejinha de São Francisco. Aproximadamente às 4h, todos, iluminados por velas, se reúnem aos pés do Santo Cruzeiro para abertura dos *trabalhos*. São feitas três preces, que, consistindo em rezar o Pai Nosso e a Ave Maria três vezes de forma intercalada, seguindo, assim, a *entrega*, pronunciada pelo padrinho de olhos fechados e em tom invocativo, como ainda suas recomendações de conduta e organização a partir dali:

E nesta hora santa, em nome de Frei Daniel e de Frei Manuel, eu entrego esta prece, com estas velas ao Glorioso São Francisco das Chagas. Vos rogando, meu Senhor São Francisco, como eterno advogado das Santas Missões, junto ao Soldado Guerreiro Mártir São Sebastião, Senhor São José e Frei Daniel, subi este santo corretivo ao trono de nosso Salvador Jesus e da Sempre Virgem Maria. Rogando ao nosso Pai de Bondade à nossa Mãe de Bondade, detentora deste santo corretivo, se assim nós formos merecidos das vossas Santíssimas Graças, das vossas Santíssimas Bênçãos, nos dê a vossa santa permissão de nós abrirmos esse trabalho na Floresta para a busca do cipó e da folha no feitio da Santa Luz. Pelos mistérios da Rainha da Floresta, nos dê a santa proteção, a vossa santa cobertura, autorizando os seres invisíveis que nos dão proteção, que nos dão a cobertura pra nos guiarem nesta viagem, para que nós possamos na paz retirar a folha e na paz retirar o cipó na floresta. Assim como nós já estamos orientados e autorizados, dentro deste santo corretivo, autorizai os nossos irmãos dos exércitos de Jesus nos fazer a cobertura e a santa proteção, os santos seres da floresta possam nos guiar, nos guardar e nos defender de todo e qualquer inseto peçonhento, possam nos guarnecer e nos livrar de todas as perturbações, nos livrar de todo e qualquer acidente, nos levando e nos trazendo na paz, como o nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo de Deus, Amém!

Meus, irmãos, daqui pra frente, vamos deixar as brincadeiras pra trás e vamos começar o compromisso de busca do cipó e da folha pro feitio da Santa Luz. O trabalho começa aqui, nesse momento. Entre nós vamos sair daqui uma turma pra folha e outra turma pro cipó com o mesmo objetivo, com o mesmo trabalho de firmeza e de seriedade.

A rogativa da entrega enreda pedidos de permissão/autorização e de “cobertura”. Permitido pelo Salvador Jesus e pela Sempre Virgem Maria, para a efetivação do “compromisso da busca do cipó e da folha é requerida, pelos mistérios da Rainha da Floresta, a guarnição dos seres invisíveis, irmãos dos exércitos de Jesus afins da Missão de Mestre Daniel”. Posto assim, são duas “turmas” que seguirão nesse *trabalho de firmeza*. A turma das mulheres irá para uma colônia da Missão que é própria para o plantio do arbusto que fornece a folha. O irmão Pedro é quem as acompanha para distribuir a *Santa Luz* que receberão antes de começarem a busca. A turma dos homens vai para uma região da floresta onde os mateiros previamente fizeram a pesquisa e localizaram os cipós. Receberemos o Daime das mãos do padrinho. E, então, partem para a estrada os carros, caminhonetes e caminhão.

Importa destacar que para essa busca do Daime da qual participei (em Março de 2011) houve a exigência da produção de um “relatório de exploração” que deveria ser encaminhado ao IMAC (Instituto de Meio Ambiente do Acre). Tal determinação foi aplicada devido à resolução, publicada no “Diário Oficial”, em 22 de Dezembro de 2010, que “dispõe sobre a autorização para extração, coleta e transporte do cipó *Banisteriopsis spp.* e das folhas do arbusto *Psychotria viridis* por organizações religiosas no Estado do Acre¹⁹¹”. Diante disso, o

¹⁹¹ Disponível em: http://blog.udv.org.br/wp-content/uploads/2011/01/DO10445_22122010_Editado.pdf

padrinho propôs que meu posto fosse o de documentar com fotos e vídeos as atividades envolvidas na *busca*.

Com a turma dos homens, segui, portanto, para uma área florestal. Lá chegamos antes de amanhecer o dia. Levávamos como provisões água e farofa. E entramos na mata. Partiam mais à frente os mateiros. Foi servido um pouco de Daime para cada um em certo trecho da picada. Depois que tomei a Santa Luz senti mais firmeza para andar pela floresta. Enfim, chegamos num ponto estratégico orientado pelos mateiros para a realização das tarefas de buscar o Daime. Cabe, por conseguinte, abrir os *trabalhos* na mata. Novamente, então, faz-se uma rogativa de permissão e de santa cobertura para colhermos o cipó, também chamado nessa ocasião de Daime. Em seguida, o padrinho Chico faz a distribuição da *Santa Luz* aos irmãos. Partimos, enfim, para a retirada dos cipós nas árvores. Depois da ceifa são aprontados e amarrados em feixes.



Foto 58: Detalhe de corte transversal do cipó utilizado no feito do Daime.

Com os feixes prontos chega o momento dos irmãos escolherem aquele que podem carregar, ou melhor, o seu feixe. Lembro que numa conversa no Parque da Igrejinha de São Francisco sobre a busca do Daime, o irmão Pedro falou-me que “carregar um feixe é um mistério que se recebe na sessão”. Em verdade, carregar um feixe de *cipó* pela floresta é um trabalho árduo, pois requer determinada força física e um “jeito” para colocá-lo sobre um dos ombros ou mesmo sobre as costas de acordo com uma curvatura eficiente. Muitos *irmãos da*

Casa, dessa forma, ao carregarem um feixe vivenciam a “imitação de Cristo”, que carregou uma pesada cruz de madeira até culminar em seu sacrifício para a salvação dos homens. Posto assim, “cada um carrega a sua cruz”, como sugerem os cristãos.



Foto 59: Irmão Nemo carregando seu feixe de cipó.

Ao longo da trilha que dá norte ao nosso retorno por vezes vi irmãos passando por algum arrocho para continuarem carregando o seu feixe, obstáculo que era vencido “com fé em Jesus” e assistência dos outros. Havia, obviamente, as paradas para descanso e recuperação das forças. Recordo-me que atravessamos um longo percurso, que, assim, mais se demonstrava diante do gradativo peso do feixe e dificuldades comuns para aqueles que andam na mata. Talvez eu tenha conseguido carregar um feixe de cipó por apenas uns duzentos metros, pois não tinha força física suficiente e nem habilidade. Logo, meu posto adequado era mesmo o do pesquisador que naquele momento auxiliava o registro das atividades da busca para a produção do aludido relatório.



Foto 60: Turma do cipó após a busca.

Já no início da noite, quando a turma do cipó (homens) e a turma da folha (mulheres) voltaram para o terreno da Igrejinha, foi feito, então, o fechamento dos trabalhos na *Casinha do Daime*, local do seu *feitio*. Se na *entrega* inicial havia pedidos, na *entrega* final ocorre, portanto, agradecimentos pela *santa assistência* e *santa cobertura* recebida durante o *compromisso* da busca do Daime. Participar desse *trabalho espiritual*, de fato, proporciona aos *irmãos* uma consideração valorativa intensa com o *Daime*, haja vista o contato com as plantas utilizadas para sua produção, permitindo, dessa maneira, visualizar e *receber* seus *mistérios* com mais *firmeza* a partir do *preparo* vivido na busca.

O *feitio* do Daime é iniciado logo no dia seguinte da busca. Uma vez que se trata da preparação do “sacramento”, da bebida sagrada utilizada na *Casa*, importa salientar que no *feitio* deve haver uma atmosfera de positividade e paz espiritual para que ocorra a respectiva transmissão “simpática”. Não obtive autorização do padrinho para acompanhar todo o processo de preparação da *Santa Luz*. Todavia, acompanhei de soslaio as movimentações dos serviços preparatórios relacionados.



Foto 61: Folhas colhidas pela turma das mulheres para o feitiço. Foram na ocasião guardadas na Casa de Memória Daniel Pereira de Mattos.



Figura 62: Panelão com Daime durante o seu feitiço.

3- Um calendário de devoções

O “Calendário Oficial dos Trabalhos” da Missão é, sobretudo, um “objeto religioso” (Le Goff, 1984). A organização anual das sessões realizadas no Centro Espírita e Culto de Oração “Casa de Jesus – Fonte de Luz” reproduz um calendário que nos remete a um imaginário religioso subjacente à nossa experiência social e histórica, isto é, está associado às marcas do calendário do catolicismo, pontuado por eventos religioso e práticas devocionais (Steil, 2001). Dessa forma, diversas datas referentes a comemorações específicas dedicadas aos santos e santas de devoção compõem esse quadro temporal.

As *Romarias* e *Penitências* constituem as cerimônias mais destacadas dessas homenagens, como veremos mais adiante. Comemoram-se, por exemplo, os dias de Reis Magos (06 de Janeiro), Nossa Senhora das Candeias (02 de Fevereiro), Santo Antônio (13 de Junho), São João (23 de Junho), São Pedro (28 de Junho), Todos os Santos (1º de Novembro), Nossa Senhora Aparecida (12 de Outubro), Nossa Senhora da Conceição (08 de Dezembro) e o dia de Santa Luzia (13 de Dezembro). Tais comemorações são *trabalhos oficiais*, portanto, usa-se o fardamento branco. Cabe agora evidenciar e caracterizar outras datas especialmente significativas desse calendário devocional.

3.1 “Feliz natal, meus irmãos”

Sabe que “os cristãos são seguidores dos ensinamentos de Jesus Cristo. Sustentam que ele é Filho de Deus, que trará a salvação e a vida eterna para os que se arrependem de seus pecados e crerem nele” (Wilkinson, 2011: 85). O nascimento desse “salvador” (o “Messias”) era uma anunciação profética entre os hebreus. E uma estrela revelou o nascimento de Jesus Cristo, guiando uns “reis magos” do Oriente à Jerusalém (Filoramo, 2005). Jesus de Nazaré é tido como a encarnação do Filho de Deus no ventre da Virgem Maria, tendo como seu pai o carpinteiro José: São José. Eis, então, a Sagrada Família evocada em presépios que mostram a cena da natividade, do nascimento do Salvador Deus Jesus, consagrado no dia 25 de Dezembro.

No dia 24 de Dezembro comemora-se a véspera do nascimento de Jesus na Igrejinha de São Francisco com a realização de um *trabalho oficial*, no qual os irmãos podem contemplar os *mistérios* do Natal:

Presidente: Vamos, meus irmãos, fazer a abertura dos trabalhos para darmos lindos louvores ao nosso Salvador Jesus Cristo.

Em *trabalhos* comemorativos é programada execução de um hino de louvor à Virgem Maria antes dos hinos de abertura. Após tais cantos o padrinho declara que “os trabalhos estão

abertos”. E, nessa data sagrada, “quem está presidindo os trabalhos é o Menino Jesus na Lapinha”. No prosseguimento da sessão o presidente vai examinar o “livro de programação” para combinação da “coroa de hinos de louvores”:

Vamos, meus irmãos, todos juntos fazer a comemoração do dia de hoje em louvor ao nascimento do nosso senhor Jesus cristo. Rezar e cantar louvores ao nosso salvador Jesus.

O conteúdo desses hinos, portanto, versam sobre as histórias de Jesus e de sua Sagrada Família contada na Bíblia, assim como enfatizam a Santíssima Trindade: Pai, Filho e Espírito Santo. Como acontece em outros *trabalhos altos*, ou seja, em certo momento da entoação dos louvores em homenagem ao nascimento do Salvador, o padrinho convoca os irmãos que quiserem novamente “receber a santa luz do Daimé que representa para nós o sangue de Jesus”. Logo depois, segue o hino de “consagração do Fundador aos irmãos e objetos sobre o altar”. E, assim, “dentro deste santo corretivo, os trabalhos estão consagrados”. A execução da “coroa de hinos de louvores” prossegue até o momento de sua *entrega*, para então ser lida por um irmão ou irmã da Casa uma narrativa hagiográfica acerca do “Menino Jesus na Lapinha”. A leitura de um texto hagiográfico acontece em todas as comemorações oferecidas aos santos de devoção.

Ao término da história sagrada ocorre uma salva de palmas proposta pelo presidente:

Salve o menino Jesus na lapinha.
Salve a sagrada família,
Jesus, Maria, José.

Canta-se mais um hino para, então, “fazer o encerramento dos trabalhos”, seguido pela *entrega*, pelo “Culto Santo”, e, num “segundo ato”, como se referem os irmãos da Casa, continuar a festa no Parque¹⁹².

No dia seguinte, 25 de Dezembro, há o cumprimento do *compromisso* deixado pelo Velho Pastor com a autorização de Mestre Daniel, que consiste num almoço compartilhado

¹⁹² Tratarei da descrição e compreensão da *Festa no Parque* na seção dedicada às *Romarias*.

pela Irmandade no interior da Igrejinha. Trata-se, como afirmou o padrinho, de “uma representação da Santa Ceia, lembrando o pão nosso de cada dia”.



Foto 63: Arranjo de imagem, crucifixo, castiçal com velas e um pequeno cálice com Daime representando a mesa da Eucaristia: a Santa Ceia¹⁹³.

Observando a fotografia acima importa ressaltar que o Daime é a “Luz do santíssimo sacramento” de comunhão entre esses cristãos com o Senhor Jesus, análogo ao vinho, seu sangue, consagrado na Santa Ceia, e, por conseguinte, na missa católica, que é uma celebração eucarística. Pois bem, o *compromisso da ceia* é iniciado com uma prece completa (Pai Nosso, Ave Maria, Salve Rainha e Credo), para, então, ser cantado um hino. Em seguida, o padrinho faz um discurso lembrando “o valor da família e do pão de cada dia”, e, assim, começa a refeição.

¹⁹³ Segundo os Evangelhos, “Jesus Cristo pregou com um pequeno grupo de 12 seguidores, conhecidos como seus discípulos ou apóstolos. Ao perceber que seu tempo na Terra chegava ao fim, Jesus reuniu esses homens para uma refeição, conhecida como a Última Ceia, e identificou o pão e o vinho com seu corpo e sangue. Disse aos discípulos que partissem e comessem o pão e bebessem o vinho em sua memória. Ao fazê-lo, instituiu o rito da missa ou eucaristia” (Wilkinson, 2011: 86).



Foto 64: Irmandade reunida para a ceia.

Depois do almoço há a execução de mais outro hino, em que todos se ajoelham para agradecer o pão de cada dia, sendo depois feita a *entrega*.



Foto 65: De joelhos os irmãos e irmãs agradecem o pão de cada dia após a ceia.

A programação do Natal conclui-se no final de tarde. A partir das 17h, núcleos familiares de irmãos agrupam-se na igreja para assistirem a uma apresentação das crianças para homenagear e louvar o “Menino Jesus na Lapinha”, como também para a distribuição dos presentes ofertados pelos padrinhos/madrinhas ocultos.



Foto 66: Apresentação das crianças em homenagem ao nascimento do menino Jesus.

3.2 Dias Grandes de Semana Santa

Nos *trabalhos* no Centro Espírita e Culto de Oração “Casa de Jesus – Fonte de Luz” realizados durante a “semana santa” utiliza-se o fardamento roxo, somente também usado em 02 de Novembro, Dia de Finados. As cortinas colocadas também são roxas.



Foto 67: Cortinas Roxas.

De modo a oferecer esclarecimentos acerca da importância fundante e dos *mistérios* desse período de tempo para o catolicismo, vejamos o seguinte:

Somos informados sobre sua vida essencialmente pelos evangelhos. Pertencente a uma família hebraica descendente do rei Davi, ele manteve nos primeiros trinta anos uma existência anônima na pequena cidade de Nazaré. Nos últimos três anos de sua vida, separou-se de sua família e do vilarejo para realizar um tipo de pregação itinerante junto de um grupo de discípulos escolhidos (doze, segundo os evangelhos), levando uma vida celibatária e de pobreza radical. O “evangelho” (termo grego que significa “boa nova”) anunciado por Jesus aos judeus era uma mensagem de salvação do mal e do pecado e de amor a Deus e aos outros homens. Ações extraordinárias, como curas e exorcismos, acompanharam as pregações de Jesus. Sua preferência pelos pobres de todo gênero e sua liberdade em relação às instituições colocaram-no contra o poder religioso judaico (particularmente contra a classe sacerdotal) e romano (representado pelo prefeito Pôncio Pilatos). Do ponto de vista judaico, ele foi condenado por blasfêmia porque associava a si mesmo ao Deus de Israel, e do ponto de vista romano por lesa-majestade, pois acusavam-no de querer substituir César. Depois de uma última ceia com seus discípulos mais íntimos, ele foi levado ao suplício da crucificação na solenidade hebraica da Páscoa. Segundo seus primeiros discípulos, no terceiro dia após sua morte ele ressuscitou, demonstrando assim sua origem divina; depois de quarenta dias ele subiu ao céu (Filoramo, 2005: 62).

O mito cristão do sacrifício, que fundamenta a respectiva doutrina de salvação, é vivenciado ao longo da semana santa pelos irmãos da Casa de Mestre Daniel em atos cerimoniais, começando pelo Domingo de Ramos, que ocorre pela manhã. A forma ritual dessa sessão é semelhante ao dos *trabalhos oficiais*. Comemora-se a entrada marcante de

Jesus montado em um jumento na cidade de Jerusalém. Na liturgia católica essa data é caracterizada pela distribuição de folhas de palmeiras para os fiéis reunidos na igreja. Na Igrejinha de São Francisco os irmãos recebem uma cruz feita de palmeira e a levam consigo.

Na quarta-feira, no horário habitual, ocorre o *trabalho de preparo da Irmandade* para os *dias grandes* da semana santa. E, na quinta-feira, também na “boca da noite”, o trabalho é presidido por Jesus Cristo e seus doze apóstolos na mesa da Eucaristia. Pela manhã, na sessão da “sexta-feira santa”, a Irmandade rememora ao longo da sessão a sua plangente crucificação, atravessando, mediante tal experiência religiosa, uma “via-crúcis” como *Cristo*. O *trabalho* de obras de caridade, como programado, acontece no sábado. O domingo é um dia de festa, pois se comemora a ressurreição de Jesus Cristo, comungando, dessa forma, a experiência da salvação. No período matutino, ao longo do *trabalho*, ocorrem o *batismo de crianças*, a *doutrinação de almas* e o *batismo de eguns*. E à noite acontece a festa das crianças no Parque.

3.3 “Em Santas Romarias”¹⁹⁴

Os *compromissos* das *Romarias e Penitências* instituídas por *Mestre Daniel* aparecem com destaque no quadro temporal dos atos de devoção realizados no Centro Espírita e Culto de Oração “Casa de Jesus – Fonte de Luz”. As Romarias e Penitências assinalam as devoções focais desse culto religioso, mais explicitamente representadas e evocadas pelas imagens dos santos da linha de frente da Missão de Mestre Daniel que avultam nas três torres da igreja. São elas: Romaria de São Sebastião, de 1º de Janeiro a 20 de Janeiro; Penitência de São José, de 1º de Março a 19 de Março; Romaria de Nossa Senhora, de 1º de Maio a 31 de Maio; Penitência de Nossa Senhora da Glória, de 1º a 15 de Agosto, e a Romaria de São Francisco das Chagas, de 1º de Setembro a 04 de Outubro.

A efetivação desses eventos religiosos se dá no transcorrer de um período marcado por abertura, realizada no primeiro dia da ação religiosa, e pela sua entrega, que ocorre, então, no último dia do conjunto de cerimônias. Nesses processos rituais impõe-se a imagem do sacrifício das peregrinações cristãs empreendidas para obter bênçãos. No cumprimento dessas

¹⁹⁴ As peregrinações chamadas em sua versão ibérica de romarias, em lembrança das excursões dos primeiros cristãos a Roma, distinguem os deslocamentos de devotos para a prática de culto aos santos (Tinhorão, 2012).

“viagens” recomenda-se uma série de prescrições assim enumeradas: abstinência sexual, comer pouco, falar pouco e rezar muito. Assim, ao cumpri-las os irmãos da Casa renovam periodicamente sua fé, encontrando nessas práticas religiosas relacionadas com sacrifício uma forma de *limpeza* de suas almas e restabelecimento de equilíbrios perturbados¹⁹⁵.

Sobre a estrutura temporal dos ciclos rituais das Romarias importa salientar a singular implicação com o curso de navegação dos “marinheiros peregrinos”. Quando se dá a abertura de uma Romaria o *Barquinho Santa Cruz* inicia uma nova “viagem sobre as águas sagradas”, navegando e recolhendo almas até fazer a volta e entregá-las para Jesus, então, na ocasião da *entrega do compromisso*.

O grupo de peregrinação, portanto, é a irmandade associada à Igrejinha de São Francisco, que segue viagem a bordo do *Barquinho Santa Cruz* rumo aos pés de Deus Jesus em busca da “salvação” e “em benefício dos inocentes e de toda a humanidade”. Visto assim, Apresentarei aqui a estrutura e dinâmica de uma Romaria de São Sebastião como padrão exemplar desse cerimonial, mostrando a sequência específica de atos rituais desempenhados.

3.3.1 “Cumprindo a Romaria de Mártir São Sebastião”

No primeiro dia de todos os anos tem início a *Romaria de São Sebastião*, que perdura até o dia 20 de Janeiro, quando é feita sua comemoração em vários lugares do Brasil tal como consagrado no calendário do catolicismo. Seu *cumprimento* é sempre *puxado* como afirmam os *irmãos da Missão*, sendo, assim, o ponto de partida anual da viagem do *Barquinho*.

Sobre a mesa da *Igrejinha* vê-se o andor da *Romaria de São Francisco*, aquela precedente da atual que, ora, começa. Na entrega da *Romaria*, então, é trocado o andor, no qual sobressairá a imagem de São Sebastião.

¹⁹⁵ Nesse sentido, vale citar Mauss: “O ato de abnegação implícito em todo o sacrifício, lembrando frequentemente às consciências particulares a presença das forças coletivas, nutre-lhes precisamente a existência ideal” (1999: 227).

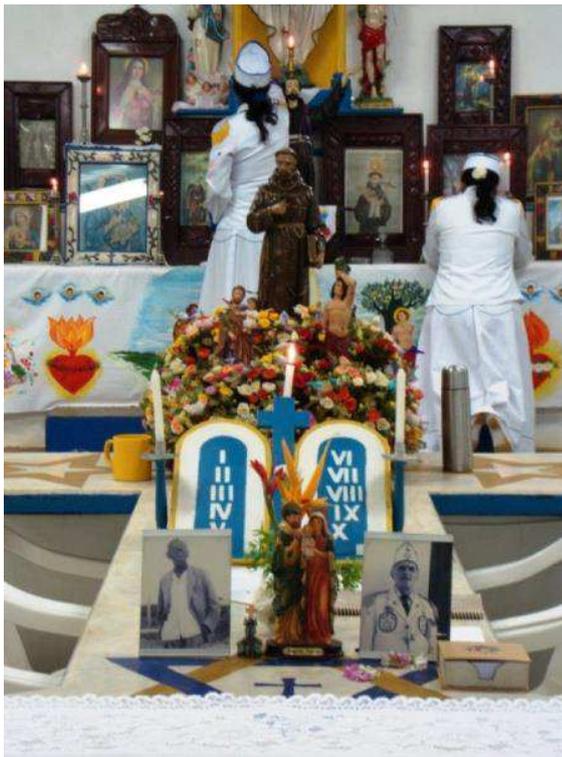


Figura 68: Andor de São Francisco sobre a Mesa.

Após os irmãos receberem a *Santa Luz* no horário habitual dos *trabalhos oficiais*, seguem para frente da residência do presidente, o Castelo Azulado, onde se colocam no caminho de tijolos de cerâmica para uma caminhada coletiva em direção à igreja. Todos seguirão em duas filas, a da esquerda é composta por mulheres e a na direita sobrevêm os homens. Para tomarem seus lugares nas filas cada um(a) pega uma vela numa caixa de madeira empunhada por uma irmã da Casa.



Foto 69: Início de caminhada da Romaria de São Sebastião.



Foto70: Caminhada da Romaria de São Sebastião.

Para dar início à caminhada é rezado um Pai Nosso. À frente das filas posicionam-se o presidente e duas crianças de mãos dadas com ele, conforme a respectiva divisão sexual das fileiras.



Foto 71: Caminhada da Romaria de São Sebastião. Presidente de mãos dadas com crianças à frente das filas de homens e mulheres.

Do Castelo Azulado à igreja, num movimento quadrangulado até atravessarem o Parque, a Irmandade trilha o caminho de embarque no local de culto cantando o Salmo da Romaria, que é conduzido pela madrinha Maria Leopoldina.



Foto 72: Momento em que os irmãos depositam as velas numa caixa antes de embarcarem na igreja para a sessão.



Foto 73: O embarque dos soldados dos exércitos de Jesus.

As velas são devolvidas antes de entrarem na Igrejinha de São Francisco, e, então, os tripulantes sucessivamente ocupam seus lugares a bordo da embarcação do Mestre Daniel. A entoação do “Salmo da Romaria” é finalizada e os irmãos rezam um Pai Nosso e uma Ave Maria, culminando com o coro Ó Deus. Posteriormente, são executados os quatro hinos de abertura do *trabalho*, seguidos por “hinos de reforço” para a *firmeza* de todos nessa “peregrinação de fé” e hinos que suscitam um *corretivo* de *limpeza* para as Santas Romarias de Mártir São Sebastião. É interessante notar a flexão gramatical de número da prática religiosa considerada, indicando o sentido da execução de *viagens* ao longo do conjunto de cerimônias que compõem a viagem do Barco num certo período de tempo.

Então, advém a fase do ritual votada ao *cumprimento* desse *santo compromisso*, em que são feitas cinco preces e entoados cinco hinos votivos. O primeiro, necessariamente, destaca o glorioso São Francisco das Chagas, ou seja, o mentor espiritual da Missão. Em seguida, canta-se determinado hino que versa sobre as características da vida de São Sebastião, disposto em “livrar da peste” os seus devotos. O terceiro hino é expressivo da devoção a São José, “patriarca da sagrada família” e condutor na *limpeza dos irmãos*, enfim, da *cura* de suas almas, “que a doença maior é o pecado”. O hino-salmo subsequente, com efeito, enfatiza o santo homenageado das *Santas Romarias*. Para completar a coroa de hinos, “hasteando uma bandeira à direita desse Barco”, a Irmandade louva a “Senhora da Paz”. E, assim, o presidente faz a *entrega do compromisso*:

E nesta hora santa em nome de Frei Daniel e Frei Manuel , e do nosso presidente, primeiro o meu Jesus, um Deus todo poderoso e o Divino Espírito Santo e em louvor à Sagrada Família, Jesus, Maria e José, eu entrego esta cinco preces com esta coroa de hinos ao Glorioso São Francisco das Chagas, dentro deste santo corretivo, meu glorioso São Francisco, que estamos cumprindo em santas romarias, em santas penitencias, até o dia 20 deste mês, em louvor ao nosso pai de bondade, o dono de todas as vidas, o Pai de todos os pais, a Luz de todas luzes, e a sempre Virgem Maria, Rainha Soberana, Nossa Senhora da Paz, ofertado ao Mártir Guerreiro São Sebastião, em benefício dos inocentes e de toda a humanidade. Vós, meu Glorioso São Francisco, como eterno advogado das Santas Missões, junto ao soldado guerreiro Mártir São Sebastião, do Patriarca São José e de Frei Daniel, subi este santo corretivo ao trono da sempre Virgem Maria, Rainha Soberana, Nossa Senhora da Paz, rogando à Virgem Santíssima, Senhora advogada Nossa, que rogue ao vosso bento filho, que perdoe as nossas culpas, nossas rebeldias, nossas ingratidões, nos dando em chuvas de luzes, a luz do nosso perdão, em firmeza e humildade nos nossos corações, amenizando e deixando passar à frente todos os castigos que hão de vir sobre a terra, para que não sofram os inocentes por causa dos filhos ingratos, pecadores, que não têm a luz da compreensão, do amor ao nosso pai de bondade, o dono de todas as vidas. Rogai à Virgem Santíssima, Rainha Soberana, Nossa Senhora da Paz, que com a vossa bandeira de paz em vossa frente acobertai a todo o universo, acobertando a todos os inocentes como o vosso divino manto, os guardando dentro dos mistérios do vosso bento rosário, os guiando, os defendendo,

com o símbolo da santa cruz, de todos as ciladas do sujo atentador e dos mensageiros dele, de todas as ciladas do anticristo que anda entrelaçando os filhos sobre a terra, para jogar no abismo da fome, da peste, da guerra e das epidemias que estão assolando sobre a terra e dai-lhes o pão de cada dia, paz e harmonia por todo o universo, em todos os lares onde houver inocentes, principalmente os nossos irmãozinhos que estão hospitalizados pelo mundo inteiro sofrendo as calamidades da fome, da peste, da guerra e das epidemias que estão assolando sobre a terra. Dai-lhes um conforto, a saúde, o pão de cada dia para que assim os nossos irmãozinhos possam fazer essa travessia com mais amor, com mais firmeza, com mais alegria, louvando a Jesus e a sempre virgem Maria. Rogai a Virgem Santíssima, Rainha Soberana, Nossa Senhora da Paz, que com a vossa bandeira branca de paz em vossas sagradas mãos, tocai no coração dos nossos irmãos que estão administrando o globo terrestre, para que saibam administra-lo os nossos irmãos com amor, com igualdade e com união, com amor ao próximo e amor a Deus, para que não venham a provocarem um derramamento de sangue geral sobre a terra, para que não sofram os inocentes, por causa dos filhos ingratos, pecadores, que não têm a luz da compreensão do sagrado amor ao próximo e do sagrado amor a Deus, limpai os seus corações, limpai os seus pensamentos e os firmai para o nosso salvador Jesus na luz do santo sacramento para que assim eles enxerguem, reconheçam que existe um deus de bondade, dono de todas as vidas, a quem devemos amar com todo o amor, com toda firmeza, com toda alegria, pois só ele é quem tem tudo de bom para nos dar. Rogai a virem santíssima que abençoai, dentro deste mesmo corretivo, a todos os nossos irmãos que pelo sagrado dia de hoje vieram às Santas Missões para assistir e cumprir estas Santas Romarias, estas Sanas penitencias, nos dando mais luz, a nossa saúde, o nosso pão de cada dia, nos dando firmeza, nos dando mais preparo para que nós possamos continuar cumprindo o nosso santo compromisso deste mundo à eternidade em benefício dos inocentes e de toda a humanidade, assim seja em chuvas de luzes aos santos exércitos de Jesus do céu, da terra e do mar, aos santos seres curadores que dão sua parcela de ajuda em benefício dos nossos irmãos necessitados, a todas as almas, indígenas e encantos que já receberam sua doutrinação e batismo dentro das santas missões, rogando a virgem santíssima que nos guiai, nos guardai e nos preparai daqui para o término deste santo compromisso, nos guardando em nossos lares, em nosso caminhos, em nossos trabalhos, nos acobertando com o vosso divino manto, nos guardando dentro dos vossos mistérios do vosso bento rosário, nos guiando, nos defendendo e nos abençoando como o símbolo da santa cruz em nossa frente, em nossa retaguarda, em nossa direita e em nossa esquerda, nos defendendo de todos os nossos inimigos vivos e mortos e nos firmando para Jesus, Maria e José.

Coro: Ó Deus

À vista disso, o presidente enuncia: “Agora já cumprimos o compromisso das Romarias de São Sebastião, vamos meus irmãos, pedir um reforço”. Logo, são rezadas preces e cantados hinos de modo a deixarem os irmãos “guarnecidos e acobertados para cumprir a Romaria, pois quem se afirmar em Deus do céu tem caminhos de luz para viajar, derramando graças, bênçãos e firmeza”.

É anunciado, então, o encerramento da sessão para, em seguida, ser feita a *entrega dos trabalhos* e as cortinas serem fechadas cantando-se o hino Culto Santo. Todos os irmãos, por fim, rezam o Pai Nosso, a Ave Maria, o Salve Rainha e o Credo, culminando com o coro “Salve a Luz”. O padrinho faz os avisos devidos, confirmando que no dia seguinte, ao bater o

sino às 18h30min e ser distribuída a *Santa Luz*, continuará o *compromisso* das “Santas Romarias”.



Foto 74: Presidente de pé no momento da entrega do trabalho.



Foto 75: Forma de devoção significativa dos irmãos que para o Altar dirigem-se depois da sessão.

O cumprimento da Romaria, assim, consiste em fazer a caminhada, rezarem-se cinco preces e a Irmandade cantar a respectiva coroa de hinos até o dia 20 de Janeiro, quando serão realizados os *trabalhos* concernentes, a *entrega* e a festa no Parque. Em dias ordinários, isto é, em que não ocorrem sessões regulares do Calendário Oficial, todos da Irmandade bebem quantidade menor de *Daime*, sendo recomendado o uso de roupa branca.

Em 20 de Janeiro acontece a *entrega* da Romaria de São Sebastião. Nesse *dia grande* ocorrem sessões pela manhã e à noite. No período matutino os *trabalhos* abarcam um encadeamento de cerimônias, envolvendo a prestação de obras de caridade, precisamente, o *batismo de crianças*, a *doutrinação de almas* e o *batismo de eguns*. Logo em seguida, há a consagração do fardamento de irmãos que assumem o *compromisso* de “marinheiros” da Missão de Mestre Daniel e, dessa forma, “soldados dos exércitos de Jesus”. Vale, por conseguinte, realçar as três últimas estrofes do hino “Meu Valor”, recebido pelo Fundador, que baliza o arregimento de um irmão como Oficial Fardado.

3

Meus irmãos e minhas irmãs
 Não conhecem o meu valor,
 Sou um soldado de Deus,
 E todos vós precisam ser
 Dou serviços nas casas santas
 De Deus Jesus meu Salvador.

4

Meus irmãos recebam a farda,
 Capacete escudo e lança,
 Vamos contra os inimigos
 Desta casa de Jesus,
 Vamos todos com amor
 Defender a nossa aliança.

5

Nossa farda é a firmeza,
 O capacete é o Amor,
 O nosso escudo é a fé,
 As lanças são as devoções
 Nesta casa de Jesus,
 E da Virgem da Conceição.

E no começo da noite a Irmandade volta a se reunir para “viajar”. O Barco está quase atracando. Após todos terem recebido a Santa Luz há o posicionamento das filas de homens e mulheres para a caminhada com o andor de São Sebastião, ladeado pelas imagens menores de São Francisco e São José. A padiola ornamentada com flores é transportada por quatro jovens irmãs enquanto é cantado o “Salmo do andor”. Três estandartes com as pinturas dos *santos de frente da Missão* também são conduzidos por outros irmãos. Dessa maneira, a *entrega* da Romaria é representada por trazer o andor em romaria para a Mesa no interior da Igrejinha.



Foto 76: Caminhada da Romaria sendo levado o andor de São Sebastião.



Foto 77: Detalhe dos três estandartes.



Foto 78: Andor de São Sebastião sobre a Mesa.

O dia da *entrega* da Romaria é o de maior afluência de fardados e visitante para os *trabalhos espirituais* da Casa no respectivo ciclo de tempo. Mais de duzentos e cinquenta pessoas ocupam os lugares na Igrejinha de São Francisco. O presidente, então, anuncia: “Vamos, meus irmãos, fazer a abertura dos trabalhos para nós cumprirmos o compromisso de entrega da romaria de são Sebastião”.

Um Pai Nosso é rezado e canta-se o hino de louvor à Virgem Mãe da Conceição. Logo após, são executados os hinos de abertura, para, desse modo, ser declarado que “os trabalhos estão abertos” e quem está presidindo-os é o Mártir Soldado Guerreiro São Sebastião. A sessão prossegue com o *cumprimento do compromisso da Romaria*, iniciada no dia 1º de Janeiro, sendo, portanto, rezadas cinco preces e cantados cinco hinos. Então, a *entrega* da Romaria é feita. E os irmãos que desejarem receber mais um pouco da *Santa Luz* podem se dirigir novamente para a fila, conforme autorização do presidente.

Os *trabalhos* avançam com o *santo corretivo* dos “salmos de comemoração” de modo a serem concluídos *os festejos de São Sebastião*, “entregando com alegria este compromisso e cumprindo um lindo mistério de luz” a bordo do *Barquinho Santa Cruz*. Na ocasião, seguiu-se um discurso do presidente no qual foi asseverado que o “Fundador, Mestre Daniel, como devoto de São Sebastião, da sagrada família e de São Francisco recebeu este compromisso das Santas Romarias”. Tratava-se, como efeito, de uma preleção para a leitura de uma narrativa hagiográfica acerca do santo de devoção homenageado.

Depois de lido o texto da história de vida santificada, o padrinho continuou seu discurso afirmando as características da missão religiosa fundada por Daniel Pereira de Mattos, um

pronto socorro espiritual composto por marinheiros e soldados, visíveis e invisíveis, que trabalham em benefício das almas encarnadas e desencarnadas, uma tripulação unida no Barco, navegando neste santo caminho de luz, chegando aos pés de Jesus e da Virgem Maria.

Reiterou também todas as atividades e obras de caridade que foram realizadas ao longo das “Santas Romarias de Mártir São Sebastião”. Além disso, rendeu graças a São Francisco, São José, Frei Daniel e Frei Manuel, como ainda mostrou gratidão pela “santa assistência dos seres de luz”. Agradeceu, assim, em nome de Frei Daniel e do Velho Pastor, o comparecimento do prefeito em exercício da cidade de Rio Branco, e, principalmente, o empenho da Irmandade no cumprimento dos *compromissos* da Casa ao “colocar cada um o ombro debaixo da cruz”.

O momento seguinte da sessão é dedicado ao pedido para o “Fundador trazer os santos missionários para consagrar os irmãos, os trabalhos de hoje e os objetos que estão sobre a

Mesa e o Altar. O *trabalho* prossegue com a execução do hino Castelo Azulado. Enfim, aproxima-se o encerramento dos *trabalhos* na igreja para continuarem os festejos no Parque. Logo, após os irmãos cantarem o bendito-oração Santo Anjo Gabriel é feita a entrega dos trabalhos. O acortinado começa a ser fechado acompanhando a cadência do hino Culto Santo, que está “fechado e aberto para sempre...!”.

As cortinas são novamente abertas e desponta, então, a enunciação do presidente que avisa: “Meus irmãos, vamos agora cantar o hino de chamada das entidades que nos dão assistência para abrir os trabalhos no Salão do Bailado”.

SALMO:	VAMOS BRINCAR	Nº 214
1	7	
Hoje a noite está tão linda Vamos todos passear No meu barquinho sem vela Sobre as águas do mar.	A vejo a Rainha das Florestas Com o seu exército à beira-mar Hoje nesta linda noite com toda alegria Vem nos apreciar.	
2	8	
Seguimos todos no barquinho Sobre as águas do mar Vamos ao Palácio da Naturna Buscar a Rainha do Mar.	O barquinho vem tão sublime Sobre as águas do mar Vem trazendo todos encantos Do céu, da terra e do mar.	
3	9	
Ela vem com alegria Para nos apreciar Com ela vêm todos encantos Para hoje aqui brincar.	Na frente vem uma bandeira Escrito Rainha do Mar Na proa vem o Príncipe formoso Na sua corneta a tocar.	
4	10	
Do Palácio da Naturna Seguimos todos a navegar No meu barquinho sem vela Com a Rainha do Mar.	Hoje aqui nesta casa Todo mundo vai brincar Com todos lindos encantos Do céu, da terra e do mar.	
5	11	
Na praia está um grande amigo Com alegria a nos esperar É o irmão Rei Girassol com todos seus encantos Que também vem brincar.	Salvemos a Deus e a Virgem Maria E São José do Arribamar Salvemos a São João Batista Que hoje vão nos abençoar.	
6	12	
Vejo o Príncipe das Águas Verdes Com sete fadas do mar A linda índia formosa Para hoje aqui brincarem.	Salve a Rainha das Florestas E a santa Rainha do Mar Salvemos a todos os encantos Do céu, da terra e do mar.	
	Coro: Seguimos todos no Barquinho Sobre as águas do mar Louvando a São João Batista E São José do Arribamar.	
Prece: Pai-Nosso e Ave-Maria		Coro: Salve a Luz

Foto 79: Página musical do Livro Azul.

Com o salmo acima reproduzido é feita a convocação para a tripulação “brincar com todos lindos encantos do céu, da terra e do mar que o barquinho vem trazendo”. O cântico apresenta saudações a essas “entidades de luz” dos *três mistérios* fundamentais na organização e percepção delas no(s) mundo(s) cosmológico(s) evocados, como, certamente, aclama as devoções da *Casa*. Sendo assim, após “o 1º ato dos louvores”, a Irmandade segue em filas para o Salão do Bailado, onde será dado o início do “2º ato dos festejos de São Sebastião”, e, então, todos “Vamos Brincar”.



Foto 80: Irmandade saindo em fila(s) a caminho do Salão do Bailado. À frente o presidente, padrinho Francisco Hipólito, e a vice-presidente, madrinha Maria Leopoldina.



Foto 81: Irmandade em fila(s). Vista da igreja para o Salão do Bailado.

Eloi: E os trabalhos... tem um na igreja e um...

Francisco Hipólito: São dois trabalhos em um só. Nas noites consagradas aos santos, por exemplo, no dia de São Sebastião, São Francisco, São José, nossa senhora da glória, nossa senhora da Conceição, dia de São João, São Pedro, o trabalho acontece em dois espaços. Um na igreja, de louvores, de comemoração, de pedidos. E o outro é o espaço do Parque, que é o bailado, onde nós temos o bailado. Os trabalhos para nós têm a mesma importância, o mesmo respeito, a mesma consideração. Os dois trabalhos para nós são da mesma seriedade. Um é sentado, todo mundo rezando e cantando. O outro é todo mundo em pé bailando e cantando também. Os dois trabalhos acontecem na mesma noite. Um abre na igreja, acontece a comemoração, fecha. E abre novamente pro Parque. Então ele abre e fecha duas vezes. Sai de um espaço pro outro, continua.

As filas de homens e mulheres saem da igreja, passando pelo Cruzeiro, para o Salão do Bailado. A fila masculina é liderada pelo padrinho Chico e a fila feminina é guiada pela madrinha Maria Leopoldina. Quando as fileiras chegam ao espaço de “dança dramática¹⁹⁶” o presidente sobe no coreto e a respectiva fileira segue conduzida por um dos Oficiais Fardados mais antigos da Casa, no caso, o irmão João de Deus. Uma terceira fila aí é formada com as crianças. E seguindo o sentido horário, contornando o espaço circular do salão, a Irmandade dispõe-se em forma e a postos para receber *reforços* e *abrir o terreiro* para *brincar* com os *encantos*. Observam-se nesse *trabalho oficial*, assim como em outros do mesmo caráter, bandeiras de cores diferentes estendidas desde a igreja até o parque. Em cada uma das doze colunas do Salão do Bailado são pendurados estandartes com as pinturas de caboclos, santos, encantos e demais entidades de luz.



Foto 82: A Irmandade adentrando no Salão do Bailado. À frente está a madrinha Maria Leopoldina e o irmão João de Deus, o mais antigo Oficial Fardado da Casa.

¹⁹⁶ Acompanho aqui Alceu Maynard Araújo inspirado em Mário de Andrade, pois foi “quem denominou danças dramáticas aos bailados populares” (2007: 45).

No coreto, local que fica no centro desse espaço, os músicos aprontam-se, juntamente com o *comandante do Barco*, para a *abertura dos trabalhos*, que, então, são iniciados com aquele líder religioso entoando:

TROCO TROCO vem chegando,
TROCO TROCO já chegou
REFORÇO EM CAVALARIA
QUE JESUS CRISTO MANDOU...

Trata-se de um “hino de reforço” que proporciona *proteção e cobertura* para o desenvolvimento dos *trabalhos espirituais* vivenciados na prática da “diversão religiosa”, ou seja, “guardando” e “defendendo” os irmãos no ato de *brincar* com os *encantos*. Dessa maneira, esse hino mostra-se como uma *chamada* das “forças em cavalarias”, que, ao percorrerem a Casa, vão “capturando e laçando seus inimigos”. Essas forças são as próprias “entidades de luz do céu, da terra e do mar” que dão assistência à Missão de Mestre Daniel sob o ideal de cavalaria medieval da “milícia de cristo” (Le Goff, 2007; Baschet, 2006). Posteriormente, a viúva do Velho Pastor, madrinha Maria Leopoldina, é quem canta os pontos de abertura do *terreiro* para os irmãos poderem, enfim, *brincar* com os *invisíveis*. Depois disso, voltam para receberem a *Santa Luz*.

Pode-se considerar, assim, lembrando Mauss (2005), que esses cantos constituem preparações de entrada na “magia” do Bailado do Centro Espírita e Culto de Oração “Casa de Jesus – Fonte de Luz”. Dessa maneira, “com a Santa Cruz Bendita, que é o símbolo da salvação, o terreiro está aberto”. Ao entrarem no *terreiro* os irmãos louvam Jesus e a Virgem Maria, onipotentes em tal universo religioso de fundamentação cristã. E, com efeito, observa-se que a cada *ponto* executado é comum que algumas pessoas saiam do espaço circular do salão e retornem para *bailar* fazendo previamente o “sinal da cruz”, traduzido pela execução de um desenho da cruz, com a mão tocando levemente a testa, em seguida o peito e, por fim, cada um dos ombros.

Ao longo da noite, do coreto será gerada a música para o Salão do Bailado, havendo alternâncias de músicos e de cantoras, sendo o irmão Adilson a voz masculina principal. Obviamente, a atividade musical é também produzida pelos “marinheiros” que bailam cantando. Os ritmos dos *pontos* são variados, notando-se a frequência do xote, da valsa, do samba, de marchinhas, etc. Existe um “livro de pontos”, que são, especificamente,

“recebidos” pelos *aparelhos* da Casa. A organização do repertório dos *pontos* que embalam a “brincadeira” com os *invisíveis* assemelha-se àquela das “linhas de umbanda” (Ortiz, 2010; Pordeus Jr. 2000), como me explicou a irmã Conceição:

Primeiramente, os pontos dos erês, que são encantos de mar, aquelas pessoas que morreram encantado, que foram encantado em boto... são esses os primeiros. Aí depois dos primeiros vêm os preto-velho... pra trabalhar... com a gente... no Parque... depois dos preto-velho vamo chamar... os preto-velho tu sabe como é... são os preto-velho que trabalha né. Eles têm a capacidade de trabalhar. Aí vamo chamar o povo da mata. Depois dos preto-velho é que vem os caboclo, os curadores, os caboclo que trabalha, que são do bem, que faz o bem, pra trabalhar, com nós ali, que nem ó a Mãe Menininha é uma preta-velha, o Pai Joaquim também é um preto-velho. O Caboclo Boiadeiro já é caboclo, de mata. O Zezinho das Águas Verdes... já trabalha três tipos de entidades né, porque ó... são os erês, trabalham não, vêm brincar com a gente.

Os *pontos dos erês*, ou seja, das “crianças encantadas”, são os primeiros a serem executados, levando em conta a diversão das crianças da Missão.

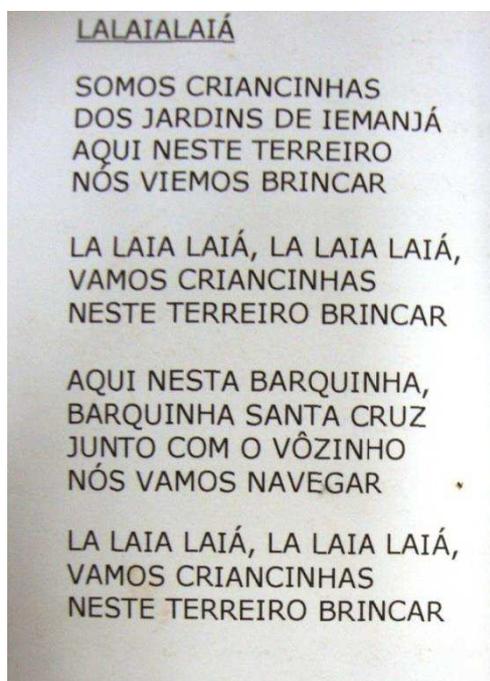


Foto 83: Ponto de erê.

Basicamente, os conteúdos dos *pontos* consistem de saudações às entidades, informam sobre suas características e a forma como *trabalham* na Casa. A dança do Bailado é circular e no sentido horário, não correspondendo a uma formação coreográfica particular.



Foto 84: Irmãos bailando com as entidades de luz.

As seqüências dos *pontos* obedecem às ordens de intuição pertinente e *irradiação* dos irmãos pelas entidades de luz, como ainda a orientação do presidente.

Adilson: Ali a gente sente a irradiação da entidade que vem trazendo aquele ponto, nós somos intuídos naquele ponto, às vezes lembrados até mesmo por alguém, não deixa de ser que a pessoa teve uma intuição, ali canta aquele, aí realmente é a hora de cantar aquele. Depende do nosso estado espiritual em termos de limpeza, em termos de preparação, que nós temos anteriormente, nós desempenhamos a nossa função melhor, às vezes mais aprimorado e outras vezes mais mecanizado.

Conceição: Por exemplo, eu to cantando os ponto das sereias aí quando é pra terminar aquele ponto, já tem outro ali esperando né, você vai cantar o meu. Porque às vezes as pessoas pedem pra cantar tal ponto, mas não é do jeito que a gente quer. Os invisível chegam, não, você vai cantar esse aqui.

O Bailado continua com os *pontos dos preto-velhos*, que *trabalham* e são reconhecidos bons curadores.

PAI LUÍS

O MEU CHAPÉU É DE PALHA,
 MINHA COROA É DE BAMBUÁ
 SOU PAI LUÍS, SOU REI DA MINHA ALDEIA,
 EU SOU CURADOR, VIM CURAR OS MALES.

EU VI O MESTRE LUÍS,
 NA C'ROA DO PAI JOAQUIM,
 EU VI SANTA BÁRBARA COROADA,
 EU VI O SENHOR DO BONFIM

MEUS FILHOS VOCÊS NÃO VIRAM NADA
 AINDA MAIS SE FOREM NO MARANHÃO
 LÁ EU FAÇO AS MINHAS GIRAS, VENÇO OS
 FEITIÇOS COM O SÍMBOLO DE SALOMÃO.

Foto 85: Ponto de preto-velho.

Esses personagens *invisíveis* fazem referência aos negros africanos e aos seus descendentes no Brasil. A maneira de bailar dos irmãos mostra-se com movimentos lentos, cada um criando improvisações coreográficas pessoais, além daqueles movimentos transmitidos mediante imitação. Os corpos *irradiados* pelas entidades desenvolvem gestos e posturas que particularizam o bailado de determinados irmãos. Importa salientar que tal contexto de dança é oportuno para o processo de *aparelhamento*, ou seja, para o desenvolvimento da mediunidade de algumas pessoas, como várias vezes observei.

Os caboclos e variados encantados que *trabalham* nos *três mistérios* apresentam-se logo em seguida para *brincar*. O termo caboclo designa o “povo da mata”, mais especificamente espíritos de índios. A irradiação de um caboclo pode vir acompanhada de urros e batidas de punhos cerrados contra o peito à guisa de saudação. Os encantados referem-se a seres que não passaram pela experiência da morte, perdendo seu corpo físico. Eles se transformaram e tomaram outra feição, uma nova forma de “ser”. Assim, o *invisível* “encantou-se”, por exemplo, num peixe ou num pássaro. Mas, o desígnio *caboclo* é um nome genérico usado também para o conjunto dos encantados.

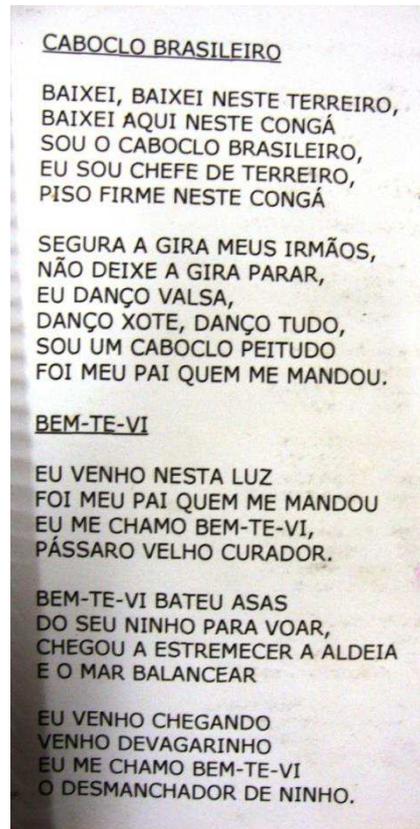


Foto 86: Pontos de caboclo.

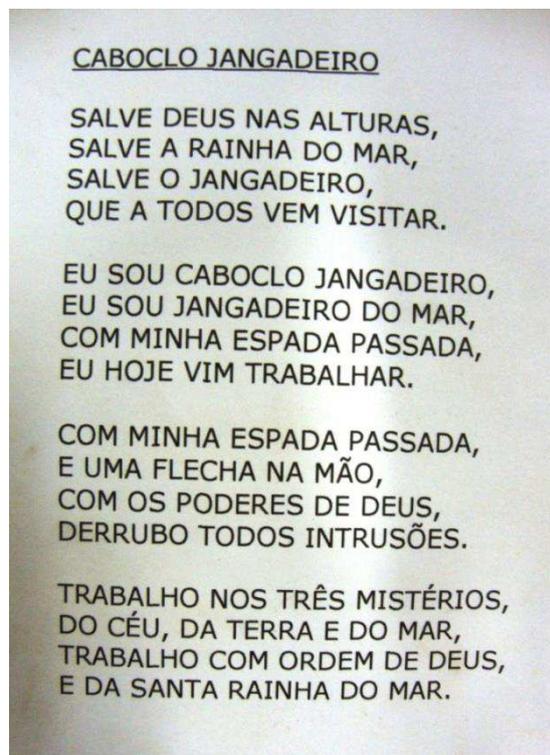


Foto 87: Ponto de caboclo.

O ritmo da dança durante esses *pontos* é mais acelerado, chamando a atenção os giros dos corpos ora para um lado, ora para outro. Assim como os preto-velhos, os caboclos também são curadores e fazem *limpeza*. E, de fato, como elucidou o *padrinho Chico*, “o Bailado também é doutrina, também é caridade exercitada na dança, no movimento do corpo irradiado pela Luz do Daime”.

Próximo da aurora do dia, então, o presidente sinaliza para o término dos *trabalhos*. Sendo assim, a Irmandade coloca-se em forma ao longo do contorno do Salão do Bailado e a madrinha Maria Leopoldina canta para a saída e fechamento do *terreiro*.

Considerações finais

Aportando o Barco

Um barco remenda o mar...

Alfred Döblin

Certa vez, Evans-Pritchard indagou “se os antropólogos têm consciência de que, ao longo de seu trabalho de campo, podem ser – e às vezes são – transformados pelo povo que estão estudando” (2005: 247). A pesquisa que apresentei é produto desse processo transformativo inspirado por minha experiência de viagem a bordo do Barquinho Santa Cruz. Ou seja, consistiu da exposição de “encontros de viagem” constituídos a partir de práticas relacionais teoricamente instrumentadas.

Busquei apresentar um estudo sobre a religiosidade de devoção praticada numa religião ayahuasqueira particular, sendo, portanto, o culto aos santos a característica definidora de sua identidade religiosa. A perspectiva adotada foi a de abordar essa irmandade de franciscanos a partir do acompanhamento dos atos rituais, cerimônias e demais atividades da vida cotidiana ligadas ao culto, percebendo a constituição de uma específica forma de interação social. Assim, considerando ao longo da investigação que “o significado é uma relação” (Barth, 2000a), permaneci atento ao contexto de realização das práticas devocionais de maneira a compreender as experiências que ali eram desenvolvidas, e, portanto, os significados pensados e comunicados pelos adeptos.

A manifestação de devoção de Daniel Pereira de Mattos ao seu santo especial propiciou a geração de uma comunalização religiosa particular¹⁹⁷. Esses “trabalhadores do mar” organizaram-se segundo o modelo das irmandades religiosas que remontam às suas congêneres medievais, com a sistematização de atos rituais particulares, ou seja, os compromissos de devoção que compõem o respectivo calendário das cerimônias religiosas. Em função de sua experiência particular de marinheiro, a inspiração criativa de Daniel evocou a metáfora ritual do Barquinho como veículo simbólico para o cumprimento da Missão, mostrando um caminho da salvação mediante atos devocionais exercitados para a prestação de obras de caridade em benefício dos vivos, mas, principalmente, como instrumento de assistência às almas.

A análise do personagem histórico Daniel Pereira de Mattos possibilitou construir a superfície social de formação do Acre e perceber as interdependências que o ligavam a outras figuras sociais da sua época. Ele estava posicionado em razão de sua bagagem pessoal de experiências, conhecimentos e disposições, o que lhe permitia intervir como agente eficiente em diferentes campos (Bourdieu, 1996b). Situei o fenômeno religioso estudado na extensão mais ampla das relações sociais e dos processos históricos (Wolf, 2003), esquadrinhando as redes de relações concernentes ao “sistema de poder” local na definição de estratégias de reconhecimento e institucionalização.

O estado de ânimo vivenciado por Daniel Pereira de Mattos junto ao culto do Daime liderado por Mestre Irineu estimulou a manifestação de uma singular inspiração visionária representada pelo Livro Azul, despertando seu “carisma” como fundador de uma nova comunidade religiosa centralizada na devoção a São Francisco das Chagas. A cura vinculada às práticas terapêuticas desenvolvidas na Capelinha de São Francisco canalizou a afluência e posterior adesão de pessoas ao Culto de Oração liderado por Daniel, que se associaram numa ação comunitária permanente e asseguraram a manutenção do culto e continuidade da revelação, à medida que o Livro Azul foi sendo “folheado”. Vale destacar a feição estética do Centro Espírita e Culto de Oração “Casa de Jesus – Fonte de Luz”, que foi criada a partir de revelações inspiradas do Livro Azul e como corolário da sensibilidade poética e lírica do seu

¹⁹⁷ Desse modo, “é a plasticidade da figura do santo, como em formas locais de apropriação, que garante sua permanência como um mediador significativo em contextos históricos distintos. A capacidade de suportar projeções e absorver significados, de transformar-se e adequar-se a demandas variadas, enfim, a plasticidade é justamente uma das características dos santos, mais ainda dos santos poderosos, isto é, daqueles que, por seu poder, foram e são ainda acionados nas mais diversas ocasiões” (Menezes, 2004: 168). Nesse sentido, por exemplo, interessante foi perceber os regozijos manifestados nas “redes sociais” por irmãos e irmãs do Centro Espírita e Culto de Oração “Casa de Jesus – Fonte de Luz” quando foi anunciado, em 13 de Março de 2013, o novo Papa, Francisco, nome adotado em referência ao santo de Assis.

Fundador. Visto assim, “devemos pensar a construção do significado na religião não como introjeção de conteúdos, mas como desenvolvimento de habilidades e sensibilidades” (Rabelo, 2010: 6).

Ao longo do estudo busquei identificar as correntes culturais que se misturaram na produção e reprodução da Doutrina de Mestre Daniel, realçando os limites que tal “mestiçagem” alcançou ao configurar-se numa nova tradição religiosa (Gruzinski, 2001). A organização das tradições culturais assumidas enquanto conteúdos do culto corresponde a um cosmos religioso “mestiço” de conformação cristã, marcando a expressão de uma forma de catolicismo popular amazônico (Galvão, 1976; Maués, 2011). À vista disso, depois de doutrinados, os diferentes gêneros de seres invisíveis e encantados ali trabalham como integrantes dos exércitos do Salvador Jesus. A centralidade da devoção aos santos orienta, portanto, o “colorido da religião” em tela, tal como diria Simmel (2006).

No Centro Espírita e Culto de Oração “Casa de Jesus – Fonte de Luz” as práticas devocionais promovem um “*habitus* religioso” específico (Bourdieu, 2007), reconhecido nesse contexto interativo e significativo de compromisso religioso como *preparo* da alma e *firmeza* na condução da vida. Os adeptos do culto percorrem um caminho da salvação por meio das experiências musicais vividas nos *trabalhos*. O enlevo do estado de ânimo engendrado envolve uma devoção de caráter místico, ou seja, uma *unio mystica* com o divino sentida na contemplação de *mistérios* que transmitem uma orientação prática em relação ao mundo.

De acordo com Barth (ibid: 127), “se vivemos em um mundo em que a realidade é culturalmente construída, temos que tentar mostrar como se geram socialmente as formas da cultura”. Então, com tal entendimento, tratei de investigar o modo pelo qual a forma de religiosidade em questão foi gerada e se reproduziu naquela cidade amazônica, Rio Branco, Acre, dimensionando, enfim, sua identidade legítima no campo religioso brasileiro (Sanchis, 1999; Steil, 2001; Negrão, 2008).

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Fátima. 2008. **Mestre Antonio Geraldo e o Santo Daime**. Rio Branco: EMPLAK.

ALMEIDA, Ronaldo de. “Religião em Transição” In: Martins, Carlos B. (coord.) e Duarte, Luiz F. D. (org). **Horizontes das Ciências Sociais**. Antropologia, São Paulo, Anpocs, 2010.

ALMEIDA, Silvia Capanema P. de. Vidas de marinheiro no Brasil republicano: identidades, corpos e lideranças da revolta de 1910. 2010. **Antíteses**, v. 3, n. esp. p. 90-114, dez.

ANDRADE, José H. Fichel de & LIMOEIRO, Danilo. Rui Barbosa e a política externa brasileira: considerações sobre a Questão Acreana e o Tratado de Petrópolis (1903). 2003. **Rev. Bras. Polít.** Int. 46 (1): 94- 117.

APPIAH, K. A. 2008. “Velhos Deuses, Novos Mundos”. In: **Na Casa de Meu Pai: a África na Filosofia da Cultura**. Rio de Janeiro: Contraponto.

ARAÚJO NETO, Francisco Hipólito et al. 2010. **No Caminho de Mestre Daniel**. Rio Branco: Ministério da Cultura/Fundação Garibaldi Brasil.

ARAÚJO, Alceu Maynard. 2004. **Medicina rústica**. São Paulo: Martins Fontes.

ARAUJO, Maria Gabriela. 1998. **Entre almas, encantos e cipó**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Campinas, Unicamp.

ARAÚJO, W. S. 1999. **Navegando Sobre as Ondas do Daime**. Campinas: Unicamp.

ASAD, Talal. 1983. “Anthropological Conceptions of Religion: Reflections on Geertz”. **Man** 18: 237-59.

ASAD, Talal. 2010. A construção da religião como uma categoria antropológica. **Cadernos de campo**, São Paulo, n. 19, p. 1-384.

BACHELARD, G. 1999. **A formação do novo espírito científico**: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Rio de Janeiro: Contraponto.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. O Barão de Rothschild e a questão do Acre. 2000. **Rev. Bras. Polít.** Int. 43 (2): 150-169.

BARRETO NETO, R. 2009. Transpondo Muros e Regras: os aprendizes marinheiros da Bahia nas ruas de Salvador (1910-1942). **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**. Volume 1, N. 2.

BARTH, F. 1981. Models of social organization. In: **Process and form in social life: selected essays of Fredrik Barth**, vol. 1. London: Routledge & Kegan Paul Ltd.

- BARTH, F. 2000a. "A Análise da Cultura nas Sociedades Complexas". In: **O Guru, o Iniciador e Outras Variações Antropológicas**. Rio Janeiro, Contra Capa.
- BARTH, F. 2000b. Entrevista. In: **O Guru, o Iniciador e Outras Variações Antropológicas**. Rio Janeiro, Contra Capa.
- BARTH, F. 2000c. **O guru e o iniciador**: transações de conhecimento e moldagem da cultura no sudeste da Ásia e na Melanésia. In: **O Guru, o Iniciador e Outras Variações Antropológicas**. Rio Janeiro, Contra Capa.
- BARTH, F. 2000d. Por um maior naturalismo na conceptualização das sociedades. In: **O Guru, o Iniciador e Outras Variações Antropológicas**. Rio Janeiro, Contra Capa.
- BARTH, F. 2000e. Metodologias comparativas na análise dos dados antropológicos. In: **O Guru, o Iniciador e Outras Variações Antropológicas**. Rio Janeiro, Contra Capa.
- BASCHET, J. 2006. **A civilização Feudal**: do ano 1000 à colonização da América. São Paulo: Globo.
- BERGER, P. 1985. **O Dossel Sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus.
- BERREMAN, Gerald. 1975. "Etnografia e controle de impressões em uma aldeia do Himalaia". In: ZALUAR, A. (org.). **Desvendando Máscaras Sociais**. Rio de Janeiro, Francisco Alves Editora.
- BITTENCOURT-SAMPAIO, Sérgio. 2010. **Negras líricas: duas intérpretes negras brasileiras na música de concerto (séc. XVIII-XX)**. Rio de Janeiro : 7Letras.
- BLACKING, John. 2007. Música, Cultura e Experiência. São Paulo: **Cadernos de Campo**. N.º 16.
- BORGES, Célia Maia. Escravos e Libertos nas Irmandades do Rosário: **devoção e Solidariedade em Minas Gerais – séculos XVIII e XIX**. 1. Ed. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2005.
- BOURDIEU, P. 1983. 'Gostos de classe e estilos de vida'. in: *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero.
- BOURDIEU, P. 1996a. A linguagem autorizada: as condições sociais da eficácia do discurso ritual. **A economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer**. São Paulo: Edusp.
- BOURDIEU, Pierre. 1996b. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da FGV.
- BOURDIEU, P. 2007. "Gênese e Estrutura do Campo Religioso". In: **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva.
- BOURDIEU, P. 2009. **O senso prático**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.

BOURDIEU, P. 2011a. "Introdução a uma sociologia reflexiva". In: **O Poder Simbólico**. Lisboa/Rio de Janeiro, Difel/Bertrand Brasil.

BOURDIEU, P. 2011b. "A Identidade e a Representação: Elementos para uma Reflexão Crítica sobre a Idéia de Região". In: **O Poder Simbólico**. Lisboa/Rio de Janeiro, Difel/Bertrand Brasil.

BOURDIEU, P. 2011c. "Espaço social e gênese das classes". In: **O Poder Simbólico**. Lisboa/Rio de Janeiro, Difel/Bertrand Brasil.

BOURDIEU, P. 2011d. *Le mort saisit le vif*. As relações entre a história reificada e a história incorporada. Lisboa/Rio de Janeiro, Difel/Bertrand Brasil.

BOURDIEU, P. 2011. "Sobre o poder simbólico". In: **O Poder Simbólico**. Lisboa/Rio de Janeiro, Difel/Bertrand Brasil.

BOURDIEU, Pierre. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Org.). **Escritos de educação**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. 2007. **Os deuses do povo**: um estudo sobre a religião popular. Uberlândia: EDUFU.

BRIGGS, Charles. 1986. **Learning how to ask**. Cambridge: Cambridge University Press.

BRISSAC, Sérgio (1999). **A Estrela do Norte iluminando até o Sul**: uma etnografia da União do Vegetal em um contexto urbano. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ/MN/PPGAS.

BRISSAC, S. 2008. **Mesa de flores, missa de flores**: os mazatecos e o catolicismo no México contemporâneo. Tese de Doutorado em Antropologia. Rio de Janeiro: Museu Nacional/UFRJ.

BURKE, Peter. 2004. O Sagrado e o Sobrenatural. In: **Testemunha Ocular**. Bauru/SP, EDUSC.

BURKE, Peter. 2010. **Cultura Popular na Idade Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras.

CANDIDO, Antonio. 2001. **Parceiros do Rio Bonito**. 9. ed. São Paulo: Editora 34.

CASCUDO, L. 1978. **Meleagro**: pesquisa do catimbó e notas da magia branca no Brasil. Rio de Janeiro, Livraria Agir Editora.

CAVALCANTI, M. 2007. Drama social: notas sobre um tema de Victor Turner. *Cadernos de campo*, São Paulo, n. 16.

CAZNOK, Yara Borges. 2008. **Entre o audível e o visível**. 2. Ed. São Paulo: Editora UNESP; Rio de Janeiro: Funarte, 2008.

CERTEAU, Michel de. 1998. **A Invenção do Cotidiano**. Petrópolis, Vozes.

- CHEROBIM, Mauro. **Trabalho e comércio nos seringais amazônicos**. Perspectivas, São Paulo. 6:101-107, 1983.
- CLIFFORD, J. 2002. **A Experiência Etnográfica**: Antropologia e Literatura no Século XX. Rio de Janeiro, UFRJ.
- CONNERTON, P. 1999. **Como as Sociedades Recordam**. Oeiras, Celta Editora.
- COSTA, Cristiane Albuquerque. 2008. **Uma casa de “preto-velho” para “marinheiros” cariocas**: a religiosidade em adeptos da Barquinha da Madrinha Chica no estado do Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais (PPGCS), Universidade Federal e Campina Grande.
- COSTA, João Craveiro. **A conquista do deserto ocidental**: subsídios para a história do território do Acre. Brasília: Senado Federal. 2005.
- CRUZ, Mariléia dos Santos, 2011. Famílias e Alunos de Origem Africana no Maranhão do Século XIX. **Cadernos de Pesquisa**. V. 41, N. 144. Set./Dez.
- CSORDAS, Thomas. 2008. A retórica da transformação no ritual de cura. In: **Corpo/Significado/Cura**. Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- DANIÉLOU, Jean. 1993. **Símbolos Cristãos Primitivos**. Porto Alegre: Kuarup.
- DAOU, Ana M^a. **A Belle Époque Amazônica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.
- DUARTE, L. F. D. 2006. Ethos privado e modernidade: o desafio das religiões entre indivíduo, família e congregação. In: DUARTE, L. F. D et al. **Família e Religião**. Rio de Janeiro: Contra Capa.
- DURKHEIM. E. 2000. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins.
- ELIAS, Norbert. 1994. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- ELIAS, Norbert. 1995. **Mozart**: sociologia de um gênio. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- EVANS-PRITCHARD, E. 2005. **Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- FERRETTI, S. 1995. **Repensando o Sincretismo**. São Paulo: Edusp.
- FERRETTI, Sergio. 2009. **Querebentã de Zomadônu**: etnografia da Casa das Minas do Maranhão. Rio de Janeiro, Pallas. 3^a Ed.
- FERRETTI, Sergio. Sincretismo e religião na festa do Divino. **Revista Antropológicas**. ano 11, volume 18(2): 105-122 (2007).

- FILORAMO, G. 2005. **Monoteísmos e Dualismos**: as religiões de salvação. São Paulo: Hedra.
- GALVÃO, Eduardo. **Santos e Visagens**. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1976. 2. Ed.
- GENNEP, A. V. 2011. **Os ritos de passagem**. Petrópolis: Vozes.
- GINZBURG, Carlo. 2006. **O queijo e os vermes**. São Paulo: Companhia das Letras.
- GINZBURG, Carlo. 2010. **Os andarilhos do bem**. São Paulo: Companhia das Letras.
- GIUMBELLI, Emerson. “Zélio de Moraes e as origens da umbanda no Rio de Janeiro”. In: V. G. Silva (org.). **Caminhos da alma: memória afro-brasileira**. São Paulo: Summus, 2002.
- GIUMBELLI, Emerson. 2003. O “baixo espiritismo” e a história dos cultos mediúnicos. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 9, n. 19, p. 247-281.
- GIUMBELLI, Emerson. 2008. A Modernidade do Cristo Redentor. **DADOS – Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, Vol. 51, no 1, pp. 75-105.
- GLUCKMAN, M. 1975. “O material etnográfico na antropologia social inglesa”. In: ZALUAR, A. (org.). **Desvendando Máscaras Sociais**. Rio de Janeiro, Francisco Alves Editora.
- GLUCKMAN, M. 1987. "Análise de uma Situação Social na Zululândia Moderna". In: FELDMAN-BIANCO, B. (Org.). **Antropologia das Sociedades Contemporâneas**. São Paulo, Global.
- GOFFMAN, E. 1988. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: LTC.
- GOFFMAN, E. 2009. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. Petrópolis, Vozes. 17^a edição.
- GOODY, Jack. 2004. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 10, n. 22, p. 329-345, jul./dez.
- GOODY, Jack. 2012. “Religião e ritual de Tylor até Parsons: o problema da definição”. In: **O mito, o ritual e o oral**. Petrópolis: Vozes.
- GOULART, S. 2004. Contrastes e continuidades em uma tradição Amazônica: as religiões da Ayahuasca. **Tese de Doutorado**. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas.
- GOULART, S. 2008. Estigmas de grupos ayahuasqueiros. In: LABATE, B. [et. al.]. **Drogas e Cultura: novas perspectivas**. Salvador, EDUFBA.
- GOULART, Sandra Lucia. 1996. **As Raízes Culturais do Santo Daime**. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. FFLCH-USP.

- GRUZINSKI, Serge. 2001. **O pensamento mestiço**. São Paulo: Companhia das Letras.
- GUERRA, Antonio Teixeira. 2004. **Estudo geográfico do território do Acre**. Documentos para a história do Acre. Brasília, Senado Federal.
- HOBBSAWM, Eric. 1984. “Introdução: a invenção das tradições. In: Hobsbawn, E. & Ranger, T. (Orgs.). **A Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- JOHNSON, Richard. 2004. O que é, afinal, Estudos Culturais? In: **O que é, afinal, Estudos Culturais?** Org. Silva, Tomaz Tadeu da. 3ª Ed. Belo Horizonte: Autentica.
- LABATE, Beatriz C. e ARAÚJO, Wladimir S. (orgs.). 2002. **O uso ritual da ayahuasca**. Campinas, SP: FAPESP/Mercado das Letras.
- LE GOFF, Jacques. 1984. Memória. In: **Enciclopédia Einaudi**, vol 1. Memória - História. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- LE GOFF, Jacques. 2007. **São Francisco de Assis**. 8ª Ed. Rio de Janeiro: Record.
- LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, Enxada e Voto**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora Nova fronteira, 1997.
- LUNA, Luis Eduardo. “Xamanismo amazônico, ayahuasca, antropomorfismo e mundo natural”. In: LABATE, Beatriz Caiuby & ARAÚJO, Wladimir Sena (orgs.). **O uso ritual da Ayahuasca**. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: FAPESP, 2002.
- MAGGIE, Yvonne. 2001. Guerra de Orixá: um estudo de ritual e conflito. Rio de Janeiro, Zahar.
- MALINOWSKI, B. 1978. **Argonautas do Pacífico Ocidental**: um relato do empreendimento de da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia. In: Os Pensadores. São Paulo, Abril Cultural.
- MARQUES, Vera Regina Beltrão & LANGE, Silvia Pandini. **Asclepio**. Revista de Historia de la Medicina y de la Ciencia, 2008, vol. LX, nº 2, julio-diciembre, págs. 75-94.
- MARTINS, José de Souza. 2002. **A imagem incomum**: a fotografia dos atos de fé no Brasil. ESTUDOS AVANÇADOS 16 (45).
- MAUÉS, R. H., 1994. Medicinas populares e “pajelança cabocla” na Amazônia. In: **Saúde e Doença, um Olhar Antropológico** (P. C. Alves & M. C. S. Minayo, orgs.), pp. 73-81. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.
- MAUÉS, Raymundo Heraldo. 2009. Catolicismo, religiosidade e cultura popular entre pescadores e camponeses na Amazônia Oriental. In: GODOI, E. P. et. al. **Diversidade do campesinato**: expressões e categorias: construções identitárias e sociabilidades, v.1/ (orgs.). São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural,

- MAUÉS, Raymundo Heraldo. 2011. **Outra Amazônia**: Os Santos e o Catolicismo Popular. Norte Ciência, vol. 2, n. 1, p. 1-26.
- MAUSS, M. 2003. "Esboço de uma Teoria da Magia". In: Sociologia e Antropologia. São Paulo, Cosac Naify.
- MAUSS, M. A Prece. 2005. In: **Ensaio de Sociologia**. São Paulo: Perspectiva.
- MAUSS, M. Ensaio sobre a natureza e a função do sacrifício. In: **Ensaio de Sociologia**. São Paulo: Perspectiva.
- MAUSS, M. 1972. Manual de Etnografia. Lisboa, Pórtico.
- MENEZES, Renata de Castro. **A dinâmica do sagrado**: rituais, sociabilidade e santidade num convento do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2004b.
- MENEZES, Renata de Castro. Celebrando São Besso ou o que Robert Hertz e a Escola Francesa de Sociologia têm a nos dizer sobre festas, rituais e simbolismo. **Religião e Sociedade**: Rio de Janeiro, 29(1): 179-199, 2009
- MERCANTE, Marcelo S. 2012. Imagens de cura: imaginação, saúde, doença e cura e na Barquinha. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.
- MILLS, W. 1972. **A Imaginação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar.
- MINTZ, Sidney & PRICE, Richard. 2003. **O nascimento da cultura Afro-Americana**. Uma perspectiva antropológica. Rio de Janeiro: Pallas: Universidade Candido Mendes.
- MONTEIRO, Clodomir da Silva. O Palácio de Juramidam, Santo Daime: um ritual de transcendência e despoluição. Dissertação de Mestrado em Antropologia Cultural, UFPE, 1983.
- MORAIS, Maria de Jesus. "**ACREANIDADE**": Invenção e Reinvenção da Identidade Acreana. Dez/2008. Tese de doutorado—Universidade Federal Fluminense.
- MOREIRA, Paulo; MACRAE, Edward. 2011. Eu venho de longe: Mestre Irineu e seus companheiros. Salvador: EDUFBA; ABESUP; São Luís: EDUFMA.
- MOREL, M. 2008. **João Cândido**: A luta pelos direitos humanos. Rio de Janeiro, ACAN. PETROBRAS. FUNDAÇÃO BANCO DO BRASIL.
- NEGRAO, L. N. 2008. Pluralismo e multiplicidades religiosas no Brasil contemporâneo. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 23, n. 2, p. 261-279, maio/ago.
- OLIVEIRA, Anderson José Machado de. 2006. **Devoção e identidades**: significados do culto de Santo Elesbão e Santa Efigênia no Rio de Janeiro e nas Minas Gerais nos Setecentos. TOPOI, v. 7, n. 12, jan.-jun. pp. 60-115.
- OLIVEIRA, J. 1988. "Os Obstáculos ao Estudo do Contato". In: 'O Nosso Governo': Os Ticuna e o Regime Tutelar. São Paulo, Marco Zero; Brasília, NCT/CNPq.

OLIVEIRA, J. 2003. “Os caxixós do Capão do Zezinho: uma comunidade indígena distante das imagens da primitividade e do índio genérico”. In: OLIVEIRA, J. & SANTOS, A. **Reconhecimento Étnico em Exame: dois estudos sobre os Caxixó.**

OLIVEIRA, R. 2002. De folha e cipó é a Capelinha de São Francisco: a religiosidade popular na cidade de Rio Branco – Acre (1945-1958). **Dissertação de Mestrado.** Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In: OLIVEIRA, Roberto Cardoso. **O Trabalho do antropólogo.** Brasília : UnB, 1998

ORTIZ, Renato. 2010. **A morte branca do feiticeiro negro: umbanda e sociedade brasileira.** São Paulo: Brasiliense.

PASKOALI, Vanessa Paula. 2002. **A cura enquanto processo identitário na Barquinha: o sagrado no cotidiano.** Dissertação de Mestrado, São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

PEREIRA, Manuel Nunes. 1979. **A Casa das Minas: contribuição ao estudo das sobrevivências do culto dos voduns, do panteão daomeano, no estado do Maranhão.** Brasil. 2ª Ed. Petrópolis, Vozes.

PEREIRA, Manuel Nunes. 1980. **Moronguêta: um Decameron Indígena.** 2ª Ed. Rio de Janeiro Ed. Civilização Brasileira. Petrópolis: Vozes.

PORDEUS, I. 2000. **Magia e Trabalho: a representação do trabalho na umbanda.** São Paulo: Terceira Margem.

PORDEUS, I. 2002. **Umbanda: Ceará em transe.** Fortaleza, Museu do Ceará.

PRANDI, R. 2001. **Encantaria brasileira: o livro dos mestres, caboclos e encantados.** Rio de Janeiro, Pallas.

QUEIROZ, **Maria Isaura Pereira de.** O Catolicismo Rústico no Brasil. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros. São Paulo: Universidade, 1968.

RABELO, Miriam. 2010. **A Construção do sentido nos tratamentos religiosos.** RECIIS – R. Eletr. de Com. Inf. Inov. Saúde. Rio de Janeiro, v.4, n.3, p.3-11.

REESINK, M. 2007. Turner, Weber e o Vidente: reflexões sobre a institucionalização de uma aparição mariana. In: **Revista de Antropologia, SÃO PAULO, USP.** V. 50, Nº 2.

REIS, João José. 1999. **A Morte é uma Festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX.** 3ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras.

SANCHIS, Pierre. 1997. O campo religioso contemporâneo no Brasil. In. ORO, Ari Pedro e STEIL, Alberto (orgs.). **Globalização e religião.** Petrópolis: Vozes.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. 2004. A prisão dos ébrios, capoeiras e vagabundos no início da Era Republicana. **TOPOI,** v. 5, n. 8, jan.- jun. pp. 138-169.

SECRETO, Maria Verônica. **Soldados da Borracha**: trabalhadores entre o sertão e a Amazônia de Vargas. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2007.

SENNETT, Richard. 2009. **O artífice**. Rio de Janeiro: Record.

SILVA, E. M. 2006. Similaridades e diferenças entre estilos de espiritualidade metafísica: o caso do Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento (1908-1943). In: ISAIA, A. C (org.). **Orixás e Espíritos**: o debate interdisciplinar na pesquisa contemporânea. Uberlândia: EDUFU.

SIMMEL, Georg. 2006. **Para a Sociologia da Religião**. Plural, revista de ciências sociais, Volume 13.

SIMMEL, Georg. 2009. A sociologia do segredo e das sociedades secretas. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, EDUFSC, Volume 43, Número 1, p. 219-242.

SIMMEL, Georg. **Ensaio sobre teoria da história**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2011.

SOBRINHO, Barbosa Lima. Prefácio à segunda edição. LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, Enxada e Voto**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora Nova fronteira, 1997.

STEIL, C. 1996. **O Sertão das Romarias**: um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa – Bahia. Petrópolis: Vozes.

2001. Catolicismo e Cultura. In: Victor Vincent Valla. (Org.). **Religião e Cultura Popular**. Rio de Janeiro: DP&A Editora.

STEIL, C. A. 2001. “Pluralismo, Modernidade e Tradição. Transformações do Campo Religioso”. In: **Ciências Sociais e Religião**. Porto Alegre, ano 3, n. 3.

STEIL, Carlos Alberto. As aparições marianas na história recente do catolicismo. In: STEIL, Carlos Alberto; MARIZ, Cecília Loreto; REESINK, Mísia Lins (orgs.). **Maria entre os Vivos**: reflexões teóricas e etnográficas sobre aparições marianas no Brasil. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

STEIL, C. & HERRERA, S. R. 2010. Catolicismo e ciências sociais no Brasil: mudanças de foco e perspectiva num objeto de estudo. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 12, n. 23, jan./abr., p. 354-393.

TAUSSIG, Michael. **Xamanismo, Colonialismo e o Homem Selvagem**: um estudo sobre o terror e a cura. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1993.

TAYLOR, Lawrence J. 1995. **Occasions of Faith**: an anthropology of irish catholics. Philadelphia, University of Pennsylvania Press.

TINHORÃO, J. R. 2012. Festa de Negro em Devoção de Branco: do Carnaval na Procissão ao Teatro no Círio. São Paulo: Unesp.

TOCANTINS, Leandro. 1973. **Formação Histórica do Acre**. Vol. 1. Rio de Janeiro, Editora Conquista.

TOCANTINS, Leandro. 1979. **Formação Histórica do Acre**. Vol 2. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro.

TOCANTINS, Leandro. 1961. **Formação Histórica do Acre**. Vol. 3. Rio de Janeiro, Editora Conquista.

TURNER, V. 1986. "Experience and its Expressions". In: TURNER, Victor & BRUNER, Edward (org.). **The Anthropology of Experience**. Urbana and Chicago: University of Illinois Press.

TURNER, V. 2005. Floresta de símbolos: aspectos do ritual Ndembu. Niterói: EdUFF.

TURNER, V. 2008a. Passagens, margens e pobreza: símbolos religiosos da Communitas. **Dramas, Campos e Metáforas: ação simbólica na sociedade humana**. Niterói, EdUFF.

TURNER, V. 2008b. Dramas sociais e metáforas rituais. **Dramas, Campos e Metáforas: ação simbólica na sociedade humana**. Niterói, EdUFF.

TURNER, V. 2008c. Peregrinações como processos sociais. **Dramas, Campos e Metáforas: ação simbólica na sociedade humana**. Niterói, EdUFF.

VICTORIANO, B. A. D. 2005. **O prestígio religioso na umbanda: dramatização e poder**. São Paulo: Annablume.

VELHO, O. 1995. "Religiosidade e Antropologia". In: **Besta-Fera. Recriação do Mundo**. Rio de Janeiro, Relume Dumará.

VERGARA, Moema de Rezende. Ciência, fronteiras e nação: comissões brasileiras a demarcação dos limites territoriais entre Brasil e Bolívia, 1895-1901. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi**. Cienc. Hum., Belém, v. 5, n. 2, p. 345-361, maio-ago. 2010.

VIANA, Larissa. **O idioma da mestiçagem: as irmandades de pardos na América Portuguesa**. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 2007.

WEBER, M. 2009. Sociologia da religião (tipos de relações comunitárias religiosas). In: **Economia e Sociedade: Fundamentos da Sociologia Compreensiva**. Brasília, Editora da Universidade de Brasília.

WEBER, M. 2010. **Sociologia das religiões**. São Paulo: Ícone Editora.

WHYTE, William Foote. 2005. **Sociedade de Esquina**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

WILKINSON, Philip. 2011. **Guia Ilustrado: Religiões**. Rio de Janeiro: Zahar.

WILLEKE, Venâncio. 1973. **São Francisco das Chagas de Canindé**. 2ª Ed. Convento de Santo Antonio.

WOLF, E. 2003. **Antropologia e Poder**: contribuições de Eric R. Wolf. In: FELDMAN-BIANCO & RIBEIRO. Brasília, Editora Universidade de Brasília; São Paulo, Editora Unicamp.

ZALUAR, Alba. 1983. **Os Homens de Deus**: um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular. Rio de Janeiro, Zahar.

Anexo nº 1



HOMENAGEM MERECIDA

A inauguração do retrato do devotado chefe acreano, coronel Antonio Anbnes Alencar, na sala da redacção desta folha. — Como acolhemos o offercimento que nos foi feito do retrato do coronel Francisco Freire de Carvalho, abnegado chefe autonomista no Juruá. — Os discursos pronunciados nessa sollemnidade. — A concorrência do povo. — Notas e parmenores discursos.

—Damos em seguida alguns nomes das pessoas que se dignaram de honrar com suas presenças essa bella festa; devido ao grande e natural movimento que se fez na occasião nos foi impossível tomar os nomes de todas essas pessôas, pelo que desde já pedimos desculpas.

Tenente Antonio Padilla, representante do dr. prefeito deste departamento; capitão Fabio Fabrizio commandante da companhia regional; coronel José Antonio de Mello, coronel Manoel Pereira Vianna, dr. Esperidião de Queiróz Lima, dr. Euzebio de Queiróz Lima, major Apollinario Guedes Lisboa, Tertuliano Pinto d'Amorim, Orestes José Gonçalves, tenente Eustachio José Carneiro, Francisco Leite, Manoel dos Anjos Pantoja, pharmaceutico Ramiro Alfonso Guerreiro, Luiz de Magalhães, Alfonso Barbosa Gestta, Cyriaco Oliveira, tenente Antonio Soares, Daniel Pereira de Mattos, Francisco Gomes da Silveira, Leonel Vinagre, Caetano Marques Vinagre, major José da Silva Gomes, Juvencio Pereira Maia, tenente Pedro de Almeida Sant'Anna, Mario Rovere, Antonio A. Pinheiro de Mesquita, Manoel Nunes da Silva por si e pelo coronel José Maria Dias Pereira, Carlos da Cruz Oliveira,

Manoel Firmino do Rego, Ananias Maia de Lima, Raymundo Balthazar, Antonio Rebello, Durval Alvares Pereira, Febrônio de Britto, tabellião Antonio Lopes Cardoso Filho, coronel Neutel Newton Maia, dr. Fabiano Alves, dr. Diniz Maceió, Antonio Toscano Fioquet, Trajano Mendes Muniz, major Honorio José Teixeira, dr. Antonio Dias dos Santos, capitão Luiz Marinho Jucá por si e pelo coronel Hyppolito Moreira, coronel João Donato de Oliveira, Guilhermre Ellery, José Marques Oliveira por si e pelo major Manoel de Albuquerque Soldon, Raphael Fernandes, Henrique A. Nogueira, Alberto Teixeira de Almeida, Arthur Silva, José Maia Filho, Guimarães & Serra, José Bendahan, major Firmino de Brito, João Jovita de Freitas, Elesbão Murinho, major Bellarmino de Mendonça Filho por si e pelo coronel Joaquim Freire da Silva, coronel José Augusto Maia, dr. Augusto Americo Santa Roza, Miguel Andriole Pastor, Salvador E. d'Oliveira, Francisco Guedes Lisboa, dr. Arthur Liguori, dr. Victorino d'Assumpção, dr. Pedro Correia de Aguiar, tenente Melchiasdes de Albuquerque Paes Barreto, João Damasceno Cavalcante, Francisco Lucas de Almeida, Antonio Febrônio de Souza, Manoel Cardoso de Medeiros por si e por A. Barros & Cia., Leon Hirsch, agrimensor Victal Moreira Jobim e Francisco Rodrigues Ligeiro.

Anexo 2

FOLHA DO ACRE

Pernambuco, 17 de Março de 1912

ANNO II—NUMERO 71

21. batalhão de infantaria

Estado-maior—Tenente-coronel comandante, Miguel Alves Maia;

Major-fiscal, Antonio de Abreu Lima;

Tenente-secretario, Ramiro de Oliveira;

Tenente quartel-mestre, Hildebrando Cabral Duarte;

Capitão cirurgião, Francisco Leão do Prado.

1.ª companhia—Capitão, Julio Melchhiades Jatahy;

Tenente, Arthur Miquelino da Cunha;

Alferes, Luiz Benevenuto Sampalo e Raymundo Lino.

2.ª companhia—Capitão, Luiz Ferreira;

Tenente, Pantaleão de Barros Freire;

Alferes, Pedro Uchôa de Albuquerque e Daniel Pereira de Mattos.

3.ª companhia—Capitão, José Ferreira de Almeida;

Tenente, Amadeu Araripe Alencar;

Alferes, José Pinheiro e Manoel Dias de Brito.

4.ª companhia—Capitão, Antonio de Almeida Pimentel;

Tenente, José Candido de Oliveira.

Anexo 3

DIRECTOR GERENTE: SERVULO DO AMARAL REDACÇÃO E OFFICINAS Rua Cunha Mattos	<h1 style="margin: 0;">FOLHA DO ACRE</h1> <p style="font-size: small;">Assignaturas: — Anno 50\$000 — Semestre 25\$000 — Trimestre 15\$000</p>	Jornal politico e noticioso SEGUNDA PHASE Publica-se semanalmente End. telegraphico: FOLHACRE
Prefeitura do Acre — Brasil	RIO BRANCO, 2 DE MARÇO DE 1927	Anno XVI — Num. 561

Intendencia Municipal de Rio Branco

Administração do Exmo. Sr. Dr. Alvaro Arnsoso de Mello Leitão

EDITAL

Em observancia ao que preceitua o art. 10 da lei n. 131, de 24 de outubro de 1925, que orçou a receita e fixou a despesa desta Municipalidade no exercicio financeiro de 1926, prorogada para vigorar no vigente exercicio pela Resolução n. 21, de 31 de Dezembro de 1926, faço publico que pela respectiva commissão lançadora do imposto de Industria e Profissão correspondente ao primeiro semestre deste anno, nesta cidade e seus suburbios, foi fornecido o mappa dos lançamentos effectuados, os quaes são os seguintes:

N. do ord.	CONTRIBUINTES	LOCAL	ESTABELECIMENTOS	IMPOSTO
52	Daniel Pereira de Mattos	"	Barbearia de 2.a	30\$000

Anexo 4

<p>DIRECTOR-GERENTE: SERVULO DO AMARAL REDAÇÃO E OFFICINAS Rua Cunha Mattos</p>	<h1>FOLHA DO ACRE</h1>	<p>Jornal político e noticioso SEGUNDA PHASE Publica-se semanalmente End. telegraphico: FOLHACRE</p>
<p>Assignaturas: — Anno 90\$000 — Semestre 25\$000 — Trimestre 15\$000</p>		
Território do Acre — Brasil	RIO BRANCO, 9 DE MARÇO DE 1927	Anno XVI — Num. 562

SOLICITADAS

PENSANDO

Pensando espio o céu de nuvens brancas
E a transparencia subita do infinito!
Quando o sól beija a terra afflicto
Baixam os passarinhos que revoam em ancias . . .

E por entre as ramagens onde as franjas
Os pequeninos ninhos escondidos
Occultos ali, de cazas contrictos
Cantam e Saúdam os céos de esperanças !

Invejo o viver dos lédos passarinhos,
Que felizes e alegres nos seus ninhos
Vivem do praser suave do carinho !

Erguendo os vós lá para onde Deus
Escuta risonho todos cantos seus
E ver-me pensando em viver sosinho ! . . .

Rio Branco, 8 de outubro d 1926

DANIEL PEREIRA MATTOS

Anexo 5

DIRECTOR-GERENTE:
SERVULO DO AMARAL

REDACÇÃO E OFFICINAS
Rua Cunha Mattos

FOLHA DO ACRE

Assignaturas: — Anno 50\$000 — Semestre 25\$000 — Trimestre 15\$000

Jornal politico e noticioso

SEGUNDA PHASE

Publica-se semanalmente

End. telegraphico: FOLHACRE

Territorio do Acre — Brasil
RIO BRANCO, 7 DE AGOSTO DE 1927
Anno XVI — Num. 583

Intendencia Municipal de Rio Branco

Administração do Exmo. Snr. Dr. Macillo Fernandes Gasto
(Concluir no proximo numero)

EDITAL

Em observancia ao que preceitua o art. 10 da Lei n. 131 de 24 de Outubro de 1925, que orçou a Receita e fixou a Despesa desta Municipalidade no exercicio financeiro de 1926, prorogada para vigorar no vigente exercicio pela Resoluçao n. 21, de 31 de Dezembro de 1926, faço publico que pela respectiva commissão lançadora dos impostos de Industria e Profissao, correspondente ao segundo semestre do corrente exercicio, foi fornecido o seguinte mappa dos lançamentos effectuados nesta cidade e seus suburbios:

MAPPA DOS LANÇAMENTOS DO IMPOSTO DE INDUSTRIA E PROFISSÃO NESTA CIDADE E SEUS SUBURBIOS NO SEGUNDO SEMESTRE DO EXERCICIO DE 1927

N.	NOME DO CONTRIBUINTE	LOCAL	ESTABELECIMENTO	Classe	Data de lançamento	N.	Importancia
55	Daniel Pereira de Mattos			Barbearia	2.a		140' 30\$000

Anexo 6

DIRECTOR-GERENTE:
SERVULO DO AMARAL

REDACÇÃO E OFFICINAS
Rua Cunha Mattos

FOLHA DO ACRE

Assignaturas: — Anno 50\$000 — Semestre 25\$000 — Trimestre 15\$000

Jornal politico e noticioso

SEGUNDA PHASE

Publica-se semanalmente

End. telegraphico: FOLHACRE

Territorio do Acre — Brasil
RIO BRANCO, 9 DE OUTUBRO DE 1927
Anno XVI — Num. 592

Contracto de casamento

O sr. Daniel Pereira Mattos, conhecido artista-cabellereiro, participou-nos o seu ajuste de casamento com a senhorita Maria do Nascimento, a realizar-se no dia 24 de dezembro proximo.

Anexo 7

DIRETOR GERENTE: SERVULO DO AMARAL REDACÇÃO E OFFICINAS Rua Cunha Mattos	<h1>FOLHA DO ACRE</h1>	Jornal político e noticioso SEGUNDA PHASE Publica-se semanalmente End. telegraphico: FOLHACRE
---	------------------------	--

Assignaturas: — Anno 50\$000 — Semestre 25\$000 — Trimestre 15\$000

Territorio do Acre — Brasil RIO BRANCO, 26 DE OUTUBRO DE 1927 Anno XVI — Num. 595

Intendencia Municipal de Rio Branco

Administração do Exmo. Sr. Dr. Marcilio Fernandes Basto

EDITADO

De ordem do Exmo. Sr. Dr. Intendente Municipal, convido os senhores contribuintes dos impostos de Industria e Profissão, Predial e Taxa Sanitaria, relativos aos 1.º e 2.º semestre do corrente exercicio, constantes da relação abaixo, a virem a esta Thesouraria pagar os referidos impostos dentro do prazo de quinze dias ou se verem ser executados, findo este prazo.

Relação:

Imposto de Industria e Profissão

Raymundo Thomé Rocha	Casa comm. de 7. ^a classe	100\$000
A. Rodrigues & Moraes	Idem idem de 8. ^a	50\$000
Emilia Ferreira de Souza	Botequim de 2. ^a	150\$000
Daniel Pereira de Mattos	Barbearia de 2. ^a	60\$000
	Casa comm. de 5. ^a	450\$000

Anexo 8



**CENTRO ESPÍRITA E CULTO DE ORAÇÃO
CASA DE JESUS - FONTE DE LUZ
Vila Ivonete - Rio Branco - Acre**

Pai-Nosso

Pai Nosso, que estais nos céus,
Santificado seja o Vosso nome;
Venha a nós o Vosso reino
Seja feita a Vossa vontade,
Assim na terra como no céu.

O pão nosso de cada dia nos dai hoje;
Perdoai-nos as nossas dívidas
Assim como nós perdoamos aos nossos devedores
Não nos deixeis cair em tentações.
E livrai-nos do mal. Assim seja.

Ave-Maria

Ave, Maria, cheia de graça,
O Senhor é convosco;
Bendita sóis vós entre as mulheres
Bendito é o fruto do Vosso ventre, Jesus.

Santa Maria, Mãe de Deus,
Rogai por nós, pecadores,
Agora e na hora
De nossa morte. Amém.

Salve Rainha

Salve, ó Rainha, Mãe de misericórdia,
Vida, doçura e esperança nossa, salve!
A vós bradamos os degredados filhos de Eva.
A vós suspiramos, gemendo e chorando
Neste vale de lágrimas.

Eia, pois, advogada nossa,
Esses vossos olhos misericordiosos nos volvei,
Depois deste desterro mostrai-nos Jesus,
Bendito é o fruto do vosso ventre.

Ó clemente, ó piedosa, ó doce sempre Virgem Maria.
Rogai por nós, Santa Mãe de Deus.
Para que sejamos dignos de alcançar
As promessas de Cristo para sempre, Amém.

Credo

Creio em Deus Pai Todo-Poderoso,
Criador do céu e da terra;
Creio em Jesus Cristo,
Um só seu Filho, nosso Senhor;
O qual foi concebido do Espírito Santo;
Nasceu de Virgem Maria,
Padeceu sob o poder de Pôncio Pilatos,
Foi crucificado, morto e sepultado;
Desceu aos infernos;
Ao terceiro dia ressurgiu dos mortos
Subiu ao céu,
Está sentado à direita de Deus Pai Todo-Poderoso,
Donde há de vir a julgar os vivos e os mortos.

Creio no Espírito Santo;
Na Santa Lei Cristã;
Na comunhão dos Santos;
Na remissão dos pecados;
Na ressurreição da carne
E em uma vida eterna para todos os séculos. Amém.